

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

**AS EXPECTATIVAS FORMATIVAS DOS
ESTUDANTES DO CURSO NORMAL DO
COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE**

Patrícia Bonow Fassbender Wille

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Angelita Hentges

Pelotas - RS
Novembro/2020

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

AS EXPECTATIVAS FORMATIVAS DOS ESTUDANTES DO CURSO NORMAL DO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE

Patrícia Bonow Fassbender Wille

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Formação de Professores
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angelita Hentges

Membros da Banca:

Prof.^a Dr.^a Angelita Hentges - (Orientadora – CaVG/IFSul)

Prof.^a Dr.^a Maria Laura Brenner de Moraes - (CaVG/IFSul)

Prof. Dr. Marcos André Betemp's da Silva - (CaVG/IFSul)

Prof. Dr. Fernando Treptow Brod - (CaVG/IFSul)

Prof.^a Dr.^a Sirlei de Loudes Lauxen - (UNICRUZ)

Pelotas - RS

Novembro/2020

Dedico...

Ao meu pai Leomar Fassbender que me ensinou que o bem mais precioso que podemos deixar a uma pessoa é a Educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por estar comigo em todos os momentos, por nunca me abandonar, me amar incondicionalmente, me fazer sua filha. A Ele toda honra e glória.

Aos meus pais Leomar e Lia pela vida, me amarem e me ensinarem que a honestidade, ética devem se fazer presente no nosso cotidiano. Por acreditarem que somente a Educação pode transformar o mundo, pelo incentivo a estudar e lançar voos aos meus sonhos.

Ao meu filho amado Arthur, meu amor incondicional, concretização de um sonho. Pela paciência e espera nas horas de estudo, por me apoiar e sonhar com a “mãe mestre”. Ao meu esposo Tércio, pelo amor, compreensão e paciência nesta jornada.

As minhas irmãs Aline e Tatiane, pela amizade e confidências, pelo incentivo e amor. A minha amiga Márcia Pereira, pela amizade, confidências e por me auxiliar na filmagem e fotografias dos encontros formativos.

A minha amada orientadora Prof.^a Angelita Hentges, por me escolher como sua orientanda. As pessoas não entram em nossas vidas por acaso, entram para acrescentar e somar, e como tu somaste na minha. Obrigada por tua acolhida, dedicação, incentivo, conhecimento, respeito, por acreditar em mim, mesmo quando eu duvidei. Te tornaste mais que uma orientadora, uma amiga.

Minha gratidão aos professores Dr^a Sirlei de Loudes Lauxen, Dr^a Maria Laura Brenner de Moraes, Dr. Fernando Treptow Brod, Dr. Marcos André Betemp's da Silva, membros da banca de Qualificação e Defesa de Mestrado pelo carinho, incentivo, conselhos, sugestões e interesse em contribuir no projeto.

Agradecer ao Campus Visconde da Graça (CaVG) - IFSul e ao Programa PPGCITED por aceitar minha participação e construir neste período aprendizagens significativas.

Aos meus colegas de mestrado, pelo aprendizado e trocas, em especial Fabiane e Sandra pelo carinho e amizade além dos bancos acadêmicos.

A todos os professores do Curso, Angelita, Maria Laura, Rita, Vitor, Nelson, Marcos, Fernando, Amauri, Cláudia e Raimundo pelo esforço e dedicação para que tivéssemos momentos de aprendizagem e troca de conhecimentos. Ao professor e cunhado Cristiano Buss por me apresentar a este programa de Pós-graduação.

Aos colegas e amigas(os) de orientação, Fabiane, Marilei, William, Lúcia, Marina, Eliana, Renê, pelas interações acadêmicas e pessoais, reuniões de estudo e trocas, que contribuíram para tornar o convívio prazeroso e de aprendizagem na trajetória de mestrado.

Ao Colégio Municipal Pelotense, por ser esta escola tão amada e fundamental na minha vida. A equipe diretiva, em especial Maria Graciane Pereira minha coordenadora geral, pelo companheirismo e amizade.

Aos professores e alunos do Curso Normal Anos Iniciais, por acreditarem no meu trabalho enquanto coordenadora e incentivo na pesquisa.

E em especial aos meus amados alunos e sujeitos da pesquisa, pela participação, carinho, afeto e acreditarem neste projeto e por participarem dos cinco encontros formativos/investigativos com alegria e colaborarem tanto comigo, tornaram viável a realização desta pesquisa.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, muito obrigada!

Gratidão!

Quando saio de casa para trabalhar com os alunos,
não tenho dúvida nenhuma de que,
inacabados e conscientes do inacabamento,
abertos à procura, curiosos, entre "programado vírgula,
para aprender", exercitar emos tanto mais e
melhor a nossa capacidade de aprender e
de ensinar quanto mais sujeito e
não puro os objetos do processo nós passamos.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, visando uma formação para atender as demandas da educação e sociedade atual. Os sujeitos de pesquisa foram vinte e um estudantes do Curso Normal a nível médio, que ingressaram nos anos de 2016, 2017 e 2018. Essa investigação tem como problema de pesquisa: Quais as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal, do Colégio Municipal Pelotense? A pesquisa foi de cunho qualitativo através de um estudo de caso. Foram realizados cinco encontros formativos, que auxiliaram a conhecer as concepções de educação, de professor e os projetos profissionais dos estudantes, assim como veem o Curso Normal. Nestes encontros foram realizados filmagens e registros fotográficos, após a degravação que auxiliou nas análises dos dados, emergentes das falas dos estudantes. Com o aporte teórico de Pimenta, sobre a identidade do professor; Marx, Hegel, Tardiff, Azzi sobre profissão e trabalho docente; Tardiff, Lessard, Zabala sobre o trabalho docente e escola; Freire e Tardiff para os saberes necessários a prática docente. O produto educacional resultante é a Sequência Didática: Encontros formativos/investigativos - As expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal, de forma impressa. Podemos concluir que as expectativas formativas dos estudantes são além de tornarem-se excelentes professores, com conhecimento teórico e metodológico, através das práticas pedagógicas, consideram um bom profissional o professor afetivo, amoroso com seus alunos. Acreditamos que esta pesquisa irá impactar na formação dos nossos estudantes, pois o corpo docente do Curso conhecerá seus estudantes e seus planos profissionais, qualificando a formação deste futuro professor/a.

Palavras-chave: Curso Normal, expectativas formativas, formação docente.

ABSTRAT

This research aims to analyze the formative expectations of the students of the Normal Course Qualification Early Years at Colégio Municipal Pelotense, aiming at a training to meet the demands of education and society today. The research subjects were twenty-one students of the Normal Course at medium level, who entered in the years 2016, 2017 and 2018. This research has the research problem: What are the training expectations of the students of the Normal Course, of the Colégio Municipal Pelotense? The research was of a qualitative nature through a case study. Five training meetings were held, which helped to understand the concepts of education, teacher and students' professional projects, as well as see the Normal Course. In these meetings, filming and photographic records were made, after the recording, which helped in the analysis of the data, emerging from the students' statements. With Pimenta's theoretical contribution, on the teacher's identity; Marx, Hegel, Tardiff, Azzi on profession and teaching work; Tardiff, Lessard, Zabala on teaching and school work; Freire and Tardiff for the knowledge necessary for teaching practice. The resulting educational product is the Didactic Sequence: Formative / investigative meetings - The formative expectations of students in the Normal Course, in print. We can conclude that the students' training expectations are in addition to becoming excellent teachers, with theoretical and methodological knowledge, through pedagogical practices, they consider a good professional the affective teacher, loving with his students. We believe that this research will impact the training of our students, as the faculty of the Course will know their students and their professional plans, qualifying the training of this future teacher.

Keywords: Normal Course, formative expectations, teacher training.

LISTA DE FIGURAS

Figura1- Colégio Municipal Pelotense	40
Figura 2- Eu sou gato pelado	42
Figura 3- Folder dos 25 anos do Curso Normal	48
Figura 4- Convite para os Encontros Formativos	60
Figura 5- Organização da Sala 1º Encontro	64
Figura 6:Organização da Sala 1º Encontro	65
Figura 7- Objetos para Dinâmica da Caixa	65
Figura 8- Pedagoglanche 1º Encontro	69
Figura 9- Pedagoglanche 1º Encontro	70
Figura 10:Mimo entregue aos estudantes	70
Figura 11- Livro: Quatro Mãos- Marilda Castanha	71
Figura 12- Pesquisadora contando a história: Quatro Mãos	71
Figura 13- Dinâmica da Caixa com objetos	77
Figura 14- Dinâmica da Caixa com objetos	77
Figura 15- Patrícia- Protetor solar, álcool e Fuleco	79
Figura 16- Susane- Pazinha de areia, bola e pipoca	80
Figura 17- Nathália- Leão e mamadeira	81
Figura 18- Shaiane- Sullivan, porta-retrato e flauta	82
Figura 19- Bruna- Cofrinho, porta-retrato, fone de ouvido, pirulito e injeção	83
Figura 20- Andriele- Mola maluca, escova e controle de vídeo game	84
Figura 21- Francisca- Barbie e livro de história	84
Figura 22- Daniela- Barbie, livro de história e livro de receitas	85
Figura 23- Jaqueline- lápis de cor e canetinha, alfabeto em EVA e caneta	86
Figura 24- Ketlin- Vareta, caderno de desenho e Florzinha	87
Figura 25- Lembrete para o 2º Encontro	90

Figura 26- Diário de Bordo	91
Figura 27- Registro do 1º Encontro	91
Figura 28- Painel das Memórias da Infância	93
Figura 29- Organização da Sala 2º Encontro	93
Figura 30- Livro: A árvore generosa	93
Figura 31- Pesquisadora Contando a História: A árvore generosa	94
Figura 32- Pedagoglanche 2º Encontro	94
Figura 33- Pedagoglanche- Partilhar o alimento e histórias	94
Figura 34- Estudantes	95
Figura 35- Estudantes	95
Figura 36- Estudantes	95
Figura 37- Patrícia	103
Figura 38- Bruna Persch	104
Figura 39- Vitória	106
Figura 40- Jaqueline	107
Figura 41- Shalize	109
Figura 42- Susane	111
Figura 43- Francisca	112
Figura 44- Ketlin	114
Figura 45- Pâmela	115
Figura 46- Haryn	115
Figura 47- Naiara	116
Figura 48- José	117
Figura 49- Nathália	118
Foto 50- Helen	120
Foto 51-Shaiane	122
Figura 52- Diuliana	123

Figura 53- Luísa	124
Figura 54- Cassandra	125
Figura 55- Lauren	126
Figura 56- Registro do 2º Encontro	128
Figura 57- Organização da sala 3º Encontro	129
Figura 58- Livro: O Grúfalo- Julia Donaldson	130
Figura 59- Pesquisadora contando a história: O Grúfalo	130
Figura 60- Pedagolanche 3º Encontro	130
Figura 61- Pedagolanche 3º Encontro	131
Figura 62- Estudantes escrevendo suas expectativas	137
Figura 63- Estudantes escrevendo suas expectativas	137
Figura 64- Estudantes escrevendo duas expectativas	138
Figura 65- Estudantes escrevendo duas expectativas	138
Figura 66- Estudantes escrevendo duas expectativas	138
Figura 67- Estudantes escrevendo duas expectativas	139
Figura 68- Painel com as Expectativas sobre o Curso Normal	142
Figura 69- Registro do 3º Encontro	142
Figura 70- Organização da sala do Curso Normal 4º Encontro	144
Figura 71- Pedagolanche 4º Encontro	144
Figura 72- Livro: Maria vai com as outras	144
Figura 73- Pesquisadora Contando a História: Maria vai com as	145
Figura 74- Corda com “nós”	148
Figura 75- Corda com os “nós” desfeitos	148
Figura 76- Dinâmica dos “nós”	154
Figura 77- Dinâmica dos “nós”	155
Figura 78- Dinâmica dos “nós”	155
Figura 79- Dinâmica dos “nós”	155

Figura 80- Dinâmica dos “nós”	156
Figura 81- Estudantes desenhando	156
Figura 82- Estudantes desenhando	157
Figura 83- Estudantes desenhando	157
Figura 84- Estudantes desenhando	157
Figura 85- Desenhos das estudantes- Materialização da dinâmica dos “nós”	158
Figura 86- Registro do 4º Encontro	159
Figura 87- Pedagogolanche 5º Encontro	161
Figura 88- Pedagogolanche 5º Encontro	161
Figura 89- Pedagogolanche 5º Encontro.....	162
Figura 90- Livro: O catador de Pensamento	162
Figura 91- Pesquisadora contando a História: O catador de Pensamentos	163
Figura 92- Linha do Tempo no período da pesquisa	164
Figura 93- Painei: O Curso Normal pra mim é...	169
Figura 94- Estudantes realizando a atividade: O Curso Normal pra mim é...	169
Figura 95- Estudantes realizando a atividade: O Curso Normal pra mim é...	170
Figura 96- Estudantes realizando a atividade: O Curso Normal pra mim é...	170
Figura 97- Painei: O Curso Normal pra mim é.....	171
Figura 98- Pedagogolanche- Confraternização	182
Figura 99- Confraternização	182
Figura 100- Confraternização	183
Figura 101- Registro do 5º Encontro	183
Figura 102- Gratidão aos 21 estudantes que participaram da pesquisa	184

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Escolaridade dos Pais	186
Gráfico 2- Escolaridade das Mães.....	186
Gráfico 3- Possuem Irmãos.....	187
Gráfico 4- Deslocamento para Escola.....	187
Gráfico 5- Recordações da Escola.....	188
Gráfico 6- Reprovação Escolar.....	188
Gráfico 7- Reprovação Escolar por série/ano:.....	189
Gráfico 8- Ano de Ingresso no Curso Normal.....	189
Gráfico 9- Idade de Ingresso no Curso Normal	190
Gráfico 10- Estudantes trabalhadores	191
Gráfico 11- Salário auxilia na renda familiar.....	191
Gráfico 12- Renda familiar.....	192
Gráfico 13- Hábito de Estudo	192
Gráfico 14- Uso da Internet	193

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Símbolos do Colégio Municipal Pelotense	42
Tabela 2- Base Curricular do Curso Habilitação ao Magistério – 1992	45
Tabela 3- Base Curricular do Curso Normal Anos Iniciais – Em extinção em 2020	49
Tabela 4- Base Curricular do Curso Normal Anos Iniciais	51
Tabela 5- Base Curricular do Curso Normal Anos Iniciais – Aproveitamento de Estudos.	53
Tabela 6- Frequência dos estudantes nos Encontros Formativos/Investigativos	62

LISTA DE ABREVIATURAS

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

CMP- Colégio Municipal Pelotense

SMED- Secretaria Municipal da Educação

UFPEL- Universidade Federal de Pelotas

FAE- Faculdade de Educação

CAVG- Centro Agrícola Visconde da Graça

IFSUL- Instituto Federal Sul-Rio-grandense

PPGCITED- Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologia

CERENEPE- Centro de Reabilitação de Pelotas

PPT- Preparação para o trabalho

PNAIC- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

PAVE- Programa de Avaliação da Vida Escolar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA	18
1.2 O CONTEXTO DA PESQUISA	20
1.3 POR DENTRO DA PESQUISA	23
2 DIFERENTES OLHARES SOBRE O CURSO NORMAL	24
3 PERSPECTIVA TEÓRICA	27
3.1 DE ALUNO A PROFESSOR: IDENTIDADE DE PROFESSOR	29
3.2 PROFISSÃO/ TRABALHO DOCENTE	31
3.3 TRABALHO DOCENTE E ESCOLA	34
3.4 SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA DOCENTE	35
4 COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE E CURSO NORMAL	40
4.1 COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE:	40
UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E TRAJETÓRIA	40
4.2 CURSO NORMAL HABILITAÇÃO ANOS INICIAIS DO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE	43
5 TRILHANDO CAMINHOS... PERCURSO METODOLÓGICO	55
5.1 PESQUISA QUALITATIVA	57
5.2 ESTUDO DE CASO	59
6 ENCONTROS FORMATIVOS/INVESTIGATIVOS	60
6.1 DESCRIÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO FORMATIVO:	63
6.2 DESCRIÇÃO DO SEGUNDO ENCONTRO FORMATIVO	92
6.3 DESCRIÇÃO DO TERCEIRO ENCONTRO FORMATIVO	128
6.4 DESCRIÇÃO DO QUARTO ENCONTRO FORMATIVO	143
6.5 DESCRIÇÃO DO QUINTO ENCONTRO FORMATIVO	160

7 TRAJETÓRIA FORMATIVA/INVESTIGATIVA- DISCUTINDO E ANALISANDO OS DADOS	185
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS	215
APÊNDICES.....	218
Apêndice 1	219
Apêndice 2.....	220
Apêndice 3.....	221
QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL- Google Formulário.....	221
Apêndice 4.....	224
Apêndice 5.....	225
TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM.....	225

1 INTRODUÇÃO

1.1 HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA

Como falar em histórias de vida e memórias de infância sem falar das memórias que foram tecidas ao longo da minha vida pessoal e profissional?

Lembro-me daquela garotinha que, aos 6 anos, queria muito ir para escola; a ansiedade era tamanha, mas como morava no interior - colônia de Pelotas -, não havia turma de pré-escola. E mais, ela completaria 7 anos no final do ano, seus pais e a escola acharam melhor esperar o próximo ano para que ela entrasse na 1ª série, junto com sua prima 3 meses mais nova.

E chegou o tão sonhado ano letivo de 1986. Ao fechar seus olhos, consegue ver a roupa do seu primeiro dia de aula, um conjuntinho branco e vermelho que usava, consegue sentir o cheiro da borracha que a fazem rememorar a leitura das primeiras palavras e textos, além dos gostos e sabores das merendas.

Essa garotinha queria aprender sempre mais e era muito rápida em tudo que fazia, reclamação das professoras, além de gostar muito de falar. Em seus boletins dizia: “Excelente aluna, necessita conversar menos”. Os anos foram se passando, continuava sendo estudiosa e rápida para aprender. Chegou o 2º grau e seu sonho era estudar no Colégio Municipal Pelotense. Fez teste e passou em PPT (Preparação para o Trabalho). E o Curso Normal? Ela não o fez! Ela ficou sabendo que existia o Curso, mas não desejava ser professora aos 15 anos. No 3º do 2º grau, foi convidada para trabalhar como estagiária/professora no CERENEPE. Aos 17 anos, teve sua primeira turma. Era, também, o momento de escolher o curso para o qual prestaria vestibular, e não teve nenhuma dúvida: Pedagogia!

Sua trajetória como professora começou em 1996 e não parou mais. Passou em 9º lugar no vestibular na UFPEL, o qual era bem concorrido. Durante a faculdade continuou trabalhando no CERENEPE e assumiu o desafio de alfabetizar. Na conclusão do Curso, foi convidada pela Secretaria Municipal de Educação de Pelotas para assumir a direção de uma Escola Infantil do município. Sua função era administrativa e pedagógica.

Realizou sua Especialização na FaE- UFPEL, em Educação Popular. Por sua atuação na direção da Escola, em 2004, foi convidada para compor o corpo docente do

Curso Normal Habilitação Educação Infantil. Um sonho concretizado! Seu sonho, ao se tornar professora, era atuar na formação de outros professores.

Ingressou no Curso Normal no seu primeiro ano de criação e continua até os dias de hoje. Já atuou dois anos como coordenadora desta Habilitação também. Em 2009, ingressou no tão sonhado mestrado no PPGE-UFPEL na linha de Filosofia da Educação, programa muito disputado na cidade. Realizou todas as disciplinas obrigatórias, algumas optativas, qualificou o seu projeto de mestrado. E a defesa? Ela não foi aprovada. Como assim, não foi aprovada? A banca da qualificação e a da defesa não foi a mesma. Assim, consideraram que em seu trabalho havia autores uma fundamentação teórica que não concordava com o referencial teórico banca. E o que a garotinha fez? Chorou muito e achou que era incapaz de produzir algo bom.

Neste ano, foi convidada pela mesma Universidade para atuar como Formadora do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), onde atuou do início ao final do Programa como Formadora e Supervisora Pedagógica. Sim! Ela foi a única supervisora do Programa sem ter doutorado ou mestrado. Mas por quê? Mesmo não tendo o reconhecimento acadêmico, ela teve o reconhecimento profissional de seus colegas, alunos e das secretarias de educação dos dois municípios em que atuou: Capão do Leão e Pelotas. Mas entre todo esse emaranhado em sua vida acadêmica, foi, em 2010, convidada pela direção do Colégio Municipal Pelotense para ser a coordenadora do Curso Normal Anos Iniciais. Simplesmente, apaixonou-se pelo Curso, pelos alunos e pela perspectiva de auxiliar na formação de novos professores de anos iniciais.

Essa garotinha foi convidada para palestrar em diversos lugares e cidades e, procurava levar a importância do conhecimento na vida do ser humano, mas queria distância da academia. Em 2017, seu cunhado e professor do CAVG-IFSUL Prof. Cristiano Buss falou que havia vagas para aluno especial no mestrado profissional do PPGCITED- CAVG. Mesmo insegura, mas acreditando no seu currículo e no seu trajeto profissional, fez sua inscrição na disciplina de Discurso do Sujeito Coletivo com o Prof. Fernando Treptow Brod. Ela realizava todas as leituras, fazia todas as atividades com muito entusiasmo. E o que aconteceu? A garotinha percebeu que, apesar de ter uma experiência acadêmica negativa no passado, isso não determinaria quem ela seria no futuro. Fez outra disciplina optativa no semestre seguinte, com o Prof. Marcos Betemp's. Ela quis ler o maior livro para realizar um importante trabalho, para desespero de suas colegas de grupo. Sentiu-se confiante e realizou a seleção de

mestrado para linha: Formação de Professores no ano de 2018. Passou em 1º lugar na sua linha de pesquisa. Que alegria!!! Foi escolhida por uma orientadora dedicada, determinada, estudiosa, detentora de um saber imensurável e ainda por cima humana, que a acolheu e a entendeu em todas suas fragilidades e forças.

Mas porque contar a história da garotinha? Porque ela transformou sua história, correu atrás e batalhou por todos os seus sonhos. Muitos caminhos foram tão difíceis, mas ela não desistiu. Durante as aulas do mestrado, pode aprender e debater sua concepção de mundo, educação e vida. Pode qualificar seu trabalho com a banca que escolheu com auxílio de sua orientadora, quatro excelentes professores. Mas como toda história de vida, nesse processo teve a morte repentina do primeiro homem e amor de sua vida, seu pai, aquele que sempre dizia que o maior bem que ele poderia dar a ela, era a Educação!

E agora? Agora a garotinha está defendendo sua dissertação de mestrado, para orgulho de seu pai e para provar para ela mesma que ela é capaz, que possui um potencial incrível, o potencial que seus alunos sempre disseram, mas que muitas vezes ela duvidou.

Então apresento para vocês aquela garotinha que se chama Patrícia Bonow Fassbender Wille, tem 42 anos, é apaixonada pela vida, pelo seu filho Arthur e por sua profissão e que defende a permanência do Curso Normal com todas as suas forças.

A partir de agora, a garotinha dará voz a uma mulher que se fortificou ao longo deste processo, que está em constante processo de construção e transformação.

1.2 O CONTEXTO DA PESQUISA

A presente dissertação analisa as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, procurando identificar elementos basilares de ações, com vistas a qualificação no processo formativo oferecido. As qualificações no processo formativo entendemos como metodologias e estratégias que proporcionem o desenvolvimento integral dos estudantes frente às escolhas na profissão que se inicia; o que implica conhecer quem são esses estudantes e suas expectativas formativas acerca da educação e do ser professor/a.

O Curso Normal¹ do Colégio Municipal Pelotense, possui duas modalidades: 1) ensino médio concomitante com o Curso Normal; 2) aproveitamento de estudos, para estudantes que já possuem ensino médio.

O Curso Normal como primeira instrução do professor, a nível médio, inquestionavelmente declarado na LDB 9394/96, como formação mínima para atuação com classes de 1º a 5º ano dos anos iniciais, é uma das bases da formação inicial do docente por ter como características auxiliar o estudante na construção do seu conhecimento, no desenvolvimento de sua criticidade, no seu processo reflexivo bem como na construção de uma formação profissional sustentada por uma forte relação entre a teoria e a prática.

O Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, no ano de 2020, completou 28 anos de existência. No decorrer desses anos, como consequência de mudanças políticas, sociais e econômicas vividas em nosso país, muitas alterações ocorreram no Curso e nas expectativas dos estudantes que acedem.

Diante das referidas mudanças, das necessidades impostas nos dias atuais ao trabalho docente derivam-se as seguintes questões: os professores conhecem os estudantes presentes no Curso? Os professores identificam as necessidades e desejos dos estudantes impostos pelo nosso tempo? Consideram em seu fazer docente, os desafios necessários a serem enfrentados, seja em relação à realidade escolar, seja aos processos de formação profissional? Frente ao exposto, surge como problema de pesquisa: quem são os estudantes do Curso Normal? Como percebem o processo de constituir-se docentes? Mais especificamente: quais as expectativas formativas dos estudantes do curso normal, do Colégio Municipal Pelotense?

Esta investigação justifica-se no entendimento de que a formação inicial dos professores é fundamental para a qualidade na educação. Segundo o Regimento do Curso Normal, o mesmo visa à qualificação deste profissional, oportunizando situações de ensino e aprendizagem, de produção coletiva e de socialização do conhecimento, com forte fundamentação teórica e prática; visando uma prática pedagógica inovadora

¹ Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017)

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios.

e crítica. No mesmo sentido, valoriza os saberes cotidianos como fonte de uma prática investigativa, possibilitando através da experiência da pesquisa, a compreensão, a intervenção e a transformação da realidade. Portanto, se faz necessário conhecer este estudante, sua visão de mundo e educação, que futuramente será um professor atuando na educação básica.

A escolha por esta temática surgiu das inquietudes que tenho, há dez anos como professora e coordenadora do Curso Normal Anos Iniciais. Inquietudes estas, de saber quem são estes alunos e do que esperam ao ingressar no Curso Normal. Estas percepções foram constatadas empiricamente, que é preciso conhecer quem está querendo ser professor nos dias atuais, frente a todos os desafios postos à profissão, assim como a sua crescente desvalorização.

Desde 2004 atuo como professora no Colégio Municipal Pelotense no Curso Habilitação Educação Infantil e, em agosto de 2010, fui convidada pela direção daquela gestão para atuar também como coordenadora do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais. Foi um grande desafio assumir a coordenação de um Curso com 18 anos de história, reconhecido no município por formar professores e, a partir de 2011, comecei a atuar também como professora desta mesma Habilitação.

Nestes dez anos atuando como coordenadora, muitas inquietações me acompanham. Houve muitas mudanças no mundo, na política, na economia, na sociedade bem como na escola e nas expectativas e perfil dos estudantes que ingressam no Curso Normal. Mas percebo que trabalhamos como se o perfil dos estudantes ainda fosse da década de 90. Precisamos ouvi-los! Ao longo destes anos, observo que não paramos para escutar o que os alunos pensam, quais são suas expectativas profissionais.

Diante do exposto, esta investigação tem como objetivo geral:

- Analisar as expectativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, visando à construção de uma proposta formativa para atender as demandas destes e as realidades em que atuam.

E como objetivos específicos:

- Conhecer o que pensa o estudante sobre a formação no Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense e suas expectativas formativas;

- Identificar a concepção de educação e de docência dos estudantes;

- Verificar as expectativas e projetos pedagógicos e profissionais dos estudantes, os quais se formarão no Curso Normal.

1.3 POR DENTRO DA PESQUISA

Nos próximos capítulos será abordada revisão de literatura dos últimos cinco anos, de livros e artigos escritos referendando o Curso Normal. Assim como o referencial que utilizamos de suporte teórico de Tardiff, Pimenta, Lessard, Freire, Feldemann, Azzi, Marx, Engels, Zabala, Imbernón Gusdorf e Gatti. Inicialmente conversando sobre o Curso Normal como formação inicial do professor, como ocorre o processo de aluno a professor e a construção da identidade de professor, após percorrendo sobre a profissão/ trabalho docente, ademais sobre o trabalho docente e Escola e finalizando com os saberes necessários à prática docente.

Abordaremos a história do Colégio Municipal Pelotense e do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais, escola e curso, que realizamos a pesquisa.

A metodologia está referendada em Minayo, André, Ludke, Soares, Gil e Bogdan. Abordamos a pesquisa qualitativa assim como o estudo de caso e esclarecendo como ocorreu a coleta de dados através de cinco encontros formativos com os sujeitos de pesquisa, os estudantes do Curso Normal a nível médio, que ingressaram nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Posteriormente analisamos os dados, através de onze categorias que emergiram nos encontros formativos e analisadas sob a luz da teoria. Realizamos a descrição na íntegra dos cinco encontros formativos/investigativos, com falas dos estudantes e fotografias dos momentos vivenciados. E por fim, o produto educacional, que é a sequência didática: Encontros formativos/investigativos – As expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal. Tal produto auxiliará pesquisadores e professores a conhecer a trajetória e expectativas formativas dos seus estudantes.

Com a pesquisa, conseguimos responder quais as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense os quais desejam ter/ser professores que detenham o conhecimento teórico/pedagógico e que, ao mesmo tempo sejam afetivos, consigam conhecer a realidade, enxergar e ouvir seus alunos.

2 DIFERENTES OLHARES SOBRE O CURSO NORMAL

Ao realizar um estudo sobre o Curso Normal, buscamos pesquisas que retratem algumas experiências neste segmento, e encontramos trabalhos produzidos nos últimos cinco anos em periódicos do Google Acadêmico e um livro publicado pela SEDUC/RS (Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul). Na sequência serão apresentadas suas ideias principais.

Na obra de Sarmiento, Pinheiro e Rosa (2018), intitulada “Narrativas e Memórias das Escolas Estaduais do Rio Grande do Sul”, são contadas histórias de 99 escolas e institutos estaduais que oferecem Curso Normal neste estado há 149 anos. Nesta obra, é narrada a história do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil da cidade de Pelotas, coirmã do Curso Normal do Pelotense. Também descreve os decretos de funcionamento, e trata da Semana de Educação, considerada como principal evento da formação inicial de professores em nível médio da cidade, conforme os autores colocam abaixo:

A Semana da educação, realizada anualmente pelos professores das áreas profissionalizantes e alunos do último ano, conta com 20 edições, sendo um evento que reúne alunos das duas escolas que oferecem a modalidade Normal na cidade, o IEEAB e o Colégio Municipal Pelotense, também participam alunos dos Cursos Superiores de formação para docência (SARMENTO, PINHEIRO, ROSA; 2018, p. 69).

A semana da Educação para o Instituto Assis Brasil é importante para sua história como a Jornada Pedagógica é importante para o Curso Normal do CMP, semana de formação organizada pelos alunos dos últimos anos desde a escolha da temática, palestrantes, oficinas e momentos culturais. Na Semana da Educação participam estudantes do Curso Normal das duas instituições, como também acadêmicos da pedagogia e licenciaturas na área da educação. É um momento marcante na formação dos estudantes normalistas pelotenses.

O referido evento retrata um movimento de revitalização no sentido de refletir sobre a história, buscando referenciais consistentes na memória institucional, renovando assim, os vínculos com o Curso Normal.

Valle (2015), em artigo: Formação do Professor Alfabetizador no Curso Normal/RJ: contribuições para reflexão sobre o Ensino da leitura e escrita, analisa a formação inicial do alfabetizador no Curso Normal (RJ), apresenta a legislação

brasileira vigente, que garante permanência do Curso Normal. Apresenta a organização curricular do Curso Normal quanto aos aspectos orientadores da formação de um alfabetizador. Faz uso de métodos de análise documental, levantamento de dados e relato de experiência. Os resultados obtidos foram a constituição do panorama legal da formação do alfabetizador e a vivência com os alunos do Curso Normal que aponta uma mudança no olhar sobre a alfabetização dos indivíduos.

Outro estudo realizado com estudantes do Curso Normal foi feito por Rodrigues, Souza e Rocha Filho (2017), que analisam experiências vivenciadas pelos estudantes do Curso Normal durante visita ao Museu de Ciências e Tecnologias da PUCRS, visando antever as possíveis consequências em suas ações profissionais. Segundo os autores, o ambiente de interação e aprendizagem proporcionado na visita ao Museu, tornou possível organizar aulas envolvendo os experimentos e exposições visitadas, espaço este, não formal de ensino. Utilizaram como instrumento da pesquisa a elaboração de planos de aula com abordagem interdisciplinar, responderam a um questionário, possibilitando conhecer as concepções das alunas sobre planejamento de aulas e práticas pedagógicas. Concluíram que as percepções prévias dos estudantes foram pautadas por um caráter fragmentado. Após a visita houve uma tendência: os planos de aulas começaram a ser interdisciplinares voltados à pesquisa em sala de aula.

Pinto; Chaves (2020) ressaltam a importância da revitalização de conceitos matemáticos básicos referentes à adição nas turmas de Ensino Médio, modalidade Normal pois os alunos envolvidos estão em plena formação e ministram várias atividades aos alunos dos anos iniciais. A atividade foi aplicada nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do Curso Normal da Escola Estadual de Educação Básica Professor Justino Costa Quintana, no município de Bagé, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/Subprojeto Matemática vinculados à Universidade Federal do Pampa. Acreditam que o conhecimento deve estar em constante construção e as diversas formas de abordar conceitos matemáticos, seja lúdica, prática ou teórica, principalmente por estarem participando da formação de futuros professores de educação infantil e anos iniciais.

Santos; Lando (2017) apresentam resultados da pesquisa de mestrado, cujo objetivo é interpretar a formação matemática dos discentes do Curso Normal de

Jequié- Bahia, no período de 1959 a 1971. As autoras utilizaram o estudo bibliográfico, a análise documental, depoimento escrito e oral. Os resultados mostraram que o Instituto foi criado num contexto de desenvolvimento industrial que ocasionou a ampliação da escolarização primária, e no Curso Normal a formação matemática dava ênfase ao ensino da aritmética, tendo em vista as necessidades do ensino primário.

Já Lupetina (2015), em sua dissertação de mestrado, retrata a história das instituições escolares do Rio de Janeiro, na modalidade Curso Normal, com o objetivo de analisar as modificações sofridas no perfil do alunado do Instituto de Educação a partir da Lei 5.692 de 1971, tendo em vista o funcionamento do Curso Normal na década de 1970 (lei que transformou o Magistério em ensino profissionalizante). Analisou fontes documentais, fichas de ex-alunos/as, grades curriculares, ementas das disciplinas e documento de reformulação curricular do Curso Normal para o ano de 1975. Realizou entrevistas semiestruturadas com ex-professoras e ex-alunas que vivenciaram a Instituição no período da pesquisa. Lupetina conclui que um dos acontecimentos que contribuiu para a alteração do perfil do alunado que procurava o curso de formação de professores nesse período, foi a extinção da garantia do ingresso automático como professor/a na rede pública de ensino. A turma de 1968 foi a última a gozar do privilégio de, ao terminar o curso normal, ter o emprego garantido na rede pública.

Inegavelmente observa-se a relevância do Curso Normal nas experiências relatadas, destacando assim, sua importância na formação inicial do professor. Mesmo assim, somente a formação a nível médio do Curso Normal, não são aceitos em concursos públicos em muitos municípios gaúchos, como é o caso de Pelotas desde o ano 2014 (PCI Concursos). O concurso realizado em 2011, professores com apenas formação no Curso Normal eram aceitos na rede pública pelotense. Já nas cidades vizinhas de Capão do Leão (Integri Brasil) e São Lourenço do Sul (Objetiva Concursos), os alunos oriundos do Curso Normal são admitidos em concursos públicos nos últimos anos.

Não ser admitidos em concursos públicos no município de Pelotas foi uma das indagações e a falta de perspectiva para alguns estudantes do Curso Normal, o qual abordaremos na análise de dados nos próximos capítulos.

3 PERSPECTIVA TEÓRICA

Para compreender essa pesquisa,
É necessário compreender a pesquisadora,
O seu olhar
Que é intensa em tudo o que faz...
Não sabe amar pouco
Não sabe ser pouco mulher, mãe, professora, coordenadora,
pesquisadora...
Quando entra em algo é com a intensidade avassaladora,
Com uma sede, quer beber o mundo...
Não sabe ser mais ou menos em nada.
Ou é, ou não.
Que aprendeu ao longo da vida e da maturidade dizer NÃO,
Que foi sua libertação.
Que é empatia
Afeto, carinho, olhar...
Preocupar-se com o outro,
Com seu aluno
É cuidar
É construir conhecimento
É respeito pelo conhecimento do outro
Que pensa, fala
E escreve como uma professora com o pé no chão da Escola
Que questiona, que indaga
Que acredita na Educação,
E na transformação que a educação pode realizar na vida do
seu humano.

Autora

O Curso Normal é um espaço pedagógico e formativo que visa a formação inicial do futuro professor/a da educação básica. É um espaço de conhecer como se dá a prática pedagógica dos docentes, por meio das aulas, das discussões realizadas e da troca de conhecimentos, lugar onde aprendem e entendem sobre diversos referenciais teóricos e, ao longo do Curso, atuando diretamente com os estudantes dos anos iniciais. Assim, vamos nos *formando* professores/as; não nascemos professores, vamos nos constituindo através do outro, por meio da troca de conhecimentos e experiências. Como nos remete a citação de Feldmann:

As pessoas não nascem educadores, quando se educam com o outro, quando produzem a sua existência relacionada com a existência do outro, em um processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento mediante um projeto existencial e coletivo de construção humana (FELDMANN, 2009, p.72).

Também como afirma Freire (2005) “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, este processo é coletivo e colaborativo. E, enquanto Curso de formação de professores, visa essa formação reflexiva, de construção do conhecimento, de busca e pesquisa

teórica e prática e procura que os estudantes encontrem sua identidade enquanto professores, relacionando com suas experiências de vida, sua trajetória. Como afirma:

[...] o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente TARDIF (2002, p.11).

Por isso, é relevante estudarmos sobre a constituição do professor e sobre o trabalho docente. Esta formação não acontece somente das lembranças e exemplos da sua história escolar, mas também, através do estudo teórico e da reflexão.

Antes de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem de muitas maneiras, o que é o ensino por causa de toda a sua história escolar anterior. Além disso, muitas pesquisas mostram que esse saber herdado da experiência escolar anterior é muito forte, que ele persiste através do tempo e que a formação universitária não consegue transformá-lo nem muito abalá-lo (TARDIF, 2002, p. 20).

Precisamos nos desacomodar para que haja transformação na constituição deste futuro professor, para que assim ele seja protagonista do seu conhecimento e de sua prática em sala de aula, e que possa dizer sua palavra. Para TARDIF:

[...] os professores só serão reconhecidos como sujeitos do conhecimento quando lhes concedermos, dentro do sistema escolar e dos estabelecimentos, o *status* de verdadeiros atores, e não o de simples técnicos ou de executores das reformas da educação concebidas com base numa lógica burocrática “top and down”. Pessoalmente, não vejo como posso ser um sujeito do conhecimento se não sou, ao mesmo tempo, o ator da minha própria ação e o autor do meu próprio discurso (TARDIF, 2002, p. 243).

Não é tarefa fácil nos dias de hoje formar professores com todas as demandas existentes. Além disso, a escola precisa mostrar-se como um ambiente formador de sujeitos críticos de sua realidade; ressignificando o ambiente formativo, auxiliando os estudantes a serem fiéis aos seus sonhos, como nos fala Feldmann:

Diante das perplexidades e das incertezas do tempo em que vivemos, a escola necessita ressignificar o seu tempo e espaço, mostrar-se como um ambiente formador de identidades dos sujeitos que nela vivem e convivem, na compreensão das diferentes culturas dos grupos que nela estão presentes. Uma das tarefas da escola é formar pessoas com pensamento autônomo, que sejam fiéis aos seus sonhos, respeitem a pluralidade e a diversidade e intervenham de forma científica e crítica nos destinos da sociedade. O compromisso da escola é sempre com a produção do conhecimento, na perspectiva da formação da cidadania dos sujeitos (FELDMANN, 2009, p.80).

E este tem sido o meu desafio enquanto professora e coordenadora do Curso Normal. Conhecer este estudante, suas inquietudes, seus sonhos, o que ele pensa

sobre a formação docente, visando à qualidade da sua formação com o diferencial de prepará-lo para as demandas educacionais existentes.

Portanto, na sequência do texto, veremos como se dá o processo de transformação de aluno/ professor, refletindo sobre a identidade docente.

3.1 DE ALUNO A PROFESSOR: IDENTIDADE DE PROFESSOR

Como um professor se torna professor/a? Como estudantes se constituem professores? São questões fundamentais para pensarmos a identidade do professor. Quando se deixa de ser estudante e se passa a ser professor? Com o diploma na mão? Ou através de reflexões realizadas ao longo de sua formação acadêmica? E o que esperar do Curso Normal como primeira formação, formação inicial docente? Para Pimenta (2012) Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal ao exercício profissional da docência, do curso de formação inicial se espera que *forme* o professor ou que colabore para sua *formação*. Por isso, necessitamos significar a identidade do professor, o qual, vai construindo-a por meio de teorias, da pesquisa, da investigação, da reflexão, da ação, considerando os saberes necessários à docência, através da experimentação, a prática pedagógica. Através do diálogo com o outro, da troca.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque preñhes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústia e anseios, do sentido que tem em vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (PIMENTA, 2012, p.20).

A identidade do professor é um processo de construção histórica, de um sujeito histórico, que vai se fazendo por meio das relações com o outro, com a escola, por meio das lutas por melhores condições de trabalho, pelos seus direitos enquanto docente, na participação em sindicatos. Assume seu compromisso com a melhoria da sociedade em constantes mudanças, por intermédio da Educação. E a responsabilidade dos

cursos de formação inicial é ajudar os estudantes a se *verem* como professores e auxiliar na construção da identidade de docente.

O desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu *ver o professor como aluno* ao seu *ver-se como professor*. Isto é, de construir sua identidade de professor. Para que os saberes da experiência não bastam (PIMENTA, 2012, p.21 e 22).

Os estudantes do Curso Normal saem habilitados como professores para trabalhar de 1º a 5º ano. Possuem clareza de que necessitam ter os conhecimentos necessários para unidocência², que trabalharão todos os componentes curriculares de cada ano, necessitando conhecer e entender os conteúdos e conhecimentos a serem ensinados e aprendidos pelos estudantes.

Por isso, durante a trajetória do Curso Normal, os alunos têm aulas de didática específica para cada área do conhecimento, abrangendo todos os componentes curriculares que serão ensinados como futuros docentes.

Qual o significado esses conhecimentos têm para eles? E para a sociedade contemporânea? Qual a diferença de conhecimento e informação? Qual a importância do conhecimento para o mundo do trabalho? Considerando o que Pimenta nos fala, que o acesso à informação não se dá igualmente a todos os cidadãos, não basta produzir conhecimento, é necessário produzir as condições de produção do conhecimento. Para a mesma autora (2012, p.24) conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da humanidade. O conhecimento não se reduz a apenas obter informação, a escola tem o papel de ser mediadora das informações da sociedade, com os conhecimentos prévios dos estudantes, conforme a autora:

[...] se entendermos que conhecer não se reduz a se informar, que não basta expor-se aos meios de informação para adquiri-las, senão que é preciso operar com as informações na direção de, a partir delas, chegar ao conhecimento, então parece-nos que a escola (e os professores) tem um grande trabalho a realizar com as crianças e os jovens, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos, no sentido de possibilitar-lhes pelo desenvolvimento da reflexão adquirirem a sabedoria necessária à permanente construção do humano (PIMENTA, 2012, p.24).

O professor é o mediador no processo de construção do conhecimento e, a partir do momento em que reconhece os direitos de aprendizagem dos estudantes, ele

² Professor/a que trabalha todos os componentes curriculares do referido ano (português, matemática, ciências, história, geografia, artes, música e educação física).

se torna capaz de desenvolver esses direitos como, também, considerar a faixa etária e o desenvolvimento deles, suas potencialidades, visando assim, a aprendizagem.

O professor tem um espaço de decisões que é a sala de aula, a qual precisa ser por ele, percebido e ocupado. Constituímo-nos no chão da escola, na prática pedagógica diária.

3.2 PROFISSÃO/ TRABALHO DOCENTE

Ao refletir sobre o trabalho/profissão docente, sentimos a necessidade de conceituar primeiramente o que é trabalho.

Segundo o Dicionário Larousse (1992, p.1101), trabalho é uma atividade humana aplicada à produção, à criação ou ao entretenimento. O significado aponta também para o produto dessa atividade, para a obra e atividade profissional regular e remunerada ou exercício regular de uma atividade profissional. O vocábulo trabalho também possui o significado de lugar onde essa atividade é exercida ou ainda qualquer ocupação manual ou intelectual.

Para o Dicionário de Filosofia Abbagnano (2007, p.1147), trabalho é a atividade destinada a utilizar as coisas naturais ou a modificar o ambiente para satisfação das necessidades humanas. O conceito de trabalho implica, portanto: 1) na *dependência* do homem, no que diz respeito à sua vida e aos seus interesses, em relação à natureza: o que constitui a *necessidade*; 2) na *reação* ativa a essa dependência, constituída por operações mais ou menos complexas, destinadas à elaboração ou à utilização dos elementos naturais; 3) no grau mais ou menos elevado de esforço, sofrimento ou cansaço, que constitui o *custo* humano do trabalho. Mas, o conceito de trabalho ganha um novo enfoque desde o olhar de Hegel e, posteriormente, de Karl Marx.

Hegel considerava o trabalho como a “mediação entre o homem e seu mundo”; o que nos diferencia dos outros animais pois, o homem não consome imediatamente o produto natural, tal como eles fazem, mas ele elabora de maneiras e para as finalidades mais diversas (cognitivas, afetivas, interesses biológicos, emocionais, sociais), a matéria fornecida pela natureza, dando o seu valor e objetivo.

Karl Marx aceitava os princípios hegelianos, mas insistia no caráter *natural* ou *material* da relação que o trabalho estabelece entre o homem e o mundo, contra o caráter espiritual que Hegel lhe atribuíra e que lhe permitia considerá-lo como um momento ou uma manifestação da consciência.

Os homens começaram a distinguir-se dos animais, segundo Marx, quando começaram a *produzir* seus meios de subsistência, progresso este que é condicionado por sua organização física. Produzindo seus meios de subsistência os homens produzem indiretamente sua própria vida material. O trabalho não é, portanto, apenas o meio com que os homens garantem a subsistência: é a própria realização ou produção de sua vida, é um modo de vida determinado. A produção e o trabalho não são, portanto, uma condenação para o homem: são o homem mesmo, o seu modo específico de ser e de fazer-se homem. Através do trabalho torna-se o “corpo inorgânico do homem”, e o homem pode elevar-se à consciência de si mesmo, não tanto como indivíduo, mas como “espécie de natureza universal”. O trabalho também faz o homem um ente social porque, além de pô-lo em relação com a natureza, o põe em relação com os outros indivíduos: desse modo às relações de trabalho e de produção constituem a trama ou a estrutura autêntica da história, da qual são reflexo as várias formas de consciência. Isso ocorre, porém, no trabalho *não alienado*, ou seja, que não se tornou *mercadoria*, como ocorre na sociedade capitalista, visto que neste caso surge o conflito entre a personalidade do proletário como indivíduo e o trabalho como condição de vida que lhe é imposta pelas relações das quais participa como objeto, e não mais como sujeito (ABBAGNANO 2007, p.1149).

O trabalho torna o homem um ser social porque o coloca em relação com outras pessoas e com a natureza, tornando assim o trabalho e a produção composições autênticas da história e refletindo em diversas formas de consciência.

Marx diz que o trabalho é a essência do homem pois é o meio pelo qual se relaciona com a natureza e a transforma. De acordo com Marx e Engels (1965), podemos distinguir os homens dos animais pelo trabalho, pela consciência, pela religião e por tudo o que se desejar.

Os próprios homens começam a se distinguir dos animais a partir do momento em que começam a *produzir* seus meios de existência, ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material. [...] O modo pelo qual as pessoas manifestam sua vida reflete muito exatamente o que elas são. Tal modo de ser coincide, portanto, com sua produção, tanto com *o que* produzem como *o modo* pelo qual produzem. O que as pessoas são depende, portanto, das condições materiais de sua produção (MARX e ENGELS, 1965, p. 15).

Para Marx, o processo de produção e reprodução da vida, por meio do trabalho, é a principal atividade humana, pois através do trabalho constituímos nossa história social, que é a essência do materialismo histórico como método de análise da vida social, intelectual, econômica e política do homem.

O trabalho é antes de tudo um ato que se passa entre o homem e a natureza. Diante da natureza, o homem desempenha o papel de uma força natural. Ele põe em movimento as forças de que seu corpo está dotado, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de assemelhar-se aos materiais e conferir-lhes uma forma útil para sua vida, ao mesmo tempo que, por esse movimento age sobre a natureza externa e a modifica, modifica sua própria natureza e desenvolve as faculdades adormecidas nela (MARX1996, Seção III, cap. V, p. 297).

As ideias marxistas distinguem o trabalho do ser humano e do animal, não em sua forma prática, já que esta é comum aos dois, mas na necessidade de um e de outro que os encaminha para a atividade, pois a atividade humana é física e mental e a do animal é apenas instintiva. Marx explica esse fenômeno com a ilustração do trabalho de uma aranha e de um arquiteto:

A aranha realiza operações que lembram o tecelão, e as caixas suspensas que abelhas constroem envergonham o trabalho de muitos arquitetos. Mas até mesmo o pior dos arquitetos difere de início da mais hábil das abelhas, pelo fato de que antes de fazer uma caixa de madeira, ele já a construiu mentalmente. No final do processo do trabalho, ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes de começar a construção. O arquiteto não só modifica a forma que foi dada pela natureza, como também realiza um plano que lhe é próprio, definindo os meios, e o caráter da atividade aos quais ele deve subordinar sua vontade (MARX, 1996, Seção III, cap. V, p. 298).

Diferenciamo-nos dos animais através do trabalho, das interações com o outro. O trabalho humano que é exercido por atividade mental e física. Segundo Tardiff e Lessard (2012, p.195), o que o distingue das realizações da formiga, abelha e do castor é que o trabalhador elabora uma representação mental de seu trabalho antes de realizá-lo e a fim de realizá-lo. O mesmo serve para o ensino. Assim, a profissão/trabalho docente exige trabalho intelectual, interação com o outro, seja estudantes, outros professores, funcionários, com os pais/responsáveis, além da apropriação de saberes necessários à sua prática docente. Trabalho este, realizado dentro da escola, que está sempre em movimento.

A escola que almeja qualidade e a democratização real e efetiva do ensino e de educação, demanda professores que domine o trabalho docente, processo de seu trabalho. No seu trabalho, o professor deixa sua marca, imprime a direção da sua prática pedagógica pois ele tem autonomia em sua sala de aula. Para Azzi:

[...] o professor imprime uma direção própria a seu trabalho, que ele é o responsável direto, juntamente com seus alunos, pelo processo de ensino-aprendizagem que ocorre na sala de aula. O professor apresenta e necessita de uma autonomia didática que se expressa no cotidiano de seu trabalho, pois só assim é capaz de enfrentar os desafios do processo ensino-aprendizagem e da educação (AZZI, 2012, p.40).

Neste sentido, Tardiff coloca que os professores trazem marcas de seu trabalho e as utilizam, também, em outros espaços.

[...] o saber do professor traz em si mesmo as marcas de seu trabalho, que ele não é somente utilizado como um meio no trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho multidimensional que incorpora elementos relativos à identidade pessoal e profissional do professor, à sua situação socioprofissional, ao seu trabalho diário na escola e na sala de aula (TARDIFF, 2002, p.17).

A sala de aula é o espaço, o palco de atuação do docente. Ele é o protagonista do espetáculo da classe, lugar essencial da troca de conhecimentos, da reflexão, dos debates e da aprendizagem. Tal espaço necessita ser percebido e ocupado pelo professor/a como nos fala Azzi:

O professor tem um espaço de decisões mais imediato – sala de aula. Tal espaço precisa ser ocupado ou mesmo percebido pelo professor. Este, muitas vezes apresenta um comportamento pragmático-utilitário, não como a decorrência da divisão do trabalho na escola, mas por limitações vinculadas à sua qualificação e às condições de desenvolvimento de seu trabalho, impostas por uma política educacional que desvaloriza o professor e desrespeita o principal elemento da educação – o aluno (AZZI, 2012, p.41).

A seguir iremos discorrer sobre como ocorre o trabalho docente na escola, local socialmente constituído para obtenção do processo de ensino e aprendizagem.

3.3 TRABALHO DOCENTE E ESCOLA

O trabalho docente é exercido numa escola, num lugar organizado. Segundo Tardiff e Lessard, lugar espacial e socialmente separado dos outros espaços da vida cotidiana, com características organizacionais e sociais que influenciam o trabalho dos agentes escolares. Conforme os autores, o docente precisa saber agir e lidar com realidades cognitivas ou discursivas, de acordo com a citação:

[...] Escola como lugar de trabalho se caracteriza por “tecnologias” particulares, próprias dela: programas, disciplinas, matérias, discursos, ideias, objetivos etc. que são realidades primeiramente cognitivas ou discursivas, com as quais os docentes devem agir e lidar para atingir seus fins. No mesmo sentido, os objetivos desse trabalho são vastamente simbólicos- e, portanto, materialmente intangíveis – porque elas tratam de concepções socioculturais da criança, do adolescente e do adulto, ou seja, de como eles devem ser, fazer e saber enquanto educados (membros socializados e moralizados) e instruídos de uma determinada sociedade (TARDIFF, LESSARD, 2014, p.55).

Podemos perceber que o trabalho docente, em algumas escolas, tem como características a burocratização das regras administrativas e a falta de tempo para preparação das aulas por conta de suas altas cargas horárias, falta de recursos materiais e pedagógicos. São dificuldades da profissão o sentimento de solidão, de se sentir responsável pelo andamento da turma, aquele que precisa controlar seus alunos em sala de aula. Como nos fala Tardiff e Lessard, da solidão do trabalhador diante do seu objeto de trabalho:

[...]o docente é e se percebe sempre como o principal – se não o único – responsável pelo funcionamento da classe. Essa situação é reforçada tanto pela maioria das direções escolares, que exigem dos professores a capacidade de controlar seus alunos na sala de aula, quanto pelos seus colegas, que vivem exatamente a mesma situação, nem pedir a intervenção de ninguém: *portanto, geralmente, é preciso fazer exatamente como os outros, quer dizer, não contar com eles*. A solidão do trabalhador diante de seu objeto de trabalho (grupo de alunos), solidão que é sinônimo ao mesmo tempo de autonomia, de responsabilidade, mas, também, de vulnerabilidade, parece estar no coração dessa profissão (TARDIFF, LESSARD, 2014, p.64).

A cobrança sobre o professor é grande: ele precisa controlar seus estudantes, bem como realizar aulas que sejam chamativas, que despertem o desejo do conhecimento, do aprendizado.

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhora profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las. A experiência, a nossa e a dos outros professores. O conhecimento, aquele que provém da investigação, das experiências dos outros e de modelos, exemplos e propostas (ZABALA, 1998, p.13).

Desse modo, a escola é o local constituído formalmente para que o trabalho docente aconteça, mesmo considerando que a prática pedagógica ocorra simultaneamente fora dos muros da escola.

Discutiremos a seguir quais os saberes necessários à prática docente, sob o olhar de Freire e Tardiff, autores estudados no Curso Normal do Colégio Pelotense para esta temática.

3.4 SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA DOCENTE

Quais os saberes necessários à prática docente? O que estes saberes exigem do docente? Será que todos os/as professores/as conhecem estes saberes? Será que

estes saberes são colocados em prática? Será que as mantenedoras no âmbito nacional, estadual e municipal conhecem estes saberes fundamentais para a docência?

Não há como falar de saberes necessários à prática docente sem falar em Paulo Freire, homem que dedicou sua vida para que a educação chegasse a todos e todas, sem exceção. Dedicou-se a alfabetizar os oprimidos pela sociedade para que estes pudessem dizer a sua palavra, para que compreendessem que somente através da educação poderiam libertar-se do opressor.

Escreveu diversos livros mostrando-nos a dúbia realidade da sociedade e educação brasileira: a existência dos opressores e dos oprimidos. Analisando a situação atual da educação no Brasil, país em que Ministério da Educação anuncia cortes na educação, o que acarreta o fechamento de universidades e institutos federais. Neste mesmo cenário, vem impondo aos docentes um método de alfabetização, retira incentivos para pesquisa, direitos da previdência, o que atingirá os/as professores/as como, também, a todos os cidadãos brasileiros, principalmente os menos favorecidos; todos estes fatos nos mostram como Freire é atual, tão sábio em suas colocações. Talvez, por isso, o atual governo brasileiro desconsidera o acervo teórico do Patrono da Educação Brasileira.

Freire no seu último livro em vida a *Pedagogia da Autonomia- Saberes necessários à prática educativa*; lançado em 1996, meses antes de sua morte em 1997, teve sua tiragem em tamanho reduzido e com folhas de papel jornal ao preço de em torno de R\$ 5,00 para que todos os/as professores/as tivessem acesso à leitura.

Nesta obra, o autor dialoga com o leitor no primeiro capítulo dizendo que ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, a corporificação das palavras pelo exemplo, risco e aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. No segundo capítulo, nos diz que ensinar não é transferir conhecimento porque ensinar exige consciência do inacabamento, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom-senso, humildade- tolerância e luta em defesa os direitos dos educandos, apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, curiosidade. Já no terceiro capítulo, fala que ensinar é uma

especificidade humana e que ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos.

Não pretendemos dissertar sobre o livro de Freire, e sim ressaltar sua contribuição na formação inicial e continuada de muitos educadores. Assim como as contribuições de Tardiff que destaca os saberes docentes: saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares, experienciais.

Freire coloca que o educador democrático precisa reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão, sendo primordial trabalhar nele a rigorosidade metódica. Implicam em educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Como o patrono da Educação Brasileira nos fala:

...nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 2014, p. 28).

A tarefa docente não é apenas ensinar conteúdos, mas ensinar a pensar certo, porque, para Freire, quem pensa certo às vezes pensa errado. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estar demasiado certos de nossas certezas. (p. 29) Por isso é que o pensar certo, sempre ao lado da pureza e, necessariamente distante do puritanismo, rigorosamente ético e gerador da boniteza, deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervir no mundo, conhecer o mundo.

Porque para Freire (p.30), ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro, confirmando a necessidade do docente ser um pesquisador. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Porquanto o que Freire destaca em nota de rodapé sobre o professor pesquisador:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender, o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 2014, p.30).

Para o autor, quando ensino, vou buscando, reprocuro, indagando, e ao indagar eu me indago, pesquiso para constatar, e constatando, posso intervir e intervindo educo e me educo, pesquisando o que não conheço e ensinando o novo.

A constante busca de conhecer os saberes docentes entra nesta conversa Tardiff, onde diz ele que os saberes docentes não se reduzem a função de transmissão de conhecimento... *Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pela amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais* (2002, p.36). Para o autor, os saberes profissionais são um conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores (escolas normais e faculdades de ciências da educação); já os saberes disciplinares, integram-se à prática docente através da formação inicial e continuada dos professores oferecidas em diversas disciplinas nas faculdades e escolas normais, além de emergirem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes.

Para Tardiff (2002), os saberes curriculares, os docentes ao longo de sua carreira apropriam-se de discursos, objetivos, conteúdos, métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação para essa cultura.

E os saberes experienciais que são os saberes que os professores/as possuem, baseados em sua prática, seu trabalho cotidiano em sala de aula, conhecimento do seu meio, eles emergem da experiência individual e coletiva, mostrando habilidades de saber-fazer e saber-ser. Estes saberes são constitutivos da prática docente. Porque para Tardiff:

Essas múltiplas articulações entre prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática (TARDIFF, 2002, P. 39).

Os autores citados – Freire e Tardiff – irão discutir que os saberes docentes, são próprios dos/as professores/as, mas estes não são capazes de definir um saber produzido ou controlado pelos que a exercem. Para tanto, é necessário que os docentes se apropriem destes saberes.

Finalizamos com uma citação de Freire (2014, p.105): Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser.

4 COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE E CURSO NORMAL

Abordaremos um breve histórico do Colégio Centenário e seus principais símbolos, como também a trajetória do Curso Normal deste educandário.

4.1 COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE:

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E TRAJETÓRIA

Figura1- Colégio Municipal Pelotense



Acervo de Suzy Alam

Na cidade de Pelotas/RS, encontra-se uma das maiores escolas públicas da América Latina - o Colégio Municipal Pelotense. Contando com uma área total de aproximadamente 17.500m², o educandário possui atualmente 50 salas de aula, diversos laboratórios por área de ensino, dois auditórios, ginásio de esportes, quadras poliesportivas e laboratórios de informática, um museu que conta sua trajetória (arquivada e documentada com fotos e registros importantes para contar a história da escola centenária), entre outros espaços e setores didáticos. Destaca-se pela qualidade de seu ensino, contribuindo para isso, com um quadro de em torno de 270 professores, 90 funcionários e aproximadamente 3.000 estudantes.

O Colégio Municipal Pelotense atende as modalidades de ensino: educação infantil, ensino fundamental (anos iniciais e anos finais), ensino médio, Curso Normal Habilitação Anos Iniciais, Curso Normal Habilitação Educação Infantil e EJA.

Os estudantes são oriundos de toda cidade de Pelotas, não apenas dos arredores do Colégio. Sua localização estratégica, na Avenida Marcílio Dias, entre a Avenida Bento Gonçalves, Rua Doutor Amarante e Rua Bernardo Pires, garante que

estudantes de todos os bairros e zona rural da cidade e cidades vizinhas como Capão do Leão, Morro Redondo e Arroio do Padre, possam estudar no educandário.

Segundo o site: <http://www.colegiopelotense.com.br/> A história do Colégio Municipal Pelotense, conhecido por reunir os famosos “Gatos Pelados”, está presente no livro da escritora Giane Lange do Amaral. Nele, a autora lembra que a escola, então "Gymnásio Pelotense", foi criado pela Maçonaria em 1902, representando uma alternativa de ensino laico primário e secundário, que se contrapunha ao ensino ministrado pelo "Gymnásio Gonzaga", fundado em 1894.

O nome Gymnásio Pelotense, de iniciais GP- gato pelado (direcionado às famílias menos favorecidas), fazia um contraponto com “galinha gorda” (para famílias abastadas) do Gymnásio Gonzaga.

Nos primeiros anos o "Gymnásio" funcionou como uma escola destinada apenas a meninos de classes sociais mais abastadas, pois era pago, sob regime de internato e externato. Mas já em 1913, houve o ingresso de uma aluna, Julieta Teles. E a partir daí, meninas passaram a ser aceitas para estudarem junto com os meninos, embora tenham sido, por algumas décadas, minoria.

Segundo Amaral (2007) em 1920, o Gymnásio Pelotense foi municipalizado. A denominação "colégio" veio em 1943.

Inicialmente foi instalado na antiga residência de Miguel Barcellos, onde hoje está a Escola Estadual Monsenhor Queiroz. Em 1903, devido ao aumento das matrículas, passou a funcionar na rua Félix da Cunha esquina Tiradentes, antiga escola Salles Goulart (prédio que, atualmente, pertence à Universidade Federal de Pelotas) , onde permaneceu até o ano de 1961, ano em que foi transferido definitivamente para a rua Marcílio Dias, esquina com a avenida Bento Gonçalves.

E em 1992, foi implementado o Curso Normal neste Colégio, na época quase centenário, colaborando para futura geração de professores. O educandário é conhecido pela excelência no ensino e aprovação nas Universidades, ENEM e PAVE.

O Colégio Municipal Pelotense, no dia 24 de outubro, completou 118 anos de existência. Tenho orgulho de fazer parte desta história como ex-aluna, professora e coordenadora pedagógica.

A seguir, símbolos importantes para o Colégio:

Tabela 1- Símbolos do Colégio Municipal Pelotense

		Brasão do Colégio Municipal Pelotense
		Símbolo do Colégio Municipal Pelotense: Gato Pelado Criado por: Aldyr Schlle Ex-aluno e escritor
		Gato Pelado símbolo do Curso Normal Estilizado por: Ana Cláudia Lacau Macedo Ex-professora do Curso Normal
CMP		Abreviação para Colégio Municipal Pelotense

Cabe ressaltar que, para professores, funcionários e estudantes, como também ex-professores/funcionários e ex-alunos, a “Marcha do Gato Pelado” é muito importante, tocada e cantada em todos os eventos oficiais do Colégio. Ainda que exista um hino, o que toda comunidade gato pelado conhece e canta é a marcha do gato.

Essa paixão pela escola se traduz na expressão: Uma vez gato pelado, sempre gato pelado. Anualmente é realizado o “Encontrão do Gato”, reunindo ex-alunos, ex-professores/funcionários, os atuais alunos, professores/funcionários e comunidade escolar gato pelado no geral. Este encontro tem como objetivo rememorar os velhos tempos do educandário centenário e momentos atuais.

Figura 2- Eu sou gato pelado



Acervo do Colégio Municipal Pelotense

Marcha do Gato Pelado (1938)

Letra: Ariosto Rego, Raul Iruzun e Anselmo Amaral

Música: As pastorinhas (Noel Rosa)

Avante, avante para vencer
 E no campo da luta
 Vai mostrar teu valor
 Gato pelado
 Que não sabe perder,
 Entra assim perfilado
 Com coragem e ardor.
 Gato Pelado,
 Refrão que tornou-se uma glória,
 Tu tens levado
 O nome
 Do colégio sempre à vitória.
 Gato pelado,
 Na tua marcha incessante,
 És o herói triunfante
 Sempre e sempre amado.

4.2 CURSO NORMAL HABILITAÇÃO ANOS INICIAIS DO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE

O decreto de criação da Escola Normal no Brasil foi criado em 1835 na Província do Rio de Janeiro, conforme o decreto Nº 10.

Artigo 1º. Haverá na Capital da Província do Rio de Janeiro huma Escola Normal para nella se habilitarem as pessoas, que se destinarem ao magistério de instrução primária, e os Professores actualmente existentes, que não tiverem adquirido a necessária instrução nas Escolas de Ensino na conformidade da Lei de quinze de Outubro de mil oitocentos e vinte sete, Artigo quinto. Artigo 2º A mesma Escola será regida por hum Director, que ensinará. Primo: a ler e escrever pelo methodo Lancasteriano, cujos princípios theoricos e práticos explicará. Segundo: as quatro operações de Arithmetica, quebrados, decimaes e proporções. Tertio: noções geraes de Geometria theocrica e pratica. Quarto: Grammatica de Língua Nacional. Quinto: elementos de Geographia. Sexto: os princípios de Moral Christã, e da Religião do Estado.

Visando o ensino primário, com o método Lancasteriano³, o importante era ensinar a ler e escrever, as quatro operações de aritmética, decimais e proporções, noções gerais de geometria teórica e prática, gramática da língua nacional, elementos da geografia, princípios da moral cristã e religião do Estado.

A Escola Normal brasileira teve como modelo a sua congênere na França, que foi criada no bojo da Revolução Francesa, vindo a desempenhar importante papel na difusão da educação popular, embasada em conceitos leigos e estatizantes, como pressupostos da democracia e que se disseminam rapidamente pelo velho e pelo novo mundo, como estabelecimento de ensino secundário. Outro lado, o exemplo de Portugal, foi a primeira instituição implantada no Brasil, destinada, exclusivamente, a formação de professores. (MENDES SOBRINHO In: OLIVEIRA, 2013, p. 27).

A nomenclatura muda a partir da LDB de 1971 e posteriormente de 1996. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 5692/71, ocorre a substituição da Escola/Curso Normal pela Habilitação específica de Magistério. Com a LDB 9394/96, a Habilitação em Magistério passa a chamar-se novamente Curso Normal.

A criação do Curso de Magistério no Colégio Municipal Pelotense, esteve presente em diferentes momentos da administração municipal. Primeiramente, houve um projeto da SMED para criação de um curso noturno com o objetivo de habilitar professores leigos na rede municipal, que foi engavetado. Posteriormente, o setor pedagógico do CMP almejou a criação do Curso em Magistério, foi pensado em uma proposta, mas também foi engavetado. Em 1991, foi solicitado pela SMED, que o projeto fosse colocado em prática. Segundo o Projeto de implantação do Curso Normal, em 22 de outubro de 1991 foi encaminhado para a secretaria de Educação do Governo Estadual, na época a Prof.^a. Neuza Celina Canabarro, o ofício nº 095/91, no qual constava a solicitação de implantação do Projeto do Curso de Habilitação em Magistério de 1^a a 4^a série do 1^o grau. O Curso em Magistério recebe o Parecer de Reconhecimento do Curso, sob nº 1175, 03/11/1992.

O projeto de implementação do Curso foi construído por um grupo de professores pertencentes ao quadro de educadores do Colégio Municipal Pelotense,

³ Para Pereira: É um método pedagógico desenvolvido pelo inglês Joseph Lancaster (1778-1838) no final do século XVIII na Europa. Conhecido também por método monitoral ou mútuo difere dos métodos que o antecederam por utilizar alunos que se destacam dos demais como alunos monitores, responsáveis por contribuir para o ensino do restante do grupo.

em 1991. A justificativa do Projeto de Implantação do Curso Habilitação de Magistério foram:

- ser preocupação da atual administração municipal atender, prioritariamente, às reivindicações relacionadas à educação.
- existir número bastante significativo de jovens, principalmente os egressos de escolas da rede municipal, interessados em se habilitar para o magistério das séries iniciais do ensino de 1º grau, e que não têm possibilidades financeiras de ingressar em escolas particulares;
- ser impossível, à única escola pública estadual que oferece esta habilitação, atender a tal demanda, e o Município, com uma escola de 1º e 2º graus, possuidora de lastro histórico e infraestrutura material, técnica e pedagógica que a habilitem a desenvolver um Curso Habilitação de Magistério (COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE, 1991, p. 3).

Como objetivo do Curso de Magistério no projeto de implantação, formar novas gerações de professores: responsáveis e conscientes da importância de seu papel na estruturação de um mundo melhor; críticos, criativos e participativos; com domínio dos recursos técnicos e científicos que lhes permitiam desenvolver e utilizar suas potencialidades e comprometer-se em mudar a realidade (COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE, 1991, p. 9).

A matriz curricular do curso distribuía-se em quatro anos e meio com uma carga horária de quatro mil e oitocentas horas. Curso de Ensino Médio concomitante com o Magistério, foi criado para que o estudante pudesse adquirir conhecimentos gerais e profissionais. As aulas eram realizadas nas manhãs de segunda a sexta-feira e nas tardes das terças e quintas-feiras, atendendo a carga horária.

O Curso de Habilitação ao Magistério com uma estrutura curricular constituída por disciplinas do núcleo comum de Ensino Médio, por disciplinas do núcleo de Fundamentos da Educação e pela execução de práticas pedagógicas pelas alunas, distribuídas nos 4 anos de duração do Curso, e no primeiro semestre do quinto ano o estágio curricular supervisionado os/as estudantes/estagiários/as, atuavam em classes de 1º a 4º série, em escolas da rede pública municipal e estadual.

Abaixo a primeira base curricular do Curso Habilitação ao Magistério do Colégio Municipal Pelotense.

Tabela 2- Base Curricular do Curso Habilitação ao Magistério – 1992

 DISCIPLINA	HORAS SEMANAIS POR SÉRIES				TOTAL DE HORAS
	1ª	2ª	3ª	4ª	

Língua portuguesa	4	4	3	3	448
Literatura	-	-	2	2	128
Língua Estrangeira	2	2	-	-	128
Matemática	4	4	3	3	448
Geografia	2	2	2	-	192
História	2	2	2	-	192
Educação Moral e Cívica	1	-	-	-	32
Organização Social e Política do Brasil	-	-	-	1	32
Física	2	2	2	-	192
Química	2	2	2	-	192
Biologia	2	2	2	-	192
Educação Física	3	3	3	3	384
Educação Artística	2	2	2	-	192
Ensino Religioso	1	1	1	1	128
Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º grau	-	-	2	-	64
Filosofia da Educação	2	2	-	-	128
Psicologia da Educação	2	2	2	-	192
Sociologia da Educação	-	2	2	-	128
Didática Geral	2	2	2	-	192
Didática da Alfabetização	-	-	-	3	96
Metodologia da Linguagem	-	-	1	3	128
Metodologia do Ensino da Matemática	-	-	1	3	128
Metodologia do Ensino de Ciências	-	-	-	2	64
Metodologia do Ensino de Estudos Sociais	-	-	-	2	64
Metodologia do Ensino de Educação Física	-	-	-	3	96
Metodologia do Ensino de Educação Artística	-	-	-	2	64
Prática de Ensino	-	-	-	2	64
Sub-total	33	34	34	33	4320
Estágio					480
TOTAL					4800

Com a LDB 9394/96 o Curso Habilitação em Magistério, passou a chamar-se Curso Normal Habilitação Anos Iniciais.

Aconteceram algumas mudanças estruturais e pedagógicas para qualificar a formação dos futuros professores/as. Em 2007, o Curso Normal passa a ter a modalidade de Aproveitamento de Estudos, para estudantes que já possuem Ensino Médio, com componentes curriculares de Fundamentos da Educação e Didáticas.

O Curso Normal Habilitação Anos Iniciais tem como finalidade: oportunizar situações de ensino e aprendizagem que possibilitem aos educandos práticas que contemplem os princípios filosóficos, políticos e pedagógicos do Curso.

Como princípios Filosófico-Político-Pedagógicos:

- A produção coletiva e a socialização do conhecimento, a partir de práticas interdisciplinares e troca de experiências, considerando a pesquisa e a investigação entre os próprios professores e estes com os educandos.
- A opção pela prática dialética de maneira a formar o futuro educador com conhecimento, habilidades e competências necessárias à práxis educativa.
- O educador, é concebido como aquele que coordena o processo social e o de aprendizagem. Democraticamente, propõe, orienta e organiza a sala de aula.
- A busca de um curso voltado para uma prática pedagógica inovadora, levando o aluno a atuar no processo de aprendizagem, exercitando sua capacidade de criar e se expressar.
- O compromisso com a construção de uma sociedade inclusiva que garanta a todos o exercício da cidadania plena (Regimento do Curso Normal, 2017, p. 6).

E os objetivos do Curso Normal:

- Refletir sobre a ética como um dos princípios básicos para a futura atuação como educador consciente do seu papel na construção da cidadania.
- Proporcionar um espaço de reflexão permanente e crítica dentro de uma perspectiva dialética, possibilitando ao educando a construção de sua postura pedagógica e a transformação da sociedade na qual está inserido.
- Sensibilizar os alunos para o trato das questões sociais que envolvam a escola e a comunidade.
- Formar, através da fundamentação teórico-prática, profissionais capazes de (re)construir os conhecimentos (com seus alunos) de forma participativa, interativa e vivencial.
- Oportunizar aos educandos a reflexão sobre as dimensões sociais e políticas da educação e do contexto em que ela se insere.
- Oportunizar a formação de educadores que compreendam a infância no seu processo histórico, percebendo a criança como um ser social, suas necessidades e suas linguagens.
- Possibilitar o acesso a conhecimentos específicos e sistematizados, relativos ao cuidado/ educação de crianças.
- Valorizar os saberes cotidianos como fonte de uma prática investigativa, possibilitando através da experiência da pesquisa, a compreensão, a intervenção e a transformação da realidade social.
- Oportunizar vivências relacionadas ao universo infantil que enfatizem o lúdico como uma dimensão de aprendizagem; possibilitem múltiplas interações, tendo em vista a construção de vínculos afetivos, a compreensão e a aceitação da singularidade e a cooperação nas tarefas coletivas.
- Buscar a compreensão do que é aprender, como se aprende e onde se aprende, considerando que construir o conhecimento implica estar em relação com o outro e com o objeto a ser conhecido.
- Ampliar o universo cultural dos alunos, promovendo múltiplas oportunidades de vivências em variados espaços da produção da cultura.

- Proporcionar o trabalho com as diferentes linguagens dos/as futuros/as professores/as, possibilitando a valorização e estimulação das diferentes formas de expressão que as crianças utilizam (Regimento do Curso Normal, 2017, p. 7).

O Curso Normal Habilitação Anos Iniciais possui duas modalidades de Ensino, Curso Normal concomitante com o Ensino Médio e Aproveitamento de Estudos para estudantes egressos do Ensino Médio. A partir de 2018, o Curso Normal passa a contar com uma nova base curricular e passa de 4 anos e meio, para 3 anos e meio, com aulas todas as manhãs e aulas no turno da noite. A base antiga terá a última turma de 4º ano em 2020, cujo estágio supervisionado será realizado em 2021.

Habilitação Anos Iniciais

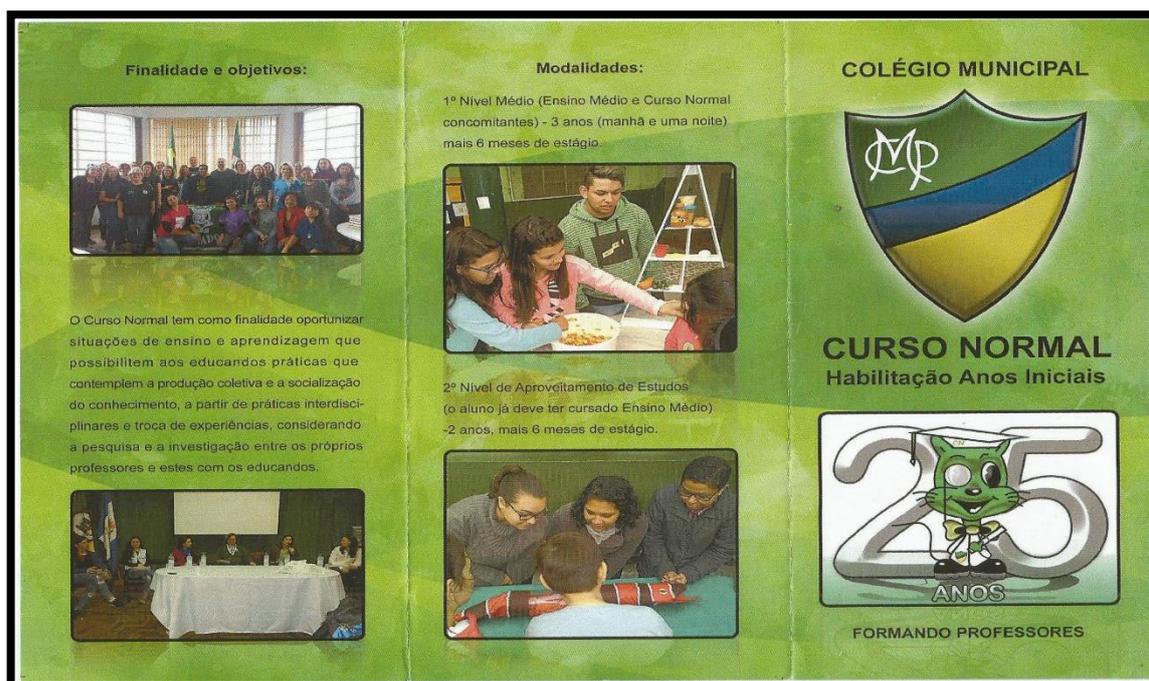
O regime escolar é seriado e anual, com duração de três anos e meio, num total de 2837 horas acrescidas de 400 horas de estágio, no diurno e noturno, com habilitação para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

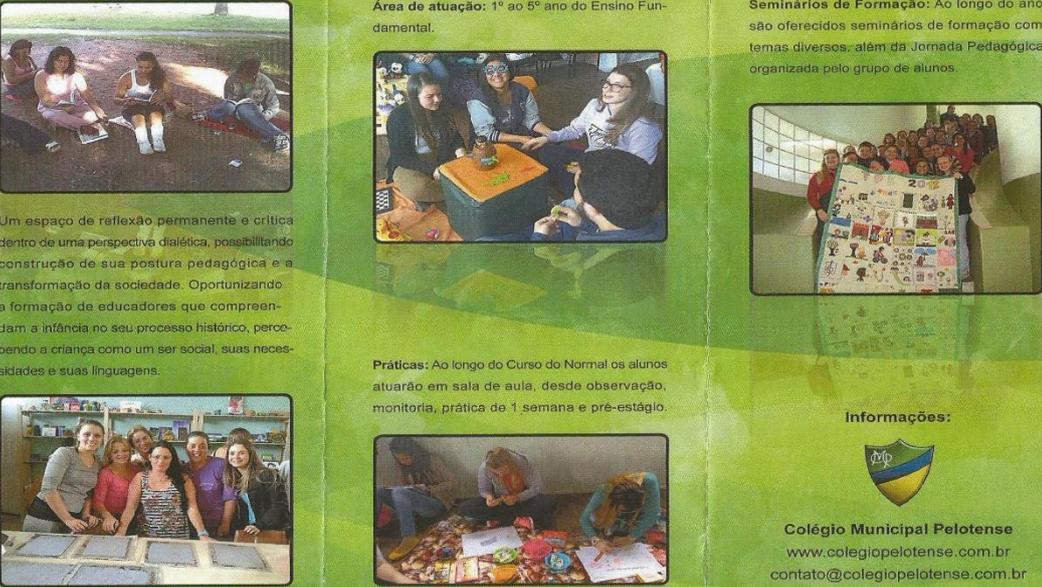
Aproveitamento de Estudos

Esta alternativa é destinada aos egressos do ensino médio e tem a duração de dois anos, distribuídos em duas séries, num total de 1600 horas, com realização de mais 400 horas de estágio supervisionado, ao final do curso, ao longo de um semestre, no diurno, habilitando os docentes para atuarem nas classes dos anos iniciais do ensino fundamental (Regimento do Curso Normal, 2017, p. 8).

Em 2017 o Curso Normal completou 25 anos. Neste ano houve, mensalmente, comemorações com encontros formativos, além da confecção e distribuição de folder sobre o Curso Normal, impresso pela mantenedora-SMED.

Figura 3- Folder dos 25 anos do Curso Normal





Área de atuação: 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Seminários de Formação: Ao longo do ano são oferecidos seminários de formação com temas diversos, além da Jornada Pedagógica organizada pelo grupo de alunos.

Práticas: Ao longo do Curso do Normal os alunos atuarão em sala de aula, desde observação, monitoria, prática de 1 semana e pré-estágio.

Informações:



Colégio Municipal Pelotense
www.colegiopelotense.com.br
contato@colegiopelotense.com.br

Um espaço de reflexão permanente e crítica dentro de uma perspectiva dialética, possibilitando construção de sua postura pedagógica e a transformação da sociedade. Oportunizando a formação de educadores que compreendam a infância no seu processo histórico, percebendo a criança como um ser social, suas necessidades e suas linguagens.

O Curso Normal atualmente conta com 6 turmas: 4 na modalidade ensino médio concomitante com o Curso Normal (21I, 22F, 23 E da nova base curricular e turma 24A da base curricular antiga) e 2 turmas de aproveitamento de estudos (31A e 32A), além de duas turmas de estágio (25A e 33A). Os estudantes realizam seu estágio supervisionado nas escolas municipais de Pelotas em turmas de 1º a 5º ano.

A base curricular foi aprovada em 2017 para implantação no ano letivo de 2018 e no final do ano de 2019 foi modificada pela solicitação da mantenedora, com diminuição do número de módulos/aulas, passando de 7 para 5 módulos diários, com diminuição da carga horária de alguns componentes curriculares.

A seguir, a base curricular do Curso Normal em vigor a partir de 2020:

Tabela 3- Base Curricular do Curso Normal Anos Iniciais – Em extinção em 2020

DISCIPLINAS	1º	2º	3º	4º	5º
Língua Portuguesa	2	2	2	2	-
Literatura	2	-	-	-	-
Literatura Infantil	-	-	-	2	-
Língua estrangeira moderna- Espanhol	2	2	-	-	-

Língua Inglesa/ Produção Textual (Optativa)	2	2	-	-	-
Matemática	2	2	2	2	-
Geografia	2	2	2	-	-
História	2	2	2	-	-
Física	2	2	2	-	-
Química	2	2	2	-	-
Biologia	2	2	2	-	-
Educação Física	2	2	2	-	-
Ensino de Artes Visuais	1	-	2	-	-
Ensino de Música	-	1	-	-	-
Ensino Religioso/Relações Humanas	2	2	1	-	-
Sociologia	2	2	2	-	-
Filosofia	2	2	2	-	-
Libras	2	-	-	-	-
FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO	1º	2º	3º	4º	
Estrut. e Func. do Ensino Fundamental	-	-	2	-	-
Filosofia da Educação	2	2	-	-	-
Psicologia da Educação	2	2	2	-	-
Sociologia da Educação	2	2	-	-	-
Didática Geral	-	2	2	2	-
Didática da Alfabetização	-	-	2	1	-
Didática da Linguagem	-	-	2	1	-
Didática do Ensino da Matemática	-	-	2	2	-
Didática do Ensino de Ciências	-	-	-	2	-
Didática do Ensino de História e Geografia	-	-	-	2	-
Didática de Educação Física	-	-	-	2	-
Didática do Ensino das Artes Visuais	-	-	-	1	-
Didática do Ensino da Música	-	-	-	1	-
Teoria e Prática de Ensino ₁	-	-	-	5	-

Práticas de Ensino ²	-	-	-	-	400h
Estágio Supervisionado ³	-	-	-	-	400h
TOTAL DE MÓDULOS	35	35	35	25	-
TOTAL DE HORAS	860	860	860	860	800

1. Disciplina ministrada por todos os professores do ano, às terças-feiras.

2. As práticas se desenvolvem no transcorrer do curso, através de pré-estágio, prática com monitoria, atividades práticas de expressão artística e cultural, prática de atividades de História e Geografia; prática em atividades de Ciências da Natureza, atividades práticas nos diferentes níveis e modalidades, prática pedagógica integrada e prática de implementação de Jornada Pedagógica, somando ao final dos 4 anos, 400 horas. Total de horas do Curso Normal, incluindo horas de estágio 4.240horas.

Tabela 4- Base Curricular do Curso Normal Anos Iniciais

DISCIPLINAS	1º	2º	3º	4º
Eixo: Linguagens				
Língua Portuguesa	2	2	2	-
Literatura	1	-	-	-
Literatura Infantil	-	-	2	-
Língua estrangeira moderna- Espanhol	-	-	-	-
Língua Inglesa	1	1	-	-
Educação Física	2	2	-	-
Ensino da Arte	1	-	-	-
Ensino da Música	-	1	-	-
Didática da Alfabetização	-	2	2	-
Didática da Linguagem	-	2	2	-
Didática de Educação Física	-	-	2	-
Didática do Ensino da Arte	-	-	2	-
Didática do Ensino da Música	-	-	2	-
Eixo: Matemática				
Matemática	2	2	2	-
Didática do Ensino da Matemática	-	2	2	-
Eixo: Ciências da Natureza				
Biologia	2	2	-	-
Física	2	2	-	-

Química	2	2	-	-
Didática do Ensino de Ciências	-	-	2	-
Eixo: Ciências Humanas				
História	2	2	-	-
Geografia	2	2	-	-
Ensino Religioso/ Relações Humanas	1	-	-	-
Sociologia	1	1	-	-
Filosofia	1	1	-	-
Didática de História e Geografia	-	-	2	-
Eixo: Educação e Conhecimento				
Educação Inclusiva	1	-	-	-
Estrut. e Func. do Ensino Fundamental	-	-	2	-
Filosofia da Educação	1	1	-	-
Psicologia da Educação	-	1	1	-
Sociologia da Educação	1	1	-	-
Didática Geral	-	2	2	-
Teoria e Prática de Ensino ₁	-	-	5	
Eixo: Investigação e Prática Pedagógica Perpassa por dentro das disciplinas e demais Eixos				
Introdução à monitoria- 1º semestre Monitoria- 2º semestre	X	-	-	-
Monitoria aos professores do Curso Normal- 1º semestre Jornada Pedagógica- 2º semestre	-	X	-	-
Prática de Ensino no 1º ciclo- 1º semestre Prática de Ensino no 2º ciclo- 2º semestre	-	-	X	-
Seminário Multidisciplinar	5	3	3	-
Estágio Supervisionado ₃	-	-	-	400h
TOTAL DE MÓDULOS	30	34	36	-
TOTAL DE HORAS	944	946	947	400

	1 noite	2 noites	3 noites	
--	----------------	-----------------	-----------------	--

1. Disciplina ministrada por todos os professores do ano, às terças-feiras.

2. As práticas se desenvolvem no transcorrer do curso, através de pré-estágio, prática com monitoria, atividades práticas de expressão artística e cultural, prática de atividades de História e Geografia; prática em atividades de Ciências da Natureza, atividades práticas nos diferentes níveis e modalidades, prática pedagógica integrada e prática de implementação de Jornada Pedagógica, somando ao final dos 4 anos, 400 horas. Total de horas do Curso Normal, incluindo horas de estágio 3.237 horas.

Tabela 5- Base Curricular do Curso Normal Anos Iniciais – Aproveitamento de Estudos

DISCIPLINAS	AP1	AP2	AP3
Eixo: Linguagens			
Literatura Infantil	-	2	-
Português Instrumental	2	1	-
Educação Inclusiva	1	-	-
Estudos Rio-Grandenses	1	-	-
Vivências Corporais	1	-	-
Didática da Alfabetização	2	1	-
Didática da Linguagem	2	1	-
Didática de Educação Física	-	2	-
Didática do Ensino da Arte	1	1	-
Didática do Ensino da Música	1	1	-
Eixo: Matemática			
Didática do Ensino da Matemática	2	2	-
Eixo: Ciências da Natureza			
Didática do Ensino de Ciências	2	2	-
Eixo: Ciências Humanas			
Didática de História e Geografia	2	2	-
Eixo: Educação e Conhecimento			
Educação Inclusiva	1	-	-
Estrut. e Func. do Ensino Fundamental	2	-	-
Filosofia da Educação	1	1	-
Psicologia da Educação	1	1	-
Sociologia da Educação	1	1	-

Didática Geral	3	2	-
Teoria e Prática de Ensino ₁	-	5	-
Eixo: Investigação e Prática Pedagógica			
Perpassa por dentro das disciplinas e demais Eixos			
Monitoria aos professores do Curso Normal- 1º semestre	X	-	-
Jornada Pedagógica- 2º semestre			
Prática de Ensino no 1º ciclo- 1º semestre	-	X	-
Prática de Ensino no 2º ciclo- 2º semestre			
Estágio Supervisionado ₃	-	-	-
TOTAL DE MÓDULOS	25	25	-
TOTAL DE HORAS	860	860	400

1. Disciplina ministrada por todos os professores da série, às terças-feiras.

2. As práticas se desenvolvem no transcorrer do curso, através de pré-estágio, prática com monitoria, atividades práticas de expressão artística e cultural, prática de atividades de História e Geografia; prática em atividades de Ciências da Natureza, atividades práticas nos diferentes níveis e modalidades, prática pedagógica integrada e prática de implementação de Jornada Pedagógica, somando ao final dos 4 anos, 400 horas. Total de horas do Curso Normal, incluindo horas de estágio 2120 horas.

Professores e coordenação do Curso participam de reuniões semanais, com carga horária de 02 módulos-aula com reunião geral do Curso Normal, 02 módulos-aula com orientação de estágio, 01 módulo-aula com supervisão de estágio e 02 módulos-aula com planejamento da disciplina Teoria e Prática de Ensino, momento de definir estratégias de trabalho coerentes com os princípios do Curso, áreas do saber e a filosofia da escola.

O Curso Normal dispõe de uma sala exclusiva, equipada com material adequado para a confecção de recursos audiovisuais tais como TV, DVD, Datashow, computador, impressora, além de materiais didáticos, jogos e livros. As reuniões de estagiários, de professores, bem como, para práticas diferenciadas são realizadas na sala do Curso Normal. Os encontros formativos/investigativos ocorreram, também neste local.

5 TRILHANDO CAMINHOS... PERCURSO METODOLÓGICO

A escolha da temática não se dá ao acaso e sim através das inquietações da pesquisadora que é, ao mesmo tempo, coordenadora e professora do Curso de formação de professores a nível médio. Além das experiências vividas e das vozes ouvidas, retrata as indagações compartilhadas por parte dos estudantes. Esta trajetória foi importante, pelo olhar de pesquisadora que respeita seus pesquisados, mas que trará respostas para coordenadora e professora.

O percurso metodológico foi fundamental para responder à questão de pesquisa: quais as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal? Como também, os objetivos: analisar as expectativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, visando à construção de uma formação para atender as demandas destes e das realidades em que atuam; conhecer o que pensa o estudante sobre a formação no Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense; identificar a concepção de educação e de docência dos estudantes; verificar as expectativas e projetos pedagógicos e profissionais dos estudantes, os quais se formarão no Curso Normal.

A abordagem da pesquisa é predominantemente qualitativa de investigação, mas não será desprezada a possibilidade de utilizar dados quantitativos.

O percurso investigativo/formativo começou com o convite individual a cada estudantes das turmas 22, 23 e 24 e criação de um grupo de WhatsApp para os encontros formativos. Posteriormente, como instrumento de coleta de dados, os estudantes responderam a um questionário individual composto por perguntas estruturadas com o objetivo de coletar os seguintes dados: identificação; formação; trabalho; responsabilidade exclusiva ou não pelo sustento familiar, através do Google Docs, formulário que auxiliou a conhecer sobre a realidade dos estudantes, relatada no capítulo de análise dos dados.

A fase seguinte da pesquisa foi dedicada à realização dos cinco encontros formativos/investigativos, pela necessidade da criação de laços de confiança e entrosamento com o grupo de estudantes (sujeitos da pesquisa). Utilizei como estratégia metodológica os encontros de formação. Estes, me auxiliaram a conhecer as concepções de educação, de professor, os projetos profissionais dos estudantes e como veem o Curso Normal. Criando um espaço de acolhimento e aconchego,

favorecendo no final deste processo responder ao objetivo, que é conhecer as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal.

Os encontros formativos/investigativos foram realizados na sala do Curso Normal, dependências da escola, a qual era previamente arrumada e organizada para cada temática e posterior entrevista em grupo.

Os sujeitos da pesquisa foram 21 estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense que ingressaram em 2016, 2017 e 2018, do nível médio, estudantes estes, que estavam tendo sua primeira experiência como alunos do ensino médio, como também, primeira formação profissional concomitante. E a pedido dos estudantes, em todas citações de falas, será mantido o nome dos sujeitos da pesquisa.

Denominamos encontros formativos/investigativos por se tratar da investigação da pesquisadora para responder sua questão de pesquisa, ao mesmo tempo foi uma formação para estes estudantes pois cada temática foi pensada para auxiliar o futuro docente, assim como, auto formativo para os pesquisados. Para Freire (2014), não há docência sem discência. O ensinar não acontece de forma unilateral. Não existe um que ensina e outro que aprende, o processo envolve os sujeitos, ensinando e aprendendo.

É fundamental que nos cursos de formação de professores seja pensada e discutida além da formação inicial, a formação continuada e a autoformação dos professores. Como nos traz Pimenta:

[...] Pensar sua formação significa pensá-la como um *continuum* de Formação Inicial e contínua. Entende, também, que a formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares. É nesse confronto e no processo coletivo de troca de experiências e práticas que os professores vão constituindo seus saberes como *praticum*, ou seja, aquele que constantemente reflete *na e sobre* a prática. (PIMENTA, 2012, p. 32)

O professor deve estar em constante formação, assim como a investigação deve estar presente no seu cotidiano de sala de aula, criando estratégias que auxiliarão na aprendizagem dos seus alunos, inquestionavelmente o trabalho coletivo e trocas de saberes auxiliarão neste processo.

Após os encontros formativos/investigativos, foi a fase de degravação, num total de oito horas, que está registrado no capítulo de descrição dos encontros formativos, além de análise das imagens.

Posteriormente as gravações, rastreamos as falas que tivessem proximidades de sentido e que respondessem à questão de pesquisa. Ademais, foram criadas dez categorias, as quais foram analisadas à luz do referencial teórico.

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. (BOGDAN, 2013, p. 221).

Estas dez categorias contribuíram para conclusão da pesquisa, que nos permitiu conhecer as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense.

5.1 PESQUISA QUALITATIVA

Esta pesquisa de cunho qualitativo, com caráter exploratório, assumiu a função de conhecer as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal, questões particulares deste grupo. Conforme mostra a autora:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das ciências sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2016, P.20).

Para Minayo (2016), a pesquisa qualitativa possui três etapas: fase exploratória; trabalho de campo; análise e tratamento do material empírico e documental.

A fase exploratória consiste na produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada de campo. São imprescindíveis dedicação, empenho e investimento do pesquisador para definir e delimitar o objeto de estudo, desenvolvendo teórica e metodologicamente, ter uma hipótese, escolher e descrever os instrumentos de operacionalização empírica, de traçar o cronograma de ação.

A fase de campo é baseada em diálogos com a realidade concreta a construção teórica, realizada na primeira etapa. Como também “colocar a mão na massa”, fase de observação entrevistas e outras modalidades de comunicação. Este momento depende, segundo Minayo, de uma boa preparação realizada na fase exploratória; e a

capacidade do pesquisador estabelecer relações e observações que possam confirmar ou refutar suas hipóteses e suas propostas teóricas.

E na fase de tratamento e análise do material, a autora, (2016) fala sobre o respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo. Assim, para ela:

O tratamento do material nos conduz a uma busca da *lógica peculiar e interna* do grupo que estamos estudando, sendo esta a construção fundamental do pesquisador. Ou seja, análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria à porta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador (MINAYO, 2016, p. 26).

Portanto, a análise dos dados (questionário, entrevistas, filmagens e registros fotográficos e demais materiais de estudo) será à luz da teoria, considerando as falas dos sujeitos da pesquisa. Segundo Minayo, ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social, diferenciando a descrição e interpretação, como exposto abaixo:

... na *descrição* as opiniões dos informantes são apresentadas de maneira mais fiel possível, como seus dados falassem por si próprias; na análise o propósito e ir além do escrito proposta ele além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas e, por último, na *interpretação*- que pode ser feita após análise ou após a descrição- buscam-se sentidos das falas das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além de escrita analisado (MINAYO, 2016, p.73).

Porque para Gomes (2016), na pesquisa qualitativa e interpretação, assumir o foco central, uma vez que é um ponto de partida (porque se inicia com as próprias interpretações dos atores) e é o ponto de chegada (porque a interpretação das interpretações).

E para finalização do nosso trabalho, segundo Minayo, iremos ancorar em todo o material coletado e articulando esse material os propósitos da pesquisa e a sua fundamentação teórica. Para autora (p.74) se não conseguimos produzir uma interpretação dos dados com referências teóricas já trabalhadas na fase exploratória, pois as novidades surgidas em campo existem outras análises, devemos acrescentar leituras para produzir uma cuidadosa compreensão e interpretação.

5.2 ESTUDO DE CASO

Tendo como base a pesquisa qualitativa, optou-se por fazer um estudo de caso, analisando as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal.

Assim como já citado por Minayo, os estudos de Nisbett e Watts (André, 2008) caracteriza o desenvolvimento dos estudos de caso em três fases: exploratória, fase de coleta dos dados e análise sistemática dos dados.

Para André (2008), na fase exploratória, as abordagens qualitativas de pesquisa valorizam o papel ativo do sujeito no processo de produção de conhecimento e que concebem a realidade como uma construção social.

Por que para a mesma autora (2008) “Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações”. Por isso, faz-se necessário para o desenvolvimento da pesquisa os encontros formativos/investigativos com os estudantes do Curso Normal.

E o estudo de caso parte da problemática ou hipóteses provisórias, para André a problemática pode ser de uma indagação decorrente da prática profissional do pesquisador, assim consolidando problemática deste estudo.

O estudo de caso deve ser um retrato vivo da situação investigação investigada, tomada em suas múltiplas dimensões e complexidade próprias. O pesquisador tem, assim, uma certa obrigação de apresentar as interpretações diferentes que diferentes grupos ou indivíduos tem sobre uma mesma situação e deve fazê-lo de tal forma que possibilite uma variedade de interpretações por parte do leitor (ANDRÉ, 2008, p.60).

Assim, queremos mostrar diferentes interpretações encontradas nos encontros formativos, nas entrevistas realizadas e registros no diário de bordo, contribuindo para formação do corpo docente do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense.

Nos próximos capítulos apresentaremos a descrição dos cinco encontros formativos/investigativos e após a discussão e análise dos dados que emergiram a partir dos encontros.

6 ENCONTROS FORMATIVOS/INVESTIGATIVOS

Foram realizados cinco encontros formativos/investigativos com diferentes temáticas, para que, ao final, pudessem responder a minha questão de pesquisa: Quem são os estudantes do Curso Normal? Como percebem o processo de constituir-se docente? Quais as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense?

Após a pesquisadora passar pela banca de qualificação, enviou a carta de apresentação da pesquisa à Secretaria Municipal de Educação e à direção do Colégio Municipal Pelotense. Posteriormente, a aprovação foi o momento de convidar os alunos para a pesquisa. Foi confeccionado um convite individual e nominal a cada aluno, como forma de acolhimento, afetividade e respeito com cada pesquisado. Foram convidados 37 estudantes de 3 turmas [22(2º), 23(3º) e 24(4º)], turmas estas, de nível médio concomitante com o Curso Normal. Cabe ressaltar que a turma 22 e 23 fazem parte da nova base curricular de 3 anos e meio e a turma 24 da base curricular antiga, de 4 anos e meio (descritas no capítulo sobre o Curso Normal). Bem como, sou professora de didática da alfabetização das turmas 23 e 24 e no ano de 2020 serei da turma 22.

Dos 37 estudantes convidados três fazem parte da equipe de remo do Flamengo e nesta data estariam em competição no Rio de Janeiro, dois justificaram que faziam inglês aos sábados e dois que faziam jazz/ballet e os ensaios dos espetáculos também eram aos sábados.

Os convidados receberam este convite, dentro de um envelope com seu nome manuscrito pela pesquisadora.

Figura 4- Convite para os Encontros Formativos



Fonte: Acervo da autora, 2019

Além do convite individual, foi criado pela pesquisadora um grupo de WhatsApp com os pesquisados e acordado de quem não pudesse participar dos encontros sentia-se à vontade para sair do grupo, que era para recados e lembretes sobre os encontros formativos/investigativos.

As datas dos encontros expostas no convite foram: 14/09; 21/09; 28/09; 05/10 e 26/10 sábados não letivos, pois era necessário assegurar o direito as horas/dias letivos dos estudantes. As datas do 3º, 4º e 5º encontro foram necessárias serem modificadas, devido ao falecimento do meu pai e a greve dos municipais. Ficando: 14/09; 21/09; 19/10; 26/10 e 09/11

Deixei claro aos estudantes que era um convite. Quem participasse, colaboraria comigo, com a minha pesquisa e posteriormente, auxiliaria o Curso. Também falei da não obrigação de participar de todos os encontros, já que seriam cinco sábados. Para minha imensa alegria como professora/pesquisadora, 21 estudantes participaram. Ficou evidente pelas falas informais antes e após os encontros e no Pedagolanche, que eles participavam porque era eu a pesquisadora, porque me respeitavam e por gostarem de mim como professora e coordenadora.

Laços que já estavam sendo criados enquanto coordenadora e professora, começaram também como pesquisadora. Com o fato da morte do meu pai, muitos verbalizaram que ficaram constrangidos por não saberem o que me dizer ou como reagir, motivo de alguns não terem participado dos encontros posteriores.

Os encontros formativos/informativos foram idealizados pela necessidade de criar laços de confiança e entrosamento com o grupo de estudantes (sujeitos da pesquisa). Estes auxiliariam a conhecer as concepções de educação, de professor e os projetos profissionais dos estudantes. Criando um espaço de acolhimento e aconchego, a cada encontro a sala do Curso Normal estava previamente organizada auxiliando a temática a ser trabalhada.

A cada encontro duas atividades foram permanentes: a leitura deleite e o pedagolanche. A leitura deleite – que é feita por prazer, por deleitar-se pela leitura. “A leitura deleite proporciona ao participante perceber que em diversos momentos da vida cotidiana a leitura está presente e tem diferentes finalidades. Uma delas, é a leitura para o divertimento, para o bel-prazer” (SEAL, 2012, p. 25). Mas para nossos encontros, escolhemos histórias relacionadas com as temáticas.

Também foi realizado um lanche, entre a pesquisadora e pesquisados. No Curso Normal chamados de “Pedagolanche”, que para SANTOS (2015) “comermos

juntas é socializar afetos através de sabores”. Importante destacar que o Pedagolanche é um partilhar e compartilhar do alimento com as pessoas, como também experiências e histórias de vida, socializando nosso afeto pelo outro. Os Pedagolanches foram levados pela pesquisadora e eram realizados no final dos encontros, finalizando as atividades do dia.

Foram usados para registro dos encontros de formação/investigação, gravação em áudio, filmagem, registros fotográficos e diário de bordo. Utilizamos para identificação dos professores nome de flores, para os componentes curriculares nome de brinquedos e, por escolha dos sujeitos da pesquisa, o nome dos estudantes foi mantido.

Obtive o retorno de apenas um diário de bordo. Sua reflexão é a epígrafe do capítulo da análise de dados. No diário de bordo, os estudantes, após cada encontro realizariam uma escrita reflexiva sobre suas impressões, assim como questionamentos, anseios e dúvidas, que foram utilizados como documentos de pesquisa e para reflexão da pesquisadora.

Os encontros de formação serão divididos em cinco temáticas: história de vida, memórias de infância, expectativas sobre o Curso Normal, pertencimento ao grupo e o que pensam sobre o Curso Normal. Participaram dos encontros:

1º encontro: 9 estudantes

2º encontro: 18 estudantes

3º encontro: 10 estudantes

4º encontro: 8 estudantes

5º encontro: 10 estudantes

Três estudantes participaram de todos os encontros, três estudantes participaram de quatro encontros, quatro estudantes participaram de 3 encontros, cinco estudantes participaram de dois encontros e seis estudantes participaram de um encontro. Conforme tabela abaixo:

Tabela 6- Frequência dos estudantes nos Encontros Formativos/Investigativos

Nº	Nome	1º Encontro				
1	Adrielle	X			X	
2	Bruna Guadalupe	X			X	X
3	Bruna Persch		X	X		
4	Cassandra		X	X	X	X

5	Daniela	X				
6	Diuliana		X			
7	Francisca	X	X			
8	Haryn		X			
9	Helen		X			X
10	Jaqueline	X	X	X	X	X
11	José		X	X		X
12	Ketlin	X	X	X	X	
13	Lauren		X			
14	Luísa		X			
15	Naiara		X	X		X
16	Nathália	X	X			
17	Pamela		X	X	X	X
18	Shaiane	X	X	X	X	X
19	Shalize		X			
20	Susane	X	X	X	X	X
21	Vitória		X	X		X

A seguir, a descrição completa dos cinco encontros formativos/investigativos:

6.1 DESCRIÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO FORMATIVO:

O primeiro encontro formativo aconteceu no dia 17 de setembro de 2019, das 9 às 11 horas, na sala do Curso Normal, nas dependências do Colégio Municipal Pelotense. A temática: Histórias de vida. Participaram 9 estudantes (2 do segundo ano, 3 do terceiro ano e 4 do quarto ano, que foram: Ketlin, Jaqueline, Daniela, Francisca, Adrielle, Shaiane, Nathália, Susane e Bruna Guadalupe). Neste dia, a leitura deleite foi a partir do livro “Quatro Mãos” da autora, Marida Castanha. Para o Pedagogolanche tivemos: pães, patês (jardineira, frango, atum e doce de leite); bolo e café. A sala do Curso Normal estava previamente organizada, com as cadeiras em círculo e no centro, um tapete. Em cima do tapete, estava uma caixa com 77 objetos diferentes para atividade da História de vida dos pesquisados.

A leitura deleite do primeiro encontro estava relacionado com a temática: História de vida; O livro “Quatro mãos de Marilda Castanha, é uma história sobre a passagem do tempo, representada pelos caminhos que uma menina percorre ao lado de seu pai. Seja para carregá-la no colo, brincar de balanço ou dar um abraço, ele

está sempre por perto, lhe estendendo a mão. Nos fala, com delicadeza, sobre as pessoas queridas que nos acompanham na vida, e sobre as suas mãos, gestos e tudo que eles podem representar. E em nossas vidas quantas pessoas se passaram e deixaram marcas que carregamos em nossa memória até os dias de hoje.

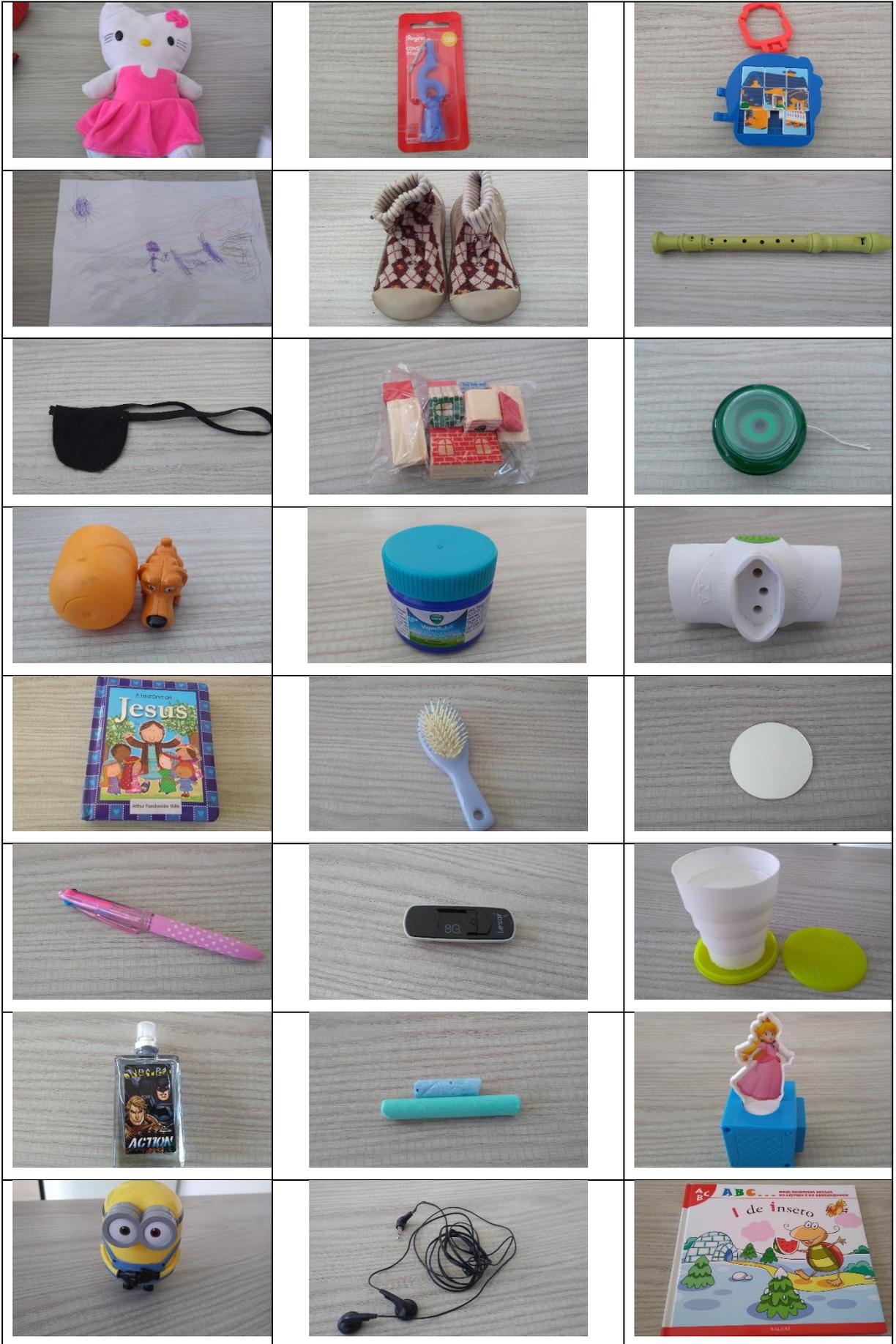
No final do encontro tivemos o nosso “Pedagolanche”, importante destacar que o Pedagolanche é um partilhar e compartilhar do alimento com as pessoas, como também experiências e histórias de vida.

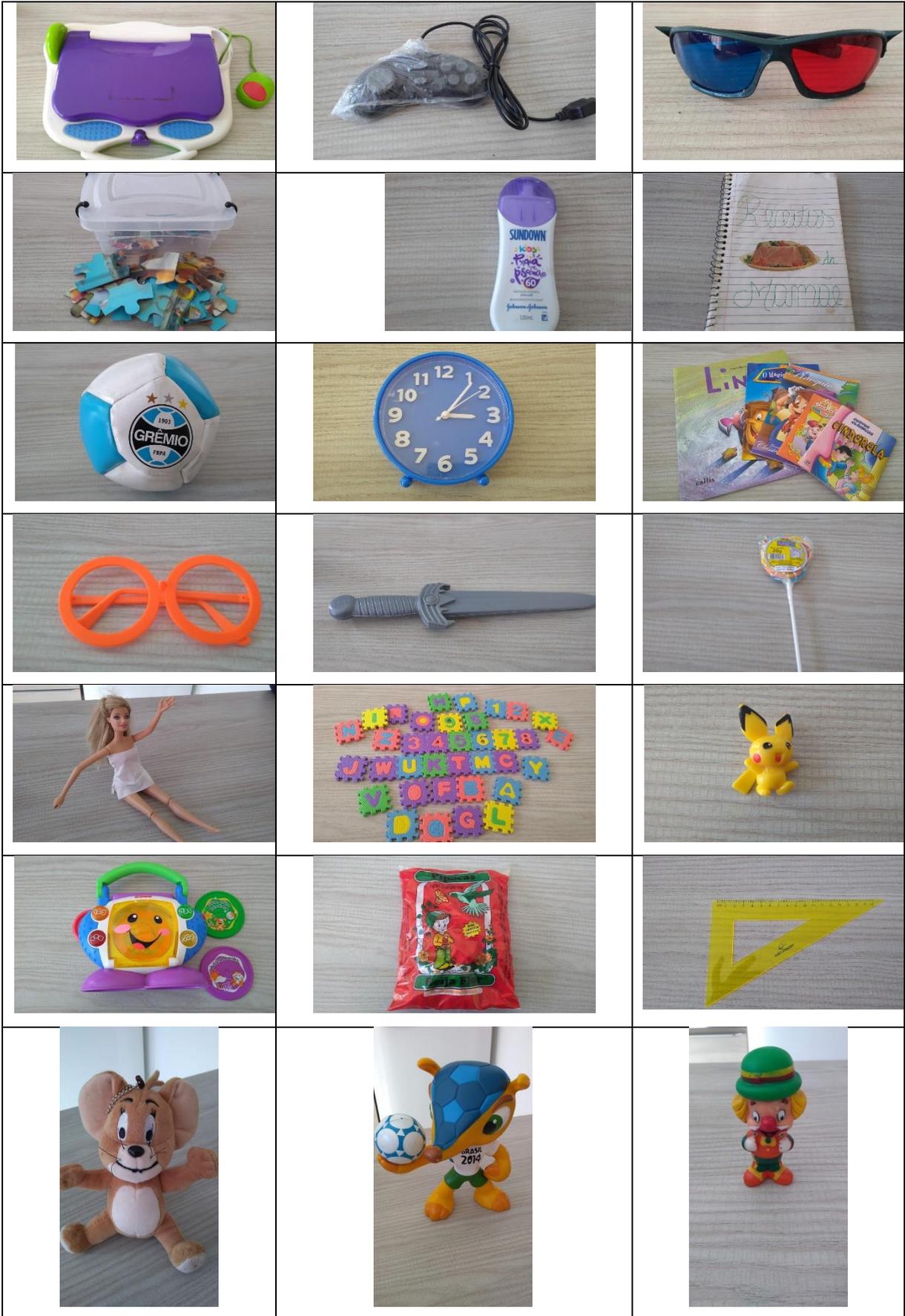
Nosso encontro começou com as boas-vindas, relatando um pouco da pesquisa, objetivos e as turmas participantes. A pesquisadora entregou um mimo: sacola personalizada, boton do Curso, bloco de anotações com postit e caneta, diário de bordo, marcador de página com o formato do gato pelado, símbolo do Colégio Municipal Pelotense. Relatou que aconteceriam 5 encontros formativos e, cada encontro teria uma temática diferente, que auxiliará a responder à questão de pesquisa, que é: Quem são os estudantes do Curso Normal? Como percebem o processo de constituir-se docente? Quais as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal, do Colégio Municipal Pelotense?

Figura 5- Organização da Sala 1º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019









Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 8- Pedagogolanche 1º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 9: Pedagolanche 1º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 10: Mimo entregue aos estudantes



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 11- Livro: Quatro Mãos- Marilda Castanha



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 12- Pesquisadora contando a história: Quatro Mãos



Fonte: Acervo da autora, 2019

A seguir, irei descrever o primeiro encontro na íntegra.

Patrícia- Bom dia! Que alegria ter vocês aqui. Vou explicar sobre minha pesquisa de mestrado, que vem das minhas inquietações. Estou na coordenação do Curso Normal há 9 anos, desde 2010 e o que percebo, que sempre escutamos muito o professor. Se reformula o Curso escutando o professor, se escuta os alunos por cima, mas nunca a fundo. Por isso, a minha ideia com a pesquisa é justamente escutar o aluno, para melhorar o trabalho dos professores, esse é o intuito.

Porque é muito fácil a gente como professor falar: eu não gosto disso, acho que o aluno faz isso... então eu quero escutar o lado dos alunos. E com isso, eu precisei delimitar a pesquisa, temos que escolher o público-alvo, e conversando com minha orientadora, percebemos que todos os alunos do Curso Normal não dariam, pois seria muitas pessoas. E decidimos escolher os alunos do Curso Normal concomitante com o ensino médio, que são vocês. O público é a 22, 23 e a 24 os que entraram em 2016, 2017 e 2018. Por que o primeiro ano recém está entrando e porque não o aproveitamento de estudos? Porque no aproveitamento eles já fizeram o ensino médio, eles muitas vezes, já têm algumas certezas, que vocês estão na dúvida e é para escutar as dúvidas, ansiedades de vocês que estou aqui. E o que resultará a pesquisa? Faço mestrado profissional no CAVG e precisamos apresentar um produto educacional e esse material é justamente para melhorar o que vocês não gostam. Não gostam ou que possa ser melhorado no Curso, o título é: “As expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense”. Neste momento, é esse o título. Como eu cheguei até aqui? Estudei todo o ano passado, vocês lembram que sexta-feira eu dava aula para uma turma no primeiro módulo e saía correndo para o CAVG, eu tive aula todo ano passado. Para entrar no Programa PPGCITED, tu apresentas um projeto e posteriormente qualifica. Eu qualifiquei esse projeto em julho, a banca foi composta por 4 professores, mais a minha orientadora. Olharam o meu trabalho e palpitarão/sugeriram bastante coisas, assim como fizemos nos planejamentos de vocês. E para responder minhas inquietações faremos cinco encontros. Por que aos sábados gurias? Porque aos sábados é garantida a participação de vocês e serão sábados não letivos. Porque estes encontros são a parte, não fazem parte do ano letivo. E agradeço muito vocês! Fiz um mimo, porque sei que não é fácil vir durante 5 sábados. Espero que vocês venham a todos, para estar aqui e me auxiliar nessa pesquisa, então agradeço muito mesmo.

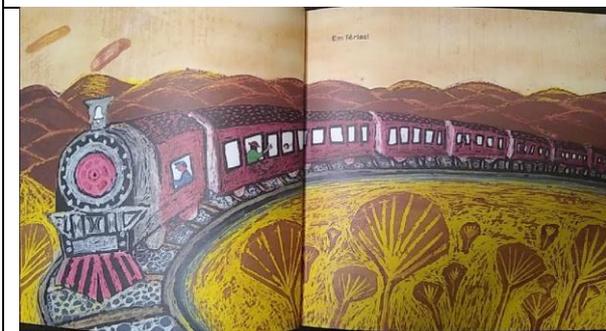
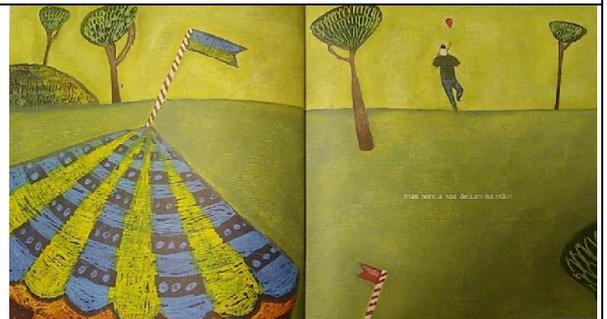
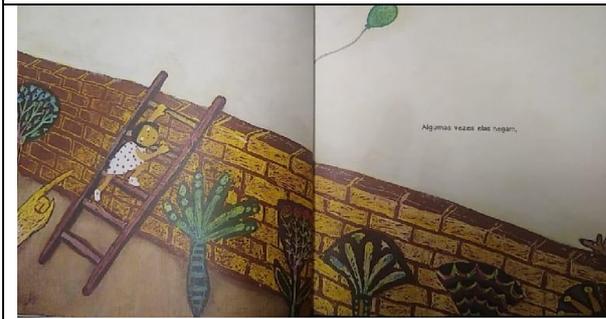
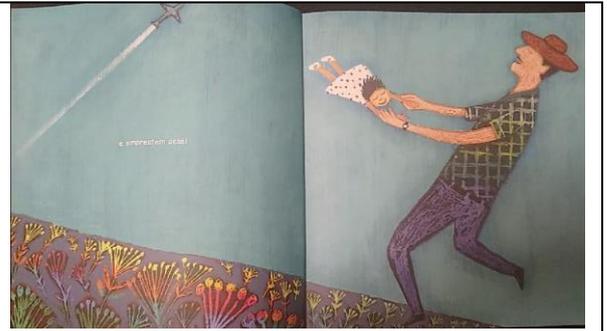
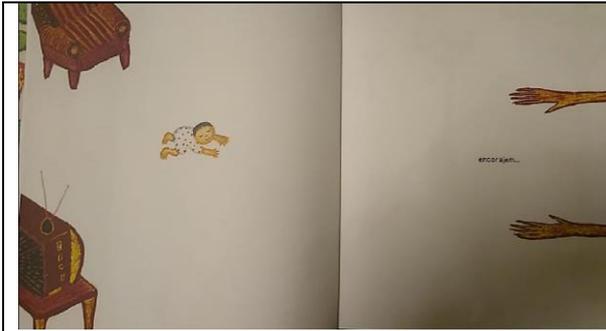
Todos os encontros foram pensados com muito carinho, em cada detalhe mesmo, estão percebendo os detalhes, mas que eu acredito que faz parte, inclusive as gurias que já tiveram aula comigo sabem como sou, como professora.

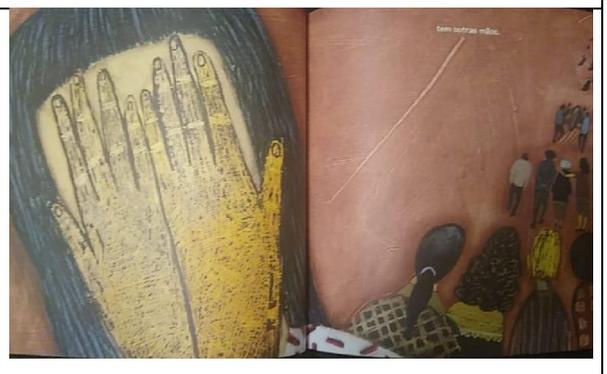
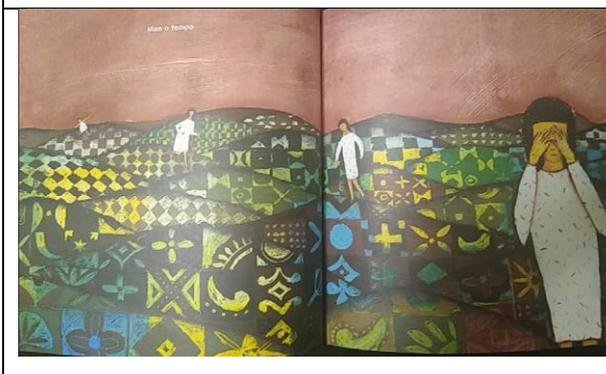
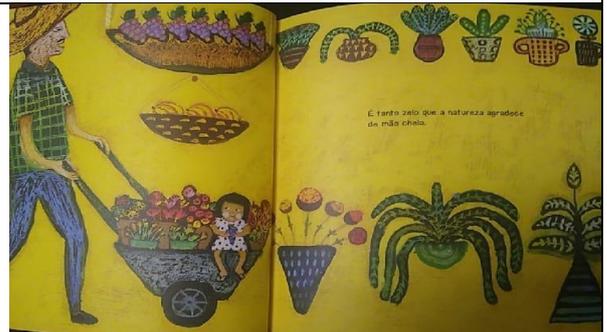
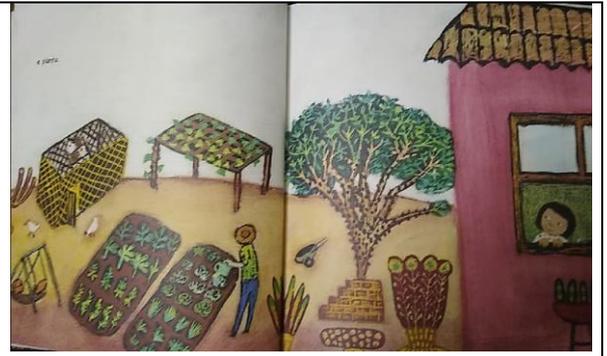
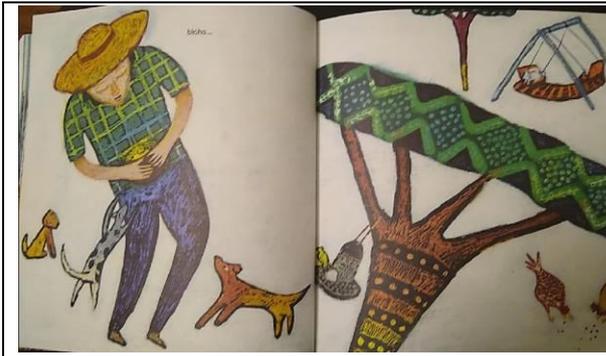
Vocês irão assinar uma autorização de uso de imagem, como estão percebendo, os encontros serão gravados e filmados, para deixar registrado e auxiliar na coleta de dados.

Gurias, vocês sabem como eu gosto de leitura deleite, eu preparei para a leitura deleite de hoje: Quatro mãos, da Marilda Castanho e ele fala um pouquinho da temática, que falei para vocês, que serão 5 encontros e esses encontros terão temáticas diferentes, para que no último dia possamos ver, assim como a gente trabalha em sala de aula, para poder chegar em um objetivo, não adianta chegar e ir direto, tem algumas coisas que vamos trabalhar, cada encontro é uma temática diferente e eu pensei em ter duas coisas que vai acontecer sempre: a leitura deleite e o pedagolanche. Sempre faço uma leitura deleite no início das aulas, quando eu não faço, quase me matam. É uma leitura por prazer, uma leitura por gostar, não precisa tu trabalhar em cima da temática. Mas para os nossos encontros, os livros serão sempre relacionados com a temática do dia.

Então para vocês “Quatro mãos” que diz assim:









E essa é a história! Gurias como é bom, melhor quando a gente pode andar de mãos dadas com outra pessoa... A menina vai refletir sobre toda a vida, ao lado do pai, mas em que momentos vai deixá-la mas como é importante a gente ter pessoas que nos deem a mão para gente andar junto, então ele vai remeter bem isso a nossa história de vida, quantas pessoas na nossa vida foram lá e nos deram as mãos. Quantas vezes precisamos de pessoas que nos deem a mão. Quando a gente é criança para aprender a caminhar, sempre vamos precisar dessas pessoas, as vezes é da família e as vezes são amigos que se tornam mais que família para gente, então sempre possamos ter pessoas que segurem a nossa mão, porque temos momentos bem difíceis na nossa vida, e que tenhamos pessoas que faça isso por nós. E vocês enquanto colegas, muitas vezes, seguram a mão um dos outros e isso é muito importante.

Gurias como vocês podem ver, o primeiro momento é para gente contar um pouquinho da nossa história de vida, vocês viram que o livro trabalha com isso sobre história de vida, mas pra gente se apresentar, dizer o que gosta o que não gosta. Aqui tem vários objetos, para escolher dois ou três se quiserem para mostrar, vocês podem tirar da caixa se quiserem, com o que vocês se identifiquem, com o que marca a trajetória de vida de vocês. Foi uma pesquisa de coisas que eram da época, mais ou menos da idade de vocês que eu fiz a pesquisa, que vocês peguem dois objetos que identifiquem a vida de vocês. Podem tirar da caixa.

Figura 13- Dinâmica da Caixa com objetos



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 14- Dinâmica da Caixa com objetos



Fonte: Acervo da autora, 2019

Os estudantes foram até o centro da sala, onde estava a caixa de objetos, e escolheram os que remetessem a história de suas vidas.

Patrícia: São 3 momentos bem distintos da minha vida. Eu sou a Patrícia, tenho 40 anos, muito bem vividos, sou professora desde os 17 anos, comecei muito cedo, quando eu digo que tenho muito tempo de profissão é porque eu comecei muito cedo. Apesar de ser muito nova, é engraçado porque eu tenho 40, mas eu me sinto com 30. Esses dias eu adorei que disseram que eu não tinha cara de 40, mas eu comecei muito cedo, comecei a dar aula quando eu estava ainda no ensino médio quando eu fiz o terceiro ano, apesar de todo mundo achar que eu fiz curso normal eu não fiz, eu fiz PPT (Preparação para o Trabalho), aqui no Pelotense, o primeiro ano eu fiz de manhã e o segundo e terceiro eu fiz a noite, porque eu precisava trabalhar, e comecei a trabalhar durante o dia todo.

Coisas que me lembram que são muito importante, é o protetor solar me lembra muito, que a gente não usava muito protetor quando era criança até mesmo porque a camada de ozônio não estava tão prejudicada, e eu lembro que íamos para praia acampar quando era pequena e ficava 2 meses dormindo em barraca sem geladeira, nada desses confortos e era muito bom! Eu lembro que minha mãe tinha um isopor e a gente ficava as três filhas em uma barraca que tinha dois quartos o quarto grande ficava o pai e a mãe, e o pequeno ficava as três, eu não sei como que a gente dormia. Então eu lembro que o porquê do protetor, pois pelava muitas vezes o meu nariz, de ficar em casca e daí tinha uma época que a mãe colocava um negócio branco para não pelar tanto e quando estava muito queimado, não um dia que o sol fosse tão forte como hoje, mas a gente tomava banho de camiseta, não sou sardenta não sei porque, mas a gente pegou muito sol e isso me faz lembrar do protetor mas antes a gente não tinha o costume que a gente tem hoje.

O álcool me lembra muito, eu sou do tempo da matriz, do cheiro do álcool, eu sou desse tempo, e eu fui conhecer o xerox depois de ser professora muito tempo, como professora eu usei muito a matriz e eu queimei muita matriz também. Porque não é fácil de fazer, precisa colocar a quantidade certa de álcool, inclusive a gente tem o mimeógrafo e vocês podem treinar depois. Precisa colocar a quantidade certa de álcool, porque se colocar muito ele queima a matriz e borra e se colocar pouco não

passa, então eu lembro como aluna de gostar da matriz e como professora eu fiz muitas matrizes e minhas matrizes eram de muitas cores.

E esse boneco, o Fuleco, porque foi o ano que nasceu meu filho, por isso que ele tem esse boneco, foi um ano muito difícil que foi o ano que o Brasil perdeu para a Alemanha de 7 x 1 e aí eu lembro que eu comprei camisetinha que a Pampers dava da fralda e eu queria um boneco para ele tirar a foto (ele tem uma foto com o boneco), foi muito difícil porque não tinha nas lojas, eu andei muito mas achei, daí meu filho tem uma foto linda lá com o boneco então lembra também essa história com meu filho. Queria dizer um pouquinho da minha trajetória e dizer assim que tem coisas lá da minha infância, da minha juventude e agora que são momentos distintos da minha vida mas que me fazem quem eu sou e aí é importante porque todas as experiências que a gente tem vai fazer quem a gente é.

Figura 15- Patrícia- Protetor solar, álcool e Fuleco



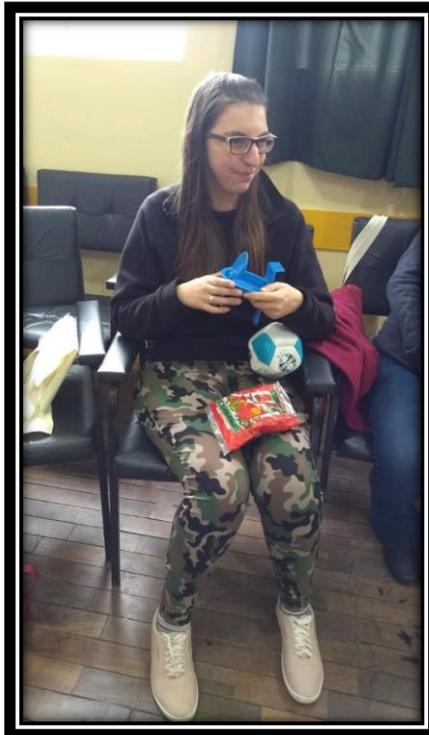
Fonte: Acervo da autora, 2019

Susane -Tenho 21 anos e eu peguei esse negócio, que é para brincar na areia, porque a gente brincava na casa da vó, com as panelas. Nós batíamos nas panelas da vó, era eu minha irmã e meu primo, nós criamos juntos, então a gente vivia brincando na areia. Minha avó ficava furiosa.

A pipoca eu lembro da minha vó, porque ela dava muita pipoca, porque era uma das únicas coisas que ela dizia que tinha para dar para nós.

A bola de futebol é que nós juntávamos toda a vizinhança na volta da casa, meu primo, meus outros primos e tinha o vizinho que os pais não se davam bem com os pais dele, mas os filhos se davam bem, daí o pai e mãe deixavam a gente brincar, só que não podia estar dentro de casa, era para brincar só na rua. Então a gente jogava muito futebol, o pai fez uma quadra de futebol para nós, e quando a gente estava com sede pedia para o meu amigo ir buscar uma jarra de água, para não levar para dentro casa, porque se levasse a mãe nos xingava.

Figura 16- Susane- Pazinha de areia, bola e pipoca



Fonte: Acervo da autora, 2019

Nathália: Eu escolhi o leão, o leãozinho porque meu vô cantava muito a música do Armandinho para mim quando eu era menor, porque desde pequena eu nunca gostei de pentear meus cabelos, sempre tive uma “treta” com a escova e também porque o leão representa o meu vô e o meu pai, porque por mais que eles passem por dificuldades, por mais que eles trabalhem muito para proteger a cria deles, eles acabam pecando, e eles sempre voltam atrás do que fizeram e lutam como um verdadeiro leão, para proteger a gente e eu acho que por isso eu peguei o leãozinho.

E a mamadeira foi porque esse ano eu descobri que eu estava grávida, foi um baita de um susto e eu achei que eu não ia aguentar tudo, porque meus pais não gostavam do meu namorado, porque eu ia ter que tomar muitas decisões na minha vida, que não eram só minhas, que eu tinha que pensar em mais alguém. Eu sei que eu sempre fui muito de pensar em mim, então a Analua ainda não nasceu, mas ela já veio me ensinando muita coisa, eu vejo muitas coisas agora com os olhos diferentes que eu via antes, eu achei que não ia conseguir vir a aula porque geralmente a gente escuta que as gravidez são cansativas que não dá, que não consegue mas foi diferente, as minhas notas melhoraram depois que eu descobri que eu estava grávida eu vim mais as aulas, eu vou começar meu pré-estágio na segunda-feira mesmo grávida, as professoras me ajudaram muito me auxiliaram muito sempre dizendo para

vir a aula, que iriam me ajudar, sempre me entusiasmando muito e por isso que eu escolhi a mamadeira porque agora a partir desse ano é uma coisa que vai me representar pro resto da minha vida.

Figura 17- Nathália- Leão e mamadeira



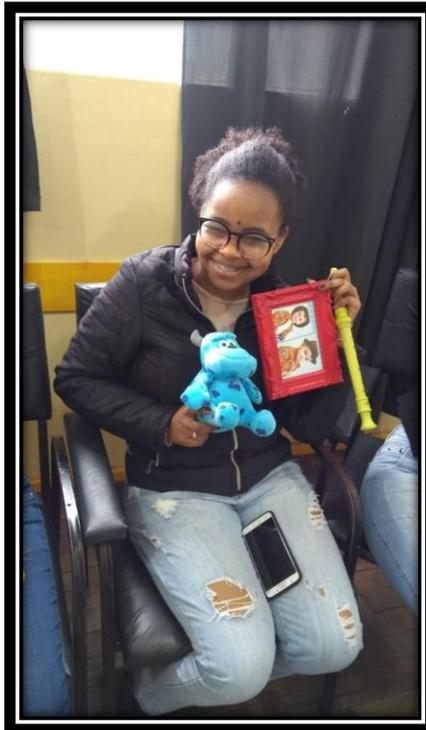
Fonte: Acervo da autora, 2019

Shaiane- Eu tenho 18 anos. Eu escolhi esses porque eu não sei por que eu escolhi, é porque eu gostei e eu olhava esse desenho quando eu era pequena esse desenho (Sullivan- Monstros AS), esse monstrinho e eu adorava a Boo, enfim foi por isso.

A flauta eu escolhi porque é uma coisa que me representa muito, porque eu amo tocar flauta e eu fiz aula quando era pequenininha, pequenininha não, quando eu estava no ensino fundamental, e é uma coisa que me representa, fazia muitos anos que eu não pegava mais em uma flauta e agora eu comecei a tocar flauta de novo.

E o porta-retrato eu escolhi porque eu amo as fotografias, pois é uma coisa que dá para eternizar os momentos nelas.

Figura 18- Shaiane- Sullivan, porta-retrato e flauta



Fonte: Acervo da autora, 2019

Bruna- Eu tenho 19 anos, agora 19 de setembro vou fazer 20 anos. Eu amo fotografias, sou apaixonada por fotografias, estou sempre tirando fotos, muito meu hobby, meu namorado fica furioso pedindo para eu parar de ficar tirando fotos, mas é uma coisa minha, sou apaixonada por tirar fotos e agora que eu me mudei, vou encher minha casa de foto é que agora nesse início eu estou sem dinheiro, mas quero fazer aqueles álbuns de família. Sou apaixonada por fotografia e tiro muitas fotos porque quando eu tiver filhos eu quero mostrar e dizer “olha como a mãe era nova aqui”, adoro essas coisas de fotos.

Aqui gente é um cofrinho que me lembra, ou melhor, sonho até hoje em juntar dinheiro, eu quando criança não conseguia e até hoje não consigo, é uma coisa minha e eu tenho um cofrinho assim e não tenho nada dentro.

Aqui eu escolhi o fone de ouvido, que me representa muito, que eu os perco o tempo inteiro, mas acho, adoro escutar música, adoro limpar a casa com música.

Aqui é o pirulito do Chaves, porque sou apaixonada por Chaves até hoje, eu chorava muito para mãe me dar e aí aqueles grandões só vinha na Páscoa, então eu só comia na Páscoa e até porque tinha que dar para três irmãs e era uma cesta igualzinha para as três irmãs. Porque era uma fileira, o que uma tinha a outra queria,

então andava as três com o mesmo abrigo, mesmo moletom, da mesma linha só mudando a cor.

E isso aqui gente, vamos imaginar que isso aqui é injeção e até hoje eu tenho trauma, e recentemente no ano passado quando fui tomar porque eu estava muito mal, antes de ir eu desmaiei, mas não sei se era de medo ou nervosismo.

Figura 19- Bruna- Cofrinho, porta-retrato, fone de ouvido, pirulito e injeção



Fonte: Acervo da autora, 2019

Adrielle- Eu tenho 17 anos, o que falar desse aqui, a mola maluca, eu adoro brincar com ela, sempre tive quando eu era pequena e minha mãe comprou para mim, e meu irmão brigava até rebentar e ficava puxando.

Esse aqui (controle do vídeo game) a minha mãe sempre comprou o DVD que tinha aquele CD que tinha os joguinhos, Sonic e Mário, a mãe sempre colocava tempo para nós, tipo uns 30 min, caso contrário iria estragar.

A escovinha eu tinha uma rosa, quando era pequena eu adorava fazer penteado, aí quando eu ia pro colégio minha mãe tinha que fazer um penteado diferente ou eu ficava brava com a minha ela, não queria ir com o cabelo normal, eu sempre tive o cabelo grandão, a primeira vez que eu cortei foi quando eu tinha 6 anos e eu sempre gostei de cabelo grande, inclusive adoro o meu.

Figura 20- Andriele- Mola maluca, escova e controle de vídeo game



Fonte: Acervo da autora, 2019

Francisca- Eu peguei uma Barbie e um livro da Cinderela, a Barbie porque eu tenho uma história, eu estava com piolho, deveria ter uns 5 anos, e o namorado de uma tia minha foi lá em Santa Catarina me visitar e levou uma pra mim e eu corri pro banheiro gritando “bicho bicho bicho” e comecei a cortar todo o cabelo da boneca e é marcante e toda a vez que tem uma junção de família eu lembro.

O livro eu tinha um igualzinho e quando eu tinha 6 anos eu estava no pré e foi o livro que eu comecei a ler, as primeiras leituras.

Figura 21- Francisca- Barbie e livro de história



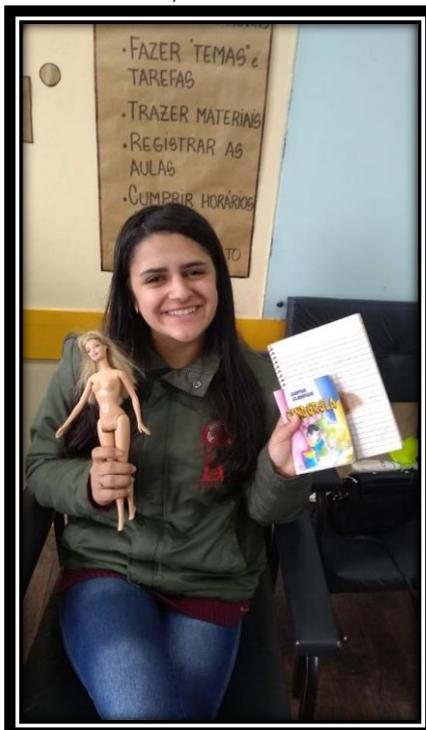
Fonte: Acervo da autora, 2019

Daniela- Eu tenho 18 anos e isso aqui são três coisas que me representam muito a minha infância, a Barbie eu sempre fui extremamente apaixonada minha vida inteira, minha sobrinha as vezes, eu tenho um ranço porque ela não gosta de brincar de Barbie e ai eu quero brincar com ela mas ela não quer brincar comigo, a Barbie representa minha infância porque todo final de ano eu pedia 2 filmes e uma Barbie de Natal e tinha que ser uma Barbie negra, e era o que eu ganhava.

Esses livros que eu acho que vieram antes da Barbie que eu tinha todos da coleção e eu sempre tive muito contato com livros, eu ia todo ano na feira do livro e esses aqui eram bem baratos e aí a gente sempre comprava.

O livro de receitas nem é tanto pelas receitas, mas me lembra muito a minha infância quando eu vi a imagem que tinha aquelas revistas do “Quatro estações” que eu sempre recortava todas as comidas para brincar de comidinha com as minhas bonecas, e eu sempre gostei de ajudar minha mãe muito na cozinha, embora hoje nem tanto.

Figura 22- Daniela- Barbie, livro de história e livro de receitas



Fonte: Acervo da autora, 2019

Jaqueline- Tenho 18 anos, os lápis de cor e as canetinhas são porque eu moro perto do “Pois Pois” da República do Líbano e tinha uma lotérica naquele “Pois Pois” e vendia aquelas revistinha de pintar, e sempre que meu pai me levava, eu

infernizava porque eu queria uma revista, porque eu queria pintar, então eu tinha bolos e bolos de revistinha que meu pai comprava pra eu pintar e isso marcou muito minha infância e ele quando ia sozinho também trazia uma, eu tinha da Branca de Neve, de ursinho, eu adorava.

O alfabeto porque quando eu era pequenininha eu tinha um muito parecido, minha mãe sempre me incentivou a ler, a brincar com coisas mais educativas, eu não tinha tanta boneca, eu tinha mais coisa “chata”, e então eu tinha um muito parecido que eu adorava e todo lugar que eu ia tinha que levar.

A caneta porque eu sempre gostei muito de escrever, acho que eu sempre fui meio professora, sempre gostei muito de escrever desde pequena e quando eu aprendi a escrever de verdade eu escrevi historinhas, refazia a história da Cinderela, ficava viajando e eu ganhei um PROERD, quando teve na minha Escola, porque eu sempre gostei e me dediquei na redação porque eu sempre gostei muito de escrever.

Figura 23- Jaqueline- lápis de cor e canetinha, alfabeto em EVA e caneta



Fonte: Acervo da autora, 2019

Ketlin- Eu tenho 16 anos e eu peguei a florzinha porque eu e minhas primas a gente olhava muito o desenho juntas e depois que acabava a gente ia para rua brincar e brincava de super heróis e a gente era elas, a gente fazia toda uma encenação e marcou muito a minha infância.

Vareta, e isso gerava muita guerra, porque como eu era a irmã mais nova eu brigava com meu irmão, e ele sempre ganhava, porque ele sempre roubava de mim, só que toda vez que ele roubava eu começava a chorar e a mãe brigava com ele e ele acabava apanhando.

E o caderno de desenho me marcou muito, porque foi quando eu descobri que eu desenhava, foi quando eu me apaixonei por desenhar através do meu irmão, e o primeiro presente que ele me deu foi um caderno de desenho, e isso me marcou muito até hoje, inclusive tenho ele guardado até hoje que fez parte de toda minha infância.

Figura 24- Ketlin- Vareta, caderno de desenho e Florzinha



Fonte: Acervo da autora, 2019

Gurias vocês sempre sonharam em ser professora?

Shaiane- Eu quando era pequena no ensino fundamental era aqueles quadros pequenos de giz, e eu amava, tinha paixão e quem ia me buscar no colégio era minha irmã e eu soltava as 17 horas e ela sempre chegava 18h/18:30, então assim todas as crianças iam embora e ficava só as tias da limpeza e eu ficava escrevendo na sala e eu ficava falando sozinha, fingindo que eu estava dando aula, eu ficava trocando de sala quando chegava as tias da limpeza, e assim eu ficava até a minha

irmã chegar. E nessa época eu queria ser professora e depois não e agora eu não sei mais o que eu quero fazer.

Nathália- Eu não queria ser professora, porque minha mãe me deu aula e então vocês já imaginam o que era, daí eu não podia fazer uma coisa errada, que ela já dizia que em casa a gente conversava, e eu era da pá virada, uma vez eu estava andando de balanço e uma guriuzinha me jogou uma pedra, eu peguei um punhado de pedra e joguei dentro das calças dela, minha mãe queria me matar e ela tinha que contar que eu era filha dela e então eu não queria ser professora. Porque minha mãe ela tinha muitas crianças com deficiência na sala dela e um gurizinho uma vez jogou uma cadeira nela e cortou o supercílio dela e ela tem uma marca até hoje disso, e então eu disse que não queria isso para mim, não vou ser. Eu nem sei quando eu entrei aqui, faz tanto tempo, acho que em 2015, eu rodei um ano, eu rodei com 1 décimo com a *Antúrio*, e meu avô estava muito doente e eu não conseguia prestar atenção, sempre tive déficit de atenção, agora estou melhor, do que eu era antes, e eu não queria de jeito nenhum. Depois que eu entrei para cá e vi a *Antúrio* e a *Amarílis* eu pensei em desistir. Quando eu fiz a monitoria eu vi que era realmente o que eu queria, aquilo que eu gostava, daí eu comecei a pesquisar e resolvi saber mais sobre o autismo, sobre como era a vida de um cadeirante e o que aconteceu que ele ficou assim. Agora no meu pré-estágio eu tenho uma cadeirante, um autista, um com deficiência intelectual e dois em período pré-silábico, num 4º ano. Então tudo que foi acontecendo no decorrer dos anos que eu estudei aqui, acho que fizeram com que eu realmente quisesse lidar com isso, ser professora.

Bruna: Sempre tem aquela coisa, o que tu quer ser quando crescer, mas tu não tem a mínima ideia, daí a minha irmã fez 1º ano de curso normal junto com a turma do Guilherme que se formou mas ela saiu, ela ficou só 1 ano e foi pro ensino médio normal. Ela sempre dizia que era muito chato e que eu iria odiar, que eu não iria gostar, que ela tinha voltado para o médio. Ela pediu para mãe tirar ela e foram falar com a diretora, daí a diretora explicou que só no final do ano para poder trocar e que ela aguentasse o final. Mas eu vim com o Daniel para cá e aprendi muitas coisas, que eu não tinha nem noção que a gente não aprendia no Colégio pequeno, a fazer cartaz e mais outras coisas, fui me apaixonando. Eu lá no Capão do Leão, o quadro era de giz, eu adorava escrever. Na minha casa o quarto era grande e a mãe dividia o quarto dela com o nosso com o guarda-roupa, e a parte de trás ficava virada para

nós e eu escrevia atrás, adorava e ela ficava furiosa, vai apagar guria. Eu não sabia se era o que eu queria, agora eu sei. Eu gosto do curso e das coisas que eles ensinam.

Jaqueline-Quando eu era pequena eu fiz dança, até meus 9 anos, eu queria dançar e sempre quis fazer isso mas tive que parar, descobri o problema na minha perna e hoje em dia queria voltar mas não posso porque tenho problema no quadril, mas na minha vida eu gostaria de dançar, porém tive que parar por questões de saúde, ai depois inventei que gostaria de ser engenheira, só que eu nunca fui boa em matemática, sempre fui mais do português, na segunda série minha professora disse que eu seria professora e eu falei que muito capaz que eu queria dançar. Daí quando eu terminei o nono ano, a mãe perguntou se eu queria ir pro Pelotense fazer magistério, e eu retruquei dizendo que ia fazer engenharia, fui pro primeiro ano no Cassiano e começou as greves, como eu fiquei pensando que eu iria me formar muito velha, vim pro Pelotense e minha mãe perguntou o que eu ia fazer e eu aceitei em entrar no magistério e parei aqui, descobri que é o que eu quero.

Então eu sempre tinha horror de chegar perto do quadro porque quando eu chegava perto do quadro eu espirrava loucamente, eu não tinha como, ficava observando que as professoras saiam todas sujas da sala de aula, mas u sempre fui muito de analisar meus colegas e tudo mais e ficava pensando como as professoras aguentavam o pessoal gritando, o pessoal que não se comporta e todo o resto então nunca me vi muito como professora. Como gostei sempre de desenhar sempre fui muito eclética e aí eu pensei em fazer design, fui para o IF fazer, mas não rolou. Quando saí do fundamental minha mãe perguntou o que eu iria fazer e ela sempre gostou de ser professora e ela se via nas professoras. Daí ela me falou em colocar para eu experimentar e eu comecei a gostar.

Francisca- Sempre quis ser professora, mas agora estou em dúvida por causa do salário, quero ter meu “Corolinha” (Corolla), mas não vou conseguir comprar com o salário de professora. Estou pensando em fazer Pedagogia e depois Psicopedagogia

Adrielle: Eu sempre gostei dessas coisas de professora, brincava com minha irmã mais nova, eu brincava com ela de dar aula e a mãe entrou aqui em 2014/2015 para tentar conseguir o aproveitamento, mas ela não conseguiu seguir, porque ela trabalhava de noite em um abrigo de meninos abandonados e ela acabou desistindo, então quando eu fui entrar no ensino médio ela me falou que queria que eu fizesse

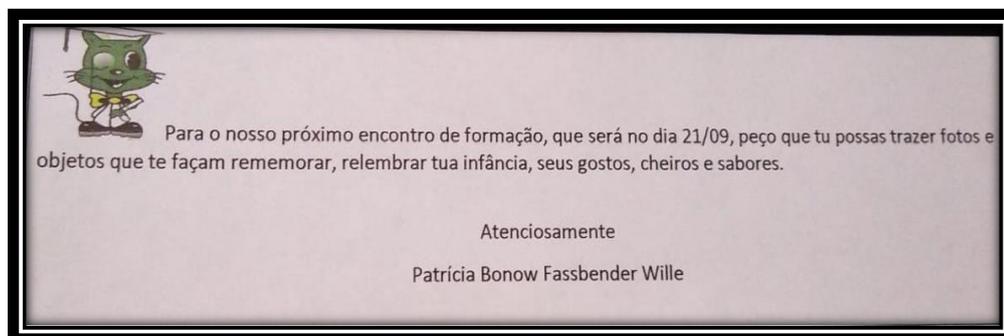
mais alguma coisa, tentei o IFSUL e não passei, tentei Química no IF, pois gosto de matemática que era o mais próximo, daí a mãe sugeriu o Pelotense pois tinha magistério, formação de professores e eu aceitei meio contrariada, mas agora estou gostando bastante e ano passado entrei na monitoria, dei aula pro 5º ano e eles super gostaram e eu também. Minha mãe começou a fazer faculdade e teve alguns problemas de saúde e trancou a matrícula e esse ano eu a incentivei a voltar e ela retornou.

Bom gurias, que gratificante! Hoje trabalhamos a história de vida, e temos uma atividade para próxima semana, sei que sexta-feira é feriado, mas vamos manter o encontro sábado, pois teremos mais tarde sábados letivos.

Conto com vocês na próxima semana, com um outro lanche delicioso.

E temos uma tarefa para próxima semana, que vocês possam trazer coisas que remetam a infância de vocês, se vocês brincavam com terra, tragam a terra, se for água, tragam a água, pode ser foto, objetos, alimentos que vocês possam recordar e rememora a infância.

Figura 25- Lembrete para o 2º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

No Kit que vocês receberam, vocês viram que tem um caderninho, um diário de bordo, o que eu gostaria que vocês fizessem? Pudessem escrever da maneira de vocês, não vai ser apagado nada (referente ao recebimento dos planejamentos, com marcações e sugestões de mudanças), neste caderno vai dizer... o que ficou hoje pra vocês, sobre a história de vida, infância, do jeito de vocês, vai me auxiliar na pesquisa.

Figura 26- Diário de Bordo



Fonte: Acervo da autora, 2019

Vamos tirar uma foto juntas para registrar esse momento?

Figura 27- Registro do 1º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Agora, quero oferecer para vocês um Pedagolanche. O que é um Pedagolanche? É um momento de compartilhar o alimento com os colegas, dividindo nossas histórias.

6.2 DESCRIÇÃO DO SEGUNDO ENCONTRO FORMATIVO

O segundo encontro formativo/investigativo aconteceu no dia 21 de setembro de 2019, das 9 horas às 11h15 min, na Sala do Curso Normal, nas dependências do Colégio Municipal Pelotense. Com a temática: Memórias de infância. Participaram 18 estudantes (8 do segundo ano, 6 do terceiro ano e 4 do quarto ano, que foram: Ketlin, Jaqueline, Pâmela, Haryn, Naiara, Vitória, Bruna Persch, Shalize, José, Diuliana, Lauren, Cassandra, Francisca, Luísa, Shaiane, Nathália, Susane e Helen). Neste dia a leitura deleite foi a partir do livro “Árvore Generosa” do autor, Shel Silverstein. Para o Pedagolanche tivemos: torta de frango, torta de frios, bolo de cenoura e café. A sala do Curso Normal estava previamente organizada, com as cadeiras em círculo e no fundo da sala um painel escrito: Memórias da Infância, classes com toalha branca, para os estudantes e pesquisadora pudessem colocar seus objetos que remetiam aromas, cheiros, gostos, sabores e memórias de sua infância.

No primeiro encontro, tivemos problemas com a filmagem e fotografias, dificultando executar o encontro, fotografar e filmar ao mesmo tempo. Portanto, a partir deste encontro contamos a presença da minha amiga e professora do 1º ano, Márcia Pereira. Os alunos já a conheciam e sentiam-se à vontade com ela, a qual me auxiliou nas fotos e filmagens.

A leitura deleite do segundo encontro estava relacionado com a temática: Memórias de Infância; A árvore generosa – Shel Silverstein. Resumidamente a obra trata de que: Todos os dias um menino ia até uma árvore para brincar em seus galhos, comer suas maçãs e descansar sob sua sombra. O menino amava a árvore e ela, feliz, o amava também. Porém, à medida que cresce, o menino voltava à árvore com mais pedidos e ela, cheia de amor e generosidade, lhe dava tudo o que queria. Conta uma bela história sobre a capacidade de amar o outro sem pedir nada em troca. Fazendo rememorar os momentos felizes de sua infância, vida adulta e velhice.

No final do encontro tivemos o nosso “Pedagolanche”. É importante destacar que o Pedagolanche é um partilhar e compartilhar do alimento com as pessoas, como também experiências e histórias de vida.

A seguir, alguns registros gerais do 2º Encontro.

Figura 28- Painel das Memórias da Infância



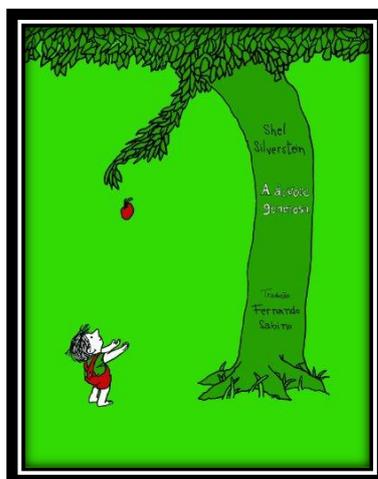
Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 29- Organização da Sala 2º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 30- Livro: A árvore generosa



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 31- Pesquisadora Contando a História: A árvore generosa



Fonte: Acervo da autora, 2019
Figura 32- Pedagoglanche 2º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 33- Pedagoglanche- Partilhar o alimento e histórias



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 34- Estudantes



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 35- Estudantes



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 36- Estudantes



Fonte: Acervo da autora, 2019

Patrícia: Bom dia, estou muito feliz que está repleto hoje. Que bom que vocês vieram e espero contar com todos nos próximos três encontros, eles foram planejados com muito carinho para vocês.

Eu expliquei semana passada, mas gostaria de explicar de novo para quem não estava. Os encontros fazem parte da minha pesquisa de mestrado que é: “As expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense”, como falei semana passada, sempre escutamos os professores quando a gente reformula o Curso, mas senti a necessidade enquanto coordenadora há 9 anos e pesquisadora, de escutar os alunos. Então o objetivo da minha pesquisa é que possamos ver algumas coisas/escutar os alunos, para melhorar o Curso em função dos professores também.

A partir dos nossos encontros, faremos um diagnóstico das expectativas de vocês sobre o curso e levaremos para os professores. Então, a participação de vocês é muito importante, porque muitos irão sair ano que vem, daqui um ou dois anos, mas muitos estudantes ainda virão, e a contribuição de vocês vai auxiliar os próximos estudantes que virão para o Curso.

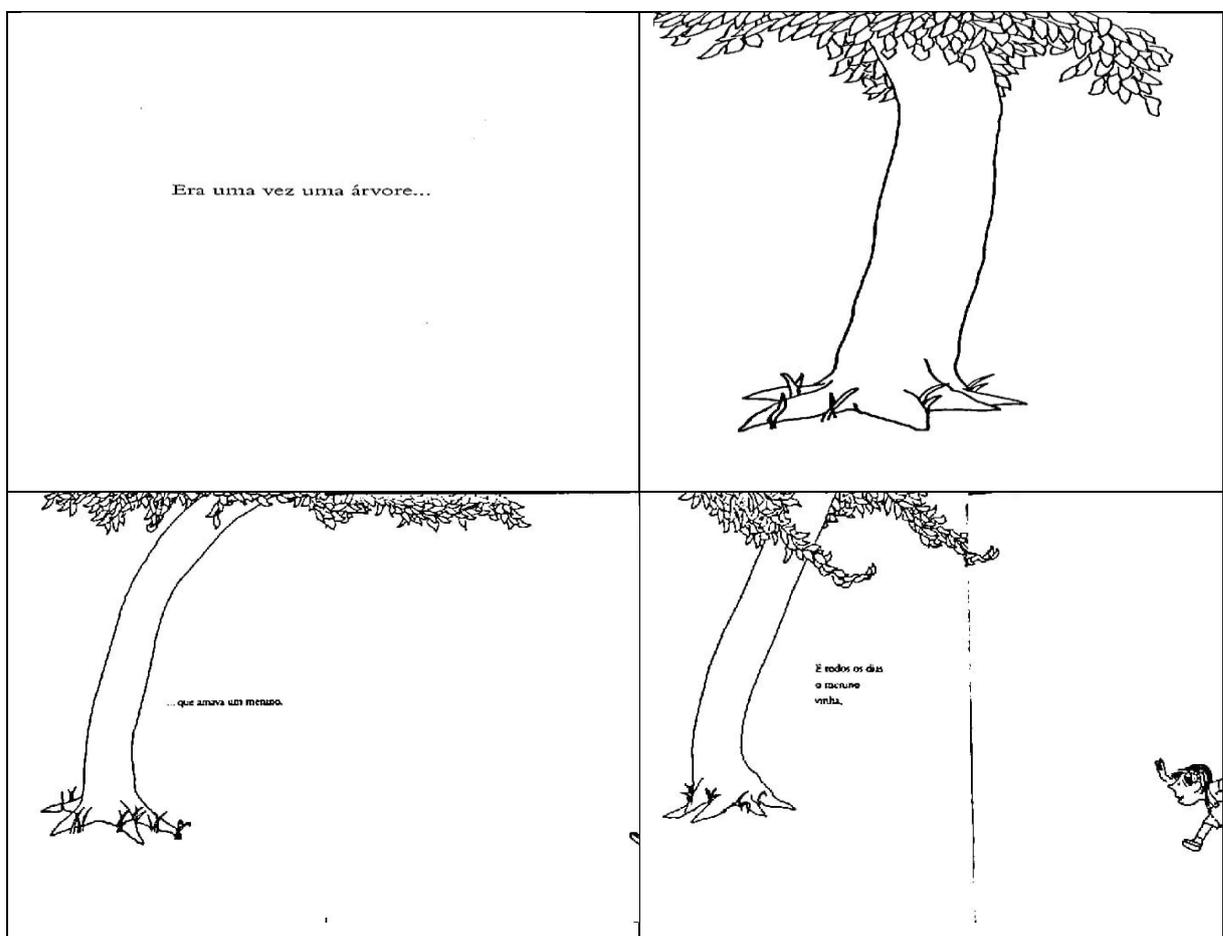
Vocês sabem que eu sou apaixonada pelo Curso Normal, apesar de não ter sido ser normalista, embora todos achem que sou normalista de formação, eu não sou. Fiz pedagogia, mas não sei por que na época não fiz o Curso Normal, acho que é porque recém estava surgindo o Curso aqui no Pelotense. Mas defendo o Curso Normal como essa primeira formação, espero que vocês continuem depois, façam faculdade, que venham trabalhar conosco no Curso como professores, porque é bem legal quando os alunos voltam para dar aula no Curso, a gente tem alguns casos e é maravilhoso.

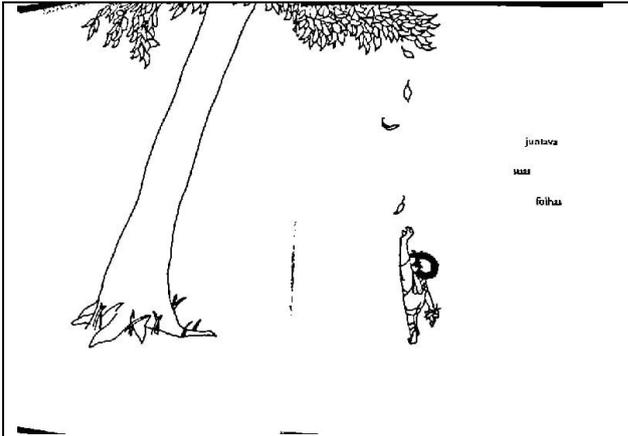
A leitura deleite, só o segundo ano que não conhece, porque não dou aula ainda, infelizmente, pois não tenho carga horária. Os demais já sabem, trabalho em sala de aula, que é uma leitura por prazer, uma leitura que não tem o intuito de trabalhar alguma temática, mas nos encontros ela vai falar um pouquinho da temática.

Como vocês viram semana passada, trabalhamos história de vida, através da caixa com diferentes objetos. Para o encontro de hoje foi solicitado através de um aviso que pudessem trazer objetos que remetessem, rememorassem as memórias de infância. Hoje então, vamos trabalhar as nossas memórias de infância.

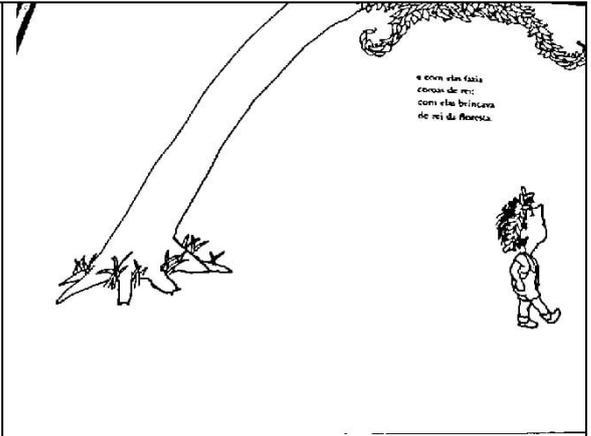
E eu queria ler para vocês a árvore generosa, as gurias estavam dizendo se precisam para o pré-estágio, não lembrava que era o mesmo. Porque escolhi e guardei os livros dos encontros, porque todos esses encontros já passaram por uma banca de 4 professores mais a minha orientadora, são 5 professores que aprovam ou não, para tu poder fazer os encontros.

Queria dizer para vocês que tem só mais três, mas eu fiquei muito feliz semana passada e hoje eu ficarei mais ainda, porque tem bastante gente. Então eu queria ler para vocês “A árvore generosa”:

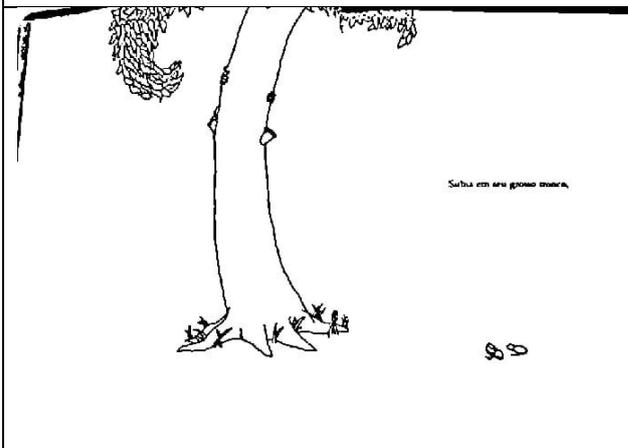




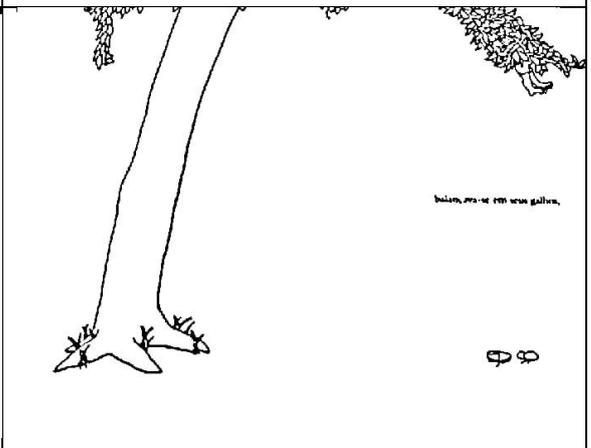
juntava
as
folhas



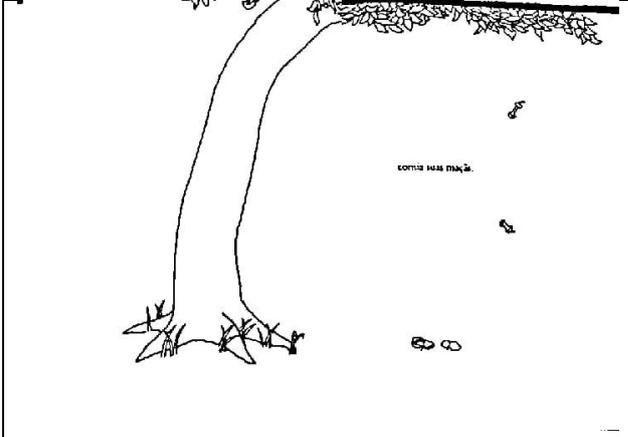
e com elas fazia
coroa de rei
com elas brincava
de rei da floresta.



Subia em seu grosso tronco,



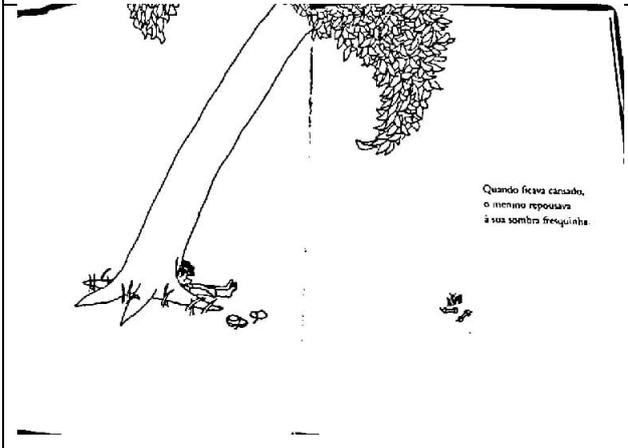
batia, ora-se em seus galhos,



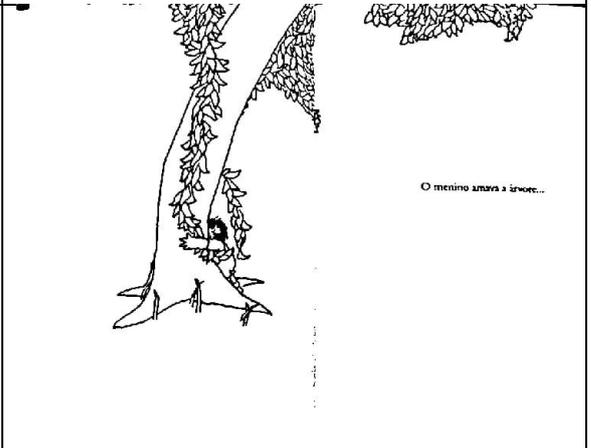
comia suas maçãs.



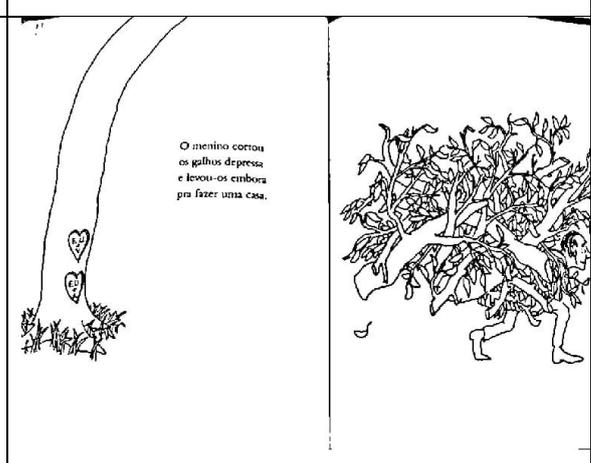
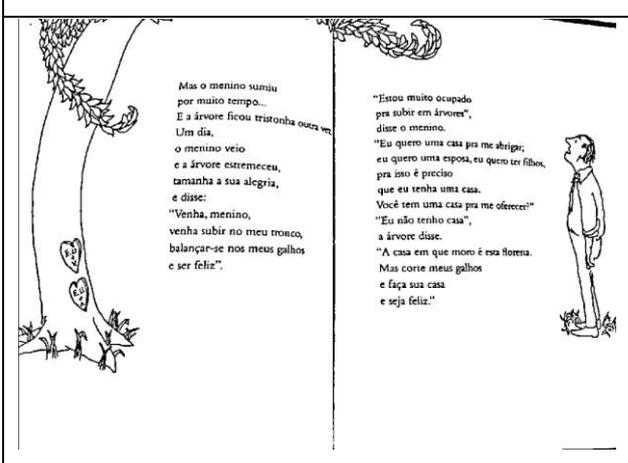
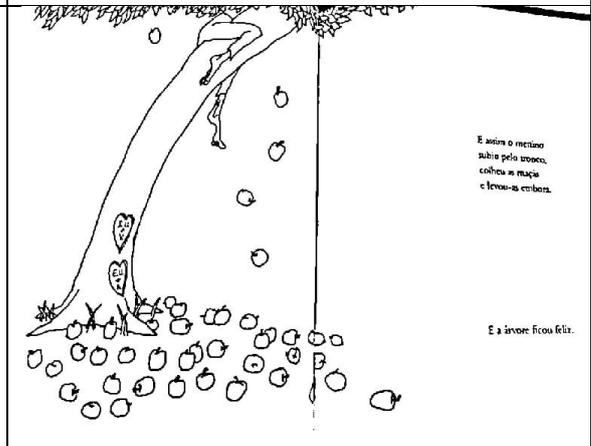
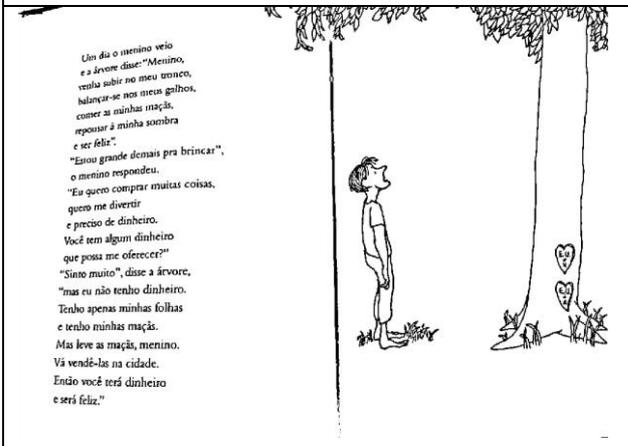
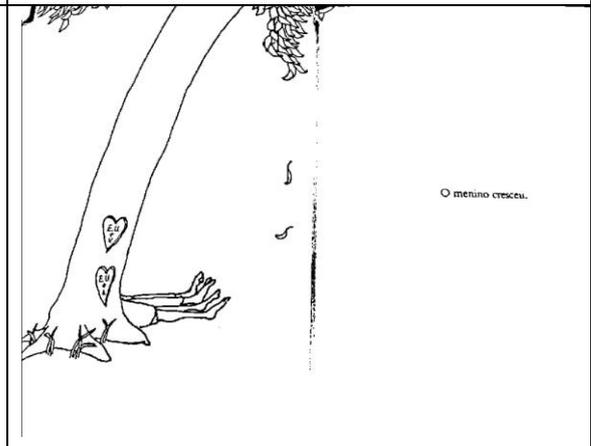
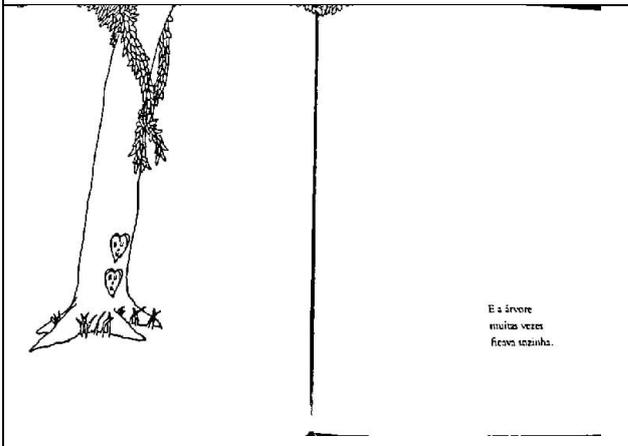
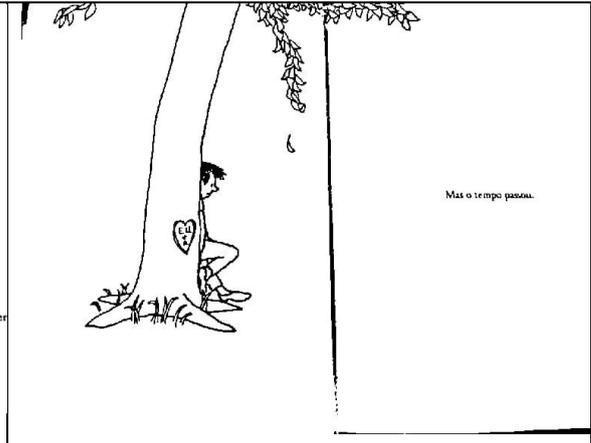
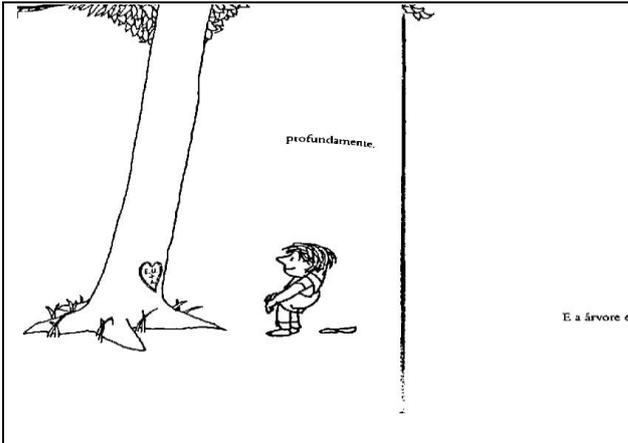
E eles brincavam
de esconder.

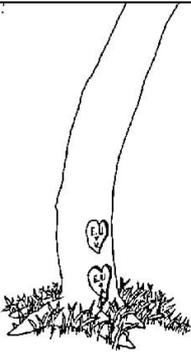
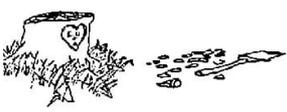


Quando ficava cansado,
o menino repousava
à sua sombra fresquinha.



O menino amava a árvore...



	<p>E a árvore ficou feliz.</p>	<p>O menino ficou longe por um longo, longo tempo, e no dia que voltou a árvore ficou alegre, de uma alegria tamanha que mal podia falar. "Venha, venha, meu menino", sussurrou: "venha brincar." "Estou velho pra brincar", disse o menino, "e estou também muito triste." "Eu quero um barco ligeiro que me leve pra bem longe. Você tem algum barquinho que possa me oferecer?"</p>	 <p>"Corta meu tronco e faça seu barco", a árvore disse. "Viaje pra longe e seja feliz."</p>
<p>O menino cortou o tronco.</p> 	<p>fez um barco e viajou.</p> 	<p>E a árvore ficou feliz...</p>	<p>Mas não muito.</p> 
<p>Muito tempo depois o menino voltou. "Desculpe, menino", a árvore disse, "não tenho mais nada pra lhe oferecer. As aranhas já se foram."</p> 	<p>"Meus dentes são fracos demais pra machucar", falou o menino. "Já se foram os galhos pra você se balançar", a árvore disse. "Já não tenho idade pra me balançar", falou o menino. "Não tenho mais tronco pra você subir", a árvore disse. "Estou muito cansado e já não sei nadar", falou o menino. "Eu bem gostaria de ter qualquer coisa pra lhe oferecer", suspirou a árvore. "Mas nada me resta, e eu sou apenas um toco sem graça. Desculpe..."</p>	<p>"Já não quero mais coisa", disse o menino, "só um lugar sossegado onde possa me sentar, pois estou muito cansado." "Pois bem", respondeu a árvore, enchendo-se de alegria, "eu sou apenas um toco mas um toco é muito útil pra sentar e descansar. Venha, menino, depressa, sente-se em mim e descanse."</p>	 <p>Foi o que o menino fez.</p>
<p>E a árvore ficou feliz.</p>		<p>114</p>	

E esta é a história da árvore generosa!

Eu adoro as reações de vocês!

Quantas coisas nos remete essa história? Nos remete às histórias lá da nossa infância, bem importante para pensarmos, quantas vezes esquecemos de coisas que são fundamentais quando éramos criança. E depois quando volta, já é tarde demais para fazermos algumas coisas.

Na semana passada pedi e depois eu coloquei no nosso grupo de WhatsApp, para que pudéssemos trabalhar um pouquinho das memórias de infância, o que lembramos quando éramos criança, o que foi legal, o que não foi, para lembrarmos um pouquinho dessas nossas memórias.

Eu posso começar.

Patrícia- Algumas coisas que são importantes e remetem a minha infância, a maior parte do tempo foi para fora, não sei se vocês conhecem a colônia Osório, morava para fora e brincávamos muito, é diferente de hoje, brincava de casinha, e o que era as coisas com as quais a gente brincava? Era com o lixo, não havia coleta e ele era queimado. Nosso “supermercado” era o lixo, então a gente brincava muito com latinha, com pote que não queria, pegava as colheres da casa da mãe e eu lembro que ela tinha para fazer merengue um objeto redondo e nos deu para brincar de casinha.

Porque eu tenho duas irmãs e elas brincavam comigo, principalmente a menor, porque temos um ano só de diferença, nós brincávamos, fazíamos casinha e era muito legal. Também pauzinho, pegava pauzinho e era um objeto que se brincava muito, galho de árvore, subir nas árvores e íamos fazer as comidinhas.

Lembro de uma coisa que foi muito significativo, o cheiro da borracha desde o primeiro ano, se eu passar em algum lugar que tiver esse cheiro, essa minha memória é uma coisa muito forte, principalmente porque eu tenho o olfato muito apurado, cheiros me remetem muitas memórias. E eu lembro do cheiro da borracha, porque eu queria muito ir para a escola. Como eu faço aniversário em novembro eu não pude entrar com 6, tive que esperar fazer 7 anos então eu ia entrar com 6 anos, não deixaram. e tive que esperar fazer 7 então eu entrei com 7 anos e 2 meses para a Escola, a primeira roupa que eu usei e foram coisas que me marcaram muito.

Eu brincava muito, que foi um dos primeiros joguinhos que eu comprei pro meu filho, que era o “Primeiro arquiteto”, que inclusive gosto de brincar até hoje, que

é um joguinho muito legal tu ia montando casinha, ia montando cidade, tinha torre, tem a pontezinha, tem o relógio, eu gostava muito de brincar.

O limão porque na escola que eu estudava tinha um limoeiro e a gente comia limão como se fosse bergamota e aquilo era azedo e a gente comia como se fosse bergamota e era muito bom, e eu lembro um dia que a gente foi tirar uma foto escolar, para fora, atrasou a gente se sujou toda, quando chegou a hora da foto era um vermelhão só, mas o limão fez bastante parte.

E trouxe um carrinho, mas era um pouco diferente, porque como nós éramos só meninas, todos os nossos brinquedos eram de meninas, naquela época tinha isso. E minha mãe comprava só boneca e eu chorei muito, porque eu queria um carrinho. Minha mãe me deu uma caçamba, e eu botava as bonecas na caçamba e puxava, colocava areia e também puxava, mas eu lembro que eu precisei chorar para ganhar um carrinho porque a gente não tinha, todo mundo era menina, todo mundo ganha boneca e aí eu ganhei um carrinho e aquilo foi bem legal.

E não tem a bonequinha, mas eu queria contar para vocês da “Tina”, lembro que estava na segunda ou terceira série e ganhei canetinha. Peguei e pinteí toda a boneca com uma canetinha marrom, ficou muito linda! Fiquei muito feliz, quando fui mostrar para a professora, ela falou que estava horrível e disse que canetinha era só para contornar. Me marcou muito, hoje em dia deixo os alunos, meu filho pintar de canetinha, porque acho que canetinha tu pintas da maneira que tu quiseres.

E para finalizar, o meu sonho quando era criança era ser paqueta, sei as músicas, as coreografias: “Tudo que eu quiser, o cara lá de cima vai me dar...”. Queria ser a paqueta vermelha, não sei por quê. Tinha as vermelhas e as azuis, eu sou do tempo que não passava Xuxa na TV, assistia o Balão Mágico. E quando trocou para Xuxa, eu fiquei muito triste, mas acabei me apaixonando por ela. Sou da geração da Xuxa, usava bota, tinha os discos, cantava as músicas e fazia as coreografias. Se colocar as músicas sei dançar as coreografias até hoje. E ainda era loira, mas era muito novinha, tinha uns 7 ou 8 anos e as paquetas tinham 14 ou 15 anos, mas meu sonho sempre foi ser paqueta e um dia eu ainda vou fazer uma roupa de paqueta ainda, uma paqueta “bem grande”, a roupa vai ser GG. Mandava muitas cartas para Xuxa e brincava de jogar cartas para o alto e dizer que fui escolhida.

Foram memórias muito legais da minha infância, são coisas que fazem trinta, trinta e poucos anos atrás e eu ainda lembro, que são muito importantes.

Figura 37- Patrícia- Pote, colher, fouet, carrinho, limão, jogo: Pequeno Arquiteto, pauzinho, canetinha marrom, fotos da Paquitas e da Tina de madeira.



Fonte: Acervo da autora, 2019

Bruna Persch: Eu vou começar pelas fotos, essa aqui quando eu era bem pequenininha, antes de eu ser adotada, eu deveria ter alguns meses, essa foi do meu batizado antes de eu ter sido adotada na nossa igreja. Essa eu já tinha sido adotada no meu aniversário de 2 aninhos, meu primeiro aniversário. Essa aqui é quando eu estava com meu pai, que estava me ensinando a tomar chimarrão desde pequenininha, por isso que hoje em dia não gosto mais.

Acho que eu tinha 1 aninho quando fui adotada. Essa outra é com a minha prima em Porto Alegre, a gente fazia muita bagunça na casa dela, ela mora em apartamento, daí a gente ficava sentada no hack da televisão para brincar.

Aqui já sou grande com meus pais, meu aniversário sempre foi da Minnie, todos meus aniversários, de dois, três, quatro anos. Aqui eu estava no prezinho., essa lembrança eu tenho, porque ela foi minha primeira professora, adorava ela, cantava, dançava, minha predileta. Essa aqui é minha vizinha que está no céu agora, eu gosto dessa foto porque ela brincava de casinha comigo (ficou emocionada), ela tinha muita paciência, eu fazia bolo de terra que a gente comia e ela dizia que estava muito doce ou muito salgado e essa foto eu trouxe porque é a que mais me marcou. Essa é com a minha irmã, que foi adotada junto comigo que a gente é irmã por parte de mãe (emocionou-se novamente), então essa foto é muito especial para mim porque eu sou fã dela, sempre me ajudou, cuidou no orfanato, queriam separar a gente, deixaram eu

ficar com ela, eu era muito pequenininha, essa também é uma foto que marcou muito a minha infância.

Esse bodezinho que eu tenho, era o cavalo das minhas Barbies, eu as colocava em cima e brincava com ele, só que ele é do meu irmãozinho que eu nunca conheci, antes da gente ser adotado eu não tenho lembranças muito dele, então isso aqui foi o que me fez lembrar dele

Tem mais coisas, brinquedos, fui criada pra fora e quando minhas primas iam nos visitar, brincávamos de casinha, de bruxa e sempre levava esse bichinho, brincava no meio das canas, do milho, andava de trator com meu pai, eu fingia que era rainha, e quando o trator passava nos milhos, fingíamos que era minha carruagem e os milhos as pessoas. Logo que fui adotada foi “Uau”, nossa uma família, eu era pequenininha, não lembrava muito, não cheguei a passar pelo pior. Mas minha infância começou quando eu fui adotada, quando tive uma família, recebendo todo o carinho e eu estou aqui.

Figura 38- Bruna Persch- Fotos: pequena (meses); batizado; aniversário de 1 e 2 anos, com o pai tomando chimarrão, com a prima de POA, grande com os pais adotivos, com a avó, irmã, bodezinho de pelúcia.



Fonte: Acervo da autora, 2019

Vitória: Isso aqui eu fiz isso no Pré (apontando para uma roupa azul), eu participei de um teatro: o “Conto da floresta”, eu não lembro muito bem, aí eu fiz dois

papéis, um eu não faço ideia qual era, o outro eu interpretei uma gatinha, que eu tenho a máscara guardada e a roupa é igual, essa porém é cinza.

Isso aqui eu juro que era para ser um porta-retrato que eu fiz na primeira série, ou pelo menos era para ser, eu fiz de Dia dos Pais e de Dia das Mães. Não dá para ver muita coisa, mas dá para ter uma noção.

Aqui sou eu com as minhas cadelas, que no caso minha mãe as adotou, antes de eu nascer e elas ficaram com a gente durante os 11 anos mais ou menos.

Essa é minha formatura do Pré em 2008, no Joaquim Nabuco. Aqui sou eu quando eu estava na banda, fui mascote, depois baliza e toquei prato.

Eu peguei essa foto porque eu estudava com meus primos, a gente competia de quem se aparecia mais, daí todos éramos da banda, mas eu fui a única que tirou foto com o prefeito e apareci na TV.

Eu quando estava recém aprendendo a andar de bicicleta, sem as rodinhas, caí muito no chão, quase quebrei os dentes por causa disso.

Aqui é a foto da primeira série, que eu tive uma professora maravilhosa, uma das melhores que eu tive e eu sinto muita saudade dela.

Isso aqui era para ser uma cartinha para minha mãe, mas eu não sei o que eu quis colocar, porque a frase não tem sentido “As melhores coisas da vida não são coisas”, até hoje eu não entendo o que eu pensei para colocar isso. Não se como raciocinei isso naquela época e a minha mãe ri até hoje, ela achou bonitinho, mas queria rir.

Na primeira série eu pensava em ser professora, mas depois mudei, porque tive uma professora horrível no segundo ano, aí mudei e resolvi ser veterinária, porque eu sempre gostei de animais. Só que depois eu pensei que eu não saberia lidar com animais quase morrendo no consultório.

Depois eu vim para cá (Curso Normal) e até ano passado eu não queria, não sabia se era isso, mas eu sempre gostei muito de criança, mas não sabia se realmente era o que eu queria ser professora. Fui aprendendo a gostar e eu quero!

Figura 39- Vitória- roupa azul com estrelas, roupa cinza, máscara de gatinha, porta-retrato, cartinha para mãe. Fotos: com as cadelas, formatura do Pré, na banda da EMEF Joaquim Nabuco, com os primos, na bicicleta de rodinhas, na 1ª série.



Fonte: Acervo da autora, 2019

Jaqueline- Eu vou começar com os ursos, porque tem história sentimental, esse urso aqui, como vocês estão vendo-o já está até sem cor, coitado! Eu brincava muito quando era pequena, foi o primeiro urso que meu pai me deu, brincava muito com ele. Até uns 10 anos eu andava com ele pendurado comigo, dormia com ele, não deixava a mãe lavar, era uma briga.

E esse outro ele cantava, como sou uma criança muito calma, uma vez apertei muito forte e aí ele parou de cantar, daí quando ele parou de cantar eu chorei muito, porque eu também gostava muito dele, porque minha mãe colocava música e colocava do meu lado para dormir porque eu tinha medo de dormir sozinha. Até hoje eu tenho um pouquinho, ele não canta mais e eu fiquei muito triste.

As fotos eu trouxe do meu aniversário de 6 anos, que eu fiz das meninas Superpoderosas, foi minha primeira festa em salão, eu achei um máximo, achei um ícone!

Quando eu entrei para o Pré eu tirei essa foto com a turminha, toda de verde, alto estilo, alá Pelotense. Aqui sou eu com 5 meses, bem gordinha.

Esse bonequinho eu tenho até hoje, era um bonequinho que minha avó me deu, aí eu guardei, tem sentimento por causa dela, não do brinquedo.

Da minha festa também foi o Puff, eu achei um ícone.

Eu trouxe dos 15 anos da minha irmã, também porque eu lembro que no dia da festa, a minha mãe combinou que eu tinha que entrar com a minha irmã, e entregar ela para o meu pai. Eu queria tomar refri, antes de entrar com a minha irmã, e a mãe não deixou, falou que eu simplesmente não ia tomar refri, porque estava na hora de entrar. Eu simplesmente estraguei toda a entrada, entrei na frente dela e deixei ela sozinha lá na porta, meu pai teve que ir buscar ela, sou muito rancorosa, todas as fotos eu estou com cara (de brava) e usei muito esse vestido, achava ele maravilhoso, foi a primeira roupa que minha mãe mandou fazer pra mim, então achava esse vestido lindíssimo.

Essa daqui sou eu, tão gordinha e bonitinha, me marcou, tenho muitas lembranças das festas de lemanjá, porque minha família sempre foi de umbanda e a minha mãe sempre me levou e até hoje vamos.

Essa foto foi a última foto que minha vó estava presente, porque nos outros anos ela começou a ficar doente, e não foi mais, eu sempre lembro muito dela, sempre quando eu vou lá, lembro dela, porque ela foi bem importante para mim.

Figura 40- Jaqueline- Hello Kitty, urso que cantava, boneco. Fotos: aniversário de 6 anos e do Puff, 5 meses, 15 anos da irmã, festa de lemanjá, com a avó.



Fonte: Acervo da autora, 2020

Shalize- Esse rosário eu tenho a pouco tempo, mas as lembranças que ele me remete é de quando eu era bem pequenininha, meu pai teve uma doença, ele passou muito tempo no hospital, no hospital tinha uma freira e a freira sempre ia lá para conversar com ele, ver se estava bem, porque eles eram bem amigos. Um dia ela me deu um rosário pequenininho e ela falou que tudo ia ficar bem, então o rosário sempre me remete a coisas boas e que vai ficar tudo bem sempre.

Pedrinhas, desde pequena eu sou viciada por pedrinhas, eu gosto muito e quando ia para escola, ia e voltava chutando pedrinha até que um dia eu chutei uma pedrinha do meio da rua e veio um carro, eu quase morri atropelada por um carro chutando pedrinha na rua. Eu sempre tenho lembranças de pedrinhas por causa dos meus amigos, eu fiz amizade com duas pessoas aleatórias na rua, porque eu estava chutando pedrinha e aí chutaram de volta, daí fizemos amizade e dura até hoje. Amizade saudável né gente!

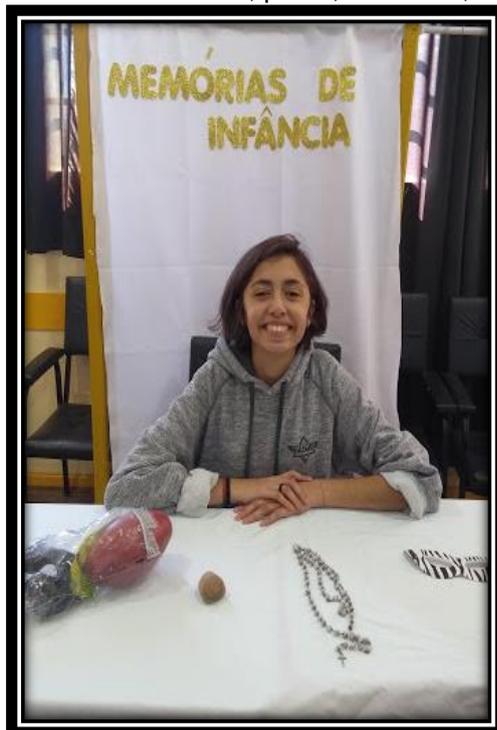
Um dia estava brincando com pedrinhas, chutei uma pedrinha, caí, abri um berreiro na rua e tiveram que ligar pra minha mãe, porque eu não estava conseguindo caminhar, estava tapada de pó e eu tinha vergonha de ficar toda suja de pó, fiquei lá sentada esperando minha mãe chegar no meio da rua, os vizinhos me viram e ligaram pra minha mãe. A minha mãe chegou lá e disse: _ Levanta! E eu disse:-não quero. Ficaram as duas discutindo no meio da rua porque eu estava suja, ela começou a me dar aqueles tapinhas para tirar o pó e eu fui para a casa. Pedrinhas são sempre coisas boas, tenho uma caixa cheia de pedrinhas, sempre que vou em algum lugar, eu pego pedrinhas.

Máscaras me remetem ao teatro, quando eu era menor eu fazia teatro na escola, gostava bastante do teatro, me ajudou a passar por momentos bastante difíceis na minha vida e eu gosto muito, muito dessa máscara, porque foi em uma apresentação que fizemos, foi quando eu decidi entrar para banda. Abandonei o teatro e entrei na banda, mas quando entrei para banda eu queria usar a máscara, mas não podia, porque não fazia parte do uniforme. Eu lembro que eu chorei muito, porque eu queria usar a máscara e se eu usasse a nossa banda seria desclassificada, coloquei a máscara escondida e ela caiu no meio da apresentação, mas ninguém viu.

E tem esse brinquedinho aqui, o vai e vem que eu lembro que eu tinha um trauma muito grande de brincar com ele, quando era pequena porque um dia eu estava na minha turminha pequenininha e ele era totalmente diferente, era muito mais

pesado, a professora falava para brincar e eu disse que não porque não era legal de brincar com aquilo, a professora falou para brincar com aquilo que depois as meninas poderiam ir jogar bola, aí eu sofrida fui lá brincar. A menininha que estava brincando comigo, ela era mais forte que eu daí ela falou assim, “ah que legal então vai” daí quando ela abriu o negócio veio e cortou a minha unha, foi um negócio que para mim foi muito trauma e ficou uma marca no meu dedo por causa desse brinquedo.

Figura 41- Shalize- rosário, pedra, vai e vem, máscara



Fonte: Acervo da autora, 2019

Susane- Essa aqui foi quando eu fui aia da minha Dinda, mas era para ser minha irmã, só que minha Dinda pisou no pé dela um dia antes do casamento, e ela falou que não ia ser mais aia.

Essa aqui é minha irmã quando tinha achado nossa terneirinha, a Rainha que andávamos com ela, para cima e para baixo, até nosso pai vender.

Essa aqui é uma lembrança com meu bisavô que faz alguns anos que não está mais conosco, mas a lembrança é grande, faltou o meu primo. Quando passava o ônibus na frente de casa, ele sempre trazia bala para as netas. Então ficamos com aquilo, quando o ônibus estava fazendo a curva, dizíamos para a mãe: estamos indo para a parada de ônibus, o motorista já dizia: olha lá as princesas e o príncipe estão esperando o biso. Porque pedíamos bala, ele tinha que trazer bala. ele dizia: Calma

minhas netinhas, eu vou me sentar, trouxe balas para vocês. Era bala de goma ou batonzinho.

Essa aqui é eu e minha irmã, quando minha mãe trabalhava falava “só depois que eu trabalhar e voltar pra tomar banho de piscina”. Essa foto não tem, mas eu e meu primo fazíamos uma mesinha aqui atrás, com um guarda-chuva e botava uns biscoitos, suco, a gente montava e ficava tudo aqui, só essa não tem foto. Aí minha mãe dizia: para que tudo isso? Mas antes dela chegar, arrumávamos tudo, para poder tomar banho.

A mãe tinha uma janela aqui (apontando para foto), até hoje tem, nós jogávamos água para dentro de casa, era uma briga com a minha mãe.

Essa aqui é a foto com meus Dindos e ainda faltou uma dinda. Essa eu não gostava do meu Dindo, por isso estou chorando, porque eu detestava o colo dele, e agora eu amo esse Dindo, até na jornada fiquei na casa dele, como eu não pude ficar em casa (Susane mora na Colônia de Pelotas, os horários dos ônibus são bem reduzidos).

Essa aqui é eu e meu pai, desde pequena sou apegada no meu pai, onde meu pai vai eu vou atrás, até hoje. Eu sou casada eu estou indo atrás dele, onde tu vai? Posso ir contigo? Vai.

Aqui eu trouxe essa família com a mãe e o pai, tenho bastante lembrança porque tinha muita dificuldade de criar eu e minha irmã, porque até 1 aninho fui criado junto com meus avós.

Essa aqui eu tenho uma lembrança enorme, esse aqui é meu falecido avô, meu irmão, meus primos, nessas férias, porque com 7 anos a gente não passava em casa e já ia para Cerrito Alegre (3º distrito de Pelotas), passar com meus avós, mas era uma bagunça, era eu, a minha irmã e minha prima. Uma semana ficávamos na casa da tia que era no Morro Redondo (cidade vizinha de Pelotas), pegava o ônibus e ia pra Cerrito Alegre, ficava com a falecida tia Ieda, com meus primos e fazia uma bagunça, uma vez a gente ficou 1 mês fora de casa. Era uma alegria ficar longe de casa, ainda mais na casa dos meus avós.

Uma vez a minha tia mandou a gente ir à venda comprar o doce (de passar no pão) e compramos brigadeiro, a vó comeu e começou a reclamar que era muito duro, a gente tentou explicar que só tinha aquele para vender e ela não aceitou. No

outro dia a gente foi de novo e comprou mais um, voltamos, entramos no quarto e comemos tudo de colher, é o que queríamos.

Essa aqui é minha irmã quando eu tinha um aninho e ela tinha dois.

Essa aqui foi minha formatura da oitava série, muito desesperada. Eu sempre gostei muito de animal e eu tenho umas lembranças boas, dos meus primos. Pois é eu, minha irmã e meu primo, que foi criado junto.

Eu nunca gostei de boneca, sempre de carrinho, minha mãe me dava boneca e ela ia para cima do roupeiro, eu preferia muito mais carrinho e minha mãe não era contra dar carrinho para as filhas, porque tinha esse primo junto. Meu primo queria muito um boneco, a vó foi lá e deu um para ele e até hoje ele tem esse boneco guardado. É uma lembrança muito boa que tenho dos meus avós e primos.

Aqui foi o tão esperado, meus 15 anos. Foi muito difícil de ter, porque em um ano era o da minha irmã e no outro era o meu, porque a gente não tem nem um ano de diferença, são meses. Então meus pais, nem terminaram de pagar a festa da minha irmã e tiveram que pagar o meu. Foi com muita dificuldade, de ter o meu e da minha irmã perto. E a mãe pensou em fazer das duas juntas e ninguém queria, nenhuma das duas.

Figura 42- Susane- Fotos: de aia, com o bisavô, com os dindos, pai e a mãe, com o pai, com a irmã, com a irmã (ela 1 ano e a irmã 2 anos), avô, formatura da 8ª série, 15 anos.



Fonte: Acervo da autora, 2020

Francisca: Eu queria trazer os brinquedos e estavam em cima do guarda-roupa e esqueci. Essa foto aqui é a única que eu achei importante, que é a professora que me fez querer ser professora, que é a Sonia. Eu morava em Santa Catarina, eu nasci lá e eu me lembro que o Pré foi com ela e nas férias eu ia para casa dela, passava o Natal com ela e depois vinha para o Rio Grande do Sul, passar o ano novo com a família.

Ela é uma pessoa muito marcante, muito legal, ela é divertida, fazia algumas várias coisas diferentes, uma vez ela pegou um papel pardo e colocou toda turma e ficou desenhando a gente, e colocamos no mural da escola. Minha mãe trabalhava no jornal perto, ela pegou o fotógrafo e tirou fotos e colocou no jornal da cidade, foi bem legal, várias coisas marcantes. Esses dias até adicionei ela no Facebook novamente, pois eu fiz um novo e foi bem legal.

Figura 43- Francisca- Foto com a professora do Pré



Fonte: Acervo da autora, 2019

Ketlin- Eu ia trazer fotos, mas ficou na minha outra casa (Canguçu, mora com as tias e irmã no Capão do Leão) e eu não trouxe.

Trouxe esse lápis e ele está pequenininho, porém foi o primeiro lápis que eu ganhei, que meu irmão me deu, como falei sábado passado eu adoro desenhar e eu guardo até hoje. O caderno de desenho ficou guardado com a minha irmã. Essa boina aqui eu sempre tive muita Barbie, muita Barbie mesmo e eu adorava fazer vestido e

penteadado, eu adorava brincar. Essa daqui foi uma boina que minha dinda fez, ela fez com um vestidinho de crochê e todas as minhas Barbies usavam a boina, eu era completamente apaixonada por essa boina e eu guardo até hoje, minhas Barbies estão guardadas junto com as roupinhas. Foi uma coisa que me marcou muito, porque minha dinda perguntou o que eu queria de aniversário e eu falei que podia ser qualquer coisa e ela foi lá e fez toda uma roupinha de crochê e me deu, eu amei, guardo até hoje.

Esse radinho aqui foi meu vô que me deu, ele comprou e me deu só que deu muita briga, porque minha irmã queria um igual, só que ela não queria um igual, ela queria esse. Meu avô até comprou outro e deu para ela, mas ela não queria, queria esse, deu tanta briga e no final começamos a nos acertar, porque como ela era mais velha, não tinha muita escolha. Guardei ele, um tempo depois eu e minha prima o destruimos, não funciona mais, mas me marcou muito porque foi o último presente que meu vô me deu antes de falecer, ficou muito marcado.

Esse negócio aqui eu nunca descobri o nome, desse brinquedo, mas eu sei que eu o adorava, ele até está com uma borrachinha, porque minha prima, quis abrir para saber como era dentro e destruiu. Quando eu e minha prima brigava, eu jogava nela, estava sempre no meu bolso.

Eu ia trazer, mas minha irmã não estava em casa, tenho um vestido que eu usei na minha formatura do Pré, guardo ele até hoje, era da Mônica e é todo e ele me traz muitas lembranças, porque minha dinda, ela foi e era uma pessoa muito importante para mim, e esse evento foi o último que ela foi antes de falecer. Mas tem muita coisa que me repeti a minha infância, mas estes foram os que marcaram mais.

Figura 44- Ketlin- 1º lápis, boina da Barbie, bichinho



Fonte: Acervo da autora, 2019

Pâmela- Eu não trouxe muita coisa, porque estão guardados com minha mãe, e traria muitas fotos da minha infância, que era muitas. Eu trouxe esse ursinho, que está colado e queimado, porque há muitos anos a minha casa pegou fogo, em uma estante na sala, tinha faltado luz, tinha todos os bichinhos, minha mãe fazia coleção de ursinhos daquela maquininha. Deixaram a vela acesa em cima da estante de madeira, quando foi na madrugada, a estante toda pegou fogo, e a única coisa que minha mãe conseguiu salvar foram alguns dos ursinhos e álbuns. O resto tudo pegou fogo, o rádio, televisão.

E esse ursinho aqui, eu tenho há mais de 20 anos, na verdade mais de 25 anos e quem me deu foi meu falecido avô, ele faleceu há 19 anos e eu guardo até hoje e não deixo nem meus filhos pegar ele. Ele está queimado, na verdade eu tenho bastante coisas, mas não consegui trazer. O ursinho hoje, tem mais a minha memória, é a lembrança dele.

Figura 45- Pâmela- ursinho



Fonte: Acervo da autora, 2019

Haryn- Eu só tenho essa fotinho aqui e outras com 2 aninhos, mas eu não lembro. Eu tenho lembranças muito boas desse dia, porque eu sou aquariana e sou muito orgulhosa. No dia dos pais eu não quis tirar foto pro meu pai, mas no dia das mães eu queria, e ele não queria pagar para eu tirar essa foto, mas minha vó que pagou e ele ficou muito bravo comigo e eu consegui salvar essa foto. Brinquedos eu não tenho porque ficou tudo na casa onde eu morava, lembro de muitas coisas, mas a maioria ruim.

Figura 46- Haryn- foto quando pequena



Fonte: Acervo da autora, 2019

Naiara- Eu só trouxe três fotos. Essa aqui me lembra muito, porque era para aparecer eu e minha irmã na foto, só que apareceu o nariz dela, porque coloquei a cabeça na frente, que não era para acontecer.

Lembro que a coisa que a gente mais fazia era brincar de casinha, quando a mãe colocava alguma panela fora, ela tinha costume de trocar as panelas, a gente pegava e fazia bolinho e tudo mais.

Essa fotinho aqui é quando a gente entra na primeira série, que a gente tira uma foto 3x4 para botar, eu estava tão ansiosa para entrar na escola, para tirar a foto. Eu sempre quis ser professora, desde pequena. A brincadeira que eu mais gostava de brincar era escolinha, só que ninguém gostava, porque todo mundo achava chato, já vamos para o colégio e ainda brincar de escolinha.

Essa aqui sou eu, a minha irmã, meu irmão e minha mãe, a gente dormiam todo mundo no mesmo quarto porque a casa não era muito grande, agora é diferente. Parece que meu cabelo era mais escuro, mas é a foto.

Figura 47- Naiara- Fotos: com a irmã, 3x4, irmãos e a mãe



Fonte: Acervo da autora, 2019

José- Eu não tenho fotos. O único objeto que me lembra minha infância, foi essa palheta, que eu ganhei com a minha primeira guitarra aos 7 anos, porque eu digo que tive que crescer um pouco rápido, porque eu tinha que cuidar dos meus irmãos

para minha mãe, eu era o braço direito dela. Minha mãe não era casada, então ela trabalhava muito para conseguir manter as coisas

Eu lembro que eu incomodava meu pai, um pouco depois. porque eu queria muito um computador e um vídeo game, porque todos os outros guris tinham e eu também queria.

Ele falava que já tinha me dado um computador uma vez e que eu tinha estragado e que eu só jogava no computador, não ajudava em casa.

No meu aniversário, quando eu achei que ia ganhar um vídeo game ele me deu minha primeira guitarra, que eu amo muito hoje a música. Eu até combinei antes de acontecer com o professor Ismael (faleceu de infarto em junho de 2019), uma apresentação juntos.

A minha única lembrança esse objeto, marcou a minha vida mesmo, até porque as outras coisas assim, foram irrelevantes para mim.

Figura 48- José- palheta



Fonte: Acervo da autora, 2019

Nathália- Eu trouxe no celular, porque minha mãe perdeu todas as fotos que a gente tinha. Eu trouxe essa foto, depois passo para todo mundo. Eu não gostava de usar roupa, nem pentear o cabelo, detesto até hoje, tipo hoje não penteei também.

Essa foto me marcou muito, porque era muito calor, eu nasci em dezembro, essa foto foi bem no dia do meu aniversário e a mãe disse que era para eu escolher um presente, eu falei que queria passar o dia inteiro pelada, porque as roupas ficavam

me coçando e como eram roupas doadas da prima, das amigas, elas sempre ou ficavam muito grande ou muito pequena, então tinha um sério problema.

Essa foto eu escolhi porque me lembra o ultrassom da minha filha que eu fiz recentemente, ela é muito bochechuda, e peguei essa foto que também tinha muita bochecha também, tenho até hoje.

Essa foto eu peguei porque foi o primeiro biquini que eu ganhei, minha dinda fez de crochê e ele ficava grande em mim e ficava caindo, mas era muito bonitinho.

Esse aqui era meu avô e eu tenho mais fotos com ele do que com meus pais. Ele viajava muito, muito, porque ele trabalhava na Embaixador de motorista, sempre fui muito apegada a ele, a maioria das coisas da minha infância eu me lembro dele. E como ele viajava muito, gostava de conversar com ele, então passava no telefone, se pudesse passar todo o tempo na casa da minha avó, passava falando horas com ele. Obvio que eu não conseguia, então falava sozinha no telefone, imaginando que ele me respondia alguma coisa.

Patrícia- A Nathália virá no nosso próximo encontro 28/09, dará uma pausa, porque dia 1º de outubro nasce a Analua (Analua nasceu na quarta-feira dia 25/09).

Figura 49- Nathália- Fotos no celular: pequena (sem roupa), ultrassom da filha (está grávida), pequena (bochechuda), de biquini, com o avô.



Fonte: Acervo da autora, 2019

Helen- Eu tenho muitas fotos, na correria peguei algumas. Essa aqui é minha na escola que a mãe trabalha, porque ela sempre trabalhou em escola, minha casa era bem pertinho da escola, eu vivia, estudei na escola desde pequenininha, no Rolim que é Porto, essa foto estava lá dentro com minha mãe, eu tinha uns 6 meses.

Essa foto aqui foi no meu segundo aniversário, que eu tenho foto até os 4 e depois não teve mais, essa aqui eu era apaixonada por essa boneca, na época em 1998, foi quando eu ganhei essa boneca e ela falava e era assim inédita, e a minha irmã que agora ela tem 30, mas na época era gurria, levou as amigas dela lá para casa e elas pegaram e riscaram, puxaram e tacaram fogo na minha boneca, ela era rebelde, e a boneca se destruiu, ela falava, quase do meu tamanho, mas não lembro quase nada dela.

Nessa foto aqui ela inclusive ainda está, e ano passado que eu me desfiz dessa vaquinha e desse Teletubbies, eu era apaixonada coloquei tudo fora porque eles estavam em uma sacola fedendo e mofados, tinham que ir pro lixo, não tinha como recuperar.

Essa é meu aniversário de um aninho, a primeira festinha na minha casa, com a minha mãe, vivi minha vida toda no Porto. Essa foto é com meu pai, aqui atrás era a fábrica de tecidos, que a pouco tempo era uma empresa da CEEE, e antigamente era uma fábrica de tecidos, mais para trás era o Rolim, que a minha mãe trabalhava.

Aqui sou eu em uma pracinha que tem lá, atrás de uma faculdade, acho que Faculdade de Música, perto do Lacantini

Essa é da minha formatura do Pré. Essa era da terceira série e não sei por que eu rasguei foto, acho que estava em crise existencial, e rasguei porque a foto era tenebrosa, era da terceira série, é a última lembrança que eu tenho de escola.

Figura 50- Helen- Fotos- 6 meses com a mãe, 1º e 2º aniversário, com a boneca, com a boneca, vaquinha e Teletubbies, com o pai, na pracinha, formatura do Pré, 3ª série.



Fonte: Acervo da autora, 2019

Shaiane: Sou uma pessoa muito exagerada, porque trouxe um montão de coisas. Vamos começar pelas fotos.

Essa foto peguei porque eu amo essa roupa, eu tenho todas as minhas roupas de quando era pequena até hoje, porque sempre falei que eu teria uma filha menina, e que minha filha iria usar as mesmas roupas de quando eu era pequenininha. Eu tenho tudo guardado em cima do guarda-roupa, e amo essa foto porque estou muito fofa, era muito linda.

Essa foto é no meu batizado, tem minha mãe, meu pai, meu Dindo e Dinda, tem outros que não apareceram.

Essa foto era para ser eu, minha dinda e minha irmã. Mas eu e minha irmã brigávamos muito, um dia tínhamos brigado e me deu um ataque de raiva e eu tirei a minha irmã da foto (cortou a irmã da foto).

Essa foto é do meu aniversário de três anos e eu estava muito feliz, porque acho que não tive aniversário de primeiro aninho, porque não tem foto, nem nada. Então esse foi meu primeiro aniversário com decoração e era da Barbie e eu amava de paixão, estou com um sorriso gigantesco.

Essa fotinho aqui eu peguei com meus presentes, porque meu aniversário sempre foi uma data mais feliz para mim, eu ganhava muitos presentes, lembro que no meu aniversário de três anos eu ganhei um quadrinho da Sandy e Júnior, que eu amava de paixão muito quando era pequena.

Essa peguei porque eu adorava subir em cima da cabeceira da cama, ficava dependurada lá e eu adorava.

Está com o castelinho da decoração no meu aniversário.

Essa aqui eu peguei do meu aniversário de cinco anos, porque eu adorava meus aniversários, era muito legal, porque quando eu era pequena o bolo ficava no meio e aí ficava as 4 garrafas de refrigerante na volta.

Essa sou eu e meu pai, que é meu tesouro, eu amo muito (perdeu a mãe ainda pequena).

Começando com meu Puff, que é a coisa mais importante. Esse Puff não era meu, era da minha irmã e eu não sei em que momento ele passou a ser meu, de tanto ser agarrada com ele, ela me deu. Ele é muito importante para mim, porque eu tenho desde quando eu era muito pequenininha. Eu gostava de dormir com todos os meus ursos, porque achava que se ficasse só com um, os outros ficariam com ciúmes, só que tinha o meu preferido que é o Puff, e há 3 anos atrás eu me confessava para ele, era meu amigo. Eu deixo em cima da cama, quando vai gente lá em casa, quando tem aniversário, eu arrumo minha cama bonitinha, eu deixo meus ursos em cima da cama, mas meu Puff um lugar bem em cima do meu travesseiro.

E há 3 anos atrás no meu aniversário de 15 anos, eles estavam em cima da cama e ele sumiu, fiquei muito apavorada, sumiram outros ursos, mas o Puff também. Cheguei a chorar, eu falei para o meu pai que tinham entrado em casa e roubado tudo, meus ursos haviam sumido e o Puff. E na minha festa de 15 anos fui adiada pela morte do meu avô, eu me agarrei minha Dinda e na minha irmã, essa mesma dinda aqui, que também é meu tesourinho, elas me fizeram uma surpresa. Colocaram dentro de um baú, todas as coisas que eu amava, elas sabiam que eu gostava, o Puff estava lá dentro, quase chorei de surpresa, porque ele entrou na minha vida de novo. Porque quando pequena eu prometi que ele ia me acompanhar em todos os momentos, e hoje antes de sair de casa eu disse que ele iria estar me acompanhando para o Colégio.

Essa minha bonequinha foi minha dinda tesourinho que me deu, porque eu tinha pedido de aniversário de 7 anos para minha avó, e minha vó não quis me dar, porque era muito cara. E a minha dinda me deu, ela rezava e agora não reza mais, porque terminou a pilha.

Essa flauta aqui ela não era minha e era da minha irmã, não sabia da existência dela, mas mexendo nas coisas em casa quando era pequena, achei. Foi uma coisa muito barulhenta e irritante para minha família, porque achei ela e sempre quis ter uma flauta, eu sempre gostei muito, só que não sabia tocar, só saia barulho. Quando fui para o ensino fundamental, que tinha aulas de flauta, eu incomodei até meu pai me inscrever na aula de flauta, que era no turno inverso e aí eu ganhei uma flauta de verdade.

Foto 51-Shaiane- Puff, flauta, boneca com terço, Fotos: pequena com suas roupas favoritas, batizado, com a irmã e dinda, aniversário de 3 e 5 anos, na cabeceira da cama, castelinho e com o pai.



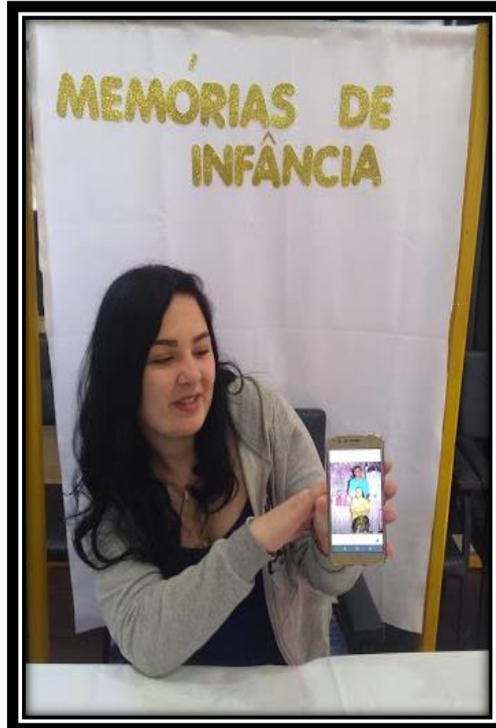
Fonte: Acervo da autora, 2019

Diuliana: Eu nunca tive muito foto, porque era das de cartuchinho (filme fotográfico) e tinha que revelar e minha mãe perdeu tudo. Eu queria mostrar para vocês as pessoas mais importantes para mim, que eram meus avós, a minha vó era cega e meu avô vivia por aí. É incrível porque por mais que ela fosse cega, ela sabia de tudo, sabia o que estava acontecendo, quando eu estava perto.

Aqui é no meu aniversário que minha mãe decorava sempre, todos os meus aniversários, ela fazia toda a decoração.

Meus avôs tinham uma casa para fora, que até pouco tempo era da minha família, agora foi vendida. Eu adorava brincar em cima das árvores, minha vó fingia que era bruxa, e batia na janela porque não queríamos dormir, mesmo cega ela fazia essas coisas. Lembro que eu brincava muito de panelinha, fazia as coisas de barro e levava bolo para minha avó, ela nem sabia o que era, mas fingia que sabia, ou não sei, não sei explicar direito, mas minha vó era uma pessoa incrível, que sempre amei muito, infelizmente não pude ir ao enterro dela, porque teve briga na família, eu não gosto de falar muito nisso.

Figura 52- Diuliana- Fotos no celular- com os avós e seu aniversário



Fonte: Acervo da autora, 2019

Luísa: Eu não trouxe nada de concreto, tenho muitas fotos na minha casa, minha mãe sempre gostou muito de tirar foto minha em todos os momentos, tenho foto comendo terra, tenho foto de biquini na praia, eu não gostava de usar biquini na praia, porque primos as vezes não tinham biquinis e iam pelados, eu queria também, ou se de calcinha e minha mãe não deixava.

Tenho muitas lembranças da minha infância de forma geral com família e na escola. Quando eu estava no pré-escolar, tive uma professora maravilhosa, que me acompanhou durante toda minha vida, que tenho contato até hoje.

E foi por esse motivo que eu escolhi ser professora, veio a vontade de se tornar professora, até um tempo atrás não tinha muita certeza disso, os meus pais, o meu pai tem outra profissão, mas minha mãe sempre quis ser professora, começou o Curso Normal, depois saiu (foi nossa aluna no Aproveitamento de Estudos), meu vô é professor de educação física, eu queria fugir disso, mas não deu, não teve condições!

E resolvi entrar no Curso Normal, era um pouco rebelde, não queria fazer as coisas, de vez enquanto ainda sou um pouco, mas agora gosto muito. Minha infância foi muito boa, eu não tinha celular, computador, fui ter depois dos meus 13 anos, eu aproveitei muito.

Eu tenho uma foto com uma amiga minha, que eu não falava a muito tempo. Quando eu era criança tinha muitos amigos, eu trocava de escola e acabei perdendo a maioria dos meus amigos. Sempre achei legal as pessoas que têm muitos amigos, minha mãe tem amizades de 30 anos, eu não tenho da infância que eu conviva.

Essa foto é com minha amiga na escola perto da Helen, Lacantini, “eu era tão bonita”. Sempre concorri a Fenadoce estudantil, porque eu queria ser uma das princesas, mas eu nunca era, mas eu sempre concorri, porque o importante é participar. Na aproxima vez eu trago fotos.

Figura 53- Luísa- Foto no celular: com a amiga



Fonte: Acervo da autora, 2019

Cassandra: Vou começar a mostrar a foto do meu afilhado que foi o primeiro bebê que eu peguei no colo, é meu homenzinho.

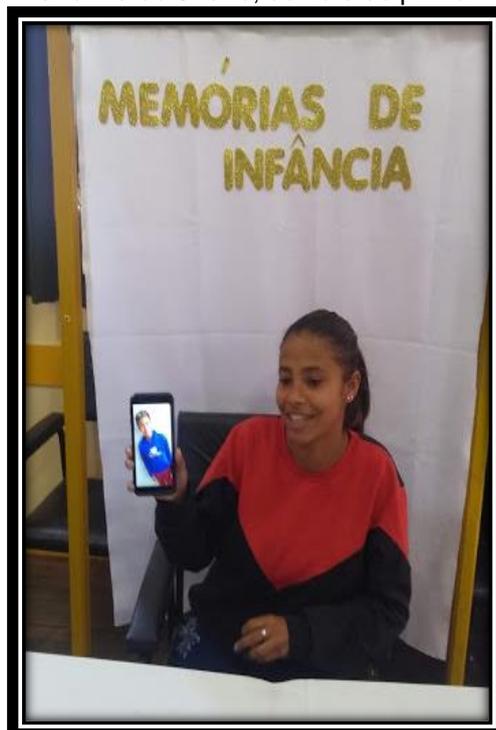
Agora as fotinhos da infância, sora. A minha infância foi junto com a Lauren, que eu fui adotada e quando pequena a gente não gostava uma da outra, começamos a brincar com 5 ou 6 anos, quando começamos a gostar uma da outra. Por onde ela ia, eu ia junto, o pai dela ia sair, convida a Cassandra, eu nunca recusava, essa na Baronesa, uma fotinho horrorosa.

Aqui foi nos 15 anos da prima dela, eu não fui convidada, mas fui junto. Aqui outra foto horrível da Baronesa. Não vou mostrar foto minha quando era pequena.

A foto do nono ano quando a gente se formou, essa foto para mim é importante, porque um amigo nosso morreu, morreu muito novo, e isso me marcou bastante (se emocionou), porque eu não gostava muito. Comecei a gostar pouco tempo antes dele morrer, fiquei sentida com isso sora, é ruim não gostar, depois gostar e a pessoa morrer nova.

Essa foto é do meu tio, me marcou bastante porque eu cuidei ele um tempo no hospital, nunca fui apegada com ele, me apeguei no hospital. Só quando ele foi para o hospital, ele disse que lá no hospital era para unir a família, uniu mesmo, só que ele morreu. Essa aqui é a foto do meu primo que é o filho dele e eu tenho orgulho dele, porque ele se tornou um homem muito novo (se emocionou).

Figura 54- Cassandra- Fotos no celular: do afilhado, com a Lauren, 15 anos da prima da Lauren, com a turma do 9º ano, do tio e do primo.



Fonte: Acervo da autora, 2019

Lauren- (estava emocionada com o relato da Cassandra) Esse aqui é meu caderninho, eu não sei quanto tempo eu tenho esse caderninho, não sei se era 1º ou 2º ano, a minha letra era tenebrosa. Eu amava minha professora, ela era carrasca, todo mundo achava horrível aquela professora, mas eu amava, porque ela puxava bem no pé, eu gostava de professor assim, porque parece que a gente aprende mais quando a pessoa fica assim no pé da gente.

Patrícia- Hum...

Lauren- Não, a senhora é ótima desse jeito, não precisa mudar, continua assim, lendo história no início e tudo bom.

Eu lembro muito da minha infância que eu vivi com a Cassandra, que brincávamos de casinha, a gente tinha uma casa no fundo da casa dela, tinha sofá, fogão, adorava brincar de casinha, subir na árvore então, meu Deus, era a história.

Uma vez, a gente não gostava muito de uma guria, então a gente pegou com o irmão dela, pegamos um potinho, enchemos de terra e colocamos tudo de ruim lá dentro, subimos na árvore, colocamos o irmão lá em cima, chamamos a guria e derrubamos o potinho na cabeça dela, fizemos isso, unidas. Éramos muito unidas, só derrubou o potinho de terra, foi toda fedida para casa dela, não aconteceu nada.

A gente brincava de esconde-esconde junto com esse colega que morreu, desde pequeno, adorávamos brincar na rua, de pega-pega.

Figura 55- Lauren- Caderno



Fonte: Acervo da autora, 2019

Patrícia: Gurias e guri, vocês perceberam Eu quero que vocês vejam como é importante trabalhar nossas memórias de infância, elas nos marcam até hoje, eu sempre coloco nas aulas que a gente vai construindo nossa personalidade, quem a gente é até os 7 anos, mesmo que não nos demos conta das coisas, isso vai marcar pra nossa vida também. Muitos decidiram ser professora já na infância, mas uma coisa que eu não sei se vocês perceberam, mas a maior parte dos relatos, tem uma coisa em comum, a pessoa que mais marcou a vida de vocês?

Todos- os avós

Patrícia- foram os avós, nossas memórias de infância, amamos nossos pais, mas a geração que mais marca é os avós, e tem estudos que vai mostrar justamente isso, quase todos falaram da questão dos avós, que eles são muito importantes uns ficaram mais tempo conosco, outros não, mas como são importantes pra nós. Através dessas memórias que temos de infância, vai mostrar muita coisa por isso tem todo um desencadear do nosso trabalho, é justamente isso. Queria agradecer muito vocês por relatarem, porque é abrir também o coração, abrir um pouquinho das nossas memórias, coisas que são importantes, coisas que não gostamos de falar, gosta de deixar escondido, mas que são importantes para o trabalho. Queria muito agradecer a vocês por compartilhar conosco este momento, essas memórias de infância.

Vamos passar agora para outra parte que é o Pedagolanche, que é partilhar a mesa. Porque chamamos de Pedagolanche? E por que todos os encontros vai ter a comida? Porque é o momento de partilhar também o alimento, conversar, poder estar juntos.

E convidá-los para que na próxima semana, é uma outra temática, um trabalho bem diferente, vocês possam estar aqui, conto com cada um de vocês.

A Naiara ontem fez 18 anos, vamos cantar Parabéns? (cantamos parabéns para Naiara).

Vamos tirar uma foto juntos?

Figura 56- Registro do 2º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

6.3 DESCRIÇÃO DO TERCEIRO ENCONTRO FORMATIVO

O terceiro encontro formativo/investigativo que aconteceria no dia 28/09 foi transferido devido ao falecimento do meu pai, em um acidente na BR 116 no trajeto Cristal/Camaquã, no dia 26/09. O sepultamento ocorreu no dia 27/09. Comuniquei aos estudantes pelo grupo de WhatsApp. Tive direito à licença nojo de 8 dias, no período da licença, os municipais entraram em greve, o nosso encontro do dia 05/10 não ocorreu, bem como, dia 12/10 que foi feriado da Nossa Senhora Aparecida.

O terceiro encontro formativo/investigativo aconteceu no dia 19 de outubro de 2019, das 9 às 11 horas, na Sala do Curso Normal, nas dependências do Colégio Municipal Pelotense. Com a temática: Expectativas sobre o Curso Normal. Participaram 10 estudantes (6 do segundo ano, 2 do terceiro ano e 2 do quarto ano, que foram: Ketlin, Jaqueline, Pâmela, Naiara, Vitória, Bruna Persch, José, Cassandra, Shaiane, Susane). Neste dia a leitura deleite foi a partir do livro “O Grufalo”, da autora

Julia Donaldson. Para o Pedagolanche tivemos: torta de frango, torta de frios, bolo branco, bolo de chocolate e café. A sala do Curso Normal estava previamente organizada, com as cadeiras em círculo, no meio da sala classes com toalha preta, com tiras de papel colorido, cola, canetinhas e no fundo da sala um painel preto.

A leitura deleite do terceiro encontro estava relacionado com a temática: Expectativas sobre o Curso Normal: O livro “O Grúfalo” de Julia Donaldson. Resumidamente a obra é uma divertida história de um ratinho ardiloso que para escapar de se tornar devorada por uma raposa, de uma coruja e de uma cobra, inventa um encontro com uma figura horrível chamada Grúfalo que adoraria comer a carne delas. Na ideia do ratinho, o Grúfalo é um monstro que ele criou para assustar os bichos que o querem devorar – até que ele se depara com o próprio monstro. O ratinho é mesmo astucioso e faz até mesmo o Grúfalo sair correndo. Criando a expectativas de como reagirá com o próximo predador. História que nos faz acompanhar o percurso e a imaginação do ratinho pela floresta.

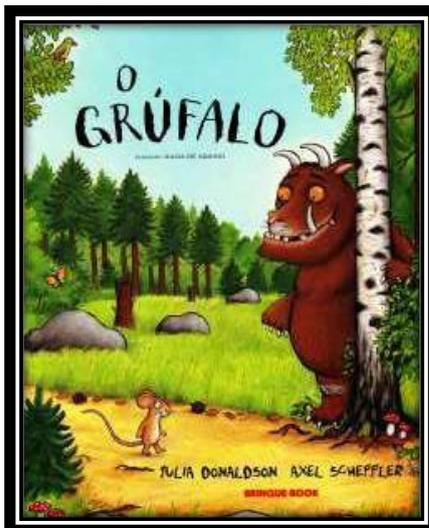
No final do encontro tivemos o nosso “Pedagolanche”, importante destacar que o Pedagolanche é um partilhar e compartilhar do alimento com as pessoas, como também experiências e histórias de vida.

Figura 57- Organização da sala



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 58- Livro: O Grúfalo- Julia Donaldson



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 59- Pesquisadora contando a história: O Grúfalo



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 60- Pedagogolanche



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 61- Pedagoglanche



Fonte: Acervo da autora, 2019

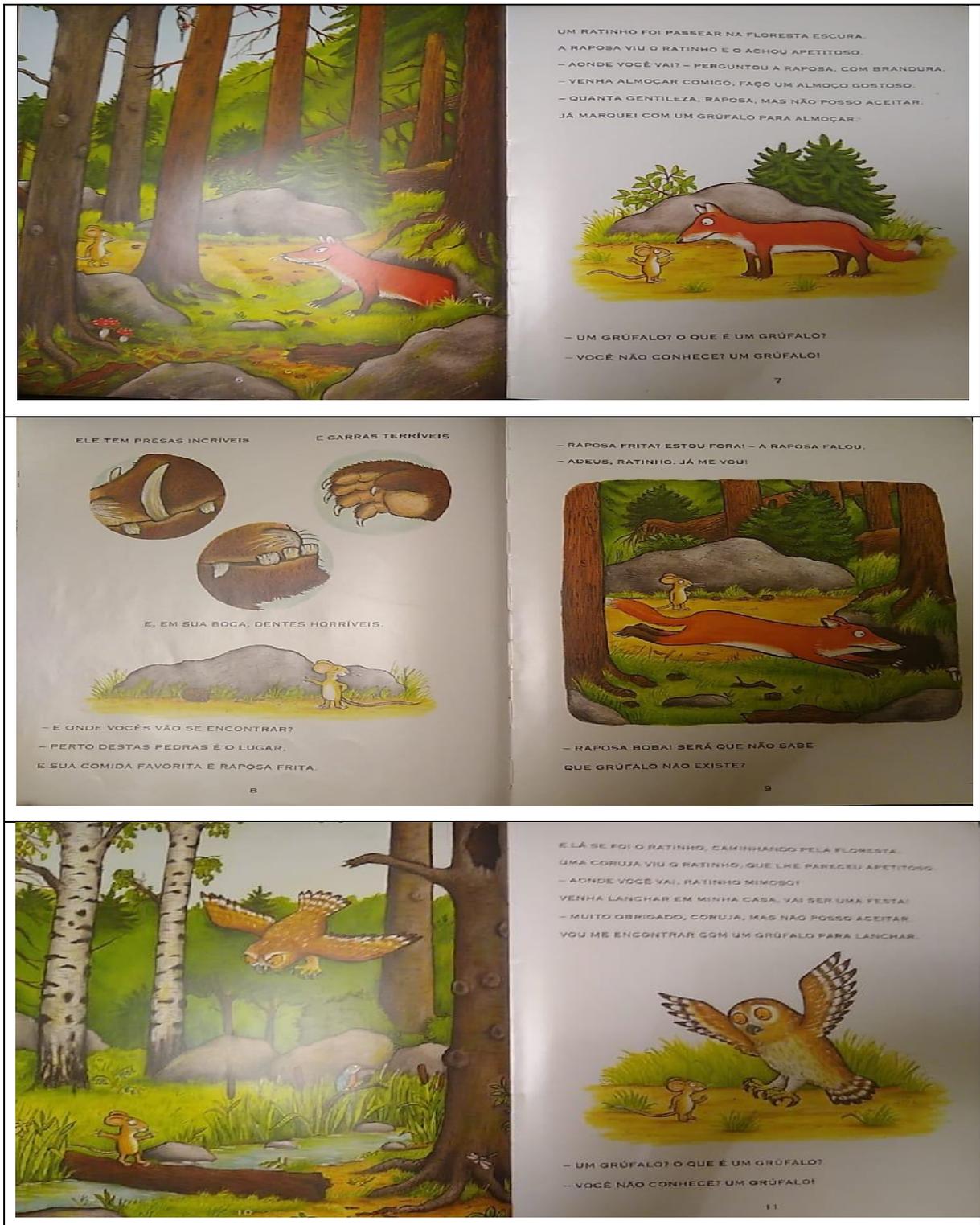
Patrícia: Gurias, queria agradecer muito a presença de vocês hoje, tivemos alguns contratempos, paramos por dois encontros e vocês souberam o motivo. Estava tudo certo, lembro que tínhamos escolhido um cardápio para o Pedagoglanche: cachorro-quente e mousse, não foi hoje. Ficará para o próximo.

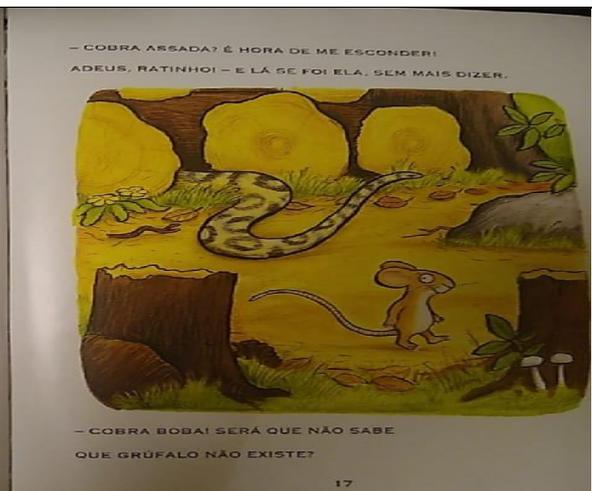
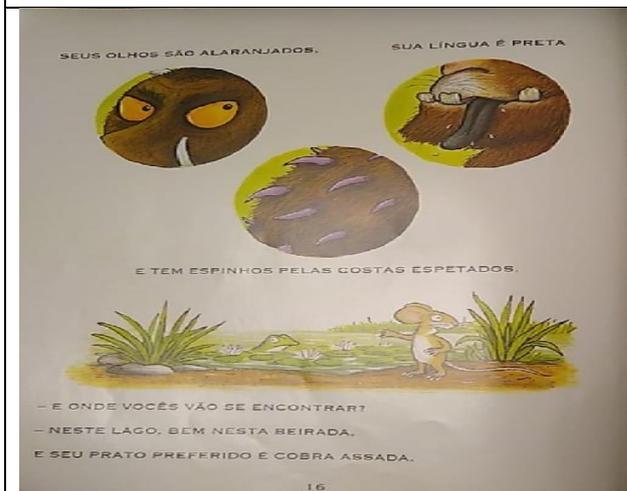
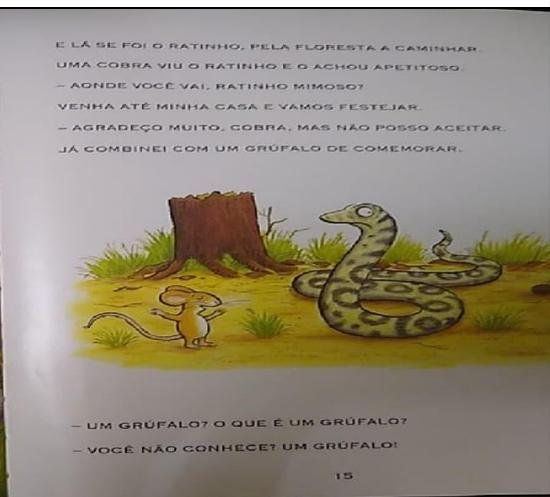
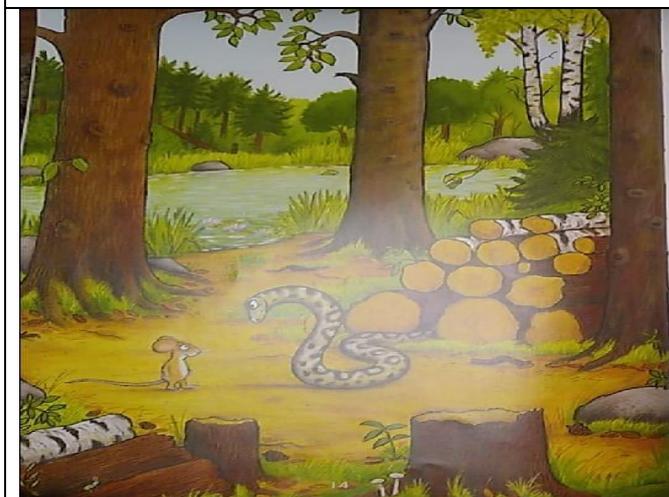
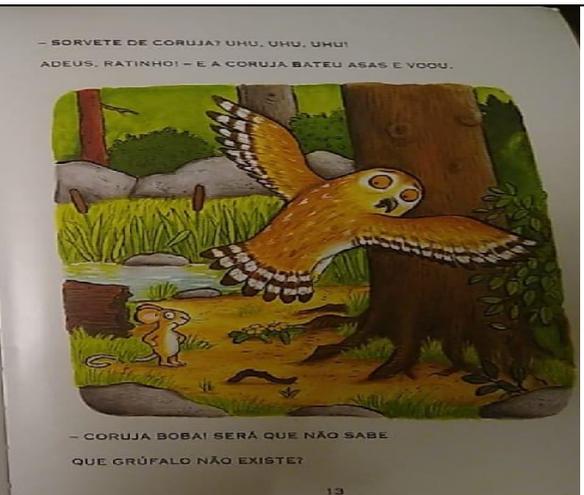
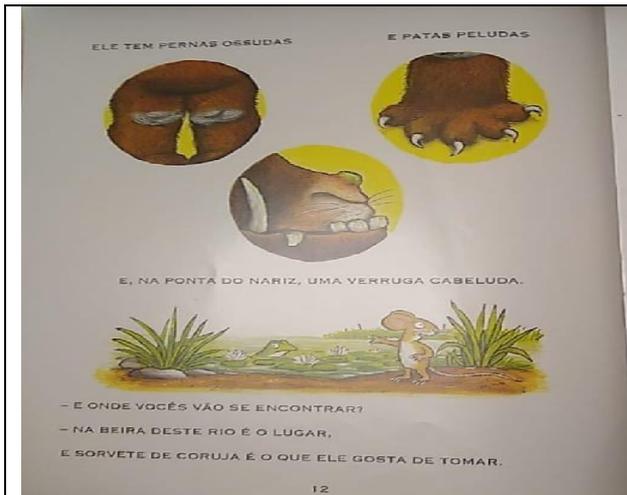
No dia 26/09 aconteceu um acidente na BR116 e eu perdi meu pai, eu já estou vivendo um outro processo. Semana passada retornei a dar aula, foi muito difícil, porque fazia uma semana e pouco. Estou no processo em que já consigo falar, apesar de sentir saudades e de todas essas coisas. Já evolui no processo, ontem dei aula, chorei nas três aulas, mas eu também consegui. É um processo, precisamos viver, assim como viver intensamente cada momento, viver o luto é importante. O falar me ajuda, me faz sentir melhor. Vocês sabem que, gosto de falar.

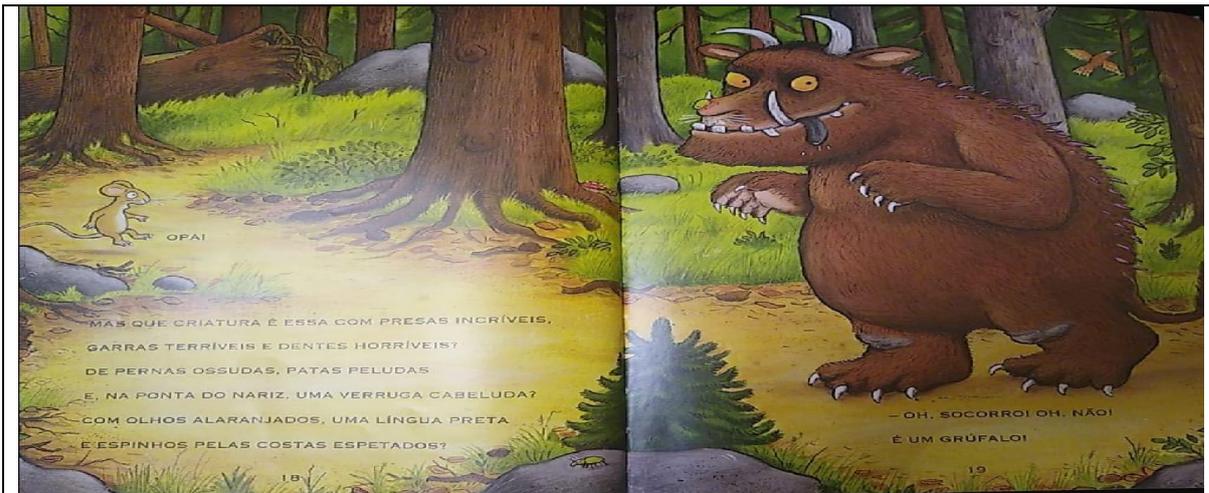
Mas não tivemos dois encontros, íamos terminar semana que vem, mas está faltando o 4º e 5º encontros e terei que confirmar, não sei se haverá sábado em foco na próxima semana, mas aviso, não se preocupem.

Vocês não imaginam como fazem bem na minha vida, saio daqui muito feliz todas as vezes. Lembro que saí, liguei para minha orientadora e disse: “foram dezoito”, “estava muito bom”! E como esse grupo é importante, mesmo estando triste, chateada, vocês me fortalecem. Que bom que podemos nos encontrar. Já era apaixonada pelo Curso, pela questão dos alunos, agora estou muito mais! Vocês têm contribuído para o meu trabalho e espero que possam contribuir muito mais com o Curso, com tudo que estamos estudando.

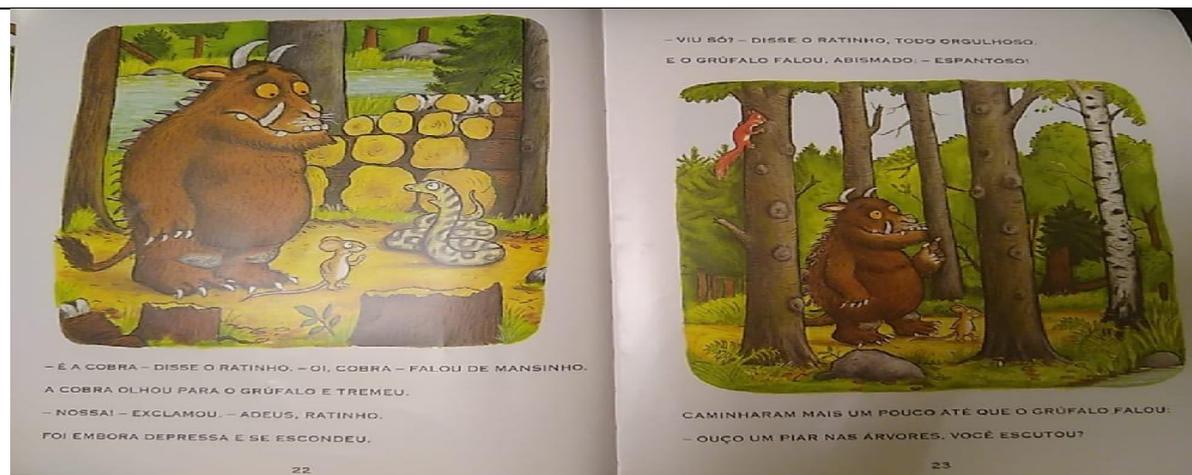
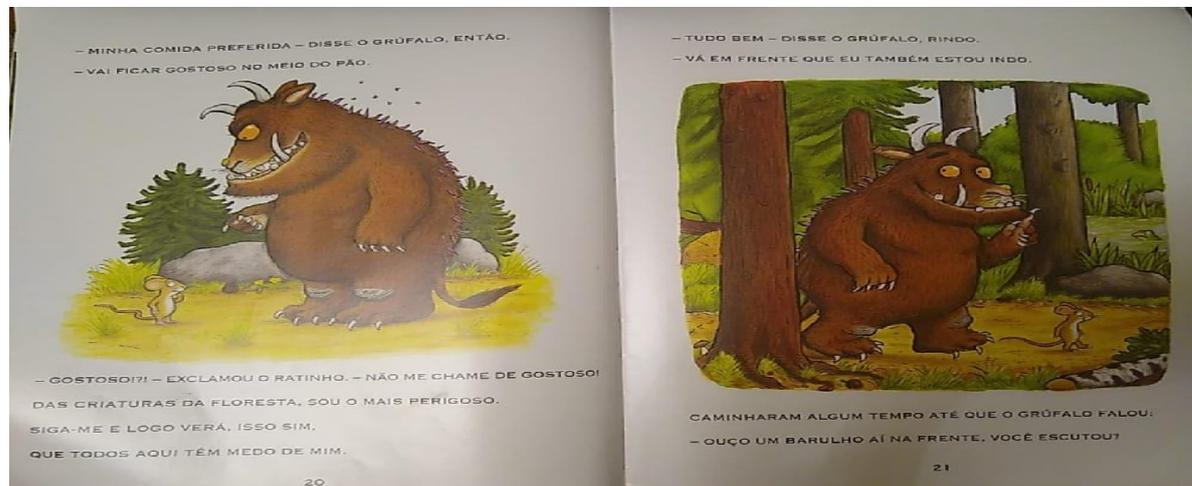
Queria ler hoje a história do "O Grufalo", eu gosto muito dessa história e ela é muito interessante, o Grufalo é da Julia Donaldson da Brique-Book, eu gosto muito dos livros da Brinque-Book, é um material bem gostoso, bem bonito e colorido, então eu queria ler para vocês o Grufalo.

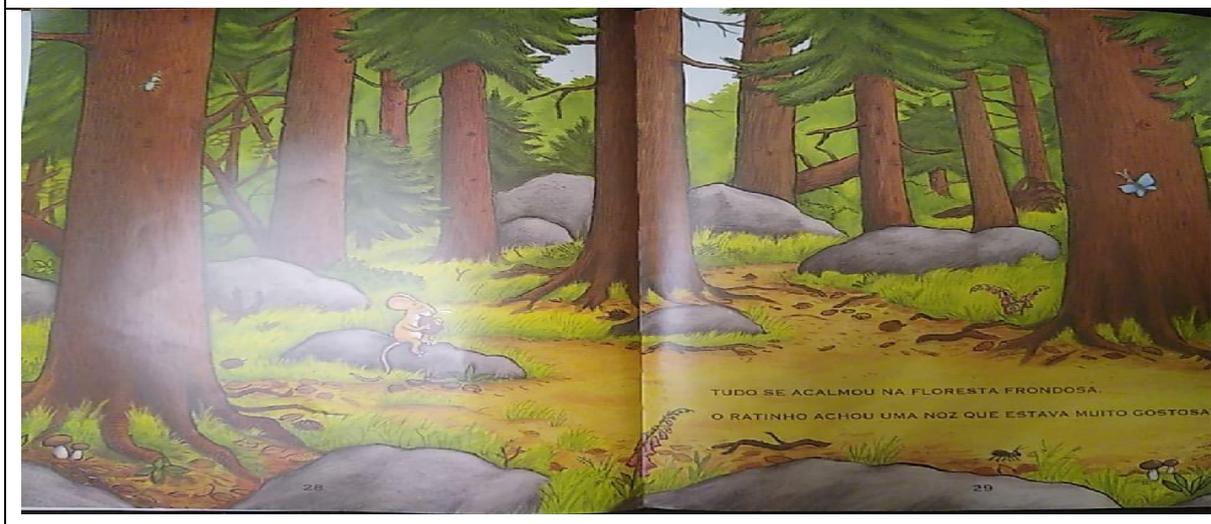
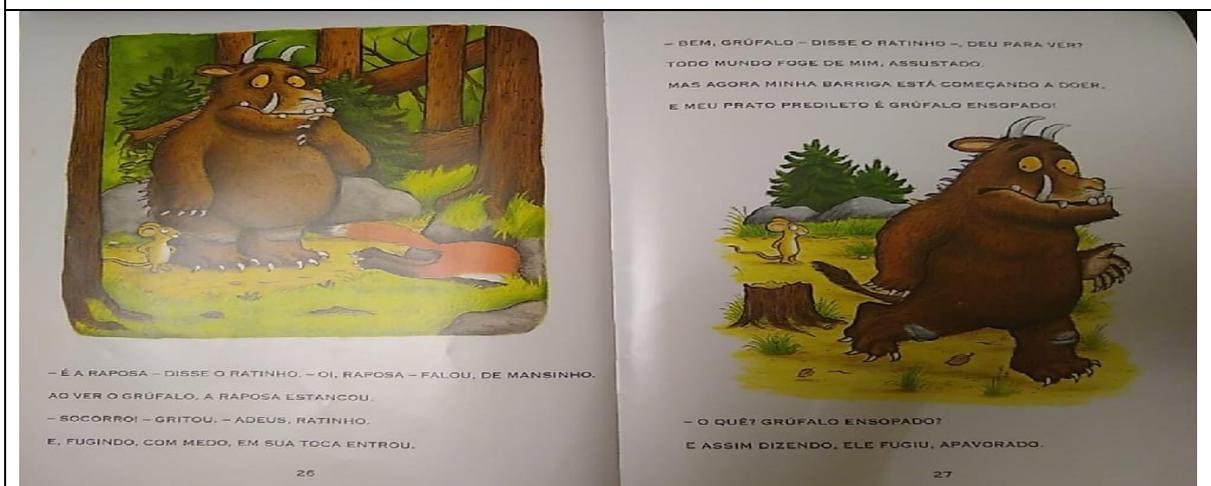
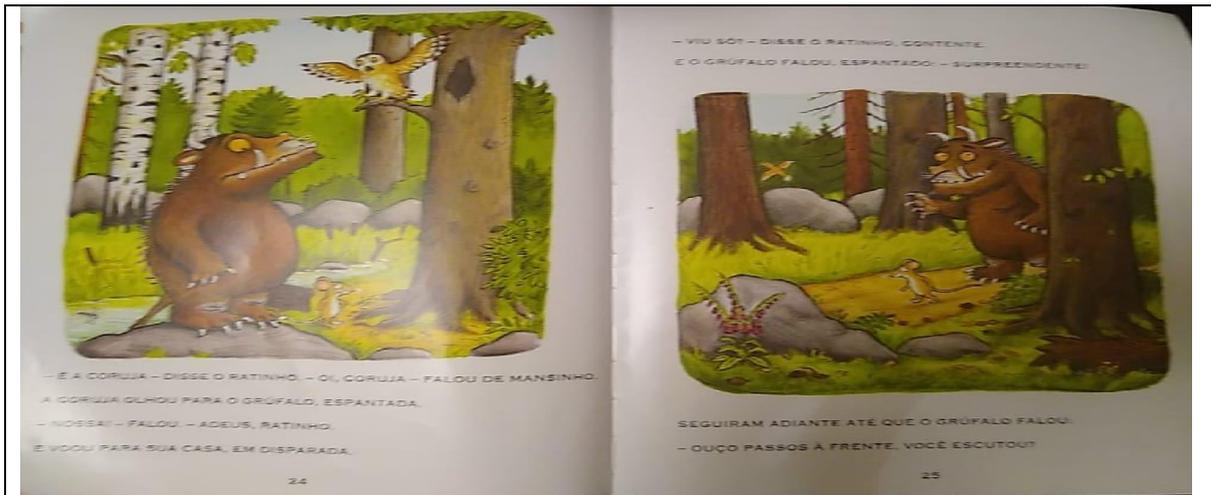






9





E essa é a história. (a reação dos estudantes é maravilhosa, surpresos!)

Eu gosto muito do Grúfalo, podemos contar para as crianças sem mostrar as imagens e eles inventarem/criar o Grúfalo. Fiz essa atividade, eles criaram o Grúfalo, como imaginavam.

Mas o que é interessante é que tu vais criando uma expectativa com relação ao animal e o ratinho ele é muito esperto, ele consegue driblar todos os outros animais, inclusive o Grúfalo. Ele tinha medo, legal que ele consegue criar uma expectativa muito grande em cima das coisas, e como é esse animal. Gosto muito dessa história para contar para as crianças, nos estágios, está à disposição de vocês.

Meninas, com base das expectativas, todos nós entramos no Curso, entramos na vida com alguma expectativa. Quando entramos em um relacionamento, temos a expectativa que seja o amor para sempre, o amor da minha vida, será tudo lindo. Todos os dias eu vou acordar com tudo rosa, saindo flores da boca, e criamos uma expectativa.

Quando compramos uma roupa, ficamos imaginando que todo mundo vai achar que estamos lindas e maravilhosas. Criamos uma expectativa!

Em todas as coisas que fazemos, vamos criando expectativas, se é legal, ou se não é, como que vai ser. E vocês também criaram expectativas com relação ao Curso Normal.

Algumas nem sabiam o que era, outras já sabiam, mas criamos uma expectativa sobre o Curso. Eu queria que pudéssemos escrever quais as expectativas de vocês. Ou que vocês tinham ou estão tendo no momento, mas principalmente quais expectativas tinham em relação ao curso. Como que está? Como que vai ser? Vamos conversar nos próximos encontros.

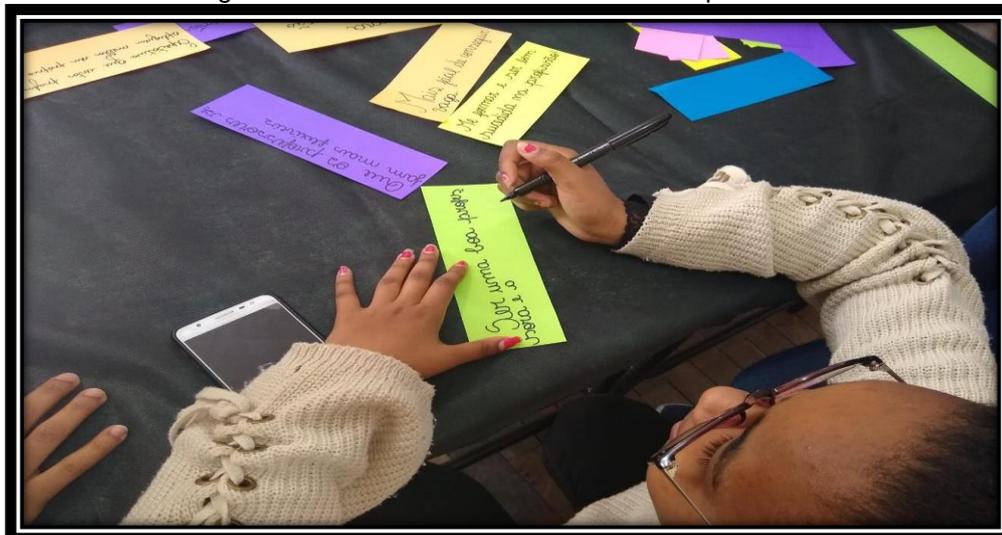
É para ser muito sincero, mesmo! O que vocês pensam mesmo! Porque o que ajuda gurias, sempre se escuta o professor, acho legal isso, a eu acho que poderia ser aquilo. Eu tenho expectativas com muitas coisas, e a minha expectativa com a minha dissertação é que ela melhore o Curso, o que vocês irão responder e eu conseguir transpor para o grupo de professores e estudantes, sempre para melhorar.

Mas o que a gente espera? Com tudo esperamos algo. Tem uma música O que a gente espera de um sábado à noite? O que a gente espera de um sábado de manhã? Criamos essas expectativas com tudo. Às vezes é legal, o que acontece às vezes supera, outras não.

Vamos fazer um painel, cartaz. Mas gostaria que pudéssemos escolher este cartaz branco ou pardo. Qual preferem? Vocês irão escolher uma cor das tiras de papel e escrever sobre: As expectativas do Curso Normal. Está bem? Vamos fazer isso?

Vocês podem fazer individual ou no coletivo.

Figura 62- Estudantes escrevendo suas expectativas



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 63- Estudantes escrevendo suas expectativas



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 64- Estudantes escrevendo duas expectativas



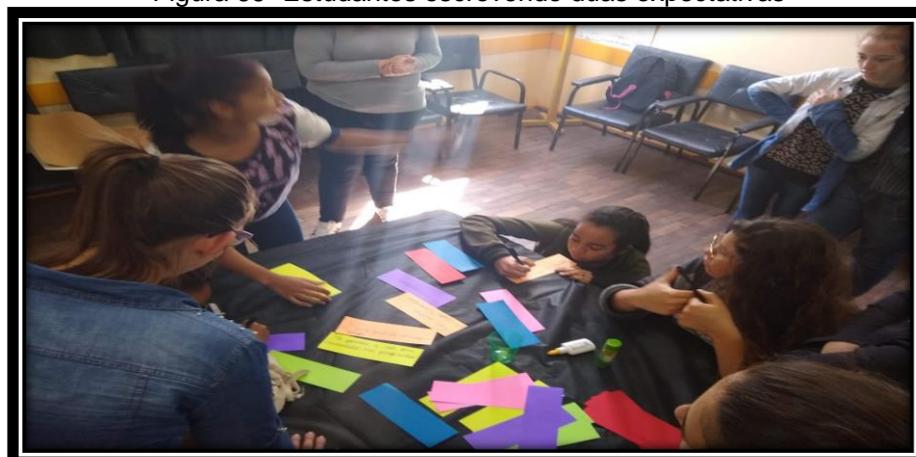
Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 65- Estudantes escrevendo duas expectativas



Fonte: Acervo da autora, 2019

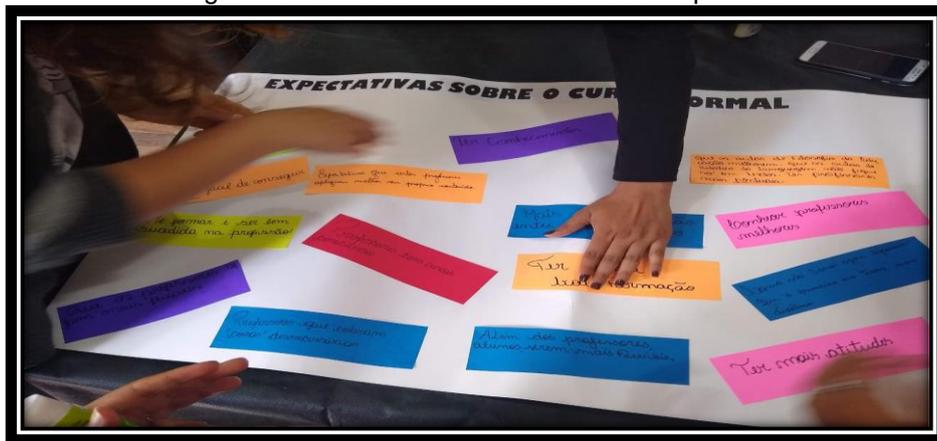
Figura 66- Estudantes escrevendo duas expectativas



Fonte: Acervo da autora, 2019

Gurias o que vocês colocaram sobre as expectativas do Curso Normal:

Figura 67- Estudantes escrevendo duas expectativas



Fonte: Acervo da autora, 2019

- Ser uma boa professora e adquirir conhecimento.

- Mais fácil de conseguir a vaga.

(Realmente, como já conversamos, é mais fácil de conseguir vaga no Curso Normal do que no ensino médio regular)

- Me formar e ser bem sucedida na profissão.

- Que os professores sejam mais flexíveis.

(como vocês disseram: ser mais flexíveis em todas as áreas, seja na avaliação, no conteúdo).

-Ter conhecimentos.

- Expectativas que certos apliquem melhor seu próprio conteúdo.

(Na nossa conversa informal, vocês já colocaram isso, que vocês percebem que alguns componentes curriculares, algumas disciplinas não veem para que irão utilizar futuramente).

- Professores com mais consciência.

- Professores que cobrem “coisas” desnecessárias.

(Sabemos que isso ocorre, mas é justamente para melhorar)

- Mais comunicação de professor/aluno.

- Professores mais pontuais.

- Conhecer professores melhores.

- Ter uma boa formação.

- Além de professores, alunos serem mais flexíveis.

- Como são três anos, esperava que o primeiro ano tivesse mais didática.

(Como são os três anos do ensino médio a gente procurou introduzir algumas disciplinas que introduziam ao curso que é a filosofia, sociologia e inclusão. Mas vamos pensar nisso aí também.

- Que as aulas de Filosofia da Educação melhorem. Que as aulas de Didática da Linguagem não fiquem só em textos. Ter professores mais pontuais.

- Ter mais atitudes

(remetendo a várias coisas).

Expectativas que vocês têm com relação ao Curso Normal, e como disse, ao final do Curso essas expectativas podem ser superadas ou não!

Bem a história do Grúfalo, imaginamos que ele vai pegar o ratinho e vai esmagar, mas quem deu a lição foi o ratinho. Podemos fazer isso também, como Grúfalo, numa família, as vezes nos sentimos tão pequenininho perto de um gigante, mas o que ele fez? Conseguiu reverter a situação e todas as presas que ele tinha em seu caminho.

E espero que justamente possamos pensar na questão das nossas expectativas, a ideia é que sempre possa melhorar. Com certeza que tudo isso que vocês estão colocando, vai ser levado em consideração, esperamos já para os próximos encontros, mas também para melhorar, o Curso daqui por diante, mas que vocês também sintam esse reflexo da melhora, acho que é bem importante. Tem o pessoal que vai para estágio, pré-estágio, 4º ano, 3º ano; o ano que vem é o decisivo

para todos. Vocês irão para o último ano do Curso e depois estágio, estar concluindo o ano. O desejo de quem entra no Curso é que se formem professores.

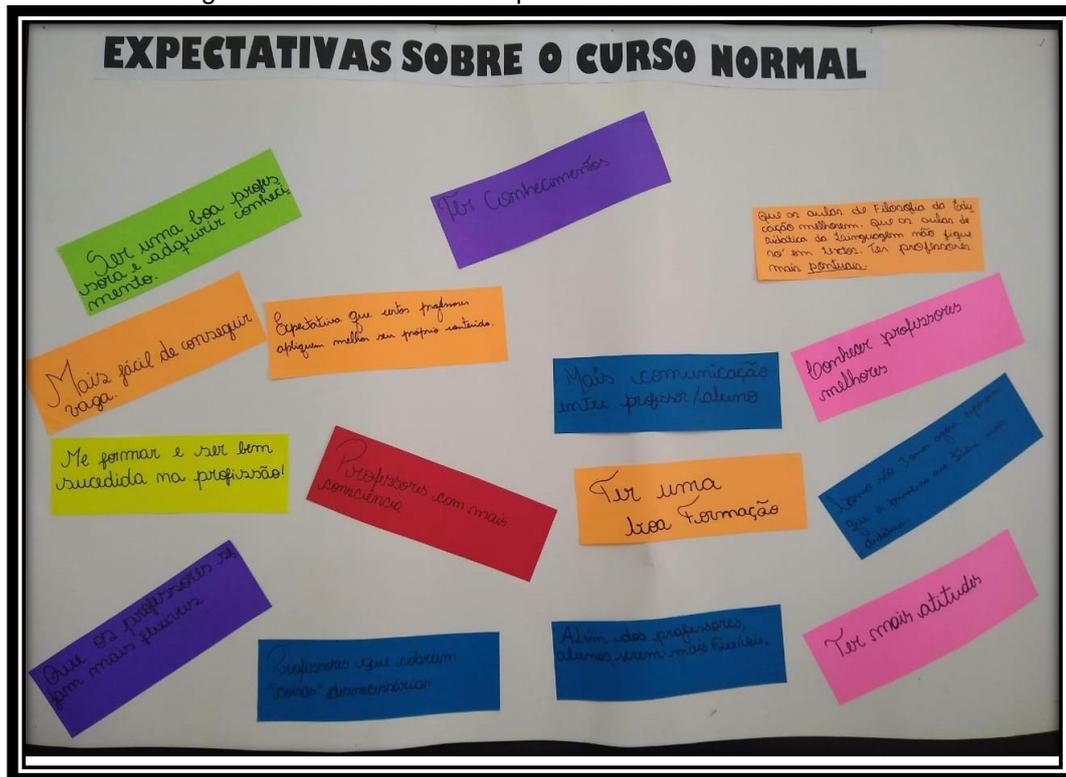
Mas uma coisa que sempre digo, todos devem ter escutado: precisamos ser felizes, se não estamos felizes no Curso precisamos procurar um lugar para ser feliz. Podem perguntar para qualquer um que saiu e diziam: Ai Patrícia! Vou sair do Curso, perguntava: - Tu vais ser feliz? Respondiam: Vou. E eu: Se tu vais ser feliz, tudo bem.

Precisamos ser felizes no lugar onde estamos. Espero que vocês realmente concluam o Curso, eu espero. Mas para isso, vocês precisam ser felizes. Porque irão concluir o ensino médio, mas também terão uma profissão. Porque não sabemos o que vai acontecer, se irão seguir a profissão, ou não.

Como disse, entrei no ensino médio e quando eu estava no terceiro ano do médio, decidi ser professora e fui fazer pedagogia. Fui me decidir só no terceiro ano, porque foi quando eu comecei a trabalhar com crianças. São coisas que acontecem na nossa vida, eu cresci dizendo que seria médica, aconteceu um fato na minha vida (fiz duas cirurgias aos 12 anos, fiquei um tempo hospitalizada, após tive nefrite e passei por tratamento longo e doloroso) e decidi nunca mais seria médica. E as coisas acontecem, espero que alguns irão continuar pedagogia, alguns biologia, educação física, outros matemática. Mas irão ver, que muitas vezes não damos valor no momento, o quanto o Curso vai auxiliar nos estudos, que na faculdade vai facilitar muito a vida de vocês.

Que não teriam essa formação no ensino médio e infelizmente ou felizmente, nem todo mundo é igual, nem todo professor é super dedicado, tanto no Curso Normal quanto no médio ou em qualquer lugar, mas cabe a reflexão: assim como esse professor eu não quero ser, mas quero ser parecido com esse, isso é legal. Eu também tive na minha formação, professores que eu parei e pensei que aquele eu não queria ser, como a Ketlin disse, esse professor eu não serei. É como aprendemos. Tive professores na minha formação, que não queria ser/parecer com eles. Mas esse tipo de reflexão é muito importante de realizar.

Figura 68- Pannel com as Expectativas sobre o Curso Normal



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 69- Registro do 3º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

6.4 DESCRIÇÃO DO QUARTO ENCONTRO FORMATIVO

O quarto encontro formativo/investigativo aconteceu no dia 26 de outubro de 2019, das 9 horas às 11 horas, na Sala do Curso Normal, nas dependências do Colégio Municipal Pelotense. Com a temática: Pertencimento ao Grupo. Participaram 8 estudantes (3 do segundo ano, 2 do terceiro ano e 3 do quarto ano, que foram: Ketlin, Jaqueline, Pâmela, Cassandra, Adrielle, Shaiane, Bruna Guadalupe e Susane). Neste dia a leitura deleite foi a partir do livro “Maria vai com as outras”, da autora Sylvia Orthof. Para o Pedagolanche tivemos: buffet de cachorro-quente, mousse de morando, refringente e café. A sala do Curso Normal estava previamente organizada, com as cadeiras em círculo, no lado esquerdo classes com pranchetas, folhas A4, lápis, borracha, lápis de cor, canetinha e giz de cera.

A leitura deleite do quarto encontro estava relacionado com a temática: Pertencimento ao grupo. O livro “Maria vai com as outras”, da autora Sylvia Orthof. Resumidamente a obra conta a história de Maria. Maria era uma ovelha que sempre fazia o que as outras faziam. Se todas iam para baixo ela ia também, se iam para cima, Maria as seguia. Ela nunca fazia o que queria, até que um dia ela tomou uma decisão: trilhar seus próprios caminhos.

Através da dinâmica dos Nós, figuras de ligação da Josso (2006), será exercitada a questão de pertencimento no grupo. A partir de uma corda, cada pessoa fará um nó, terão que desfazê-lo, refletindo sobre a importância de cada integrante para fazer e desfazer os nós, seja da corda ou na vida. Como materialização da atividade, os alunos farão registros através de desenhos.

No final do encontro tivemos o nosso “Pedagolanche”, importante destacar que o Pedagolanche é um partilhar e compartilhar do alimento com as pessoas, como também experiências e histórias de vida. Momento que tem sido riquíssimo de dividirmos nossas histórias.

A seguir, alguns registros gerais do 4º Encontro.

Figura 70- Organização da sala do Curso Normal 4º Encontro



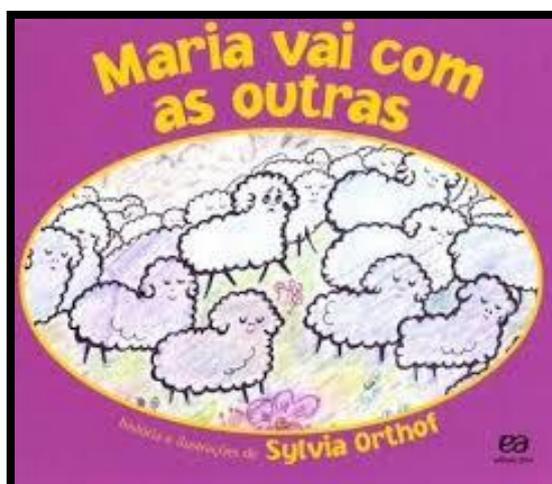
Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 71- Pedagolanche 4º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 72- Livro: Maria vai com as outras



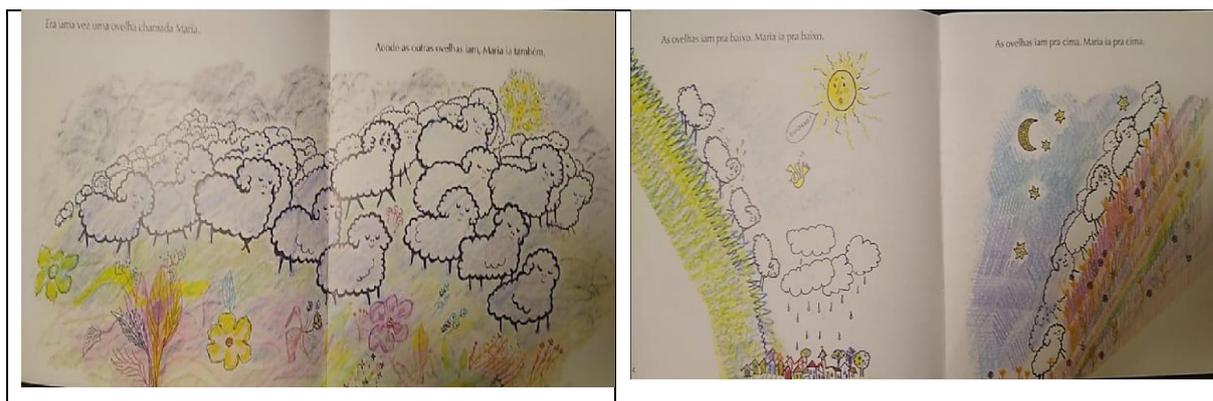
Fonte: Acervo da autora, 2019

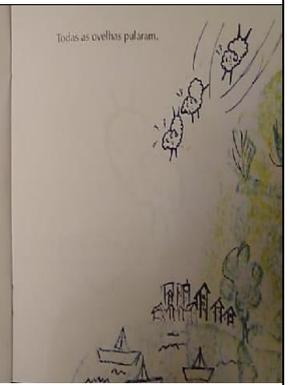
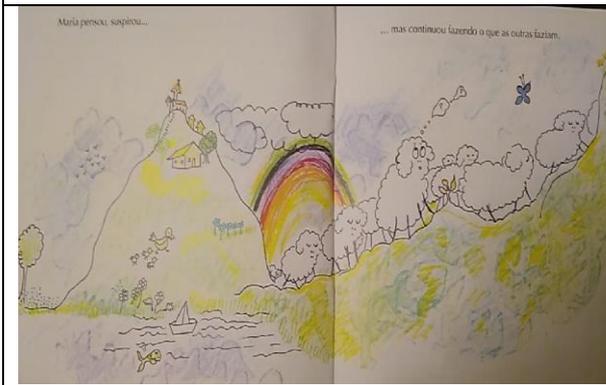
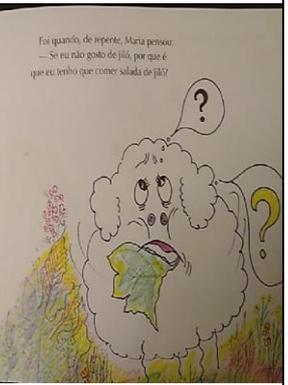
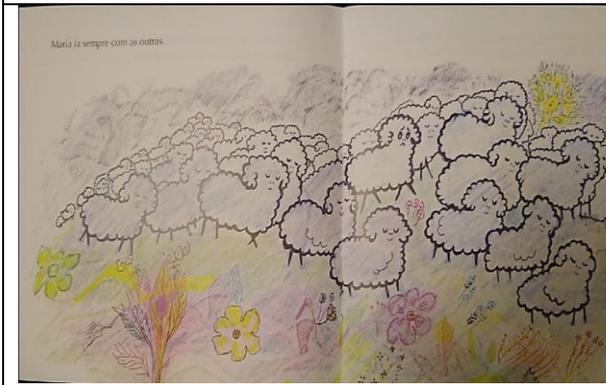
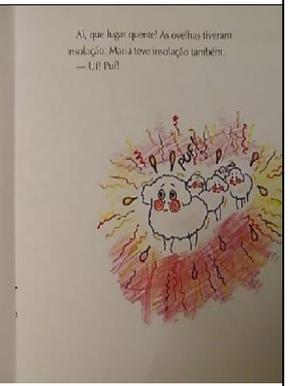
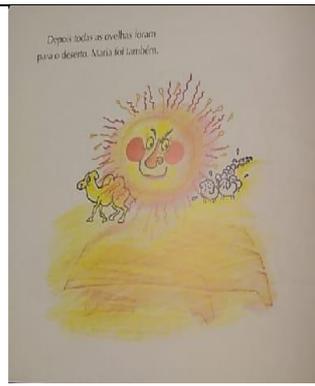
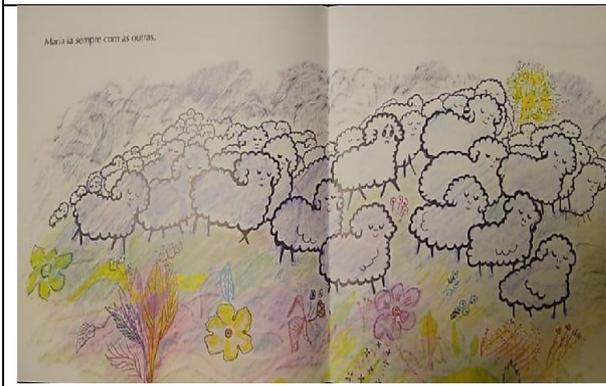
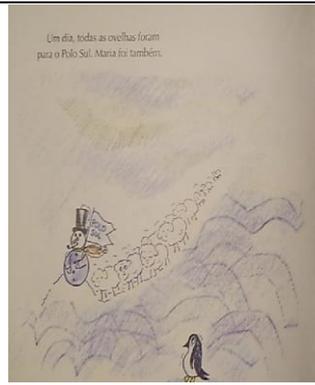
Figura 73- Pesquisadora Contando a História: Maria vai com as outras



Fonte: Acervo da autora, 2019

Hoje vamos conversar um pouquinho, já comentei com alguns de vocês e algumas conhecem, que é a Maria vai com as outras, é da Silvia Orthof, e eu gosto muito dessa história, porque tem um significado, é um pouco da temática vamos trabalhar hoje. Então se chama “Maria vai com as outras”.







E essa é a história!

Gosto muito dessa história, quantas coisas fazemos para pertencer a um grupo? Para que a gente possa se dar bem, as vezes a gente vai a lugares que a gente não gosta, faz coisas que a gente não gosta só para estar com aquele grupo, principalmente quando a gente é criança ou adolescente para poder participar do grupinho a gente faz coisas que não gostamos. E aí a Maria fazia justamente isso, coisas que ela não gostava, não queria, o grupo fazia e então ela fazia também.

E a atividade de hoje, gostaria que pudéssemos ficar em pé e em círculo, vamos justamente trabalhar um pouquinho, como podemos estar pertencendo a um grupo. Na nossa vida fizemos muitas coisas para pertencer, fazer parte, se sentir integrante a um grupo.

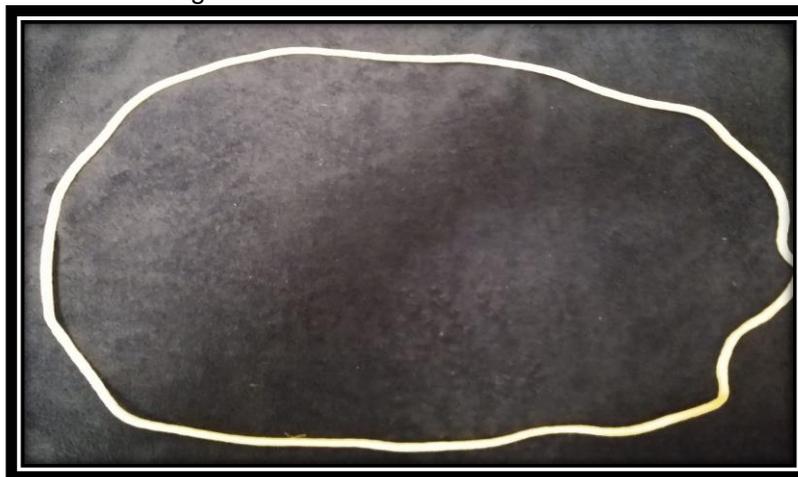
Cada uma de vocês, vai pegar o barbante e fazer um “nó”, segurar a corda e dizer quantas coisas fazem para pertencer a algum lugar. E podem dizer quantas/que coisas vocês fazem para pertencer a um grupo.

Figura 74- Corda com “nós”



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 75- Corda com os “nós” desfeitos



Fonte: Acervo da autora, 2019

Patrícia- No início eu fazia, agora eu não faço mais, porque percebi que não conseguimos agradar todo mundo. Quando entrei como coordenadora: eu tentei, mas vi que não tem como. Tem coisas que não dá para fazermos para agradar todo mundo, eu tentei fazer isso e não dá certo.

Adrielle: Eu era da igreja e eu não gostava. Era de uma igreja que tinha que usar saia, eu fiquei quase cinco anos naquela igreja, ficavam sempre me cobrando para usar saia e então eu saí, pois não queria.

Shaiane- (pediu para falar depois)

Cassandra- (pediu para falar depois)

Pâmela-Então, o que eu já fiz de bobagem na vida por causa dos outros era fumar cigarro, graças a Deus hoje eu parei, mas fumava direto.

Susane- Ser boa demais, fazer tudo o que os outros pedem, tu vais lá e faz.

Ketlin- (pediu para falar depois)

Jaqueline- É complicado dizer que sou muito boa, é muito relativo, é ter muito ego. Mas acho que muitas vezes para agradar as pessoas eu não falo o que eu penso, fico mais quieta no meu canto.

Bruna- Aturar certos professores aqui no Curso Normal.

Gurias e aí a gente faz muitas coisas, e agora pensando no curso mesmo, vocês se sentem pertencentes, vocês se sentem escutados pelos professores?

Resposta unânime: Não!

Patrícia- Isso é uma coisa importante, o que poderia ser diferente, porque vocês pertencem a um Curso, pertencem a uma turma, e as vezes vocês não se sentem escutados, não se sentem percebidos e porque é isso?

E agora queria falar um pouquinho da nossa vida, porque temos uma relação com isso. O que a gente poderia desamarrar de “nós” na nossa vida, no Curso, para que as coisas pudessem fluir, porque se a gente pensar que a corda com o “nó” ela não vai fluir, o que poderíamos fazer para tirar esses nós com relação ao Curso e vocês se sentirem escutados.

Patrícia- Acho que estou procurando escutar mais os alunos, estou tentando chamar a atenção de professores que estão precisando, porque nem todos estão se enquadrando na proposta. E isso está dando problema, que não é só problema com um ou dois, mas sim com vários. Estou percebendo um momento bem crítico com relação a isso, está muito fervoroso. É esse o momento de alguém que não está se sentindo contemplado, o professor vamos precisar dar uma conversada.

(No período da pesquisa as turmas 22 e 23 estavam em Prática de Ensino-Observação e planejamento, para 1 semana de prática em turmas de anos iniciais no Colégio Municipal Pelotense; a turma 24 estava entrando na prática do pré-estágio-Observação, planejamento e 2 semanas de prática em diferentes escolas municipais de Pelotas. Alguns estudantes haviam recebidos seus planejamentos nas semanas da pesquisa, o que os inquietou, havia muitos anseios e questionamentos).

Adrielle: Eu acho que como a Patrícia falou, precisam ouvir mais os alunos, novas propostas, não sempre a mesma coisa, sempre as mesmas coisas acontecendo, sempre as mesmas propostas, mas conforme ir encaixando em cada turma o que é melhor.

Bruna- O Curso mudou, as pessoas mudaram, mas continuam com as mesmas ideias de 25 anos atrás, pelo amor de Deus, a gente é jovem, adolescente.

Pâmela- Estamos no século XXI

Ketlin- Muitas vezes as pessoas falam que a maneira tradicional de ensinar já passou, só que aí tem algumas atitudes que é a mesma coisa.

Bruna- Nos dizem que com as crianças precisamos partir do concreto, para depois o abstrato.

Pâmela- Mas eles não fazem com a gente.

Jaqueline- A ideia do curso é muito boa, porém mal executada.

Bruna- E tem professores bons, muito bons.

Jaqueline- Eles conceituam algo, que não conseguem passar para a gente. Falam como se fosse muito simples, e comentam que quando a gente for ensinar sobre alguma coisa, por exemplo sobre banana tu tem que trazer uma banana para explicar, mas na hora de nos ensinar sobre a banana ninguém trouxe a banana, aí as coisas ficam difícil.

Cassandra- Uma coisa que eu acho também que eles cobram é que nós temos que ter planejamento só que tem muito professor aqui que não tem planejamento.

Patrícia- Ótimo, vamos desvendando os nós!

Cassandra- Agora no terceiro trimestre, se tu rodares no planejamento, tu rodas de ano, mas muitos professores não têm esse planejamento.

Jaqueline- E outros tem planejamento demais...

Pâmela- E querem dar todo o planejamento que os o que os outros professores não deram para nós.

Shaiane- E nos exigem muito...

Jaqueline- tem gente que nem caderno tem...

Patrícia- Eu sei que sou exigente com o caderno e planejamento, mas mostro para vocês o meu e até empresto.

Bruna- Acho que isso vai muito do professor, mas sempre lembrando que a gente não está na faculdade para ser tão cobradas assim, o tempo inteiro.

Jaqueline- Eu entendo também esse lado, a gente escolheu uma profissão que realmente se tu não fores cobrado, tu não vais conseguir passar, eu entendo esse lado também, só que as vezes são coisas que...

Cassandra- Uma coisa que acho que tinha que ir e vir...

Jaqueline- Exatamente!

Bruna- Às vezes a gente aprende mais sozinho, do que com eles...

Susane- Com os colegas...

Jaqueline- ou entre a gente

Pâmela- O professor vem aqui e te fala uma coisa, aí vem a Jaqueline e me fala uma coisa, eu abstraí aquela coisa, a vem a Bruna e me fala uma coisa totalmente diferente, que não se come peixe...

Jaqueline- Não fala em peixe que fico triste.

Patrícia- O que aconteceu?

Jaqueline- Não tem nada a ver com assunto, é sobre o meu planejamento, o tema do meu projeto é "Rio, lagoa, lago e mar" e para as crianças compreenderem melhor, a Shalize teve a ideia de trazer um peixe para os alunos acompanharem diariamente a vida dele nesse período, sabemos que o peixe nada, só que seria bem legal. Perguntei para uma determinada pessoa sobre tal do peixe, e a pessoa disse: - Tu achas legal levar o peixe? E eu disse: - Eu acho! Porque a pessoa disse: - Na minha casa não entra peixe, nem passarinho! Me deu vontade de dizer, mas não vou levar para tua casa. Acho hipocrisia, tu comer carne, peixe e não poder levar um peixe para as crianças observarem. Mas carne pode, tu comes carne; é um bicho que tu matas. O bicho para comer pode, mas cuidar do peixe não. Eu vou orientar eles com o peixe, são coisas que me deixam bem chateada. Fiquei bem triste.

E me disse: Porque tu não levas as crianças em um lugar para ver os peixes? Mas como vou levar as crianças na praia com uma semana só de prática e outra, estamos em uma escola pública, quem vai ceder a verba?

Patrícia: Uma coisa que eu sempre digo para vocês, e disse quinta-feira na reunião dos professores. porque a prática, uma professora disse que achava que vocês não poderiam ter práticas antes de ter todas as didáticas, mas vocês estão experimentando. Essa é a proposta, esse é o diferencial de vocês, ninguém precisa

saber tudo porque vocês são estudantes. Inclusive no estágio, não fariam estágio, vocês já seriam os profissionais .E esse olhar de aprendizagem que a gente precisa ter, e eu estou falando isso porque a gente está constatando isso porque tem pessoas que é geral com todas as turmas, e vocês são três turmas diferentes e as três falam a mesma coisa.

Pâmela- Não é para acabar com a gente...

Patrícia- Vocês são estudantes e estão aqui para aprender...

Bruna- Por isso que nos chateia, estamos aqui para aprender...

Jaqueline- Eu não estou dizendo que não aceito crítica, eu super aceito, mas não gosto de hipocrisia.

Patrícia- O que mais?

Shaiane- Eu concordo com todo mundo aqui...

Patrícia- Tudo isso que vocês estão falando é muito importante, eu quero saber. Uma coisa que eu sempre falo é que vocês em sala de aula, por causa de uma ou duas professoras, vocês têm um grupo todo, façam e façam bem feito. E dão um tapa de luva de pelica.

Jaqueline- Eu pensei em desistir do meu peixinho...

Patrícia- Eu falei pra Bruna, Faz! E faz o teu melhor...E mostra que tu podes, que tu és muito melhor do que estão dizendo. Eu vou dizer para vocês.

Eu comecei a trabalhar muito cedo, então vocês imaginam, eu assumi a direção com 22 anos, o que acontece? Eu tive que mostrar o tempo todo que eu era capaz, mesmo sendo nova, e vocês também são novas. Eu assumi uma direção com 22 anos, comecei a dar aulas com 17, os pais nem sabiam que eu era menor de idade, depois ficaram sabendo. Na coordenação eu vim nova, mais nova que muitos. Assumi! Eu enfrentei muita coisa, muita coisa mesmo, essa coisa que testam vocês, fui testada em muitas reuniões, toda semana, toda semana. Tu mostras o que? Com teu trabalho que é bom. E o que é importante no ser professor? Eu acho que uma das coisas fundamentais é se relacionar bem com os alunos.

Bruna e Pâmela- Gostar do que tu faz...

Patrícia- E Paulo Freire fala da amorosidade e para ele isso é tu pensar no aluno, no planejamento da aula, é ter uma boa relação com ele porque se tu não tiver uma boa relação com os teus alunos vai ter uma barreira, eles não vão entender e ele não vai conseguir ensinar.

Se vocês não gostam de alguém gostam do professor, vocês vão conseguir aprender?

Todos- Não

Shaiane- Tem professores que querem se achar superior todo mundo.

Cassandra- Tu planejas, planeja uma coisa, que tu vêes que era para aquela turma, chega à professora disse que tem que mudar tudo.

Pâmela e Ketlin - Nós temos nosso projeto era sobre Higiene e Limpeza, a XX mandou tirar a limpeza e botar a saúde, temos que mudar todo nosso planejamento e depois mandou tirar, só ficou saúde, mudou todo nosso projeto.

Bruna- Fala (professora XX) qual fundamentação para isso?

Pâmela- Mas saúde tem: a saúde mental, saúde física, saúde social; voltamos para higiene e vai ser isso e acabou esse assunto.

Ketlin- Tem coisas que não dá!

Patrícia- Gurias é que vocês estão aprendendo.

Jaqueline- Mas muitos professores não entendem que estamos aprendendo.

Patrícia- Mas isso é importante, vocês verbalizarem o que estão sentindo, dizer: isso não está legal.

Ketlin- Tem professores que não aceitam diálogo.

Bruna- O que acontece no Curso? Estamos no quarto ano e tem nove, então alguma coisa está errada, por que as pessoas desistem? Éramos de uma turma de 40. Alguma coisa está errada, por que tanta gente desiste?

Patrícia- Tem dois motivos.

Bruna- Uns não gostam.

Patrícia- Uns entram, porque querem vaga para o ensino médio, isso é importante, por que vocês acham que as pessoas desistem?

- Ah, porque quero o médio.

Mas isso nós precisamos saber para estar trabalhando. Nunca se escuta! Sempre escutamos: eles não querem, nada com nada. O que vocês pensam?

Porque ouvir os alunos é diferente dos professores. Os professores eu sei, alguns verbalizam outros não.

Jaqueline- Não pode pensar assim, vou desistir por causa de tal pessoa, eu fico mais chata que aquela pessoa, desafia aí sim eu vou atrás. Agora vou levar uma tainha, por causa do peixe.

Patrícia- Não desistam por causa dos outros.

Jaqueline- E tu vai sambar na tua formatura! (dirigindo-se para Bruna)

Patrícia- Tu não vais desistir. Só mostrar que tu és muito melhor (dirigindo-se para Bruna).

Cassandra e Bruna- Alguns alunos quando pegam os cadernos, tem vontade de chorar, porque está todo riscado, não sabemos onde tem que arrumar.

Pâmela- Eu juro, se a XX pegar meu caderno, eu desisto do Curso.

Patrícia- Gurias vocês estão aprendendo, precisamos ter esse olhar de aprendizagem. Vocês que estão no segundo e terceiro ano, é a primeira prática, é o primeiro momento que estão entrando na sala de aula e planejando.

As gurias do 24 já passaram por essas experiências. Experiência na prática, agora estão indo para o pré-estágio, necessita ter um olhar diferente.

Cassandra e Adriele- Mas nos exige perfeição e não vimos tudo.

Bruna- Ano passado foi bem difícil, porque a XX demorou a trabalhar sobre projeto, mas conseguimos.

Patrícia- E se saíram muito bem!

Vocês me sugam até o último! Porque leio todos os cadernos. Saiu da aula assim... (cara de sugada).

Cassandra: Eu não mostro pra XX.

Patrícia- Gurias muito obrigada pela participação. Vocês não têm ideia como tudo isso aqui é rico, como é bom poder escutar vocês, dizerem tudo isso e com certeza vai colaborar para a melhoria do Curso.

Figura 76- Dinâmica dos “nós”



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 77- Dinâmica dos “nós”



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 78- Dinâmica dos “nós”



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 79- Dinâmica dos “nós”



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 80- Dinâmica dos “nós”

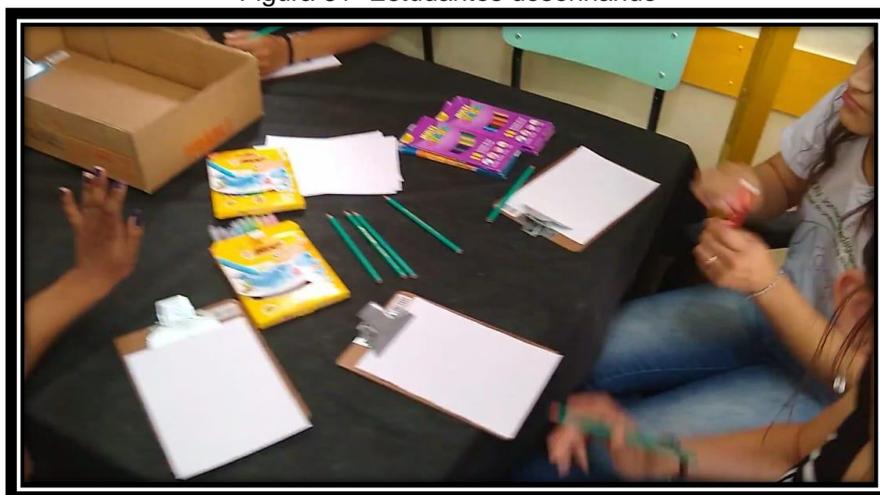


Fonte: Acervo da autora, 2019

Patrícia- Agora vamos fazer o seguinte: quero que vocês desenhem do jeito que acharem melhor, justamente as coisas que acham que poderiam ser melhores. Temos lápis de cor, canetinhas novas, giz de cera; uma prancheta, folhas A4, podem utilizar para desenhar lápis e borracha.

Irão desenhar como vocês se sentem de tudo que conversamos, se sentem pertencentes.

Figura 81- Estudantes desenhando



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 82- Estudantes desenhando



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 83- Estudantes desenhando



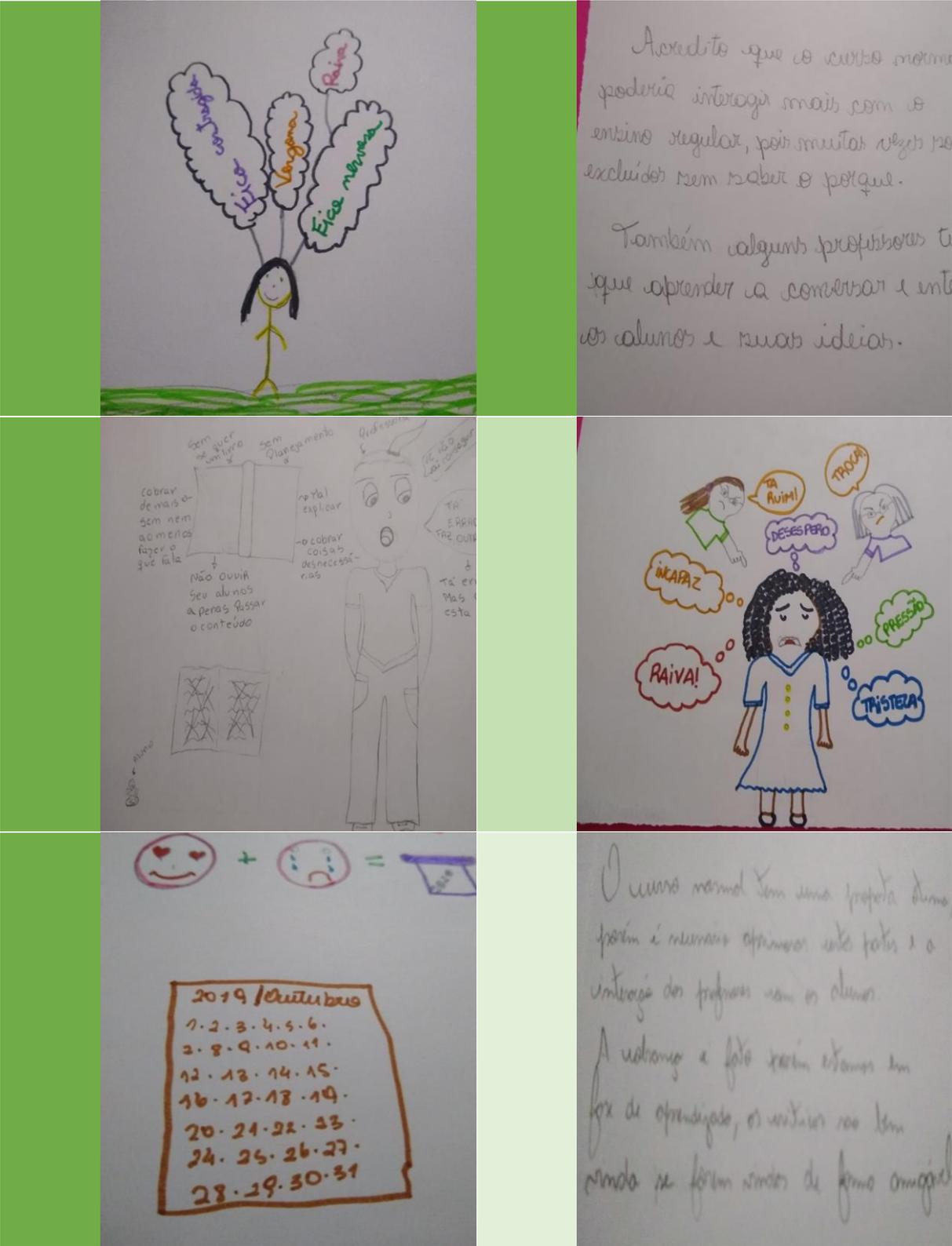
Fonte: Acervo da autora, 2019

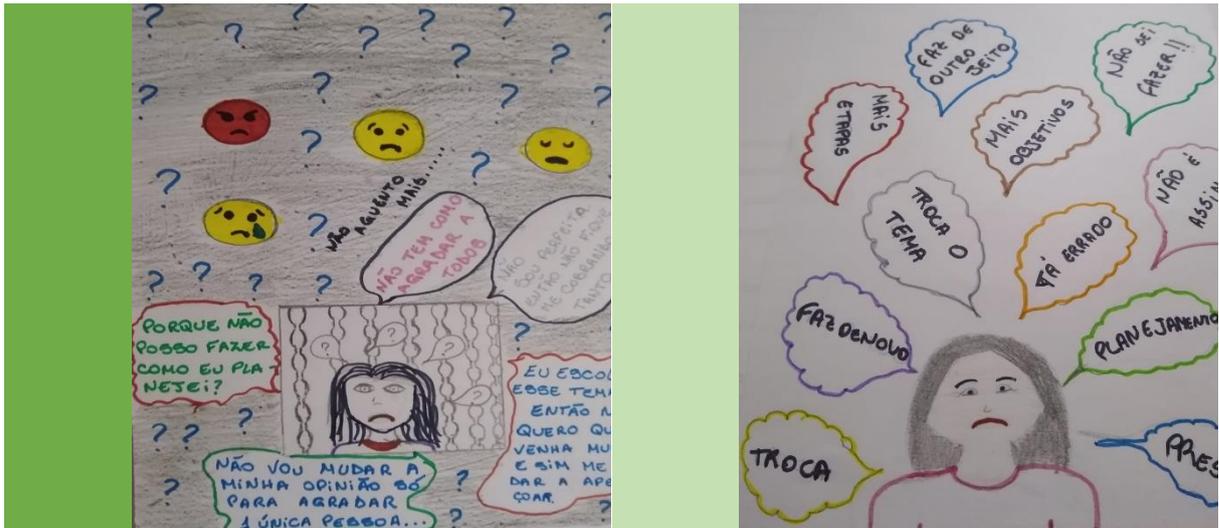
Figura 84- Estudantes desenhando



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 85- Desenhos das estudantes- Materialização da dinâmica dos “nós”





Fonte: Acervo da autora, 2019

(Os desenhos foram a materialização da dinâmica dos “nós”, não serão analisados como representação gráfica).

Figura 86- Registro do 4º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

6.5 DESCRIÇÃO DO QUINTO ENCONTRO FORMATIVO

O quinto encontro formativo/investigativo aconteceu no dia 09 de novembro de 2019, das 9 horas às 11 horas, na Sala do Curso Normal, nas dependências do Colégio Municipal Pelotense. Com a temática: O que penso sobre o Curso Normal. Participaram 10 estudantes (4 do segundo ano, 2 do terceiro ano e 4 do quarto ano, que foram: Vitória, Jaqueline, Pâmela, Naiara, Cassandra, José, Shaiane, Bruna Guadalupe, Helen e Susane). Neste dia a leitura deleite foi a partir do livro “O Catador de Pensamentos”, da autora Mônica Feth. Para o Pedagolanche tivemos: salgadinhos, sorvete, refringente e café. A sala do Curso Normal estava previamente organizada, com as cadeiras em círculo, no centro um painel preto com o dizer: “O Curso Normal pra mim é...” Após a escrita e reflexão do painel, foi realizado uma entrevista coletiva, havia questões pré-estabelecidas, mas no decorrer da conversa foram surgindo questões e assuntos pertinentes trazidos pelos estudantes, que foram discutidos.

A leitura deleite do quarto encontro estava relacionado com a temática: O que penso sobre o Curso Normal. O livro “O catador de Pensamentos”, da autora Mônica Feth. Resumidamente a obra mexe com a fantasia de adultos e crianças. Ele conta a história de um velhinho chamado Senhor Rabuja que todas as manhãs percorre as ruas recolhendo todo o tipo de pensamento. Pensamentos bonitos, feios, barulhentos, silenciosos, inteligentes, bobos, compridos, curtos. O Senhor Rabuja planta os pensamentos que se transforma em flores e depois saem voando, colorindo o céu. Ele faz isso para que os pensamentos se renovem e assim nunca deixem de existir.

No final do encontro tivemos o nosso “Pedagolanche”, importante destacar que o Pedagolanche é um partilhar e compartilhar do alimento com as pessoas, como também experiências e histórias de vida, neste último encontro comemoramos o aniversário da pesquisadora e o fechamento de um ciclo, os encontros formativos/investigativos.

A seguir, alguns registros gerais do 5º Encontro.

Figura 87- Pedagolanche 5º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 88- Pedagolanche 5º Encontro



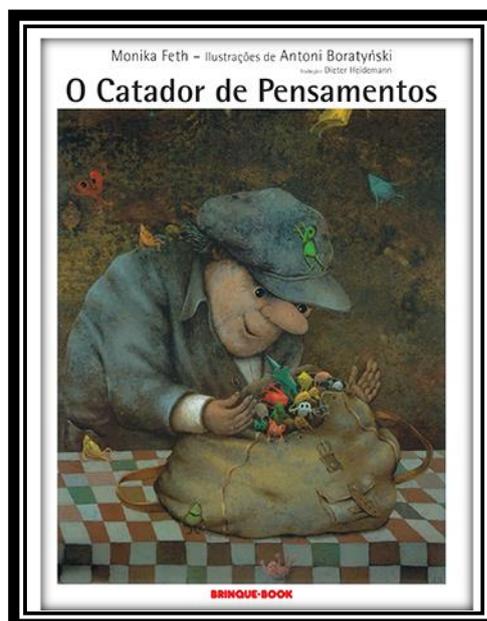
Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 89- Pedagolanche 5º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 90- Livro: O catador de Pensamentos



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 91- Pesquisadora contando a História: O catador de Pensamentos



Fonte: Acervo da autora, 2019

Patrícia- Vamos para o nosso último encontro, com muitas histórias e hoje eu queria contar para vocês “O Catador de Pensamentos”, da Mônica Feth e ele vai resumir um pouco o pensamento desses nossos 5 encontros.

Gostaria de fazer uma retrospectiva dos nossos encontros, o que aconteceu nestes cinco sábados e as temáticas que trabalhamos.

Começamos no início de setembro, trabalhando a história de vida, falamos das memórias de infância, as expectativas que tínhamos sobre o Curso Normal, o pertencimento ao Curso e hoje vamos falar, o que é o Curso Normal para cada um.

Quando eu programei o encontro lá no início do ano, quando passei pela banca de qualificação, imaginei tudo isso, as temáticas, materiais. Mas muitas coisas nem imaginava, as histórias de vida que aconteceram e as nossas memórias.

Nesse período comentei com a Márcia (professora que me auxiliou no 2º, 3º, 4º e 5º encontros com filmagem e fotografia), coisas que aconteceram que não imaginávamos. A Nathália grávida, o nascimento da Analua, o falecimento do meu pai, a greve dos professores, tivemos que ter uma pausa, aconteceu ontem o deslocamento da patela da Ketlin, o meu aniversário, que vamos comemorar hoje, assim como o encerramento. Por que tudo isso aconteceu em um prazo de dois meses?

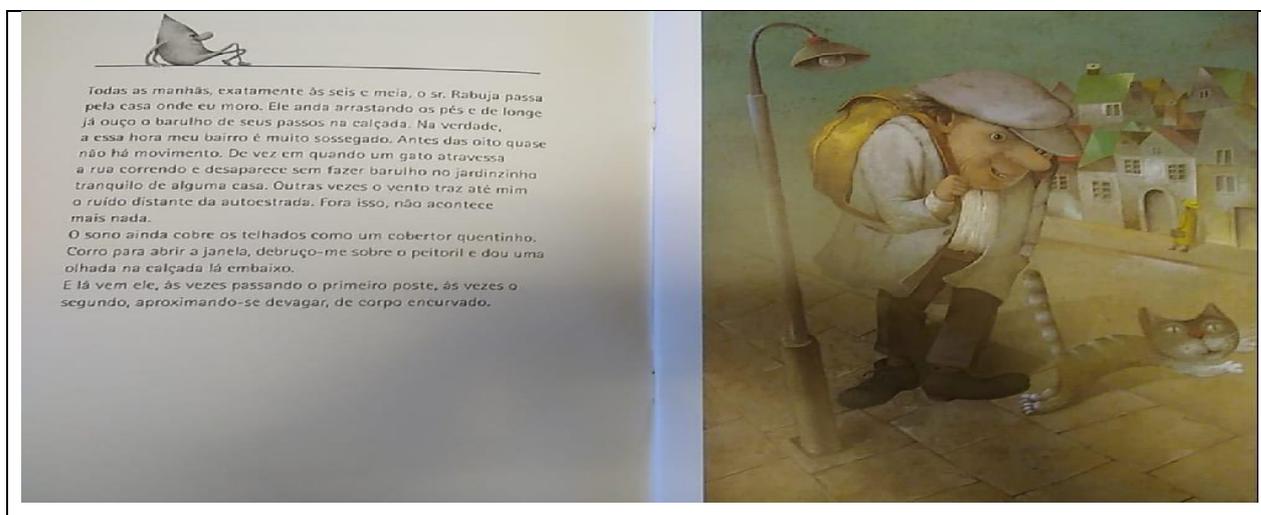
Figura 92- Linha do Tempo no período da pesquisa



Fonte: Acervo da autora, 2019

Porque é história de vida. Não tem como não falarmos, a vida é sobre esse movimento. Quando conversamos o que aconteceu ontem ou hoje? A nossa vida é sempre uma subida e uma descida, feita de altos e baixos, estamos tão bem e acontece alguma coisa na nossa vida, as coisas vão acontecendo.

E esses são nossos pensamentos, e a história de hoje ela fala justamente isso, que é O Catador de Pensamentos, que quero contar para vocês que diz assim:





Quando ele passa debaixo da minha janela, levanta a cabeça, pigarreja e me diz com voz suave:

— Bom dia!
— Bom dia, sr. Rabuja! — respondo em voz baixa.
Em geral nossa conversa continua assim:

— Que dia lindo, não é mesmo?

Ou então:

— Já trabalhando a esta hora da manhã?

Em seguida ele se despede inclinando a cabeça, sorridente, e vai embora com seu passo arrastado. Continuo olhando até vê-lo virar a esquina. Isso acontece toda santa manhã, no inverno e no verão. O sr. Rabuja nunca falha. Nunca atrasa. Posso até acertar meu relógio, de tão pontual que ele é. O único casaco que possui, gasto e surrado, balança quando ele anda e vai até os joelhos. Um velho bone desbotado, bem puxado sobre o rosto, deixa seus olhos na sombra. Nas costas ele leva uma mochila amarrotada, presa com uma tira de couro muito gasta. Movimenta-se como alguém que não sabe o que é pressa.



É um homem velho e as pessoas velhas muitas vezes parecem ter os belos cheilos de tempo. Cuidadosamente guardam cada minuto, cada hora e cada dia de sua existência, como outros colecionam quadros, porcelanas e móveis.

Lá pelas duas da tarde, o sr. Rabuja passa novamente por minha casa. Às vezes um pouco antes, às vezes um pouco depois, dependendo do tempo que levou para concluir sua tarefa.

O sr. Rabuja é catador de pensamentos. Pensamentos bonitos e feios. Pensamentos alegres e tristes. Pensamentos inteligentes e bobos. Pensamentos barulhentos e silenciosos. Pensamentos compridos e curtos. No fundo, todos são importantes para ele, mesmo tendo, é claro, os seus preferidos. Mas isso ele não demonstra, para não ferir os outros pensamentos, pois todo mundo sabe que pensamentos são coisas muito sensíveis. Enquanto passeia pelas ruas, becos e recantos da cidade, o sr. Rabuja está sempre atento.



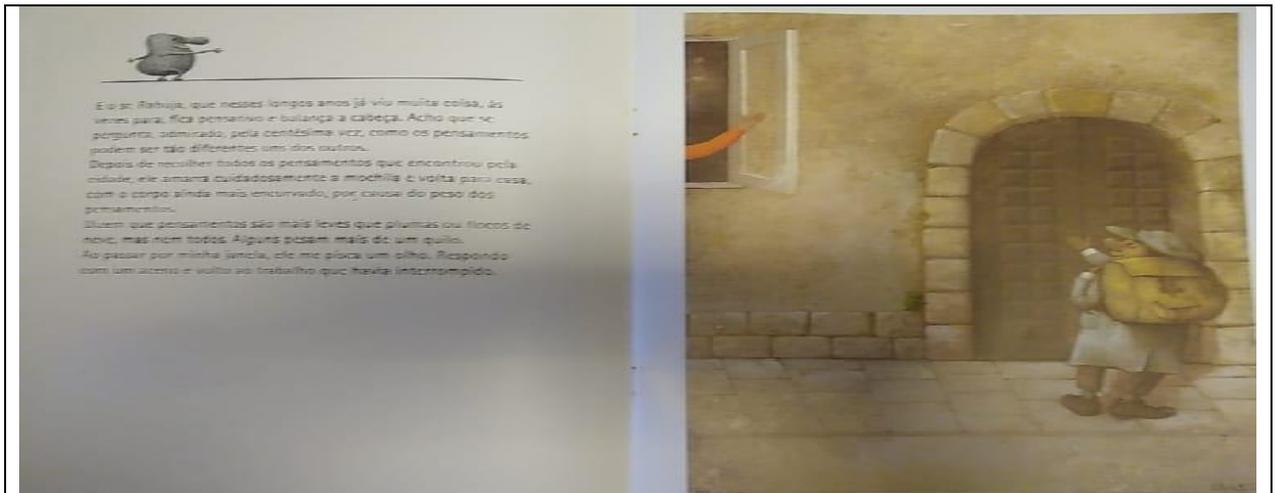
É que o sr. Rabuja consegue ouvir pensamentos. Mesmo através das paredes grossas das casas ou a muitos quarteirões de distância.

Nem o pensamento mais pequeninho lhe escapa.

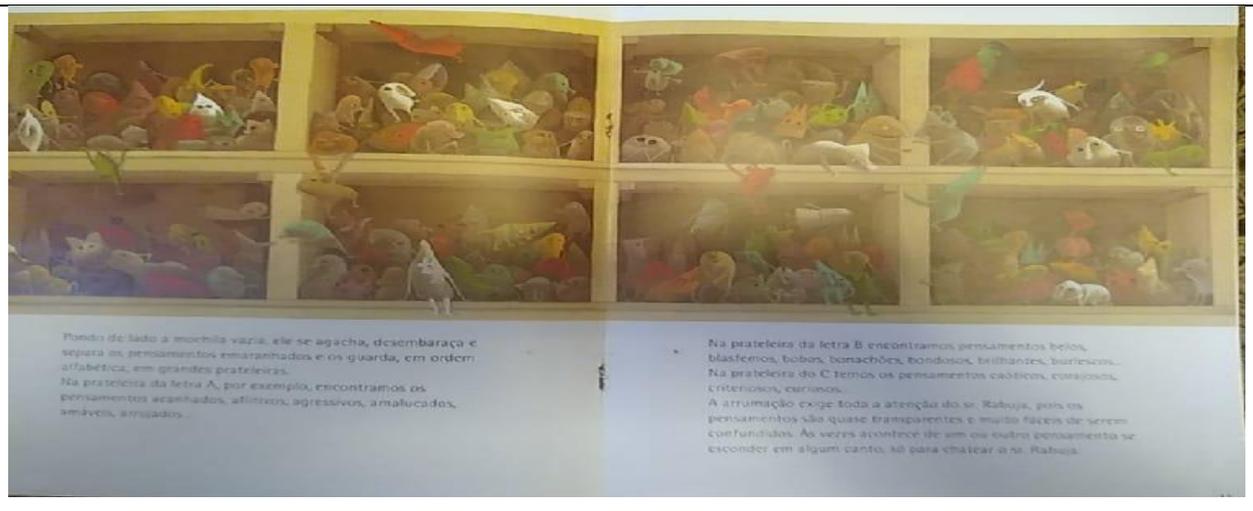
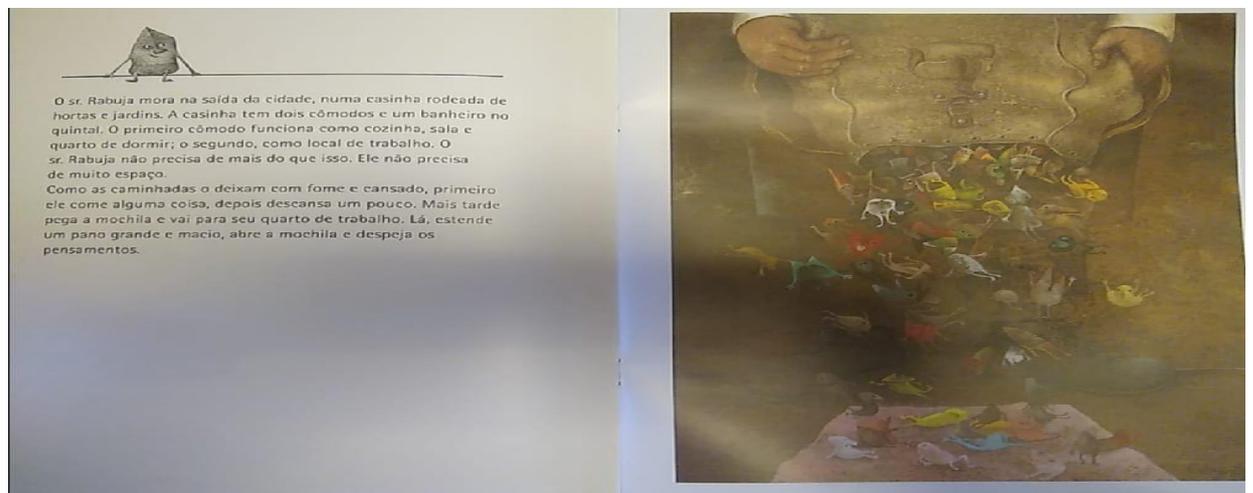
Assim que ouve algum, ele abre a mochila, assobia suavemente, e aquele pensamento logo chega voando, entra na mochila e se junta aos outros que já se encontram lá dentro.

Alguns vêm voando suavemente, outros se aproximam tão depressa que quase derubam o sr. Rabuja. Uns acham logo a entrada da mochila, outros demoram um tempo. Alguns são tão inquietos e desajeitados que escorregam e caem na calçada. Cada pensamento tem seu comportamento próprio. Pensamentos são coisas imprevisíveis.





9





Então, ele procura aquele pensamento de joelha por todo o quarto, por todos os cantos escuros. Mas isso não é muito frequente e só acontece com os pensamentos atrevidos, com os animados, com os marotos e com os vulgares. E como o sr. Rabuja é um homem pacífico, basta ele ter um pensamento especialmente bonito nas mãos para esquecer de tudo o mais. Depois de terminar a classificação, ele deixa os pensamentos descansando um pouco nas prateleiras, para ficarem bem suculentos, como frutas maduras. Isso leva mais ou menos duas horas.

Aí ele começa a retirá-los, um a um, e a depositá-los com muito cuidado num grande cesto de vime; depois leva todos para fora.



Em volta da casa há muitos canteiros grandes, limpos e prontos para serem utilizados. O sr. Rabuja vai tirando os pensamentos do cesto, um a um, e os planta nos canteiros. No inverno ele os planta numa estufa que há no fundo do jardim. Só depois de limpar o último gracinho de terra das mãos, o sr. Rabuja considera terminada sua tarefa do dia. Depois disso, entra em casa, se aprita em sua poltrona, põe as pernas para cima, toma uma ou duas xícaras de chá tendo o jornal e em seguida se deita para dormir.

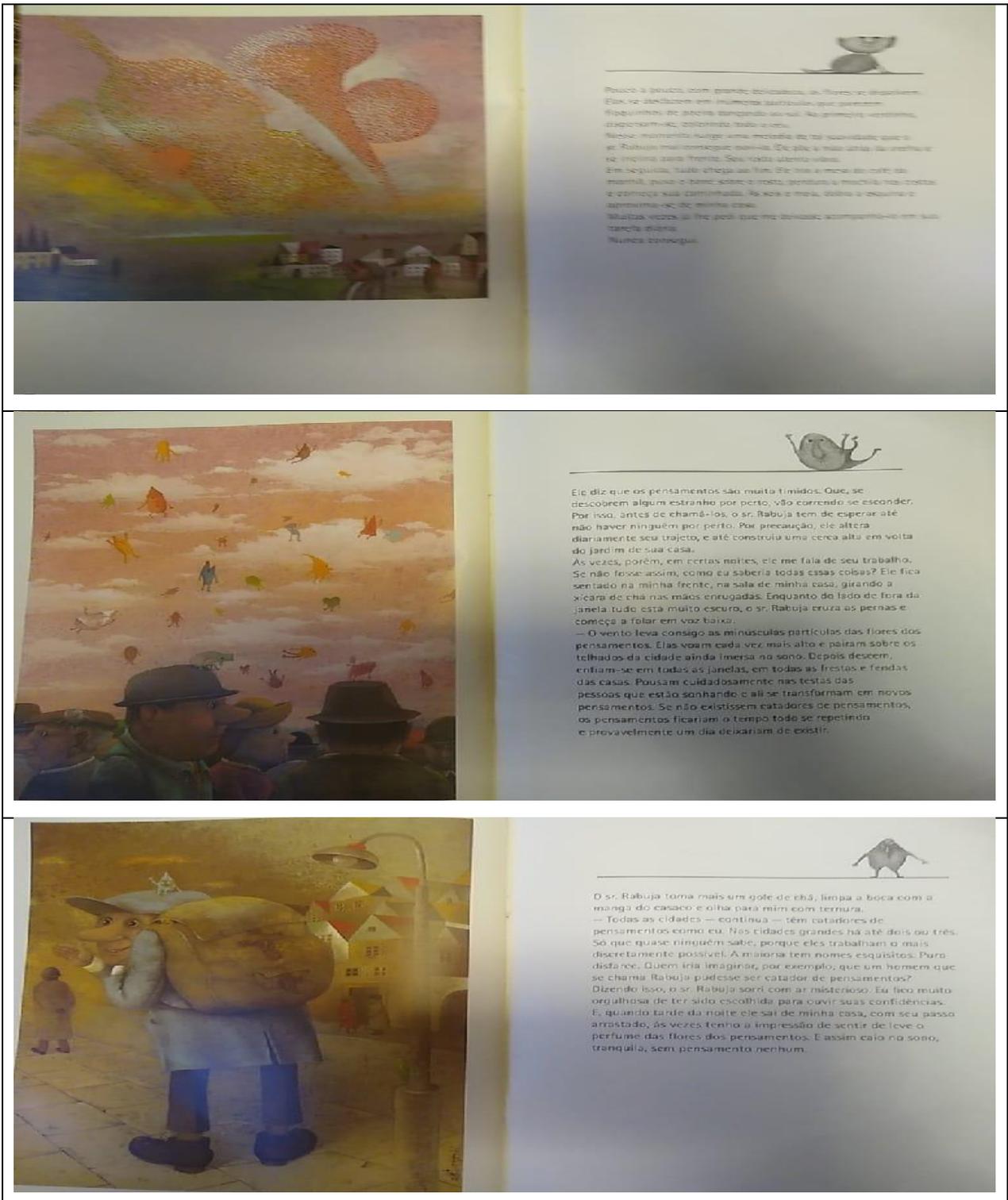
Ná manhã seguinte o despertador toca muito cedo. O sr. Rabuja põe seu roupão e corre para a janela.



Lá fora, nos canteiros úmidos de orvalho, brilham no amanhecer avermelhadas as flores mais magníficas e raras que se pode imaginar. São azuis-pálidas, vermelhas, cor de tijolo, douradas, amarelas, cor de casca de ovo; algumas listradas, outras pintadinhas; algumas têm pétalas delicadas e finas, outras, botões fortes e carnudos; alguns caules são lisos e frágeis; outros, ásperos e fortes, como troncos de árvores jovens. Todas juntas, elas enchem o ar de um perfume suave e maravilhoso. O sr. Rabuja não perde tempo: toma banho, veste-se e toma seu café da manhã. Sabe que tem pouco tempo para contemplar as flores dos pensamentos. Ainda sonolento, sai da casa, coloca uma espreguiçadeira bem em frente aos canteiros, senta e cobre-se com um cobertor.

Sem que ele se dê conta, a aurora se transforma na claridade do dia.

E então que a coisa acontece.



E essa é a história do Catador de pensamentos!

Que possamos pensar quantos pensamentos temos. Gosto muito dessa história, porque ela vai falar justamente isso. Quantos pensamentos desses que são só nossos? Que fazem parte da nossa história, que nos pertencem? Esse é um desafio do nosso encerramento de hoje. O que podemos dizer para os nossos

pensamentos, que pensamos sobre as coisas? Esvaziar nossa mente, dizendo nosso pensamento.

O nosso desafio agora é que possam escrever: O que é o Curso Normal para vocês? O que pensam realmente, uma explosão de ideias. Assim como o Sr. Rabuja cata os pensamentos, que vocês possam escrever o pensamento de vocês...

(No centro da sala estava disposto um painel preto com a escrita: “O Curso Normal pra mim é... foi disponibilizado canetinha prata e dourada para os estudantes).

Figura 93- Painel: O Curso Normal pra mim é...



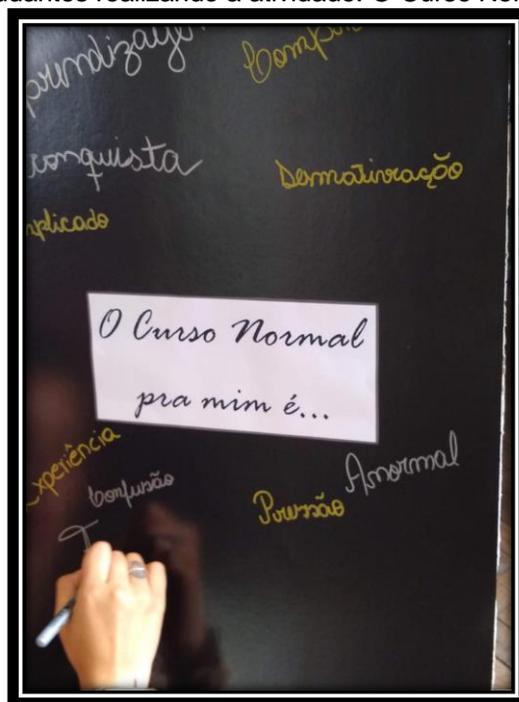
Fonte: Acervo da autora, 2020

Figura 94- Estudantes realizando a atividade: O Curso Normal pra mim é...



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 95- Estudantes realizando a atividade: O Curso Normal pra mim é...



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 96- Estudantes realizando a atividade: O Curso Normal pra mim é...

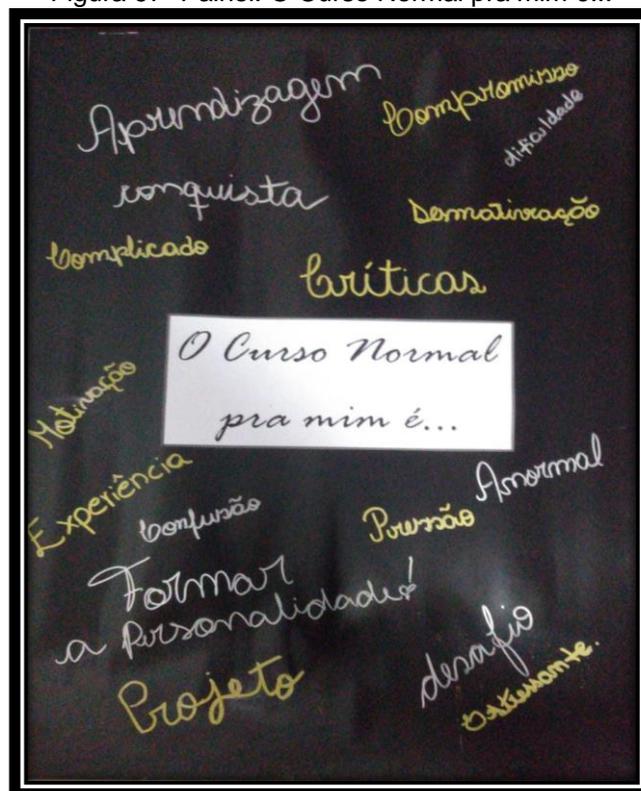


Fonte: Acervo da autora, 2019

As palavras que ficaram foram:



Figura 97- Painel: O Curso Normal pra mim é...



Fonte: Acervo da autora, 2019

Gente, o que acontece? Acho bastante interessante, qual o momento que vocês estão vivendo? Vocês estão vivendo um momento de um projeto, um momento estressante, as três turmas que estão na pesquisa. Isso é interessante de analisar por

que as três turmas estão no momento da prática, as três turmas estão no momento da pressão que é a entrega de projeto, a entrega de planejamento, correção de projeto, ir para a prática, não ir para a prática.

Isso que tenho que analisar, acho que isso é interessante, esse contexto que vocês estão vivendo, a turma 24 acabou de sair do pré-estágio, participar dessa pressão e a turma 23 e a turma 22 estão vivendo essa pressão, tem essa ligação, esse o momento que vocês estão vivendo é a realidade que acontece.

Bruna- Mas esse momento nunca acaba.

Patrícia- Nunca acabar e como professora também não.

Bruna- Mas não é essa questão, estou dizendo como um todo. O problema não é o projeto em si, mas os professores que não mudam. Não adianta dizer, está todo mundo passando trabalho. Sim, o projeto é difícil, mas não impossível.

Patrícia- Não é, não é. Agora vamos conversar, ter um bate papo. Eu quero ouvir:

Vocês acham que é alguns professores ou os professores ao longe de todo o Curso? Vamos conversar bem sério sobre isso.

Resposta das alunas: Alguns professores que são o problema.

Jaqueline- Às vezes falta comunicação entre vocês, porque chega alguém lá na aula e diz que a gente tem que fazer alguma determinada tarefa de algum jeito, fazemos o que é pedido, quando chega outro pra ver a tarefa, diz que está errado e não era daquele jeito, ficamos sem saber o que fazer.

Helen- O problema é que eles inventam de mudar o planejamento do jeito que eles querem e nem eles sabem.

Jaqueline- A nossa professora *Margarida* disse para gente “olha a maneira como a *Violeta* disser pra vocês é lei, porque ela que dá didática”. Vamos seguir o que a *Violeta* falou. Chegou outra pessoa lá e começou a falar que não é bem assim. Disseram para gente que teria que ter como a gente ia fazer a avaliação do projeto didático, quando entregaram para gente devolva o caderno em alguns tinha coisas dizendo na avaliação, como “Ah isso não tem necessidade porque vocês vão fazer no final na prática”, mas nos disseram que tinha que ter, que não precisava ter a avaliação diariamente.

Cassandra- Falta de comunicação é verdade, na nossa sala aconteceu direto, porque seguíamos as orientações e a *Violeta* pedia para tirar. Pegava aquele lapisinho com a ponta horroroso...

José- Quando eu e a Isadora estávamos fazendo o nosso projeto, a professor *Samambaia* e a *Bem-me-quer*, deram sugestões de atividades, chegamos na professora *Violeta* disse que os próprios professores estavam errados. A *Bem-me-quer* disse que levaria para a reunião dos professores. A *Violeta* se autocorrigia com alguma coisa que falava para nós mesmos.

Patrícia- Vocês acham que isso só acontece com a professora *Violeta*?

Pâmela- Acredito que até pode acontecer com os outros, mas é mais evidente nela.

Jaqueline- Acredito que a falta de comunicação é geral, entre os professores, na hora da correção uns cobram umas coisas e os outros não. Vai ser corrigido assim.

Patrícia- Nós falamos, vocês estão vendo ali no quadro? Estão os critérios para correção dos planejamentos. Antes da correção falamos dos critérios e ficaram expostos, ainda ressaltamos que com a 22 e 23 era a primeira experiência, a cobrança seria menor.

Vocês têm essa dificuldade com a disciplina de Quebra-cabeça?

Shaiane- Não é dificuldade

Helen- Ano passado eu passei muito trabalho com a *Violeta*. Ela não é de todo ruim, eu estraguei dois livros dela, ela não deu bola. Ela ajuda de coração, ela é uma pessoa boa de coração, ela está sempre disposta. Se tu perguntar, ela vai te responder mil vezes. o problema é que ela quer que as coisas sejam feitas exatamente do jeito dela, se não for feito do jeito dela está errado.

José- A *Violeta* corrigiu o nosso caderno e da Juliana e teremos que refazer pela terceira vez, só nós.

Cassandra- A *Violeta* como pessoa é boa. Mas não como professora...

Helen- Ela não sabe se moldar como professora, o professor está em constante formação, se moldando. Humana ela é, é uma mor. Está sempre perguntando como eu e o Davi estamos. Ela não sabe mudar um pouco para moldar para ser professora. Na minha opinião, ela se formou professora, porque é muito estudiosa e inteligente.

E o que vocês pensam na formação de vocês? O maior problema é nessa questão dos professores?

Helen- Não é só ela.

Shaiane- Não é só ela, mas o maior problema dentro do Curso é a *Violeta*.

José- Ela é rígida demais.

Shaiane- A *Azaleia* o problema dela é o coletivo. Porque assim, só com a gente ela é super de boa, mas no coletivo, com os outros professores ela quer se mostrar melhor que todo mundo, com isso fica uma disputa entre ela e os outros.

Bruna- Quer ser dona do Curso, mais que tu Patrícia.

Helen- Tu te benze!

Patrícia- Não sou dona de nada, graças a Deus. E isso me deixa muito feliz, e me mantem nove anos no Curso.

Jaqueline- Aí teu projeto fica uma folha *Violeta*, outra *Gérbera* e outra *Camélia*.

Bruna- O que aparenta? Que não há coordenação, pois vocês discutem nas reuniões de quinta-feira, mas tem professores que fazem diferente.

Patrícia- Gurias, uma coisa que acontece e é bem importante. Precisamos ver o que é, isso é muito importante. Há outras perspectivas, há coisas que estão equivocadas, mas outras são muito de personalidade do/a professor/a, que podemos tentar ver e trocar algumas coisas. Mas há uma orientação. E o que acontece? Entre vocês mesmos não há um consenso, nunca vai ter, onde outras pessoas pensam é diferente.

Quando vamos corrigir os planejamentos digo: é estes aspectos, “é isso” só que são olhares de pessoas diferentes. Se eu olhar o caderno de vocês, teria um olhar diferente das pessoas que corrigiram, porque sou uma pessoa diferente e tenho um olhar diferente. Isso vai acontecer naturalmente, se vocês olharem o caderno do colega, vai sim ter um olhar diferente.

O que precisa acontecer e sempre falo, que procuramos fazer e é complicado; e entra essa questão: “do vou falar”, dizem para vocês: “- Eu vou falar na reunião”, e não vem na reunião.

Vocês comentaram nomes, que na hora da discussão, não estavam aqui. Quando corrigimos teve professores que não vieram na primeira correção e não corrigiram ou não tiveram aqui para colocar o que haviam falado para vocês.

Mas o que é importante, quando falamos que há itens que precisam cumprir sim, há itens que necessitam estar no projeto, que são fundamentais e que há critérios diferentes, os critérios da 22 e 23, foram diferentes das gurias da 24, para cada turma de acordo com o nível que se encontram. As atividades todas casadinhas no pré-estágio são fundamentais, e ano que vem a exigência será maior ainda.

Bruna- Concordo, é tranquilo, não é um bicho de 7 cabeças.

Patrícia- Eu sei que é muita pressão.

Bruna- Isso assusta por causa de uma pessoa, entendessee.

Patrícia- São coisas que vamos vendo. Realmente, ano que vem será meu último ano de coordenação.

Pâmela- Ah não, não vai dar certo.

Helen- Tu não vai ser mais a coordenadora do Curso?

(os estudantes começaram a murmurar indignados)

Patrícia- Porque estou há muitos anos.

Por que é diferente? Porque estou há 9 anos? Porque não sou uma pessoa autoritária. E por que tenho os alunos do meu lado? Por que que eu tenho os professores do meu lado? E por que eu ganho 100% de votos dos professores? Porque eu trabalho no coletivo, ouvindo as pessoas, se fosse rígida eu trabalharia na imposição, no grito. É o que a gente está vendo na situação atual do governo, no grito e é uma coisa legal? Não é.

Vitória- Olha só a *Margarida* falou em seguir que nem a *Violeta* nos ensinou, em seguir esse ritmo, mas aí ok. Só que eu falei com a *Violeta* que estava faltando atividade de leitura e interpretação de texto das crianças mesmo fazerem os textos daí o que eu fiz. Eu segui a orientação dela, colocando duas ou três atividades no planejamento, só que a minha sala é do segundo ano e parece que eles são do quarto, porque eles são muito bem, eles leem muito bem, eles criam textos muito bons e são muito avançados. Só que o que acontece, é daí chegaram o *Cravo* e a *Camélia* corrigiram o meu planejamento e falaram que eu estava errado, porque disseram que eu não tinha que colocar essas coisas.

Patrícia- Estava na frente deles quando isso aconteceu. As gurias estavam no quarto e quinto ano e as crianças não liam ainda. Por isso que foi a dúvida. No segundo ano eles já escrevem com tanta independência? E tu não teve a primeira correção, só a segunda e teve este outro olhar.

Jaqueline- Mas nós fizemos um parecer da turma.

Patrícia- Mas o teu Vitória, não tinha observação e o parecer da turma. Não é defender os professores, mas eles não tinham referencial para se basear. Eu disse para eles: leiam as observações e disseram que não tinha, por isso que te sugeriram a troca de atividades.

Vitória- Só queria saber se sigo o que a Violeta disse.

Patrícia- Mas quem corrigiu teu caderno? Segue as orientações deles.

Jaqueline- Faz o que o *Cravo* e a *Camélia* mandaram.

(Os alunos fazem observação de uma semana na turma, seguem um roteiro de observação, fazem um parecer da turma. A correção dos planejamentos é realizada pelos professores da turma).

Patrícia- Na formação de vocês, acham que tem uma boa formação para serem professoras?

Jaqueline- Acho que sim.

Bruna- Aqui é muito puxado e eu admiro isso, mas o problema é o que acontece, acho que a gente precisa ser cobrado, estamos aqui para estudar, tudo que é pedido a gente faz, no nosso tempo em outra data, mas fizemos. E sendo com capricho, elas ficam babando, não é? Então eu acredito que a gente está aprendendo sim, mas é que as vezes é um pouco demais.

Shaiane- Acho que em algumas disciplinas aprendemos o suficiente e em outras não.

Helen- Algumas disciplinas são desnecessárias.

Shaiane- É para citar?

Patrícia- Só se tu quiseres.

Shaiane- Mas eu quero citar.

(todos começam a rir)

Shaiane- Eu acho que a sora *Amor-perfeito* é uma fofa. Em relação a disciplina dela.

Helen- Eu também acho.

Shaiane- Deixa eu falar...

Bruna- A Shaiane está nervosa, deixa ela falar.

Shaiane- A sora *Amor-perfeito* é uma fofa. Em relação a disciplina dela, que é *Boneca*. Mas o que acontece, as crianças lá têm separada assim, só que ela não dá

história pra gente, a gente viu uma aula de história que deve ser transformado em duas, por que a gente fez uma linha do tempo e somente e depois só vimos geografia e o resto? E história?

Patrícia- Que bom que tu me disseste isso só agora! Que ótimo!

Bruna- Na sala desde o início do ano a gente fica falando, mas a Luiza disse, mas ela é gente boa.

Patrícia- Por isso vocês quase morrem, trabalho teoria, uso a psicologia com vocês. Viste... E toco teoria nelas...

Jaqueline- Sabe quantos períodos temos com a *Lírio*? Quatro períodos seguidos. Acontece que ela trabalha 2 disciplinas e na colada, aí fica só *Carrinho*.

Patrícia- Mas é uma opção dela, poderia trocar de dias. Já trabalhei 2 disciplinas na mesma turma, mas pedia para ser em dias diferentes. E na verdade a didática seria eu.

Pâmela- Mas porque tu não és nossa professora?

Patrícia- Porque eu não tenho carga horária, mas ano que vem serei eu.

Patrícia- O que vocês pensam na educação no geral?

Jaqueline- Como assim?

Shaiane- Reformula a pergunta.

Cassandra- Fala mais português Patrícia, assim fica difícil.

Jaqueline- Educação como educação formal ou informal?

Patrícia- Formal

Cassandra- As aulas da *Camélia* fizeram bem pra ti. Pelo amor de Deus!

Jaqueline- Visse só!!!

Patrícia- O que tu pensas sobre a educação? É importante? Tu achas que é importante

(a fisionomia dos alunos foi de surpresa e dúvida)

Patrícia- Adoro essas carinhas...

Jaqueline- Eita, eita. Transforma as pessoas.

Bruna- Ela transforma. Mas é pra falar da educação que tu recebe aqui?

(sobre o Curso Normal)

Helen- Vamos fechando aqui... *(referindo-se a opinião do grupo de estudantes)*

Jaqueline- Vamos fechando as ideias.

Patrícia- Pode ser a educação que tu vais passar para os teus alunos...

Pâmela e Bruna- Ah...

Shaiane- Eu acho muito importante.

Helen- Tem que cuidar em quem vai se espelhar. Não dá para se espelhar em professores.

Quando estou em aula, não sei vocês, mas eu analiso. A professora fala, fala, fala e faz totalmente o oposto do que fala. É totalmente ao contrário do que tenta te passar.

Jaqueline- Estás falando de uma pessoa que estamos pensando?

Helen- Não sei, eu particularmente analisei as professoras do Curso Normal: e dizem há o professor é isso, o professor é aquilo. O professor precisa prestar atenção no aluno, assim e assim.

Aí tu diz: aconteceu isso e isso e te dizem: o problema é teu, te vira.

Tem 2 específicas que não vejo defeitos, que são maravilhosas da cabeça aos pés.

Shaiane- Eu conheço 3.

Helen- A Patrícia e a Rosa

Antes de ter aula com a Patrícia, eu observava a *Rosa*, acho ela maravilhosa, a personalidade dela. Ela e a Patrícia, nunca teve uma coisa que fui questionar.

Mas tem professores que falam que temos que ser humanos, que precisamos entender os alunos. Mas quando vamos falar para ela: te diz te rala, o problema é teu.

Precisamos pegar um pedacinho de cada um.

Jaqueline- Como professora não podemos ser tão moles, nem muito fria. Porque como professora em sala de aula tu terá várias histórias e tem que trabalhar com tudo ao mesmo tempo, além de tudo ainda colocar o teu peso ali é bastante complicado. Às vezes as crianças são carentes, te perguntam algo que já sabem, mas perguntam por carência, tem que perceber e ter carinho, é complicado lidar com isso.

Patrícia: O que nos constituem como professor, não vou dar aula para vocês. Mas são várias coisas, não vamos ser igual aquele professor, a nossa constituição é diferente. Vamos nos formando enquanto docentes, isso eu quero, isso não, são N coisas que vamos juntando e nos construindo para sermos professores.

Que tipo de professor vocês querem ser?

Cassandra- Que nem a sora *Hortência*.

Shaiane- Que nem tu, que nem a *Rosa*.

Bruna- Que nem tu, que é maravilhosa.

Helen- Eu acho a Patrícia muito calma, não ia conseguir. Ia me estressar. Não vou nem tentar, porque eu sei que não vou conseguir.

Jaqueline- Só não quero ser chata com os alunos.

Pâmela- Só não quero ser como a *Violeta*.

Vitória- Eu quero ser que nem o *Begônia* (*saiu do Curso para assumir a direção de outra escola*).

Helen- Posso falar? Teve uma guria que veio aqui falar, numa semana que a gente teve formação. E estava falando as gurias do curso normal, que tudo mais, ela estava dizendo que as gurias são maravilhosas, faziam as coisas maravilhosas, fala um monte de coisas grandes, um monte de elogios. Eu cheguei em casa e contei pra minha mãe. E disse: aí a raiva, o que a gente passa ninguém fala. Não há gurias do curso que não saem daqui sem chorar.

Patrícia- Vou dizer para vocês, que em nenhuma formação, estou no mestrado em março término é a minha conclusão (*mudou para novembro*), pensei em desistir, pensei em socar a parede e mandar longe. Escreve, envia artigos está errado, vem riscado, é normal. Eu passei pela qualificação veio quatro pareceres diferentes, isso é o processo que todos nós em qualquer nível de ensino vamos passar, e em cada nível as cobranças serão maiores. Se acham que aqui são cobrados, imaginem na universidade a cobrança é muito maior.

O que vocês esperam do futuro formados no Curso Normal?

Patrícia- Sei que vocês trabalham por estarem no Curso, mas sei que não é só por isso, vocês querem ser professores, fazer uma faculdade.

Mas o que vocês esperam sendo formados aqui no Curso Normal?

Shaiane- Eu quero ser uma pessoa muito bem sucedido como professora.

Pâmela- Eu quero ter experiência.

Helen- Mas a Shaiane quer ser professora de biologia, não de anos iniciais.

Patrícia- O Curso Normal vai dar base para vocês em concursos, na faculdade. Quando tiverem que apresentar um trabalho, os colegas estiverem batendo joelhos, vocês irão estar: hã, sossegados, pois já passaram por isso muitas vezes. As nossas ex-alunas são bolsistas nas Universidades, pois há esse diferencial, a Tatiane

Rodrigues, Luiza Larrosa, todas que saíram, vocês lembram delas? Porque vocês têm essa discussão, que eles não têm.

Bruna- Eu quero uma UFPEL, pelo amor de Deus.

Pâmela- Ah, a Jéssica lá do São Vicente te mandou um beijo, a baixinha, ela fez Pedagogia na UFPEL. Ela é professora de um dos meus filhos agora.

Patrícia- Sim, a Jéssica é uma amada.

O que que acontece? Não necessariamente vocês precisam fazer uma faculdade, mas espero que o Curso Normal seja a única formação. Espero que seja a primeira, de muitas. Que todas e todos me convidem para formatura da Universidade, pode ser: pedagogia, biologia, matemática, veterinária...

Pâmela- Vou me formar em Pedagogia.

Cassandra- Quando sair daqui, quero me livrar de vocês todos.

Patrícia- Não mesmo, tu vais me convidar para o teu casamento, para tua formatura viu? Bem linda, vou te aplaudir. E vou gritar muito: Minha aluna, minha aluna!

(murmurinho e empolgação dos estudantes, começaram a falar ao mesmo tempo)

Jaqueline- Eu vou fazer terapia ocupacional.

E vou colocar uma faixa, sabem que eu sou escandalosa, vou gritar na formatura de cada um. “Foi meu aluno”

Vitória- E como tu vai saber?

Patrícia- Pode deixar que descubro onde serão as formaturas.

Pâmela- Para mim pode fazer bastante escândalo!

Helen- Na minha também!

Pâmela- A *Violeta* disse que nossa turma ia se formar toda no EJA.

Vou fazer uma faixa: Não me formei no EJA!

Patrícia- Vou contar uma história para vocês, tem uma pessoa que eu chamo de mãe, que a professora Maria Cristina. Ela trabalha comigo à noite, se formou no EJA, mãe de cinco meninos, fez pedagogia, uma turma depois da minha. Fez mestrado, hoje em dia é doutora. Eu nem doutora, nem mestre sou ainda. Ela escreveu vários livros.

Jaqueline- Estou aguardando teu livro!

Patrícia- Se Deus quiser e ele há de querer, a minha banca vai sugerir que minha dissertação se torne um livro.

Jaqueline- Quando tu vai defender? Vou fazer bastante fiasco!

Patrícia- Quero que minha dissertação se torne um livro, o meu sonho.

Não vou citar nome de professores, não se preocupem.

Shaiane, Pâmela, Vitória e Helen- E o nosso nome tem que estar no livro.

Patrícia- Claro que estará. Outra coisa: vocês querem que apareça o nome de vocês ou use um codinome.

Todos- O nosso nome e sobrenome. *(risada coletiva)*

Jaqueline- Eu quero! Eu vim em todos.

Patrícia- Que bom! Se eu precisar, posso fazer entrevistas individuais? Eu chamo vocês.

Todos- Claro que sim!

Bruna- Pode chamar

(Shaiane e Jaqueline ainda comentam do livro)

Jaqueline- Quero uma dedicatória bem bonita.

Patrícia- Pode deixar!

Shaiane- Quero que tenha uma dedicatória, para Shaiane Lessa, entre parentes “a afrontosa”. *(risada coletiva)*

Jaqueline- Eita, atrás de Eita!

Helen- Quero saber dessa história das faixinhas?

Pâmela- Pâmela a “barraqueira”.

Patrícia- Deixa contar para vocês, recebi uma festa surpresa de aniversário das gurias da 24.

Helen- O que é letramento?

Patrícia- Tu sabes o que é letramento né?

Jaqueline- A gente já sabe, a *Lírio* ensinou.

Shaiane- E o que é letramento?

Jaqueline- Eu sei... *(risada geral)* ela lê, mas não interpreta o que ela lê.

Patrícia- Não, ela precisa fazer uso da leitura e da escrita na sua vida social.

Todos- Ah...

Patrícia- Vocês irão aprender comigo ano que vem.

Quarta-feira eu falava e a Shaiane falava: hã..., falava e ela: hã. Ela estava lenta. E combinamos fazer as faixas da turma, porque teria um adjetivo e a Shaiane é a desligada.

Helen- Na minha faixa estará escrita “Canceriana”.

Patrícia- Mas foi muito legal a surpresa das gurias.

_ Vamos fazer uma foto?

Vamos passar para o nosso último momento, o Pedagolanche especial e comemoração do meu aniversário. E de sobremesa a pedidos: sorvete!

Muito obrigada por me fazerem feliz!

Figura 98- Pedagolanche- Confraternização



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 99- Confraternização



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 100- Confraternização



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 101- Registro do 5º Encontro



Fonte: Acervo da autora, 2019

Figura 102- Gratidão aos 21 estudantes que participaram da pesquisa



7 TRAJETÓRIA FORMATIVA/INVESTIGATIVA- DISCUTINDO E ANALISANDO OS DADOS

“Acredito que os encontros têm sido de grande importância para as meninas do Curso, as rodas de conversa são de muita importância também, pois nos dá a liberdade de expressar nossos medos, alegrias, vivências boas e ruins que estamos passando durante esta formação que escolhemos. Nos dando a oportunidade de repensarmos como pessoas e profissionais”.
Helen Ferraz

Neste capítulo farei a análise dos dados. Após a realização da sua coleta, com as filmagens dos encontros, com o preenchimento dos estudantes do questionário, além das anotações de campo, realizei a degravação das filmagens, e a análise. Inicialmente farei a apresentação dos sujeitos da pesquisa, com os dados recolhidos do questionário.

Posteriormente será abordado as categorias emergentes a partir dos cinco encontros formativos/investigativos, considerando o objetivo geral: analisar as expectativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, visando à construção de uma proposta formativa para atender as demandas destes e das realidades em que atuam. E a questão de pesquisa: Quais as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense?

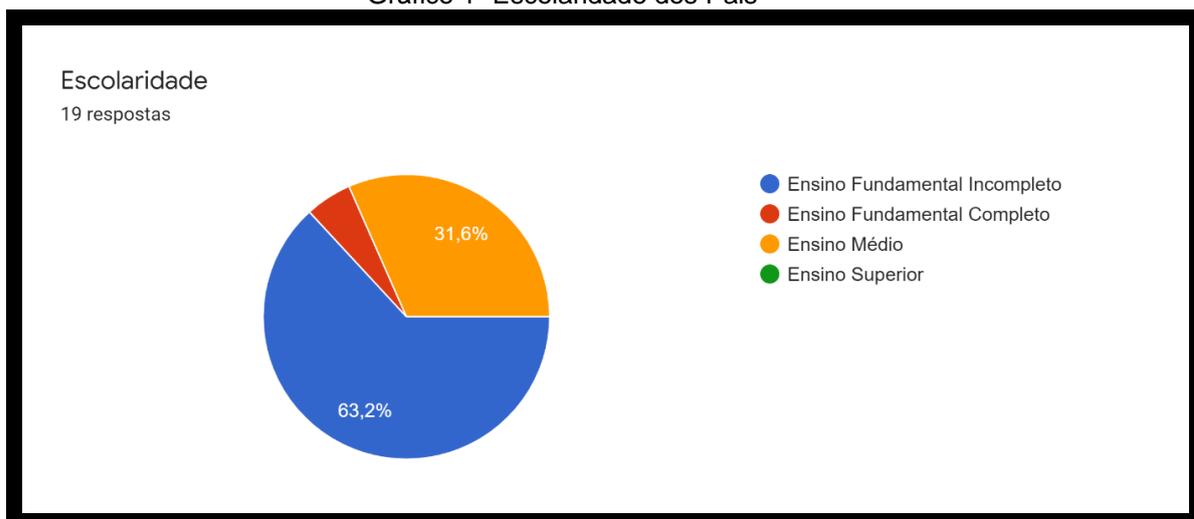
Cabe ressaltar que, a pedido dos estudantes, em todas as citações de falas, será mantido o nome dos sujeitos da pesquisa.

7.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa são 21 estudantes, sendo 20 meninas e 1 menino, entre 16 e 32 anos. Estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense, que se dispuseram a participar de 5 encontros formativos/investigativos. Destes estudantes, oito são do 2º ano, oito do 3º e cinco do 4º ano.

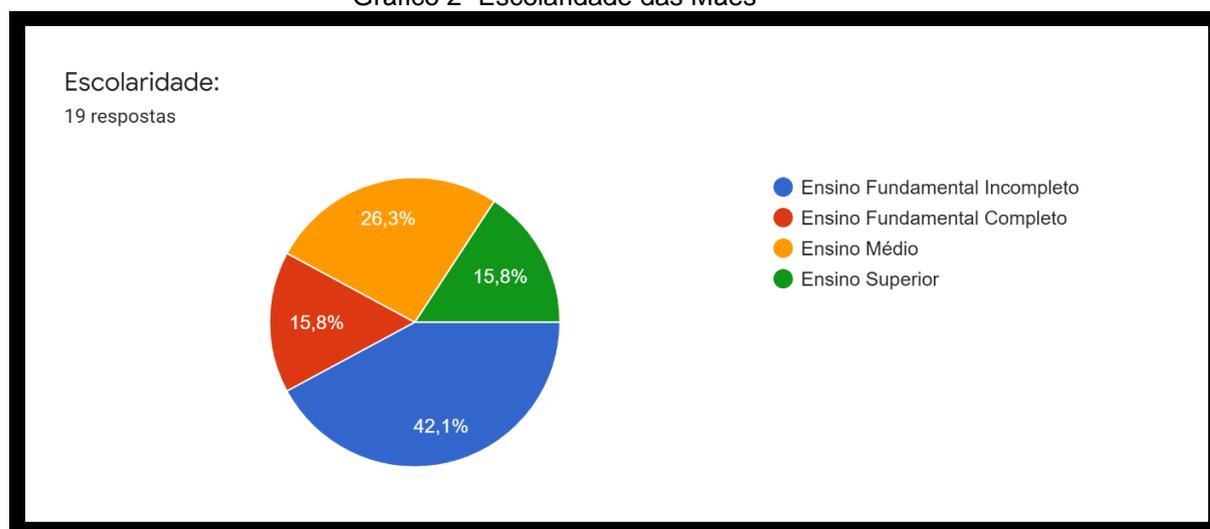
Realizei um questionário pelo Google Formulário e dos 21 participantes, obtive a resposta de 19. Trarei alguns dados e gráficos acerca dos sujeitos da pesquisa. Dos 21 estudantes 90% nasceram em Pelotas, a maioria dos pais possui ensino fundamental incompleto e nenhum possui ensino superior.

Gráfico 1- Escolaridade dos Pais



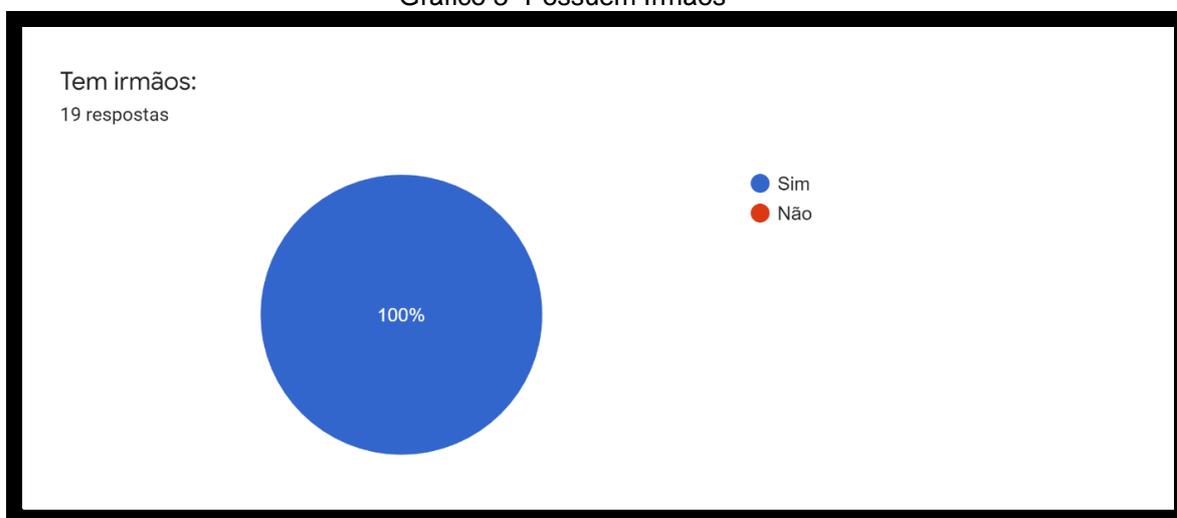
No caso das mães, a maioria também possui ensino fundamental incompleto 42,1%, percebe-se o maior grau de instrução, 15,8% ensino fundamental completo, 26,3% ensino médio e 15,8% possui ensino superior.

Gráfico 2- Escolaridade das Mães



Outro fato que retrata o perfil dos estudantes, que 100% deles possuem irmãos.

Gráfico 3- Possuem Irmãos



O deslocamento de casa até a escola, 89,5% dos alunos utilizam transporte coletivo o ônibus, e apenas 10,5% utilizam entre veículo particular e bicicleta.

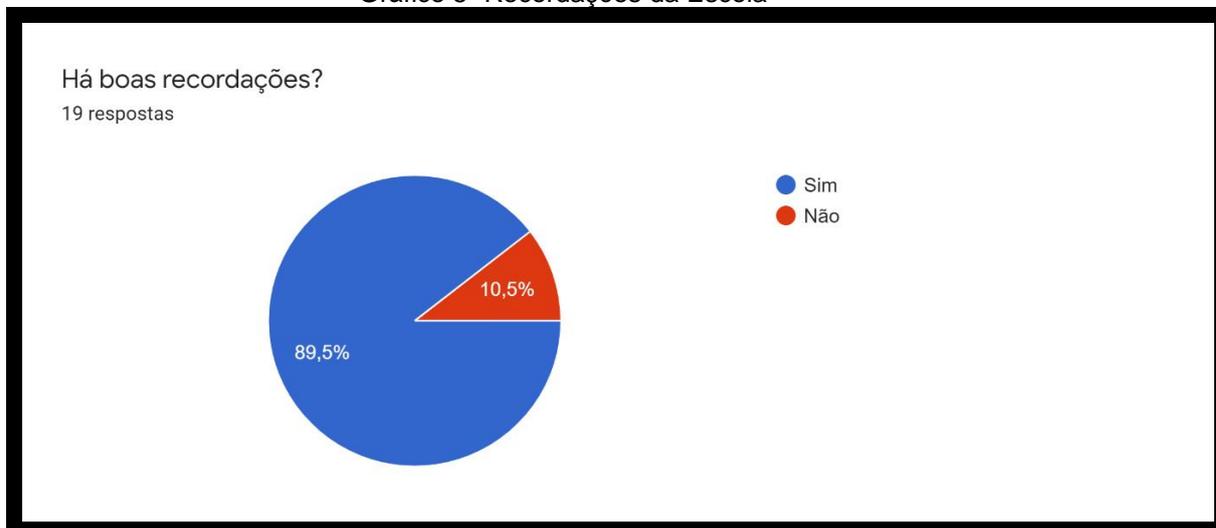
Gráfico 4- Deslocamento para Escola



Sobre a escola, suas recordações 89,5% possuem boas recordações da escola. A principal foi dos professores, professoras comprometidas, maravilhosas e preocupadas com o que estavam aprendendo; fazer novas amizades/companhias que levam até os dias de hoje; as aulas eram legais; foi sempre bem tratada; bem alfabetizada e com todo apoio de todos os professores; jogar futebol; músicas; fazer parte da Banda da Escola; passeios; formatura; gincanas; merenda muito boa. Já

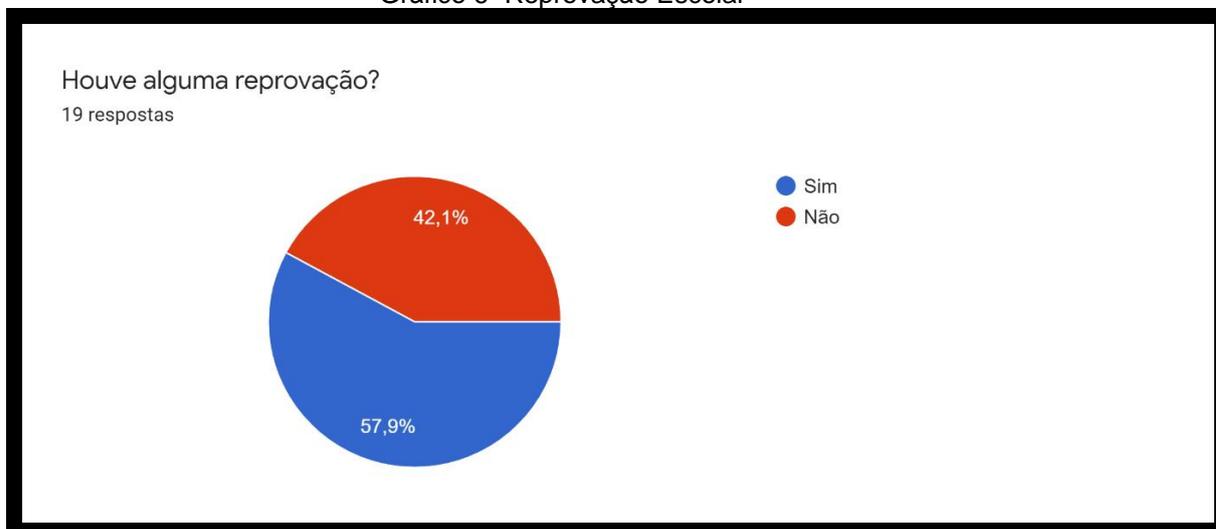
10,5% não possuem boas recordações e disseram: que foi muito conturbado, matava muita aula e não gostava dos colegas e dos professores.

Gráfico 5- Recordações da Escola



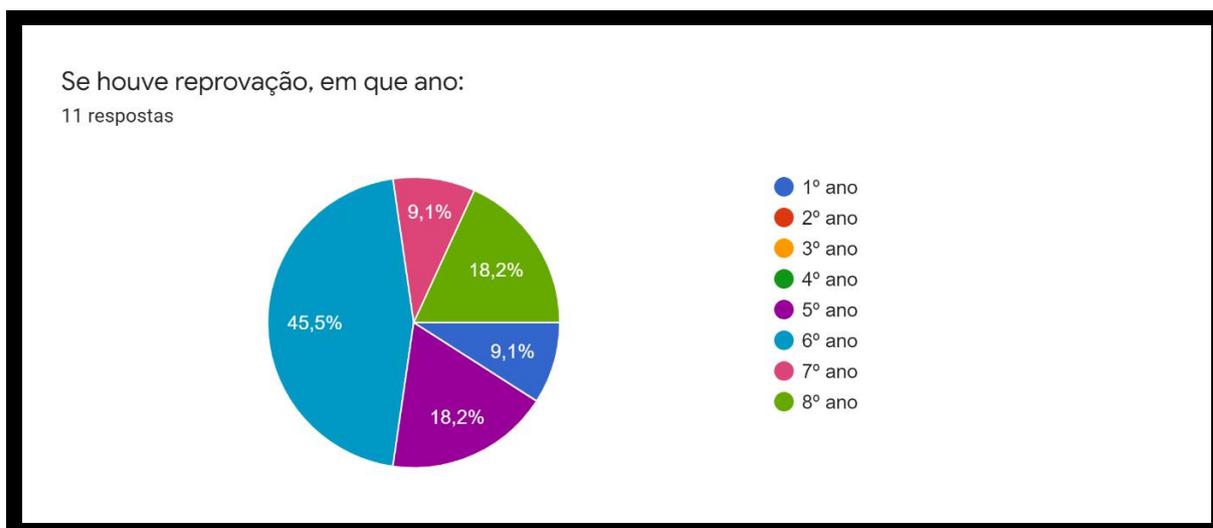
Quanto a reprovação, 57,9% dos estudantes já reprovaram em alguma série/ano e 42,1% não.

Gráfico 6- Reprovação Escolar



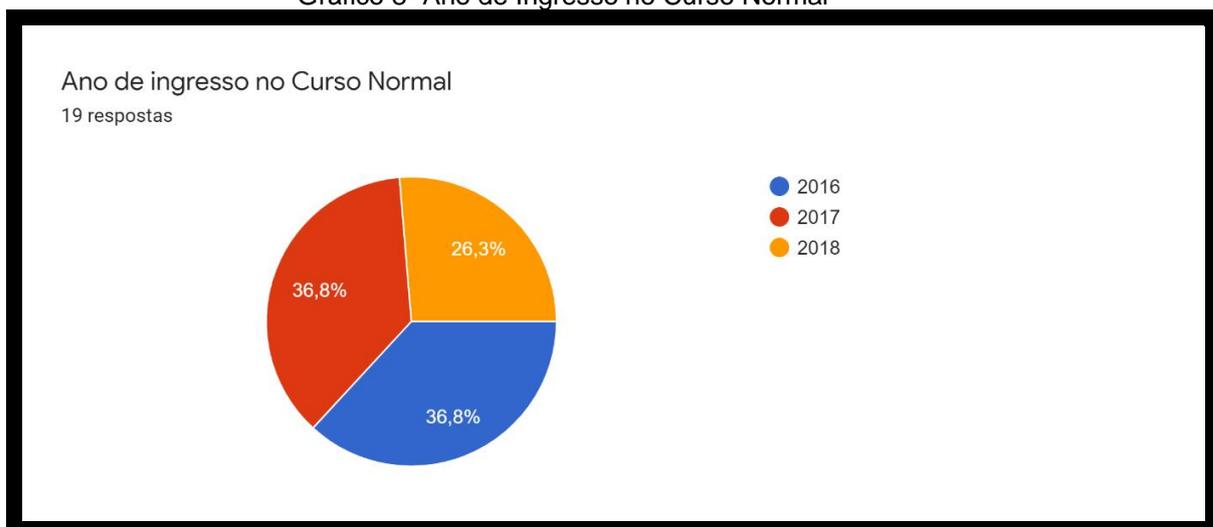
Quando a série/ano que os estudantes reprovaram, percebe-se que 45,5% a maioria foi no 6º ano, quando os estudantes saem dos anos iniciais com um professor (uni docência) e passam para os anos finais, tendo um professor para cada disciplina.

Gráfico 7- Reprovação Escolar por série/ano:



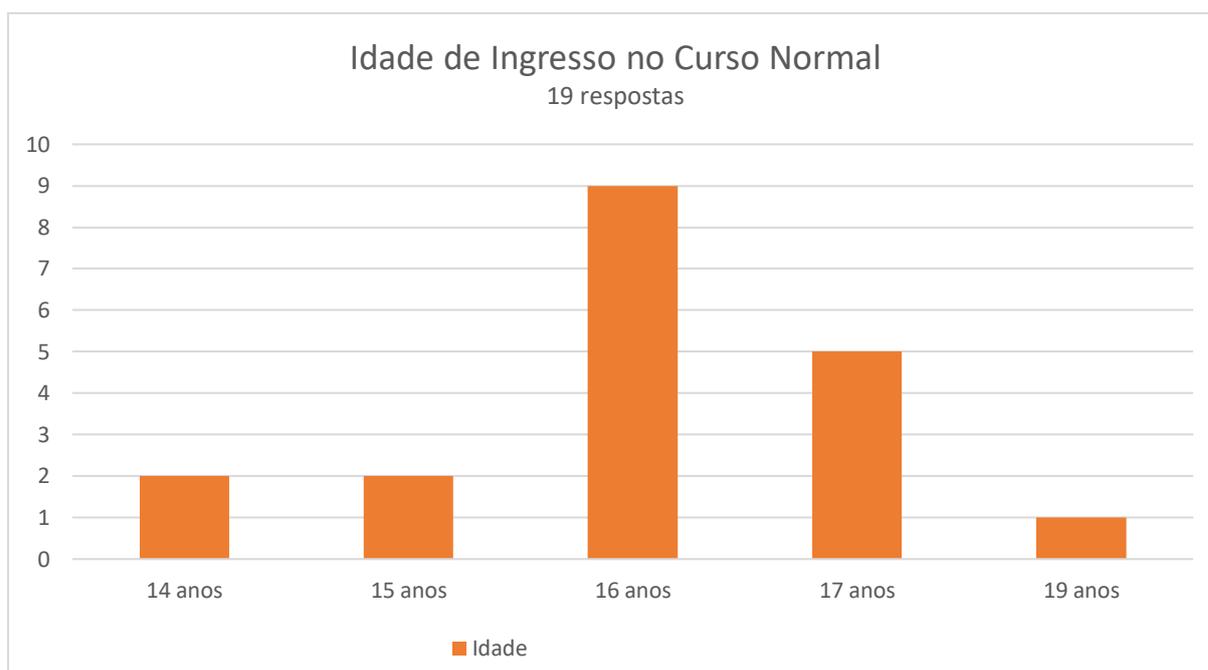
Quanto ao ano de ingresso no Curso Normal:

Gráfico 8- Ano de Ingresso no Curso Normal



Quanto à idade de ingresso no Curso Normal: 9 estudantes entraram com 16 anos, 5 estudantes com 17 anos, 2 estudantes com 14 anos, 2 estudantes com 15 anos e 1 estudante com 19 anos. Cabe salientar que a aluna de 32 anos de idade, retornou ao Curso após alguns anos e considerou a idade do primeiro ingresso no Curso.

Gráfico 9- Idade de Ingresso no Curso Normal



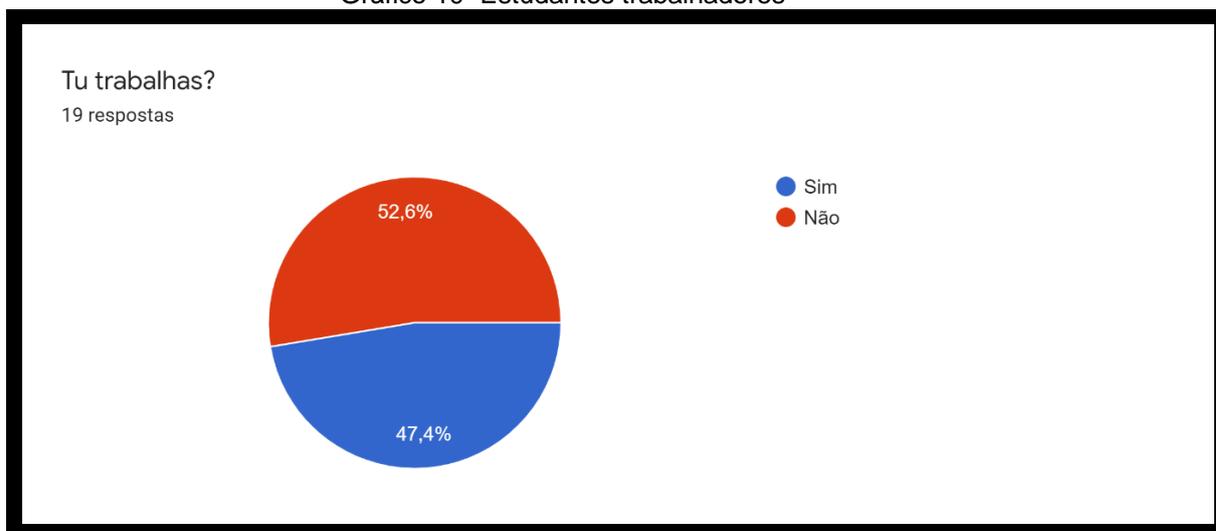
Quando foram questionados: Por que escolheram o Colégio Municipal Pelotense? Responderam: Sempre quiseram estudar no Pelotense, por ser uma escola muito elogiada, foi a primeira opção desde o início; por causa do Curso Normal foi a colocação de sete estudantes, destacando que era o colégio com as melhores referências com relação ao Curso; era a escola em que queria muito estudar, quando soube que poderia ter o Curso junto amou; por sua reputação de ensino médio; por ser muito recomendado; pela localização, ser central; por ser uma boa escola e de qualidade; porque é uma escola dedicada aos alunos, pela qualidade do ensino, por ser uma excelente escola; por já ter estudado, por falarem muito bem do Colégio.

Quando questionados: Por que escolheste o Curso Normal Habilitação Anos Iniciais? Responderam: pois se identifica com a profissão; sempre quis ser professora; paixão pela profissão; queria ser professora desde pequena; por gostar de crianças, querer mais informações; por ter uma boa relação com as crianças e gostar de ensinar; por se sentir realizada ensinando os pequenos a ler e escrever; por amor à educação; porque queria aprender coisas diferentes; era a maneira mais fácil de entrar na escola e depois porque quero ser professora é o que eu quero; pois tenho preferência e campo de atuação é mais amplo; porque desde pequena seu sonho era ser professora e quando soube do o Curso Normal, viu como uma oportunidade de ajudar no seu sonho; na verdade a escolha foi sem intenção, mas acabou reconhecendo seu potencial; fez o

primeiro ano do Curso Normal, desistiu e agora resolveu voltar; minha mãe queria que eu entrasse; não escolheu, seu pai me inscreveu por ser mais fácil a vaga do que no ensino médio que é muito concorrido.

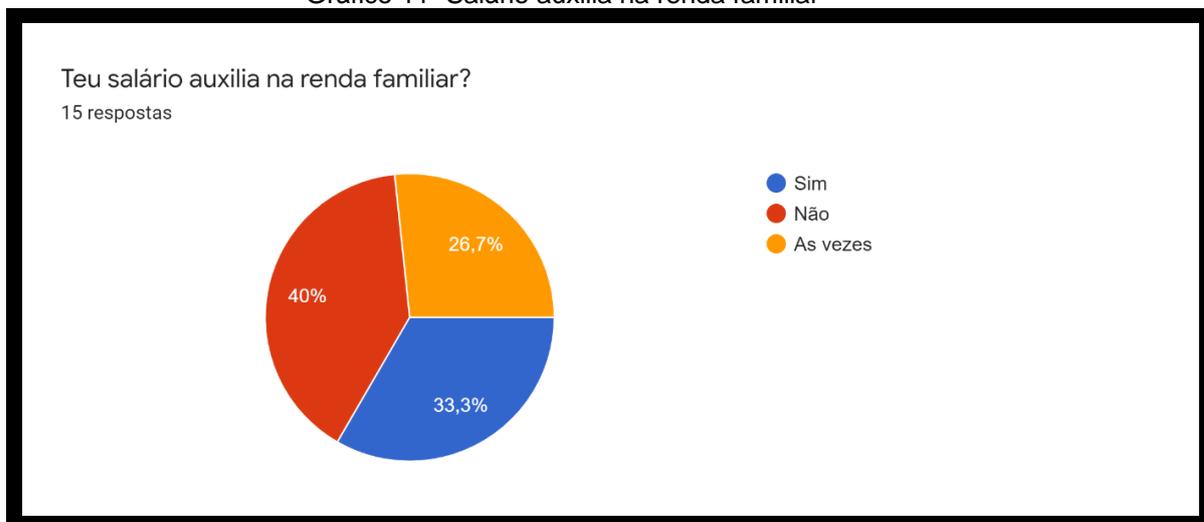
Quando questionados sobre se os estudantes trabalhavam, 52,6% não e 47,4% sim, destes alunos que trabalham 90% em escolas como monitoras e auxiliares de educação infantil.

Gráfico 10- Estudantes trabalhadores



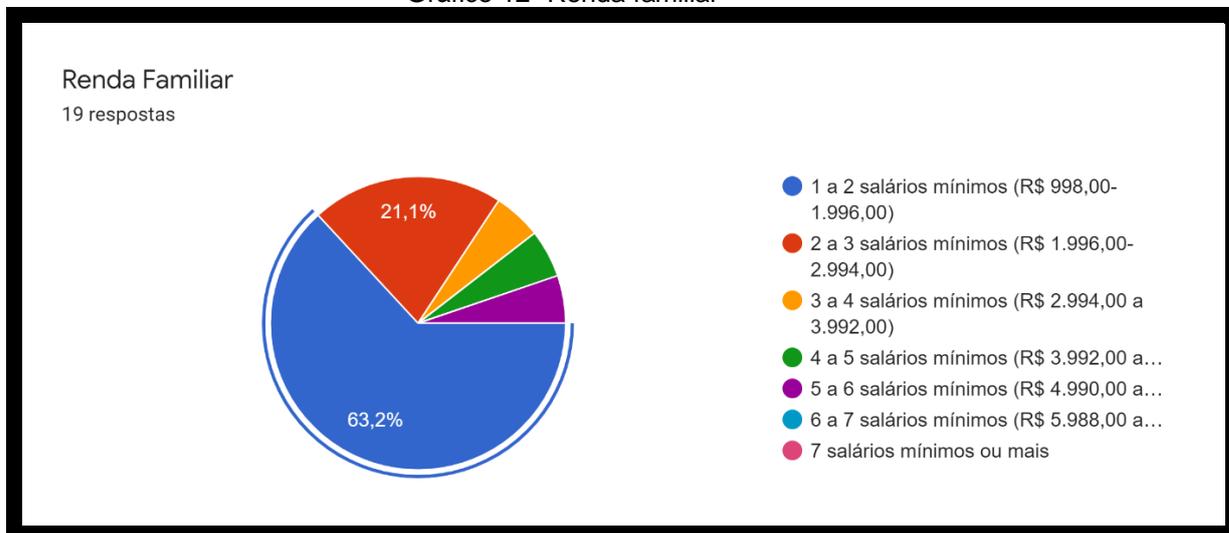
Questionados se o salário que recebem em seu trabalho auxilia na renda familiar, 33,3% sim, 26,7% às vezes e 40% não, que é para uso somente pessoal.

Gráfico 11- Salário auxilia na renda familiar



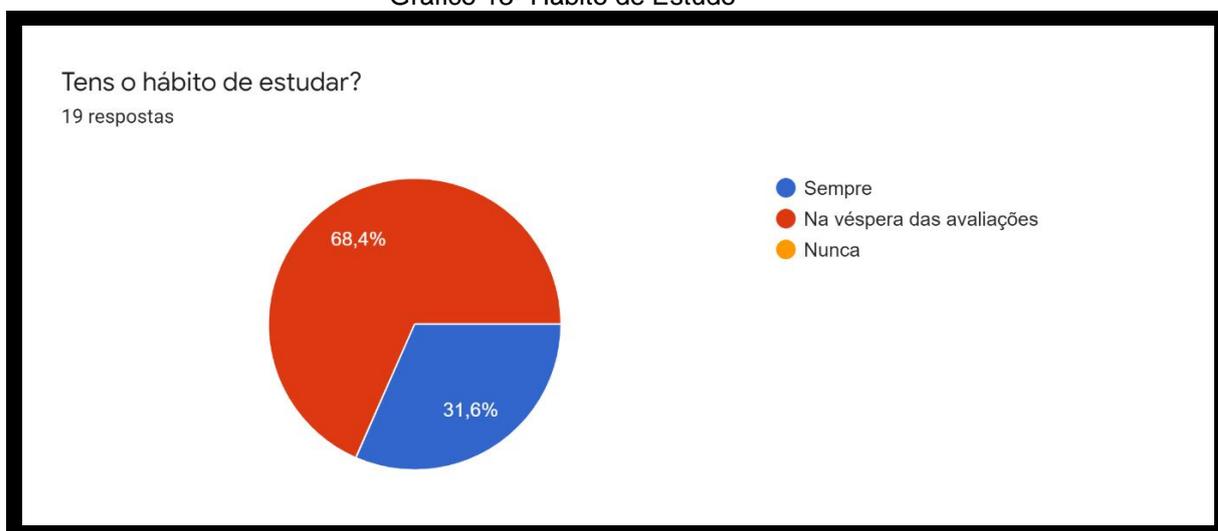
A renda familiar de 63,2% dos estudantes fica em torno de 1 a 2 salários, 21,1% entre 2 e 3 salários e 15,7% entre 3 a 6 salários.

Gráfico 12- Renda familiar



Quanto ao hábito de estudos, 31,6% estuda sempre e 68,4% somente na véspera das avaliações. Mesmo sendo estudantes do Curso Normal, na formação de professores, possuem os mesmos hábitos de todos os adolescentes de sua idade, do estudo na véspera das avaliações.

Gráfico 13- Hábito de Estudo

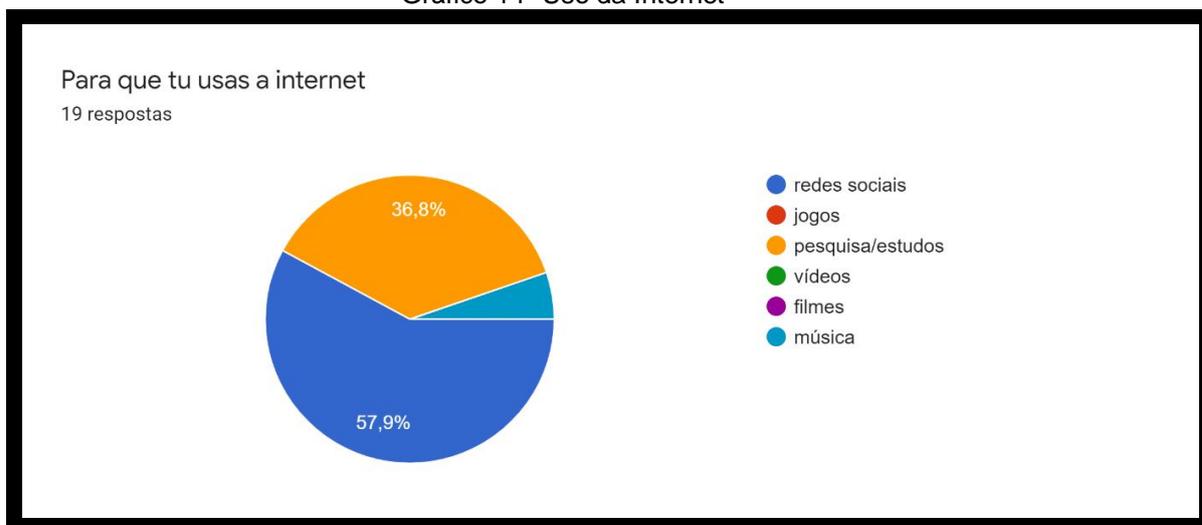


Quando questionados o que realizam no tempo livre responderam: assistem série/filmes; leem; realizam passeios; ajudam em casa; fazem trabalhos do Colégio; estudam; ficam com a família; organizam a casa; escutam música; realizam caminhadas; gravam vídeos, dançam no CTG; saem com o namorado; conversam com

o namorado; fica e cuida da filha; jogam sinuca; dormem; descansam; fazem desenhos; assistem TV, mexem na internet.

Quando questionados sobre o uso da internet: 57,9% utilizam para acessar as redes sociais, 36,8% usam para pesquisa/estudos e 5,3% para escutarem músicas. Cabe ressaltar, que responderam este questionário antes da Pandemia do Covid-19, e das aulas remotas.

Gráfico 14- Uso da Internet



Conhecer os estudantes, sua identificação, realidade familiar, sua formação; trabalho; responsabilidade pelo sustento familiar ou não, auxiliou a compreender os pesquisados.

As respostas do questionário pessoal, social e familiar além dos encontros formativos, nos trazem características destes normalistas, futuros docentes dos anos iniciais.

7.2 CATEGORIAS EMERGENTES DOS ENCONTROS FORMATIVOS:

As categorias emergiram a partir do percurso investigativo/formativo dos encontros. Após a realização das gravações, rastreamos elementos que se aproximam, falas com propriedade de sentido, sempre considerando a questão de pesquisa: Quem são os estudantes do Curso Normal? Como percebem o processo de constituir-se docente? E especificamente: Quais as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal do Colégio Municipal Pelotense?

Nos cinco encontros formativos/investigativos foram abordadas as temáticas: história de vida, memórias da infância, expectativas sobre o Curso Norma, pertencimento ao grupo e o que pensam sobre o Curso Normal. Participaram 21 estudantes, das turmas 22, 23 e 24 do Curso Normal a nível médio.

Surgiram onze categorias: Relação afetiva com os avós; Ser professor/a desejo desde criança; A descoberta do ser professor/a ao longo do Curso; Memória do ser professor/a - Importância da primeira professora; Como os estudantes veem o Curso Normal e suas dificuldades; Curso Normal- uma boa formação para os estudantes; Ser, tornar-se professor; Educação e sua importância em nossas vidas; Marcas negativas da infância; Liberdade de criança – Construindo a autonomia. Que iremos abordar a seguir.

7.2.1 RELAÇÃO AFETIVA COM OS AVÓS

A relação afetiva se fez presente ao longo dos encontros formativos, dos estudantes com a pesquisadora, da pesquisadora com os estudantes, bem como, relatam que os professores marcantes foram e são os mais afetivos. Inquestionavelmente 90% dos pesquisados falam da relação afetiva com os avós.

Os avós marcaram a vida destes estudantes, suas memórias de infância, com histórias que são preciosas e guardadas com carinho. Conforme os relatos:

[...] brincar na areia, porque a gente brincava na casa da vó, com as panelas
[...] (Susane- 1º encontro);

O leãozinho porque meu vô cantava muito a música do Armandinho para mim quando eu era menor [...] leão representa o meu vô e o meu pai. (Nathália- - 1º encontro);

A pipoca eu lembro da minha vó, porque ela dava muita pipoca, porque era uma das únicas coisas que ela dizia que tinha para dar para nós [...] Era uma alegria ficar longe de casa, ainda mais na casa dos meus avós. (Susane- - 1º e 2º encontro);

[...] meu vô que me deu, ele comprou e me deu só que deu muita briga, porque minha irmã queria um igual [...] guardei ele. (Ketlin- - 2º encontro);

Esse bonequinho eu tenho até hoje, era um bonequinho que minha avó me deu, aí eu guardei, tem sentimento por causa dela, não do brinquedo. (Jaqueline- 2º encontro);

Esse aqui era meu avô e eu tenho mais fotos com ele do que com meus pais. (Nathália- - 2º encontro);

É incrível porque por mais que ela fosse cega, ela sabia de tudo, sabia o que estava acontecendo, quando eu estava perto [...] as pessoas mais importantes para mim, que eram meus avós... Meus avós tinham uma casa para fora, eu levava bolo para minha avó, ela nem sabia o que era, mas fingia que sabia, ou não sei, não sei explicar direito, mas minha vó era uma pessoa incrível, que sempre amei muito. (Diuliana- 2º encontro);

Ele viajava muito, muito, porque ele trabalhava na Embaixador de motorista, sempre fui muito apegada a ele, a maioria das coisas da minha infância eu me lembro dele. E como ele viajava muito, gostava de conversar com ele, então passava no telefone, se pudesse passar todo o tempo na casa da minha avó, passava falando horas com ele. Obvio que eu não conseguia, então falava sozinha no telefone, imaginando que ele me respondia alguma coisa. (Nathália- 2º encontro)

Segundo Martins (2020), os avós são a ponte entre passado e presente que contribui para a construção e a manutenção dessa relação, transcendendo valores ao longo das gerações e sendo o testemunho oral de uma história familiar.

E no artigo “A mente é maravilhosa” (2016), há pessoas que são pontos cardeais, que levam nossos sentimentos e emoções à sua intensidade máxima. Os avós são exemplos dessas pessoas, sendo únicas, afetuosas e inesquecíveis.

Ao contarem sobre a infância dos pais, fazem com que os netos se sintam mais próximos das vivências do pai e da mãe.

Ao contarem sobre a infância do pai e da mãe, os avós fazem com que os netos se sintam mais próximos da experiência vivida por aquele adulto que é o farol de suas vidas, porque entendem que o pai ou a mãe viveram angústias, dramas, cenas divertidas, leves, como as que eles vivem agora”. E fazem isso no seu próprio tempo (MARTINS, 2020, p.2)

Para a autora, os avós contam histórias com sabor, com calma, com detalhes, no tempo da delicadeza. Para Martins (2020) a relação com os avós tem esse chamamento para a memória muito forte. Mesmo quando deixam de existir, as histórias compartilhadas na infância costumam acompanhar quem tem a sorte dessa relação afetuosa com os avós. Percebemos nos relatos dos estudantes:

[...]minha vizinha que está no céu agora, eu gosto dessa foto porque ela brincava de casinha comigo, ela tinha muita paciência, eu fazia bolo de terra que a gente comia e ela dizia que estava muito doce ou muito salgado [...] (Bruna Persch- 2º encontro);

Essa foto foi a última foto que minha vó estava presente, porque nos outros anos ela começou a ficar doente, e não foi mais, eu sempre lembro muito dela, sempre quando eu vou lá, lembro dela, porque ela foi bem importante para mim. (Jaqueline- 2º encontro);

Meu bisavô que faz alguns anos que não está mais conosco, mas a lembrança é grande... ele sempre trazia bala para as netas... (Susane- 2º encontro);

Essa aqui eu tenho uma lembrança enorme, esse aqui é meu falecido avô (Susane- 2º encontro);

Mas me marcou muito porque foi o último presente que meu vô me deu antes de falecer, ficou muito marcado. (Ketlin- 2º encontro);

Esse ursinho aqui, eu tenho há mais de 20 anos, na verdade mais de 25 anos e quem me deu foi meu falecido avô, ele faleceu há 19 anos e eu guardo até hoje e não deixo nem meus filhos pegar ele [...] ursinho hoje, tem mais a minha memória, é a lembrança dele. (Pâmela- 2º encontro)

Para Martins (2020), a questão da finitude é percebida pelas crianças, mesmo que de modo inconsciente, ao se conectarem com as lembranças desde muito cedo. É por isso que, mesmo quando deixam de existir, as experiências compartilhadas com os avós durante a infância vão nos habitar por tempo indeterminado.

Segundo Martins (2020), os idosos, em geral, são os guardadores de experiências vividas – brincadeiras, cantigas, costumes – que marcam a tradição pela memória. Estas memórias cheias de afeto e recordações felizes marcaram a vida dos estudantes, e os encontros formativos fizeram reviver as histórias de vida com doçura e leveza. Porque para a autora, avós são expressão dessa formação da humanidade que não se extingue com a morte. Preservam histórias que serão levadas adiante através das experiências vividas pelos netos.

Os adultos quando se tornam avós, têm a oportunidade de reinventarem, recriarem sua capacidade de cuidar do outro. Para Martins (2020) Trata-se de uma experiência muito bonita de reparação quando tentam desconstruir o que eles consideram falhas vividas na educação dos filhos e passam a cuidar dos netos de uma forma diferente, transformando as relações familiares.

Como percebemos nos relatos, os avós auxiliam seus netos nos cuidados compartilhados com os pais, mas principalmente em laços afetivos, emocionais, que auxiliam na formação e desenvolvimento pessoal, como também nas escolhas profissionais futuras.

7.2.2 SER PROFESSOR/A DESEJO DESDE CRIANÇA

O desejo de ser professor/a acompanha desde pequena os sonhos, as brincadeiras infantis e brincando de faz-de-conta de escolinha, imaginar-se professor/a. Os irmãos, amigos e até bonecas são os alunos. Os trejeitos da professora são representados, pela criança que sonha com esta profissão. Assim como o relato dos estudantes:

[...] eu estava tão ansiosa para entrar na escola... Eu sempre quis ser professora, desde pequena. A brincadeira que eu mais gostava de brincar era escolinha, só que ninguém gostava, porque todo mundo achava chato já vamos para o colégio e ainda brincar de escolinha. (Naiara- 2º encontro);
[...] chegava 18h/18h30min, então assim todas as crianças iam embora e ficava só as tias da limpeza e eu ficava escrevendo na sala e eu ficava falando sozinha, fingindo que eu estava dando aula, eu ficava trocando de sala. E nessa época eu queria ser professora e depois não e agora eu não sei mais o que eu quero fazer. (Shaiane- 1º encontro);

Eu lá no Capão do Leão, o quadro era de giz, eu adorava escrever. Na minha casa o quarto era grande e a mãe dividia o quarto dela com o nosso com o guarda-roupa, e a parte de trás ficava virada para nós e eu escrevia atrás, adorava e ela ficava furiosa, vai apagar guria (Bruna Guadalupe- 1º encontro); Eu sempre gostei dessas coisas de professora, brincava com minha irmã mais nova, eu brincava com ela de dar aula. (Adriele- 1º encontro).

O brincar, imaginar-se professor é uma das bonitezas da infância. O giz se torna para criança a personificação do professor, e vai se transformando em desejo para vida adulta, inspirados em seus professores, seres históricos, que nos mostram a boniteza de conhecer o mundo. Para Freire (2014), o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.

Mesmo com o desejo de ser professor/a desde pequeno/a, para muitos não é determinante, pois o receio da não valorização e dos baixos salários segue angustiando os estudantes do Curso Normal. Certamente, demais futuros profissionais da educação. Segundo o relato da estudante:

Sempre quis ser professora, mas agora estou em dúvida por causa do salário, quero ter meu “Corollinha” (Corolla), mas não vou conseguir comprar com o salário de professora (Francisca- 1º encontro)

Para Gatti (2013), os jovens possuem uma representação contraditória do ser professor. Por um lado, a imagem positiva do professor para sua própria educação e por outro, veem a carreira como pouco promissora.

De modo mais abrangente, a atividade docente é representada como carregada socialmente por sinais sinalizações contraditórias que tem se mantido ao longo das décadas. Por exemplo, as pesquisas recentes mostram como jovens tem uma representação contraditória em relação a figura dos professores. Essa representação é composta, de um lado, por uma imagem positiva do papel do professor para sua própria educação e para a sociedade, e, de outro, a imagens eu baixo reconhecimento como profissional em função de sua carreira pouco promissora, bem como pelas dificuldades visualizadas em seus exercício profissional, dadas as condições inóspitas de trabalho que lhe são oferecidos no comportamento e motivações das crianças e dos jovens na atualidade. (GATTI, 2013, p. 155).

A instabilidade financeira não será a única instabilidade que os professores passarão ao longo de sua vida profissional. Para Feldman, a provisoriidade do conhecimento, a articulação entre a teoria e a prática, as incertezas e inseguranças, se fazem presentes na formação de professores

[...] formar professores no mundo atual é defrontar-se com a instabilidade. A provisoriedade do conhecimento, pois as verdades científicas perderam seu valor absoluto na compreensão e interpretação de diversos fenômenos. Entendimento, o problema da articulação entre o pensar e o agir, entre a teoria e a prática configura-se como um dos grandes desafios para a questão da formação de professores. Vivemos num tempo de incertezas e inseguranças. (Feldman, 2009, p. 74)

Mesmo com as incertezas e inseguranças vivenciadas, precisamos lembrar as palavras de Freire (1992), esperançar: É preciso ter esperança, ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é Esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar e não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de um outro modo.

7.2.3 A DESCOBERTA DO SER PROFESSOR/A AO LONGO DO CURSO

O desejo de ser professor pode ser despertado ao longo do curso de formação. Muitos estudantes entram no Curso Normal no início da adolescência sem ter muitas certezas do que querem fazer profissionalmente. Influenciados por seus pais, no desejo que os seus filhos tenham uma profissão. Como no relato dos estudantes:

Eu aceitei em entrar no magistério e parei aqui, descobri que é o que eu quero [...] daí ela (mãe) me falou em colocar, para eu experimentar e eu comecei a gostar. (Jaqueline- 1º encontro);
A mãe sugeriu o Pelotense pois tinha magistério, formação de professores e eu aceitei meio contrariada, mas agora estou gostando bastante. (Adriele- 1º encontro)

Também decidiram ser professores ao longo do Curso, através dos projetos realizados e práticas como a monitoria, Prática do 3º ano e Pré-estágio. As práticas são um momento crucial para os estudantes, momento que decidem ser ou não professores. Conforme o relato abaixo:

Quando eu fiz a monitoria eu vi que era realmente o que eu queria, aquilo que eu gostava, daí eu comecei a pesquisar e resolvi saber mais sobre o autismo, sobre como era a vida de um cadeirante e o que aconteceu que ele ficou assim [...] Então tudo que foi acontecendo no decorrer dos anos que eu estudei aqui, acho que fizeram com que eu realmente quisesse lidar com isso, ser professora. (Nathália- - 1º encontro);
Ano passado entrei na monitoria, dei aula pro 5º ano e eles super gostaram e eu também. (Adriele- 1º encontro)

Para Freire (2014), não há docência sem discência. O ensinar não acontece de forma unilateral. Não existe um que ensina e outro que aprende, o processo envolve os sujeitos, ensinando e aprendendo.

A indecisão, os conflitos fazem parte da faixa etária dos estudantes, do mesmo modo, as incertezas de escolhas para o futuro acadêmico e profissional. Os estudantes entraram no Curso sem ter a certeza se realmente querem ser professores, foram descobrir ao longo dos anos e experiências vivenciadas em sua formação como normalistas.

Eu não sabia se era o que eu queria, agora eu sei. Eu gosto do curso e das coisas que eles ensinam. (Bruna Guadalupe- 1º encontro);
 E resolvi entrar no Curso Normal, era um pouco rebelde, não queria fazer as coisas, de vez enquanto ainda sou um pouco, mas agora gosto muito. (Luísa- 3º encontro);
 [...] depois eu vim para cá (Curso Normal) e até ano passado eu não queria, não sabia se era isso, mas eu sempre gostei muito de criança, mas não sabia se realmente era o que eu queria ser professora. Fui aprendendo a gostar e eu quero! (Vitória- 2º encontro)

O tornar-se professor é uma construção da identidade deste profissional. Para Pimenta (2012), o desafio dos cursos de formação inicial é o de colaborar com o processo de passagem dos acadêmicos que se veem como alunos para que se enxerguem como professores e comecem a construir suas identidades de docentes.

7.2.4 MEMÓRIA DO SER PROFESSOR/A - IMPORTÂNCIA DA PRIMEIRA PROFESSORA

Nossas memórias são potencializadoras, assim como as experiências marcantes, a memória da primeira professora, sua amorosidade, carinho e maneira de ensinar seus alunos deixam marcas na vida dos estudantes, que emergiram de suas falas:

Aqui eu estava no prezinho., essa lembrança eu tenho, porque ela foi minha primeira professora, adorava ela, cantava, dançava, minha predileta. [...] Aqui é a foto da primeira série, que eu tive uma professora maravilhosa, uma das melhores que eu tive e eu sinto muita saudade dela. (Vitória- 2º encontro)
 [...] é a professora que me fez querer ser professora, que é a Sonia. Eu morava em Santa Catarina, eu nasci lá e eu me lembro que o Pré foi com ela e nas férias eu ia para casa dela, passava o Natal com ela e depois vinha para o Rio Grande do Sul, passar o ano novo com a família. Ela é uma pessoa muito marcante, muito legal, ela é divertida, fazia algumas várias coisas diferentes, uma vez ela pegou um papel pardo e colocou toda turma e ficou desenhando a gente, e colocamos no mural da escola. (Francisca- 2º encontro);

Eu estava no pré-escolar, tive uma professora maravilhosa, que me acompanhou durante toda minha vida, que tenho contato até hoje. E foi por esse motivo que eu escolhi ser professora, veio a vontade de se tornar professora. (Luísa- 2º encontro)

Paulo Freire, patrono da Educação brasileira, fala carinhosamente da sua primeira professora, Eunice Vasconcelos, a qual marcou sua vida. Diz ele:

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou Impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto. Chama-se Eunice Vasconcelos, e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de entre "sentenças". [...] quando Eunice me ensinou era uma menina, uma jovencinha de seus 16, 17 anos ponto sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e Desde há muito tempo, problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa do Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: "Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!..." É como se ela me tivesse chamado. [...] me faz até lembrar daquela música antiga, Ataulfo Alves: "Aí, que saudade da professorinha que me ensinou o bê-a-bá". (FREIRE, 1994)

A influência exercida pelos professores em nossas vidas é grande, efetivamente revela a sua identidade pessoal e profissional, assim como suas crenças e valores.

Não se pode discutir ação do professor na escola apenas pelo seu caráter instrumental, desconsiderando-se a importância da sua identidade pessoal e profissional no processo educativo. Discutir ação dos professores na contemporaneidade é refletir sobre as intenções, crenças e valores e, também, sobre as condições concretas de realização do seu trabalho que influenciam fortemente as suas práticas cotidianas na escola. (FELDMAN, 2009, p. 78)

A inspiração dos professores na vida dos estudantes é evidente nos relatos, assim como o perfil de educador modifica conforme o pesquisado, conforme a situação abaixo:

Eu amava minha professora, ela era carrasca, todo mundo achava horrível aquela professora, mas eu amava, porque ela puxava bem no pé, eu gostava de professor assim, porque parece que a gente aprende mais quando a pessoa fica assim no pé da gente. (Lauren- 2º encontro)

A alegria no professorar, na prática educativa, conforme Freire (2014) há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.

Os professores deixam seu nome e conhecimentos marcados na vida de cada estudante e, o desafio dos cursos de formação de professores, é despertar a alegria e a esperança do ensinar em seus estudantes.

7.2.5 COMO OS ESTUDANTES VEEM O CURSO NORMAL E SUAS DIFICULDADES

O Curso Normal foi a escolha destes estudantes, de querer seguir a carreira do magistério. O Curso é a primeira formação destes normalistas, formação que colaborará para que saiam professor/a.

Para além da finalidade de conferir uma habilitação legal no exercício profissional docência, do curso de formação Inicial se espera que forme professor/ professora. Ou que colabore para sua formação ponto melhor seria dizer que colabore para o exercício de sua atividade docente uma vez que o professor não é uma atividade burocrática para qual se adquire conhecimentos e habilidades técnicas mecânicas. Dada a natureza do trabalho docente, que ensinar como contribuição ao processo de organização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolvam os alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que eles têm possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios do ensino como prática social lhes coloca no cotidiano. [...] constituírem e transformarem os seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (Pimenta, 2012, p. 18-19)

Essa construção do ser professor é contínua e vai se estabelecendo ao longo do Curso. Além do mais, existem conflitos pessoais e exigências de um curso profissionalizante para estes adolescentes administrarem.

Constatamos através do olhar destes estudantes sobre o Curso Normal, das dificuldades encontradas e sua visão sobre ele.

[...] precisam ouvir mais os alunos, novas propostas, não sempre a mesma coisa, sempre as mesmas coisas acontecendo, sempre as mesmas propostas, mas conforme ir encaixando em cada turma o que é melhor (Adrielle-4º encontro);

O Curso mudou, as pessoas mudaram, mas continuam com as mesmas ideias de 25 anos atrás, pelo amor de Deus, a gente é jovem, adolescente. (Bruna-4º encontro);

Estamos no século XXI (Pâmela-4º encontro-4º encontro);

Muitas vezes as pessoas falam que a maneira tradicional de ensinar já passou, só que aí tem algumas atitudes que é a mesma coisa. (Ketlin-4º encontro);

Nos dizem que com as crianças precisamos partir do concreto, para depois o abstrato. (Bruna-4º encontro);

Mas eles não fazem com a gente. (Pâmela-4º encontro);

Eles conceituam algo, que não conseguem passar para a gente. Falam como se fosse muito simples, e comentam que quando a gente for ensinar sobre alguma coisa, por exemplo sobre banana tu tem que trazer uma banana para

explicar, mas na hora de nos ensinar sobre a banana ninguém trouxe a banana, aí as coisas ficam difícil. (Jaqueline-4º encontro);
 Uma coisa que eu acho também que eles cobram é que nós temos que ter planejamento só que tem muito professor aqui que não tem planejamento. (Cassandra-4º encontro);

É fundamental escutar, dar voz aos estudantes, porque que revela que precisamos revisitar nossa prática diariamente, formar estudantes para a realidade atual da educação, para infância do século XXI. Que a teoria e a prática são indissociáveis. Que o professor/a deve ser o exemplo para seus alunos, principalmente em um curso de formação de professores.

Observamos a dubiedade nas falas dos estudantes. Ao mesmo tempo que reclamam da falta da relação entre a teoria e a prática, veem o excesso de cobrança por parte dos professores.

Acho que isso vai muito do professor, mas sempre lembrando que a gente não está na faculdade para ser tão cobradas assim, o tempo inteiro. (Bruna Guadalupe-4º encontro);
 Uma coisa que acho que tinha que ir e vir... (Cassandra-4º encontro);
 Por isso que nos chateia, estamos aqui para aprender... (Bruna Guadalupe-4º encontro);
 Eu não estou dizendo que não aceito crítica, eu super aceito, mas não gosto de hipocrisia. (Jaqueline-4º encontro);
 Tem professores que querem se achar superior todo mundo. (Shaiane-4º encontro);
 Tu planeja, planeja uma coisa, que tu vê que era para aquela turma, chega à professora disse que tem que mudar tudo. (Cassandra-4º encontro);
 Mas muitos professores não entendem que estamos aprendendo. (Jaqueline-4º encontro);
 Tem professores que não aceitam diálogo. (Ketlin-4º encontro)

Há muitos motivos para permanência ou não dos estudantes no Curso Normal. Um dos motivos da desistência consiste no fato de que alguns estudantes usam o Curso como porta de entrada para o ensino médio e para o Colégio Municipal Pelotense. A forma de ingresso no Colégio é através de inscrição e sorteio dos candidatos. A concorrência para o ensino médio é muito grande, com intuito de ingressar no CMP, realizam a inscrição para o Curso Normal, pois o acesso a vaga é quase sempre garantida.

Alguma coisa está errada, por que tanta gente desiste? [...] Uns não gostam. (Bruna-4º encontro);
 Não pode pensar assim, vou desistir por causa de tal pessoa, eu fico mais chata que aquela pessoa, desafia aí sim eu vou atrás. (Jaqueline-4º encontro)

Descobrir, após a realização das práticas, que ser professor não é o que se almejava, pode acontecer com estudantes do Curso Normal, como também em outros cursos de formação. Ao longo desta caminhada vamos amadurecendo e descobrindo a profissão que desejamos seguir.

Outro fato que desmotiva os estudantes continuarem no Curso Normal é não ser aceito como formação nos concursos municipais de Pelotas. O último concurso que aceitou o Curso Normal como formação mínima foi no ano de 2011.

Em meio a estas descobertas, vão trilhando os caminhos do Curso até chegar o momento das práticas, do planejamento e construção dos projetos. E muitos conflitos, conforme os relatos:

Mas nos exige perfeição e não vimos tudo. (Cassandra e Adriele-4º encontro);
 Mas esse momento nunca acaba [...] O problema não é o projeto em si, mas os professores que não mudam. (Bruna-5º encontro);
 O problema é que eles inventam de mudar o planejamento do jeito que eles querem e nem eles sabem. (Helen-5º encontro);
 Às vezes falta comunicação entre vocês [...] ficamos sem saber o que fazer [...] acredito que a falta de comunicação é geral, entre os professores, na hora da correção uns cobram umas coisas e os outros não. (Jaqueline-5º encontro);
 Falta de comunicação é verdade. (Cassandra-5º encontro);
 Que os professores sejam mais flexíveis. (Gera-3º encontro I);
 [...]o problema dela é o coletivo [...] só com a gente ela é super de boa, mas no coletivo, com os outros professores ela quer se mostrar melhor que todo mundo, com isso fica uma disputa entre ela e os outros. (Shaiane-5º encontro);
 [...] pois vocês discutem nas reuniões de quinta-feira, mas tem professores que fazem diferente. (Bruna);
 [...] o que a gente passa ninguém fala. Não há gurias do curso que não saem daqui sem chorar. (Helen-5º encontro)

O momento das práticas é o mais tenso para os estudantes. É quando coloca-se em prática a relação teoria x prática; é o momento de usar tudo o que estudaram ao longo deste período para executar com uma turma dos anos iniciais. Reforçado pelas palavras dos estudantes sobre o Curso: complicado, dificuldade, confusão, anormal, críticas, desmotivação, estressante, pressão...

Pressão essa, sentida na correção dos planejamentos. Os estudantes ainda não conseguem compreender que faz parte do processo de aprendizagem, que cometerão erros, que haverá sugestões de mudanças e melhorias nos projetos, visando a aprendizagem dos alunos dos anos iniciais.

Para Feldman (2009), nesse emaranhado de significações e culturas presentes no cotidiano escolar, o professor se vê muitas vezes inseguro, com muitas incertezas diante do seu papel e da própria função social da escola e do trabalho docente a ser realizado. Se o professor formado se sente assim, os estudantes da formação de professores vivem este conflito permanentemente.

7.2.6 CURSO NORMAL- UMA BOA FORMAÇÃO PARA OS ESTUDANTES

Há um reconhecimento de que escolha pelo Curso Normal do Colégio Pelotense foi certa, e que ele – o curso – auxilia numa boa formação para seus estudantes fica evidente nos relatos:

A ideia do curso é muito boa. (Jaqueline-5º encontro);
 E tem professores bons, muito bons. (Bruna-5º encontro);
 E outros tem planejamento demais... (Jaqueline-4º encontro);
 E nos exigem muito... (Shaiane-4º encontro);
 Eu entendo também esse lado, a gente escolheu uma profissão que realmente se tu não fores cobrado, tu não vais conseguir passar, eu entendo esse lado também [...] (Jaqueline-5º encontro).

Para Pimenta (2012), desenvolver nos alunos uma atitude investigativa, [...] ressignificar os processos formativos a partir da consideração dos saberes necessários à docência, colocando a prática pedagógica e docente escolar como objeto de análise.

É fundamental na formação de professores essa atitude investigativa, considerando os saberes necessários à prática docente.

O saber pedagógico é o saber que o professor constrói no cotidiano de seu trabalho e que fundamenta sua ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua. A prática docente é, simultaneamente, expressão desse saber pedagógico construído e fonte de seu desenvolvimento (AZZI, 2012, p.49)

Esta interação entre professor e alunos nos cursos de formação são imprescindíveis, pois auxiliam os estudantes a constituir-se professor, através da teoria e da prática de sala de aula. De acordo com as palavras relatadas pelos estudantes sobre o Curso Normal: aprendizagem, conquista, desafio, motivação, experiência, projeto, compromisso, formar personalidade.

Ao serem questionados se acreditam ter uma boa formação enquanto professores:

Acho que sim (Jaqueline-5º encontro);
 Aqui é muito puxado e eu admiro isso [...], acho que a gente precisa ser cobrado, estamos aqui para estudar [...] então eu acredito que a gente está aprendendo sim, mas é que as vezes é um pouco demais. (Bruna-5º encontro);
 Acho que em algumas disciplinas aprendemos o suficiente e em outras não. (Shaiane-5º encontro);
 [...] Do curso normal, que tudo mais, ela estava dizendo que as gurias são maravilhosas, faziam as coisas maravilhosas, fala um monte de coisas grandes, um monte de elogios. (Helen-5º encontro)

Os estudantes criam expectativas com relação à sua formação, de que as “didáticas” possam ensiná-los a serem professores. Mas, não existe receita de bolo. Existem sim, saberes que são necessários à prática docente como foi abordado no capítulo 3.

[...] os alunos esperam que a didática ali forneça as técnicas a serem aplicadas em toda e qualquer situação para o ensino para que o ensino de certo; esperam ao mesmo tempo em que desconfiam, pois também até os professores que cursaram a disciplina (e até ensinam!) e, no entanto, não tem didática ponto de outro, revela que de certa maneira há um reconhecimento de que para saber ensinar não bastam a experiência e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários saberes pedagógicos e didáticos. (PIMENTA, 2012, p. 26).

Saberes pedagógicos e didáticos que são desenvolvidos ao longo do Curso, mas é importante ouvir dos estudantes o quanto o Curso Normal auxilia na sua formação docente.

7.2.7 SER, TORNAR-SE PROFESSOR

Ser, tornar-se professor é uma construção contínua, a qual começa na formação inicial, neste caso o Curso Normal e perpassa durante toda trajetória docente, através da formação continuada do educador.

[...] o professor está em constante formação, se moldando. formou professora, porque é muito estudiosa e inteligente. (Helen-5º encontro);
 Ser uma boa professora e adquirir conhecimento (Geral- 3º encontro);
 Me formar e ser bem sucedida na profissão; conhecer professores melhores; ter uma boa formação; gostar do que tu faz... (Geral-3º encontro);
 Como professora não podemos ser tão moles, nem muito fria [...] terá várias histórias e tem que trabalhar com tudo ao mesmo tempo, além de tudo ainda colocar o teu peso ali é bastante complicado [...] tem que perceber e ter carinho. (Jaqueline-5º encontro);
 Ter conhecimentos. (Geral-3º encontro)

O desejo de ter uma boa formação, em que a teoria aprendida possa ser colocada em prática na sala de aula, que aprendam como lidar em situações adversas, que saibam dosar o carinho com os alunos, como construir a autoridade pedagógica, gostar do que faz, de educar, são colocações dos estudantes sobre o que esperam na formação inicial.

[...] Quais as novas exigências da sociedade contemporânea para o professor da escola brasileira e como pensar a sua formação? Pensar a formação de professores é sempre pensar a formação do humano e, nessa perspectiva, se vislumbra a construção de mudanças em Qualquer que seja o espaço de ação. (FELDMAN, 2009, p. 75)

Pensar na formação pedagógica e mais, pensar na formação humana, é um dos grandes desafios dos Cursos de formação de professores. Questionados sobre que tipo de professores querem ser, declaram:

Que nem a sora Hortência. (Cassandra-5º encontro);
 Que nem tu, que nem a Rosa. (Shaiane-5º encontro);
 que nem tu, que é maravilhosa. (Bruna-5º encontro);
 Eu acho a Patrícia muito calma, não ia conseguir. Ia me estressar. Não vou nem tentar, porque eu sei que não vou conseguir. (Helen-5º encontro);
 Só não quero ser chata com os alunos. (Jaqueline-5º encontro);
 Só não quero ser como a Violeta. (Pâmela-5º encontro);
 Eu quero ser que nem o Begônia. (Vitória-5º encontro)

Inegavelmente alguns professores se destacam para os estudantes. No Curso Normal, há cerca de 30 professores, mas quando os alunos escolhem alguém para se espelhar, desejam parecer com alguns destes formadores e sempre aparece os professores dos últimos anos do Curso e 80% dos professores de didática.

Pelo relato, percebemos que o professor em que uns se espelham, não é o modelo a ser seguido para outros. No caso citado é a pesquisadora e professora em questão. Para alguns estudantes, sou a professora que, além de deter o conhecimento teórico, sou afetiva, o que para eles é ser um bom professor. Outros, me acham muito calma e dizem que não conseguiriam agir assim, pois iriam se estressar.

Certamente, fica evidente que o bom professor é aquele que não transmite o conhecimento, mas auxilia o estudante nesta construção. Segundo Freire (2014), é preciso insistir: este saber necessário ao professor – que saber ensinar não é transferir conhecimento –, não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.

Ao serem perguntados sobre o que esperam sendo formados no Curso Normal, responderam:

Eu quero ser uma pessoa muito bem sucedido como professora. (Shaiane-5º encontro);
 Eu quero ter experiência. Vou me formar em Pedagogia. (Pâmela-5º encontro);
 Eu quero uma UFPEL, pelo amor de Deus. (Bruna) -5º encontro;
 Eu vou fazer terapia ocupacional. (Jaqueline-5º encontro)

Ser bem sucedidos na profissão e entrar em uma universidade pública é o que os estudantes almejam através da sua formação no Curso Normal. A alegria e a satisfação dos professores do Curso Normal é quando seus ex-alunos continuam seus estudos, entram em uma universidade, se formam e voltam orgulhosos para nos contar. Acreditamos que o Curso Normal deva ser a primeira formação do docente, e a partir dela, ele possa almejar novos voos e sonhos.

7.2.8 EDUCAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA EM NOSSAS VIDAS

A educação é um direito garantido na Constituição Brasileira⁴ e importante na formação pessoal. Ao serem questionados sobre o que pensam sobre a educação, se acham importante, responderam:

Transforma as pessoas. (Jaqueline e Bruna-5º encontro);
 cuidar em quem vai se espelhar. Não dá para se espelhar em professores [...], mas eu analiso [...] analisei as professoras do Curso Normal [...] precisamos pegar um pedacinho de cada um. (Helen-5º encontro)

Para eles, a educação transforma as pessoas. Em todos os momentos da pesquisa, os estudantes falam sobre o futuro profissional, como irão agir enquanto docentes, mas não conseguem se desvincular do pensamento e condição vivenciada como estudantes. O espelhar em seus professores, analisá-los e “pegar um pedacinho de cada um”. Para Feldman (2009), Formar professores com qualidade social e compromisso político de transformação tem se mostrado um grande desafio às pessoas que compreendem a educação como um bem Universal, como espaço público, como um direito humano e social na construção da identidade e no Exercício da Cidadania.

⁴ Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

7.2.9 LIBERDADE DE CRIANÇA- CONSTRUINDO A AUTONOMIA

A autonomia do fazer pedagógico, começa com a liberdade no ser criança, de se expressar. Os estudantes, em seus relatos, trazem situações em que usaram sua autonomia frente a situações vivenciadas.

[...] a minha mãe combinou que eu tinha que entrar com a minha irmã, e entregar ela para o meu pai. Eu queria tomar refri, antes de entrar com a minha irmã, e a mãe não deixou, falou que eu simplesmente não ia tomar refri, porque estava na hora de entrar. Eu simplesmente estraguei toda a entrada, entrei na frente dela e deixei ela sozinha lá na porta, meu pai teve que ir buscar ela, sou muito rancorosa, todas as fotos eu estou com cara (de brava) e usei muito esse vestido, achava ele maravilhoso, foi a primeira roupa que minha mãe mandou fazer pra mim, então achava esse vestido lindíssimo. (Jaqueline-2º encontro);
 [...] fiquei lá sentada esperando minha mãe chegar no meio da rua, os vizinhos me viram e ligaram pra minha mãe. A minha mãe chegou lá e disse: - Levanta! E eu disse:-não quero. Ficaram as duas discutindo no meio da rua porque eu estava suja, ela começou a me dar aqueles tapinhas para tirar o pó e eu fui para a casa. (Shalize-2º encontro);
 Essa foto era para ser eu, minha dinda e minha irmã. Mas eu e minha irmã brigávamos muito, um dia tínhamos brigado e me deu um ataque de raiva e eu tirei a minha irmã da foto (cortou a irmã da foto). [...] Essa era da terceira série e não sei por que eu rasguei foto, acho que estava em crise existencial, e rasguei porque a foto era tenebrosa, era da terceira série, é a última lembrança que eu tenho de escola. (Helen-5º encontro)

A autonomia construída na infância, deve se fazer presente na prática docente, como também estimular a autonomia dos educandos. Para Freire (2014) [...] é o que fala do respeito decido à autonomia do ser educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. [...] - o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

7.2.10 MARCAS NEGATIVAS DA INFÂNCIA

Mesmo não respondendo diretamente à questão de pesquisa, as marcas negativas da infância emergiram das falas dos estudantes, algo extremamente importante neste contexto de escuta cuidadosa dos pesquisados.

[...] lembro de muitas coisas, mas a maioria ruim. (Haryn-2º encontro);
 [...] infelizmente não pude ir ao enterro dela, porque teve briga na família, eu não gosto de falar muito nisso (Diuliana-5º encontro);
 Comecei a gostar pouco tempo antes dele morrer, fiquei sentida com isso sora, é ruim não gostar, depois gostar e a pessoa morrer nova. (Cassandra-5º encontro);

Porque eu digo que tive que crescer um pouco rápido, porque eu tinha que cuidar dos meus irmãos para minha mãe, eu era o braço direito dela. (José-5º encontro).

Rememorar a infância, às vezes, **não** traz recordações felizes, mas nos constituem enquanto pessoas.

7.2.11 EXPECTATIVAS FORMATIVAS DOS ESTUDANTES NO CURSO NORMAL

Os encontros formativos/investigativos, além de auxiliar a responder à questão de pesquisa, foi um momento de troca, de escutar e ser escutado pelo outro, de refletir sobre suas vidas, rememorar sua infância, sentir-se pertencente ao grupo. Poder expressar suas ideias e opiniões e refletir sobre a formação escolhida, conforme o relato do único diário de bordo que obtivemos retorno, que é a epígrafe deste capítulo.

Acredito que os encontros têm sido de grande importância para as meninas do Curso, as rodas de conversa são de muita importância também, pois nos dá a liberdade de expressar nossos medos, alegrias, vivências boas e ruins que estamos passando durante esta formação que escolhemos. Nos dando a oportunidade de repensarmos como pessoas e profissionais. (Helen Ferraz)

Este retorno é fundamental para o pesquisador. Saber que, além dos encontros terem sido investigativos por auxiliar na pesquisa e futuramente para os professores do Curso Normal, eles foram formativos para os estudantes. Percebemos a relação dialógica fundamental na prática docente. Estimular a fala, a pergunta e a reflexão crítica, aguçar a curiosidade dos estudantes.

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pode pretender com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas. Isto significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 2014, 52).

Como Freire nos diz, o bom professor é o que consegue enquanto fala trazer o seu aluno na intimidade do movimento do seu pensamento, das idas e vindas,

consegue captar a atenção dos educandos. Certamente, conseguimos compreender o pensar dos estudantes com relação às suas expectativas formativas. Estas expectativas são para eles, enquanto estudantes, como também futuros docentes.

Podemos concluir que as expectativas formativas dos estudantes são além de tornarem-se excelentes professores, com conhecimento teórico e metodológico, através das práticas pedagógicas. Consideram um bom profissional o professor afetivo, amoroso com seus alunos. Enfatizam que o bom professor é aquele que detém o conhecimento teórico e, ao mesmo tempo, é afetivo, possuindo uma boa relação com os educandos.

8 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional do mestrado profissional em Ciências Tecnologias da Educação será a Sequência Didática: Encontros formativos/investigativos - As expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal.

A Sequência didática para Oliveira (2013), compreende um conjunto de atividades conectadas em si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para o melhor dinâmica no processo de ensino-aprendizagem.

Optamos pelo trabalho através da sequência didática por auxiliar na construção e responder o questionamento sobre as expectativas formativas/investigativas dos estudantes do Curso Normal, conhecendo a história de vida dos estudantes, suas memórias de infância, as expectativas que chegaram ao Curso de formação de professores, o pertencimento a este grupo e Curso e o que o Curso Normal significa para cada um. Em ordem crescente, em que cada módulo foi planejado para possibilitar o desenvolvimento do módulo subsequente.

Em cada módulo há uma temática a ser desenvolvida, com objetivos para a etapa e sugestão de uma leitura deleite. Os cinco módulos foram planejados com as seguintes temáticas: história de vida, memórias de infância, expectativas sobre o Curso Normal, pertencimento ao Curso e o Curso Normal pra mim é...

Mesmo a sequência didática não necessitando ter um produto final, nesta sequência optamos por trazer como produto, a entrevista coletiva com os estudantes. Cabe salientar que este foi validado e auxiliará outros pesquisadores e professores em suas inquietações.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense. Esta investigação teve como justificativa o entendimento de que a formação inicial dos professores é fundamental para a qualidade educacional. Se fez necessário conhecer este estudante, sua visão de mundo e educação, que futuramente será um professor atuando no ensino básica.

Como objetivo geral: analisar as expectativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, visando à construção de uma proposta formativa para atender as demandas destes e as realidades em que atuam. E como objetivos específicos: conhecer o que pensa o estudante sobre a formação no Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense e suas expectativas formativas; identificar a concepção de educação e de docência dos estudantes; verificar as expectativas e projetos pedagógicos e profissionais dos estudantes os quais se formarão no Curso Normal.

Auxiliando nesta pesquisa, o referencial que utilizamos de suporte teórico, de Tardiff, Pimenta, Lessard, Freire, Feldemann, Azzi, Marx, Engels, Zabala, Imbernón Gusdorf e Gatti. Inicialmente, falamos sobre o Curso Normal como formação inicial do professor, como ocorre o processo de aluno a professor e a construção da identidade do professor, após, discorrendo sobre a profissão/ trabalho docente. Ademais, sobre o trabalho docente e Escola e finalizando com os saberes necessários à prática docente.

A história do Colégio Municipal Pelotense e sobre o Curso Normal Habilitação Anos Iniciais, escola e curso, que realizamos a pesquisa.

A metodologia utilizada foi referendada em Minayo, André, Ludke, Soares, Gil e Bogdan. Abordamos a pesquisa qualitativa, bem como, o estudo de caso.

A coleta de dados aconteceu através de cinco encontros formativos com os sujeitos de pesquisa, os estudantes do Curso Normal a nível médio, que ingressaram nos anos de 2016, 2017 e 2018.

A análise dos dados, foi realizada através de onze categorias que emergiram nos encontros formativos e foram analisadas sob a luz da teoria. Foi realizada a

descrição na íntegra dos cinco encontros formativos/investigativos, com falas dos estudantes.

O produto educacional, foi a sequência didática: Encontros formativos/investigativos – As expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal. Que auxiliará pesquisadores e professores a conhecer a trajetória e expectativas formativas dos seus estudantes.

Podemos concluir que as expectativas formativas dos estudantes são além de tornarem-se excelentes professores, com conhecimento teórico e metodológico, através das práticas pedagógicas, consideram um bom profissional o professor afetivo, amoroso com seus alunos. Enfatizam que o bom professor é aquele que detém o conhecimento teórico e ao mesmo tempo é afetivo e, possui uma boa relação com os educandos.

Esta dissertação e produto educacional só foi possível, pelo processo realizado através dos encontros formativos e as relações de confiança estabelecidas entre a pesquisadora e estudantes. Este foi um processo educativo, investigativo sobre o que pensar, o olhar dos estudantes e, ao mesmo tempo, formativo – formação que foi acontecendo ao longo dos encontros e temáticas abordadas.

Cabe destacar que os estudantes possuem uma relação afetiva e de confiança comigo, que sou a pesquisadora, coordenadora e, também, professora, mas ao mesmo tempo possuem um respeito pedagógico. Eles me veem como amiga, mas jamais deixaram de me ver como autoridade, como professora, respeitando o conhecimento teórico e prático que possuo. Esse entrelaçar das relações afetivas e pedagógicas foram fundamentais para a realização da pesquisa. A amorosidade fundamental na relação professor e alunos.

A pesquisa deixou marcas profundas em minha vida pessoal e profissional, porque fui muito feliz realizando os encontros formativos/investigativos e escrevendo este texto. Estes encontros e os estudantes foram fundamentais em um dos momentos mais difíceis da minha vida, a morte do meu pai... me ajudaram a continuar, a continuar esta pesquisa e a concluir esse ciclo do mestrado. Naquele momento, achava que jamais voltaria a sorrir e o sorriso voltou! Me fizeram perceber que o show, que a vida precisa continuar. E marcas profissionais, pois me renovei enquanto coordenadora,

passsei a escutar mais os estudantes e professores, visando uma formação de qualidade para estes futuros docentes. Repensei a permanência na coordenação, me repensei como coordenadora.

Esta pesquisa com seus resultados auxiliará na qualificação da prática pedagógica dos nossos professores e na formação docente destes estudantes, pois o corpo docente do Curso conhecerá seus alunos e seus planos profissionais, qualificando a formação deste futuro professor, bem como, este estudante estará mais preparado para desenvolver sua prática pedagógica nas escolas.

Finalizando

E a garotinha se tornou mulher, que deu voz a esta dissertação, que celebra seus frutos. Este caminho teve percalços, mas ela conseguiu trilhar todos com determinação.

Contudo, essa mulher não quer parar por aqui! Ela sonha em escrever e publicar um livro, ser doutora em Educação e continuar ajudando a transformar vidas através da educação. Ousado? Pode ser! Mas essa mulher aprendeu a vencer seus medos e buscar seus ideais.... a alçar novos voos, começar novos ciclos!

Este ciclo se encerra aqui, mas fica a certeza de que ela foi muito feliz nesta caminhada.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Giana. **Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história 1902-2002**. Pelotas: Educat, 2002.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANDRÉ, Marli. **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Institucional**. 3ªed. Brasília: Líder Livro Editora, 2008.
- ANDRÉ, Marli. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto- Portugal: Porto Editora, 1994.
- COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE. **Bases Curriculares do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais**. Pelotas, 2020.
- COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE. **Regimento do Curso Normal**. Pelotas, 2017.
- COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE. **Projeto de Implementação Curso Habilitação de Magistério**. Pelotas, 1991.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequência didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GATTI, Bernadete A. **O Trabalho Docente. Avaliação, valorização, controvérsias**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GUSDORF, Georges. **Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JOSSO, Marie Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

LAROUSSE, Cultural. **Dicionário da Língua portuguesa.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1992.

LUPETINA, Raffaella de Menezes. **Formação docente e a mudança no perfil do alunado do curso normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1970.** Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MARTINS, Laís Barros. **Avós e nós: as relações afetivas que permanecem além da infância.** Julho de 2020. Disponível: <https://lunetas.com.br/avos-relacoes-afetivas-que-permanecem-alem-da-infancia/>

MARX, Karl. **O Capital.** Livro 1. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MINAYO, M. C. S., GOMES, R., DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** – 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

MOREIRA, Marco A. e ROSA, Paulo R. **Pesquisa em Ensino: Métodos Qualitativos e Quantitativos.** 2016. Porto Alegre. Brasil.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa no processo de formação de professores.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PEREIRA, Lucila Conceição. **Método Lancaster.** Disponível: <https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-lancaster/>

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente.** 8ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINTO, Giovâni; CHAVES, Aniele Torma da Silva. **Dificuldades de aprendizagem de conceitos matemáticos básicos na formação inicial de professores/Curso Normal.** Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 7, n. 1, 12 fev. 2020.

RODRIGUES, A; SOUZA, C; FILHO, J. **As contribuições do MCT/ PUCRS na formação interdisciplinar de estudantes de um Curso Normal.** HOLOS, 2017, Vol. 33(8), pp. 160-171.

SANTOS, C. S.; LANDO, J. C. **Formação docente no Curso Normal de Jequié: algumas considerações.** Revista Eventos Pedagógicos, v. 8, p. 349-374, 2017.

SANTOS, Lourdes Helena Rodrigues dos. **O trabalho coletivo na formação de professores: interações e saberes docentes compartilhados.** 2015. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SEAL, A. G. de S. **O tratamento da heterogeneidade de conhecimentos dos aprendizes no segundo ano do ciclo de alfabetização**. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a heterogeneidade em sala de aula e os direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização. Brasília: MEC, SEB, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho Docente. Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 9ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VALLE, Maria Izabel Alves de Oliveira. **Formação do Professor Alfabetizador no Curso Normal/RJ: contribuições para reflexão sobre o Ensino da leitura e escrita**. Interfaces da Educação, 2014, Vol.5(14), pp.235-249.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani F. da Rosa – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

<http://www.colegiopelotense.com.br/>

APÊNDICES

Apêndice 1

Solicitação de autorização para realização da pesquisa no Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense

À Secretaria Municipal de Educação e Desporto

Eu, Patrícia Bonow Fassbender Wille, professora e coordenadora do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais, do Colégio Municipal Pelotense e mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias da Educação – IFSul CAVG, na linha: Formação de Professores, sob a orientação da professora Dr^a Angelita Hentges. Venho, por meio deste, solicitar autorização para realizar no Colégio Municipal Pelotense, a pesquisa que se constituirá na dissertação do meu mestrado. A referida pesquisa terá como foco investigativo as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais e possui como objetivo: analisar as percepções dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, visando uma formação para atender as demandas da educação e sociedade atual.

Fará parte da metodologia do estudo encontros de formação e entrevista com os estudantes, que serão sujeitos da pesquisa.

Certa de contar com a colaboração da Secretaria Municipal da Educação e do Desporto, antecipadamente agradeço.

Patrícia Bonow Fassbender Wille

Pelotas, ____ de _____ de 2019.

Apêndice 2

Solicitação de autorização para realização da pesquisa no Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense

Ao Diretor Geral do Colégio Municipal Pelotense- Arthur Katrein

Eu, Patrícia Bonow Fassbender Wille, professora e coordenadora do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais, do Colégio Municipal Pelotense e mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias da Educação – IFSul CAVG, na linha: Formação de Professores, sob a orientação da professora Dr^a Angelita Hentges. Venho, por meio deste, solicitar autorização para realizar no Colégio Municipal Pelotense, a pesquisa que se constituirá na dissertação do meu mestrado. A referida pesquisa terá como foco investigativo as expectativas formativas dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais e possui como objetivo: analisar as percepções dos estudantes do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense, visando uma formação para atender as demandas da educação e sociedade atual.

Fará parte da metodologia do estudo encontros de formação e entrevista com os estudantes, que serão sujeitos da pesquisa.

Certa de contar com a colaboração da direção do CMP, antecipadamente agradeço.

Patrícia Bonow Fassbender Wille

Pelotas, ____ de _____ de 2019.

Apêndice 3

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL- Google Formulário

IDENTIFICAÇÃO		
NOME:		
DATA DE NASCIMENTO: / /	IDADE:	
NATURALIDADE:	UF:	NACIONALIDADE:
REPONSÁVEL 1:		
Profissão:	GRAU DE VÍNCULO:	
Escolaridade:	Telefone:	
REPONSÁVEL 2:		
Profissão:	GRAU DE VÍNCULO:	
Escolaridade:	Telefone:	
Tens irmãos? () sim () não – Quantos?		
Resides com teus familiares? () sim () não		
Contando contigo quantas pessoas residem no teu endereço?		
ENDEREÇO:		
Nº	Complemento:	Bairro:
TELEFONE:		
CELULAR:		
MODO DE DESLOCAMENTO PARA A ESCOLA		
() a pé	() bicicleta	
() ônibus	() carro	
() ônibus escolar	() motocicleta ou	
() veículo particular	() Táxi / UBER	
() skate	() Outro: _____	
HISTÓRICO ESCOLAR		
EDUCAÇÃO INFANTIL () SIM () NÃO – IDADE DE INGRESSO:		
Escola 1:	() Pública () Privada	
Bairro:	Cidade:	
Escola 2:	() Pública () Privada	
Bairro:	Cidade:	
Há boas recordações? () sim () não		
Quais?		

ENSINO FUNDAMENTAL – IDADE DE INGRESSO:	
Escola 1:	() Pública () Privada
Bairro:	Cidade:
() 1º Ano () 2º Ano () 3º Ano () 4º Ano () 5º Ano () 6º Ano () 7º Ano () 8º Ano () 9º Ano	
Escola 2:	() Pública () Privada
Bairro:	Cidade:
() 1º Ano () 2º Ano () 3º Ano () 4º Ano () 5º Ano () 6º Ano () 7º Ano () 8º Ano () 9º Ano	
Escola 3:	() Pública () Privada
Bairro:	Cidade:
() 1º Ano () 2º Ano () 3º Ano () 4º Ano () 5º Ano () 6º Ano () 7º Ano () 8º Ano () 9º Ano	
Há boas recordações? () sim () não	
Quais?	
Houve alguma reprovação? () sim () não – Quantas vezes?	
Em que ano(s)? () 1º Ano () 2º Ano () 3º Ano () 4º Ano () 5º Ano () 6º Ano () 7º Ano () 8º Ano () 9º Ano	
ENSINO MÉDIO – IDADE DE INGRESSO:	
Por que escolheste o Colégio Municipal Pelotense?	
Por que escolheste o Curso Normal?	
Qual a área do conhecimento em que tu encontras maior...	
...Facilidade?	
...Dificuldade?	
DADOS SÓCIO-ECONÔMICO	
Tens o auxílio do Bolsa Família? () Sim () Não	
Quantas pessoas trabalham em sua casa?	
Cita a função exercida por eles neste trabalho:	
Tu trabalhas? () Sim () Não – Em quê?	
Função(ões):	Horário:
Recebes salário? () Sim () Não	
Teu salário auxilia na renda familiar? () Sim () Não	
Renda Familiar: () 1 a 2 salários mínimos (R\$ 998,00 - 1.996,00) () 2 a 3 salários mínimos (R\$ 1.996,00 – 2.994,00) () 3 a 4 salários mínimos (R\$ 2.994,00 - 3.992,00) () 4 a 5 salários mínimos (R\$ 3.992,00 – 4.990,00)	

<input type="checkbox"/> 5 a 6 salários mínimos (R\$ 4.990,00 - 5.988,00)	
<input type="checkbox"/> 6 a 7 salários mínimos (R\$ 5.988,00– 6.986,00)	
<input type="checkbox"/> 7 salários mínimos ou mais (R\$ 6.986,00)	
Estás fazendo algum curso? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não – <input type="checkbox"/> Pago <input type="checkbox"/> Gratuito	
Qual?	
Em tua casa tem:	
Energia elétrica <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Água potável <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Televisão <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Smart TV: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Tens acesso TV <input type="checkbox"/> aberta <input type="checkbox"/> a cabo <input type="checkbox"/> antena <input type="checkbox"/> outros	
Computador pessoal <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Notebook <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Tablet <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Netbook <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Celular <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Smatphone <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Acesso à internet <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
HABITOS DE ESTUDO	
Tens o hábito de ler? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não – Quantas vezes por mês?	
Que gênero(s)?	
Tens o hábito de estudar? <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Véspera de avaliações <input type="checkbox"/> Sempre	
Tu recibes auxílio em casa nas atividades de estudo? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não – De quem?	
Quantas horas dorme por dia?	Costumas dormir às _____ horas e acordar às _____ horas
HABITOS ALIMENTARES	
Qual é o teu número de refeições diárias?	Quais são elas?
Quais são teus hábitos alimentares pela manhã?	
Quais são teus hábitos alimentares no almoço?	
Quais são teus hábitos alimentares pela tarde?	
Quais são teus hábitos alimentares no jantar?	
Quais são teus hábitos alimentares pela noite?	
Tu costumavas comer a merenda da escola?	
Tu costumavas trazer alguma merenda de casa?	
INTERESSES	
O que fazes em teu tempo livre?	
Para que tu usas a internet?	
<input type="checkbox"/> redes sociais	<input type="checkbox"/> pesquisa/estudos
<input type="checkbox"/> jogos	<input type="checkbox"/> vídeos/filmes/música

Apêndice 4

ENTREVISTA COLETIVA

- 1- O que pensas sobre a formação do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense?
- 2- O que pensas que é a educação?
- 3- O que pensas sobre ser professor?
- 4- O que esperas para o teu futuro profissional sendo formado aqui no Curso Normal Habilitação Anos Iniciais do Colégio Municipal Pelotense?

Apêndice 5**TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM**

Eu _____, brasileiro (a), estudante do Curso Normal Habilitação Anos Iniciais, do Colégio Municipal Pelotense, portador de cédula de identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente na rua _____ nº _____, Pelotas-RS, AUTORIZO o uso de imagem, quanto a fotos e vídeos relacionados à pesquisa desenvolvida para o Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias da Educação – Ifsul CAVG, Pelotas- RS, da pesquisadora Patrícia Bonow Fassbender Wille.

A presente autorização concedida abrange o uso da imagem acima mencionada, das seguintes formas:

- (I) Artigos em revistas científicas;
- (II) Apresentação em congresso (pôster ou oral);
- (III) Dissertação e palestras.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Pelotas, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do Responsável

Assinatura do Estudante